



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Gabriela Andrade de Oliveira

Estudo do processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos Mínimos
em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI

São José do Rio Preto
2016

Gabriela Andrade de Oliveira

Estudo do processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos Mínimos
em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Proc. 2015/03167-9

Orientador: Profº. Drº. Eduardo Penhavel de Souza

São José do Rio Preto
2016

Oliveira, Gabriela Andrade de.

Estudo do processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI / Gabriela Andrade de Oliveira. -- São José do Rio Preto, 2016
194 f. : il., tabs.

Orientador: Eduardo Penhavel de Souza

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística) 3. Análise do discurso literário. 4. Leitura de jornais. 5. Cartas. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Gabriela Andrade de Oliveira

Estudo do processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos Mínimos em
cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Proc. 2015/03167-9

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Anna Flora Brunelli
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Marcos Rogério Cintra
UFVJM – Diamantina

São José do Rio Preto
06 de setembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Ao Prof.^o Dr.^o Eduardo Penhavel de Souza, por aceitar-me como orientanda, apesar da minha formação, a princípio, em outra área, pelas orientações valiosas durante todo o processo e pelo incentivo, desde a elaboração do projeto inicial até a defesa, sempre fazendo todo o possível para que os objetivos propostos fossem alcançados, mostrando-se sempre muito disposto e me proporcionando uma excelente experiência durante esta fase da minha formação acadêmica.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP de S. J. do Rio Preto com os quais tive o prazer e a oportunidade de ter contato através de suas disciplinas, que enriqueceram consideravelmente minha formação em Estudos Linguísticos.

Aos membros da banca examinadora, Prof.^a Dr.^a Anna Flora Brunelli e Prof.^o Dr.^o Marcos Rogério Cintra, pela receptividade e atenção com o trabalho e pelas importantes contribuições feitas em seus comentários e sugestões.

À FAPESP, por financiar todo o desenvolvimento da pesquisa (Proc.: 2015/ 03167-9).

À Prof.^a Dr.^a Dinamara Garcia Rodrigues que, como amiga e professora, desde a graduação, sempre me inspirou.

À Marília Corrêa, por ter colaborado com todas as traduções necessárias.

Aos meus amigos Daniel Garcia Rodrigues, Reider Pereira e Angélica Oliveira, por nunca me deixarem esquecer que os sonhos são reais.

À minha família, especialmente aos meus pais, que sempre me proporcionaram, tanto quanto possível, acesso a boas referências, que foram fundamentais para que eu alcançasse este objetivo.

Ao Wagner Orniz, por sempre apoiar-me e incentivar-me, em toda e qualquer escolha.

À Sheron Nadruz que, em terapia, foi de grande importância em todo este processo, do início ao fim, me ajudando a traçar metas e a lidar com seus resultados, com as escolhas e realizações, sempre com serenidade.

Aos colegas do programa e às amizades construídas durante esta jornada, com os quais pude compartilhar conhecimentos e experiências, anseios, dúvidas e conquistas.

RESUMO

Este trabalho, que se insere na área da Linguística Textual, particularmente em sua vertente conhecida como Gramática Textual-Interativa, estuda o processo de organização tópica em cartas de leitores de jornais paulistas atuais. Mais especificamente, o presente trabalho focaliza um aspecto do processo de organização tópica, a saber, a estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos (“SegTs mínimos”) e compreende dois objetivos: (i) investigar o processo de organização tópica em cartas de leitores de jornais paulistas atuais, a fim de observar se, nessas cartas, é possível identificar uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos; (ii) comparar a forma de estruturação tópica das cartas de leitores atuais com a das cartas oitocentistas. A investigação segue o método da *análise tópica* (JUBRAN, 2006), que prevê a análise textual por meio da categoria analítica do *tópico discursivo*, e o *corpus* utilizado é constituído por cartas de leitores dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Quanto ao primeiro objetivo, os resultados mostram a existência de uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos nas cartas analisadas, que prediz o encadeamento potencial das unidades de Explicação, Posição, Suporte, Interpelação e Desfecho. Quanto ao segundo objetivo, que compreende a comparação diacrônica, o principal resultado consiste na observação de uma mudança na estruturação intratópica (a diminuição drástica na frequência da unidade de Interpelação), que estaria vinculada ao fato de as cartas de leitores, diacronicamente, passarem de uma finalidade sociocomunicativa central de denúncia e solicitação para uma finalidade principal de manifestação de opinião.

Palavras-chave: Tópico Discursivo. Organização Tópica. Processos de Construção Textual. Carta de Leitor.

ABSTRACT

This study is developed within the framework of Text Linguistics, particularly in its dimension known as Textual-Interactive Grammar. The general purpose is to investigate the process of topic organization in readers' letters published in current newspapers in the State of São Paulo. More specifically, this research focuses on one aspect of the topic organization process, namely the internal organization of minimal topic segments (intratopic organization) and comprises two objectives: (i) to investigate readers' letters of current São Paulo's newspapers in order to see whether, in these letters, it is possible to identify a general rule of intratopic organization; (ii) to compare current readers' letters with letters published in the 19th century regarding topic organization. The investigation follows the method of topic analysis (Jubran, 2006), which provides textual analysis based on the analytical category of discourse topic, and the corpus used consists of readers' letters from the newspapers *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo*. Regarding to the first objective, the results show the existence of a general rule in the internal organization of minimal topic segments in the analyzed letters, which predicts the potential sequencing of the following units: Explanation, Position, Support, Interpellation and Upshot. In relation to the second objective, which includes the diachronic comparison, the main result is the observation of a change in intratopic organization (the drastic decrease in the frequency of Interpellation), which seems to be related to the fact that readers' letters, diachronically, change from a central sociocommunicative purpose of complaint and request to a main purpose of expression of opinion.

Keywords: Discourse Topic. Topical Organization. Text Construction Processes. Readers' Letter.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
I) Delimitação, justificativa e relevância do tema.....	7
II) Objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses.....	9
III) Estrutura da Dissertação.....	10
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 A Gramática Textual-Interativa e o processo de organização tópica.....	12
1.1.1 A Gramática Textual-Interativa.....	12
1.1.2 O processo de organização tópica.....	16
1.1.3 A estruturação interna de SegTs mínimos.....	18
1.2 Gêneros textuais e sequências textuais.....	23
1.2.1 Gêneros textuais.....	23
1.2.2 Sequências textuais.....	27
1.3 O gênero textual <i>carta de leitor</i>.....	32
1.3.1 Cartas de leitores oitocentistas.....	32
1.3.2 Cartas de leitores na atualidade.....	37
1.4 Elementos para estudo diacrônico de cartas de leitores.....	42
1.4.1 Abordagem diacrônica de processos de construção textual.....	42
1.4.2 A imprensa do século XIX ao século XXI.....	45
CAPÍTULO II: A ESTRUTURAÇÃO INTERNA DE SEGMENTOS TÓPICOS MÍNIMOS EM CARTAS DE LEITORES DO SÉCULO XXI.....	51
2.1 Material e metodologia de análise	51
2.2 A estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores atuais.....	54
2.2.1 Regra geral de estruturação de SegTs mínimos	54
2.2.2 Variações na regra geral de estruturação de SegTs mínimos	80
CAPÍTULO III: COMPARAÇÃO ENTRE CARTAS DE LEITORES ATUAIS E CARTAS DE LEITORES OITOCENTISTAS.....	87
CONCLUSÃO	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
ANEXOS.....	116

INTRODUÇÃO

I) Delimitação, justificativa e relevância do tema

A presente dissertação insere-se no âmbito de um projeto temático mais amplo financiado pela FAPESP, intitulado “Projeto de História do Português Paulista II”, também conhecido como “Projeto Caipira II” (FAPESP – Proc. nº 11/51787-5). Tal projeto temático procura estudar a história da língua portuguesa no estado de São Paulo. Mais especificamente, a pesquisa aqui relatada situa-se no interior de um subprojeto do Projeto Caipira II, intitulado “Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica”, que é desenvolvido no quadro teórico-metodológico da Perspectiva Textual-Interativa (JUBRAN; KOCH, 2006) e investiga a diacronia de processos de construção textual distinguidos por essa abordagem.

No interior desse subprojeto sobre os processos de construção textual, é desenvolvida uma pesquisa particular (PENHAVEL; GUERRA, 2011) que estuda o processo de organização tópica em alguns dos gêneros textuais constituintes do *corpus* do Projeto Caipira II. Essa pesquisa sobre organização tópica compreende dois objetivos principais. O primeiro é estudar a organização tópica global de textos desses diferentes gêneros, isto é, a divisão dos textos em Segmentos Tópicos (SegTs), incluindo desde a organização do texto em SegTs mais abrangentes até sua divisão em SegTs mínimos, averiguando a diacronia desse processo de organização tópica global em cada gênero. O segundo objetivo é, então, analisar a estruturação interna dos SegTs mínimos, ou seja, a divisão interna dos SegTs mínimos em subunidades constituintes, e investigar também a diacronia desse processo de estruturação interna de SegTs, nos gêneros selecionados.

A presente dissertação de mestrado filia-se a esse segundo objetivo da pesquisa sobre organização tópica e se dedica a um dos gêneros textuais contemplados pelo Projeto Caipira II, a saber, carta de leitor. Nesse contexto, o presente trabalho analisa o processo de estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas *atuais* e, então, compara a estruturação dessas cartas com a das cartas do século XIX, já analisadas em Guerra e Penhavel (2010). Mais adiante, expomos detalhadamente os objetivos do nosso trabalho.

O estudo das unidades linguísticas chamadas de “SegTs mínimos” situa-se no interior da Linguística Textual e, em particular, no âmbito da sua vertente conhecida como Gramática Textual-Interativa (GTI) (JUBRAN; KOCH, 2006; JUBRAN, 2007), um quadro teórico-metodológico que estuda o texto, focalizando principalmente os chamados “processos de

construção textual”. Os processos mais importantes estudados pela GTI são os seguintes: organização tópica, referenciação, parentetização, parafraseamento, repetição e correção. A estruturação interna de SegTs mínimos, aqui em foco, constitui uma parte do processo de organização tópica.

A organização tópica é considerada um processo central no que diz respeito à construção do texto. Em termos gerais, o processo pode ser definido como a organização do texto mediante a construção e articulação linear e hierárquica de grupos e subgrupos de enunciados formulados pelos interlocutores acerca de conjuntos de referentes que são concernentes entre si e estão em relevância em determinados pontos do texto (JUBRAN, 2006). Em outras palavras, pode-se dizer, de modo simplificado, que esse processo consiste na organização (divisão) do texto em partes e subpartes de natureza textual, que constituem os chamados “SegTs”. Os menores SegTs de um texto são, então, os “SegTs mínimos”, que são as unidades aqui analisadas (tais unidades correspondem, grosso modo, a trechos textuais equivalentes a um, dois, três parágrafos no caso, por exemplo, de certos gêneros escritos).

Penhavel (2010) desenvolve uma análise aprofundada do processo de estruturação interna de SegTs mínimos (também chamado de *processo de estruturação intratópica*) em textos do gênero relato de opinião, concluindo que, nesse gênero textual, a estruturação interna de SegTs mínimos constitui um processo sistemático, na medida em que, na quase totalidade dos casos analisados, os SegTs são estruturados com base em um mesmo princípio, o qual é definido pelo autor, então, como sendo uma regra geral de estruturação de SegTs naquele gênero. Na mesma direção, Guerra e Penhavel (2010), ao analisarem a estruturação de SegTs mínimos em cartas de leitores paulistas do século XIX (no âmbito do Projeto Caipira), também verificam essa regularidade na estruturação interna dos SegTs, identificando uma regra geral de estruturação de SegTs que consideram como específica do gênero carta de leitor. No capítulo I adiante, sintetizamos esses dois trabalhos.

O presente trabalho insere-se, então, nesse contexto. Analisamos a estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas atuais para verificar se, também nesses textos, é possível identificar uma regra geral de estruturação de SegTs mínimos e para comparar os resultados com a análise já empreendida por Guerra e Penhavel (2010) sobre a estruturação de cartas de leitores oitocentistas.

A nosso ver, esta pesquisa reúne condições de oferecer contribuições significativas para os estudos linguísticos em geral e, especialmente, para a Linguística Textual e para a GTI. Dentre outros possíveis pontos de interesse, cabe destacar primeiramente a contribuição deste trabalho para o alcance de um desenvolvimento, o mais completo possível, do Projeto

Caipira II, já que o trabalho desenvolve uma parte relevante desse projeto maior, participando da análise diacrônica de um dos processos constitutivos do texto, em um dos gêneros estudados em tal projeto temático. Nesse sentido, é também interessante destacar que esta investigação não resulta numa pesquisa isolada, com resultados pontuais, mas é uma pesquisa vinculada a um projeto muito abrangente, de modo que os resultados aqui obtidos estão sistematicamente vinculados a um extenso conjunto de resultados capaz de propiciar, no total, uma análise, de fato, relevante sobre o português paulista.

Outra contribuição significativa que esta pesquisa pode vir a oferecer diz respeito ao estudo de SegTs mínimos. Penhavel (2010) formula a hipótese geral de que os SegTs mínimos seriam unidades de organização textual sistemáticas, passíveis de descrição em termos de regras gerais de estruturação tópica, assim, cada gênero textual possivelmente se caracterizaria por apresentar uma determinada regra. Nesse sentido, o presente trabalho pode oferecer dados relevantes para a discussão dessa hipótese.

Finalmente, cabe destacar que a GTI constitui um quadro teórico-metodológico relativamente novo e genuinamente brasileiro. Trata-se de uma abordagem que foi sendo esboçada no interior do Projeto de Gramática do Português Falado e que continua a ser discutida, fundamentada e reestruturada no âmbito do Projeto Caipira. Assim, entendemos que o estudo ora proposto pode oferecer contribuições significativas para a atual organização e consolidação da GTI.

II) Objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses

O objetivo geral deste trabalho é analisar a estruturação interna de SegTs mínimos de cartas de leitores atuais de jornais paulistas. Em termos específicos, o trabalho compreende os seguintes objetivos:

- i. analisar se, em cartas de leitores atuais de jornais paulistas, a estruturação interna de SegTs mínimos é um processo sistemático, passível de ser descrito em termos de uma regra geral de estruturação (ou mesmo de algumas regras gerais); caso se verifique a existência de alguma regra geral, esse objetivo compreende descrever essa(s) regra(s);
- ii. comparar a estruturação interna de SegTs mínimos dessas cartas com a estruturação de SegTs mínimos de cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX (considerando a análise destas cartas oitocentistas apresentada por Guerra e Penhavel, 2010 – sintetizada adiante no capítulo I) e, assim, analisar, no contexto dos objetivos do Projeto Caipira II, a diacronia da estruturação interna de SegTs mínimos no gênero carta de leitor; em outras palavras, esse objetivo compreende identificar e descrever

similaridades e diferenças entre a estruturação de SegTs de cartas de leitores dos dois períodos em foco.

Esses objetivos podem ser traduzidos, respectivamente, nas seguintes perguntas de pesquisa, que guiaram a investigação que desenvolvemos:

- i. é possível identificar alguma regra geral de estruturação de SegTs mínimos em cartas de leitores atuais de jornais paulistas?; se for possível, qual(quais) seria(m) essa(s) regra(s)?;
- ii. no que diz respeito à estruturação interna de SegTs mínimos em (sub)unidades constituintes, quais as principais similaridades e diferenças entre cartas de leitores de jornais paulistas atuais e cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas?

Quanto à primeira questão, a hipótese que nos orientou foi a de que seria possível, de fato, identificar uma regra geral de estruturação de SegTs mínimos em cartas de leitores paulistas atuais, assim como tem sido verificado em outros gêneros já estudados (cf. PENHAVEL, 2010; GUERRA; PENHAVEL, 2010; PENHAVEL; DINIZ, 2014), e que essa regra seria, em certa medida, similar à regra já detectada em cartas de leitores oitocentistas. Como procuramos demonstrar ao longo desta dissertação, essa hipótese realmente se confirmou, já que identificamos a existência de uma regra geral nas cartas de leitores atuais.

Quanto à segunda pergunta de pesquisa, nossa hipótese foi a de que, por um lado, haveria similaridades entre as cartas dos dois períodos (como acabamos de mencionar), decorrentes de certa estabilidade caracterizadora do gênero em questão, mas que, por outro lado, haveria certas diferenças decorrentes de particularidades das funções sociocomunicativas assumidas pelo gênero em cada época analisada. Conforme tentaremos demonstrar, essa hipótese também se confirmou, já que foi possível identificar traços de permanência e alteração na estruturação das cartas, os quais puderam, de fato, ser vinculados a movimentos históricos nos propósitos comunicativos do gênero.

III) Estrutura da Dissertação

Esta dissertação encontra-se organizada da seguinte maneira: no capítulo I, sintetizamos a fundamentação teórica do trabalho; no capítulo II, apresentamos a análise da estruturação interna de SegTs mínimos das cartas de leitores atuais (relativamente ao primeiro objetivo do trabalho) – no início desse capítulo, explicamos também a metodologia

empregada e o material de análise da pesquisa; no capítulo III, desenvolvemos a análise comparativa entre cartas atuais e oitocentistas quanto à estruturação de SegTs mínimos (cumprindo o segundo objetivo do trabalho); por fim, apresentamos a seção de conclusões.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos do nosso trabalho. Primeiramente, em 1.1, sintetizamos a Gramática Textual-Interativa e o processo de organização tópica, dentro do qual ocorre o processo de estruturação interna de SegTs mínimos, focalizado neste trabalho. Em seguida, em 1.2, tratamos da noção de gênero textual aqui adotada e também da noção de sequência textual, que é relevante em nossa análise. Depois disso, na seção 1.3, falamos do gênero carta de leitor, que é o gênero particular aqui selecionado para análise. Por fim, em 1.4, sintetizamos alguns elementos relacionados especificamente ao estudo diacrônico aqui proposto.

1.1 A Gramática Textual-Interativa e o processo de organização tópica

1.1.1. A Gramática Textual-Interativa

Como apresentado em Jubran (2006), a Perspectiva Textual-Interativa, ou Gramática Textual-Interativa (GTI), nasceu no interior do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), o qual objetivava a elaboração de uma gramática referencial do português culto falado no Brasil. Mais especificamente, a GTI originou-se a partir do Grupo de Organização Textual-Interativa, que foi coordenado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch e constituía o PGPF. O Grupo de Organização Textual-Interativa objetivava, por sua vez, a elaboração de uma proposta teórica para a análise do texto falado, com a peculiaridade de que tal abordagem se daria sob um enfoque pragmático, o que exigia a consideração de dados de natureza diferente das gramáticas produzidas até então no Brasil. Ao fim do PGPF, o Grupo de Organização Textual-Interativa contava com um aparato teórico-metodológico de abordagem do texto, a GTI, que, ao longo das investigações empreendidas pelo PGPF, se mostrou capaz de subsidiar investigações acerca dos fenômenos envolvidos no processamento textual, bem como suas regularidades.

Atualmente, findo o PGPF, a GTI vem sendo utilizada e desenvolvida no interior do Projeto de História do Português Paulista (Projeto Caipira), particularmente no âmbito do subgrupo que estuda a diacronia de processos de construção textual. Nesse contexto, os pressupostos teórico-metodológicos e os procedimentos analíticos da GTI vêm sendo cuidadosamente aprimorados, e seu escopo vem passando por uma ampliação,

compreendendo também diversos gêneros escritos, o que tem se mostrado bastante satisfatório, dadas as diversas pesquisas que vêm sendo realizadas com base na GTI.

Como postula Jubran (2006), o quadro teórico da GTI é fundamentado por princípios da Pragmática, da Linguística Textual e da Análise da Conversação. De acordo com a autora, adotar uma ótica pragmática implica em adotar uma concepção de linguagem como ação verbal. A Linguística Textual, por sua vez, que se configura como pilar fundamental da GTI, oferece os subsídios para a configuração do conceito de texto como objeto de estudo, e a Análise da Conversação oferece aparatos para se trabalhar questões inerentes ao texto falado.

A GTI pode ser considerada uma vertente da Linguística Textual (principal base do tripé formado por Pragmática, Linguística Textual, Análise da Conversação). Mais precisamente, a GTI se alinha à fase pragmática da Linguística Textual (LT). Tal fase é sucessora de uma fase de orientação sintático-semântica, que permeou a etapa inicial da LT até meados da década de 1970, como esclarece Jubran (2007). Nesta primeira fase, o texto era compreendido como uma unidade linguística superior à sentença, admitindo-se, assim, análises interfrásticas e a elaboração de gramáticas do texto semelhantes às gramáticas da frase. Quando a LT passou a uma perspectiva pragmática, a visão de língua e o conceito de texto foram reformulados. De acordo com Jubran (2007), a língua passou a ser considerada uma forma específica de comunicação social e o conceito de texto, por sua vez, um processo de interlocução, uma atividade sociocomunicativa, fazendo-se necessária, assim, a consideração das interconexões que a atividade verbal faz com outras atividades não-linguísticas envolvidas na formulação e na recepção de textos.

A esta perspectiva pragmática da LT, que orienta a GTI, soma-se, ainda, uma orientação cognitivista, que possibilitou, por exemplo, uma maior clareza do conhecimento interacional, bem como dos diversos sistemas cognitivos que cooperam com o processamento textual, como pontuado por Jubran (2007). Segundo a autora, basicamente, a GTI fundamenta-se na concepção de linguagem como interação social. Assim, para que a ação verbal seja realizada, os interlocutores necessitam acionar diversos tipos conhecimento, como o ilocucional, o comunicativo, o metacomunicativo e o sócio-interacional.

O conhecimento ilocucional diz respeito aos (macro-)atos de fala realizados no texto. Esse tipo de conhecimento procura colocar em prática os propósitos comunicativo-interacionais, tanto na formulação do texto por parte do locutor, quanto no reconhecimento do texto por parte do interlocutor.

O conhecimento comunicativo, por sua vez, diz respeito às normas gerais de comunicação, como as máximas griceanas. Além disso, o conhecimento comunicacional

mobiliza também conhecimentos que possibilitam a escolha do tipo de texto e de variante linguística que mais se adequa a uma situação específica de interlocução, bem como a seleção das informações necessárias para o cumprimento do objetivo comunicativo daquele texto em questão. Já o conhecimento metacomunicativo diz respeito aos tipos de procedimentos linguístico-discursivos que o locutor utiliza para monitorar o processamento do texto, a fim de assegurar a sua compreensão por parte do interlocutor, dentro do objetivo com que o texto foi produzido, o que pode implicar, por exemplo, no uso de articuladores textuais e de estratégias de formulação textual.

O conhecimento sócio-interacional, de acordo com Jubran (2007), diz respeito ao conhecimento de mundo e às estratégias socioculturalmente determinadas que visam ao estabelecimento, à manutenção e à eficácia da interação verbal. Segundo a autora, tal conhecimento possui certo destaque na GTI, dada sua importância para a interação verbal, porém se deve destacar que a importância deste conhecimento não descarta as demais modalidades de sistemas cognitivos acionados na interação verbal.

De acordo com Jubran (2007), podem ser destacados dois importantes princípios norteadores da GTI, ambos decorrentes da premissa de que a linguagem deve ser estudada como forma de ação verbal. O primeiro estabelece que os fatos considerados na GTI têm suas propriedades e funções definidas no uso, nas situações concretas de interlocução, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas. Ou seja, trata-se de considerar, na análise de fenômenos textuais, fatores contextuais advindos da situação específica em que se processo o texto, a qual, em grande medida, interfere no modo de estruturação do texto.

O segundo princípio norteador da GTI é o de que os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística. Segundo Jubran (2007), isso significa que os dados pragmáticos não devem ser vistos apenas como um invólucro dentro do qual ocorre a atividade linguística. Na verdade, as condições enunciativas que sustentam a atividade verbal estão imbricadas ao processamento linguístico e são visíveis no texto, através das próprias escolhas comunicativamente adequadas à situação interativa. Como coloca a autora, enquanto realização efetiva da atividade interacional, o texto emerge de um jogo de atuação comunicativa, que se projeta na superfície textual, constituindo esta um lugar de identificação de pistas indicadoras de regularidades de processamento de estruturas textuais.

Assim, como explica Jubran (2007), a GTI não pressupõe recortes dicotômicos como língua/fala, competência/desempenho, pois não busca apenas regularidades de estruturas textuais, procurando também (de modo integrado às regularidades estruturais) princípios que governam a atividade verbal (regularidades de *processamento* de estruturas). Tais

regularidades (de estruturas e de processamento de estruturas) são buscadas de acordo com fatores condicionantes de várias naturezas, responsáveis pelo caráter determinístico (restrições) ou probabilístico (escolhas facultadas ao falante) das expressões produzidas na fala.

Em síntese, a GTI configura-se como uma vertente da Linguística Textual, como uma proposta teórico-metodológica particular para abordagem do texto, especializada no estudo dos chamados *processos de construção textual*, o qual é realizado por meio da descrição de regularidades de estruturas textuais e de regularidades no processamento dessas estruturas.

O conceito de texto adotado na GTI engloba os elementos que arrolamos acima, podendo ser definido, conforme se concebe na fase mais atual da Linguística Textual, como um *lugar de interação social*, em que os interlocutores se constroem e são construídos, participando ativamente de um processo de (re)construção de sentido (KOCH, 2003).

A GTI, de fato, adota essa visão de texto, o que é, inclusive, assumido explicitamente, no seu viés *interativo*. Porém, pode-se dizer que a GTI focaliza o aspecto que seria mais estrutural ou esquemático do fenômeno textual, *a construção do texto*, que seria o processo – sempre interacionalmente orientado – de combinação de grupos e subgrupos de enunciados para a construção de uma unidade maior, o texto. Esse seria o foco da GTI, o estudo da construção do texto (ou do conjunto de processos particulares de construção do texto).

A GTI considera que o processo central de construção do texto é o processo de organização tópica (ou topicalidade), que consiste em um processo de organização textual mediante a construção e articulação linear e hierárquica de grupos e subgrupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de conjuntos de referentes concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto. De acordo com Jubran (2006), a organização tópica pode ser considerada o fio condutor da organização textual.

Além da organização tópica, a GTI estuda principalmente outros cinco processos, selecionados para estudo por seu envolvimento com o processo de organização tópica. São eles a repetição, a correção, o parafraseamento, a parentetização e a referenciação. O processo de repetição contribui para a estruturação tópica e para a monitoração da coerência textual, reiterando algo já dito e esclarecendo o tópico discursivo em construção no texto.¹ O processo de correção incide sobre um item lexical, gramatical, ou sobre uma estrutura sintática considerada inadequada aos olhos de um dos interlocutores e, por isso, substituído, na sequência do texto, por uma outra formulação, que os interlocutores consideram mais

¹ Na GTI, o termo *tópico discursivo*, dentre outras aplicações, é usado para se referir ao tema geral de um SegT, isto é, o tema central (interacionalmente condicionado) desenvolvido no decorrer de um SegT.

adequada para a construção do tópico. O processo de parafraseamento, por sua vez, promove uma facilitação da compreensão de aspectos do tópico discursivo que estão sendo destacados como alvo da interação. Esses três processos (repetição, correção e parafraseamento) consistem em processos de reformulação textual.

Além desses, temos os processos de parentetização e referenciação. O primeiro consiste na inserção, no segmento tópico, de informações paralelas ao assunto em relevância naquele momento do texto. Já a referenciação consiste no processo de construção de referentes no decorrer do texto (ativação, desativação e reativação de referentes, ou, mais precisamente, objetos-de-discurso), os quais, dentre outras funções, são responsáveis pela instauração de relações de concernência entre os enunciados constitutivos de um tópico discursivo.

Além dos processos de construção textual em si, a GTI também investiga o conjunto de expressões linguísticas responsáveis pelo gerenciamento dos processos de construção textual, as quais constituem a classe dos chamados *marcadores discursivos*. Esses elementos cuidam do gerenciamento das relações interacionais entre os interlocutores, assim como das articulações entre unidades de estruturação tópica.

Dentre os processos de construção textual, aqui brevemente apresentados, destacamos o processo de organização tópica como mais relevante no que diz respeito a esta investigação, já que é no interior desse processo que se situa a estruturação interna de SegTs mínimos. A seguir, portanto, procuramos detalhar esse processo e, posteriormente, o processo de estruturação interna de SegTs mínimos.

1.1.2 O processo de organização tópica

A organização tópica do texto, como adiantado acima, consiste na organização do texto mediante a construção e articulação linear e hierárquica de grupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de conjuntos de referentes concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto. A título de ilustração, considere-se uma situação de interação verbal hipotética, exemplificada por Guerra e Penhavel (2010), em que um casal conversa sobre os filhos A, B e C. No decorrer do texto, falam, em sequência, sobre (i) Os problemas de A na faculdade, (ii) Os problemas de A no trabalho, (iii) O carro novo de B, (iv) O casamento de C, (v) O novo emprego de B e (vi) A viagem de C. Cada um desses tópicos representa a centração dos falantes em um grupo de enunciados concernentes entre si e em relevância em certo ponto do texto, o que caracteriza a propriedade de *centração tópica*,

uma das propriedades particularizadoras do processo de organização tópica (detalhada mais adiante).

Além disso, esses agrupamentos de enunciados estão sequencialmente relacionados entre si, havendo entre eles mecanismos de transição, de marcação de relações semântico-discursivas etc. Há, ainda, entre eles uma relação hierárquica. O primeiro e o segundo agrupamentos podem ser entendidos como compondo um agrupamento mais amplo, centrado na ideia “Problemas de A”; o terceiro e o quinto agrupamentos podem ser reunidos num conjunto maior (descontínuo) intitulado “Novidades de B”; o quarto conjunto e o sexto poderiam ser vistos como partes de um conjunto mais abrangente (também descontínuo) intitulado “Ocupações com C”. E, similarmente, esses três agrupamentos mais amplos equivaleriam a partes de um tópico global, que poderia ser chamado de “Ocupações com os filhos”. Ou seja, o processamento do texto pelos falantes compreende o estabelecimento de relações sequenciais e hierárquicas entre grupos de enunciados. Essas relações caracterizam a propriedade de *organicidade tópica*, outra propriedade particularizadora da organização tópica (também detalhada logo mais abaixo).

A Figura 1 abaixo ilustra a situação hipotética em pauta.

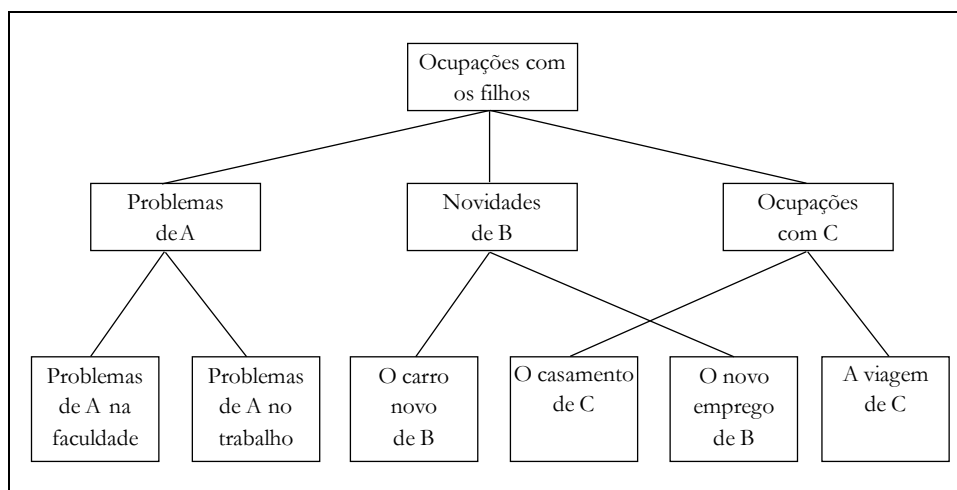


Figura 1: Exemplo hipotético de relações de organização tópica (GUERRA; PENHAVAL, 2010, p. 142)

O processo de organização tópica, então, envolve essa formulação de grupos e subgrupos de enunciados concernentes entre si e em relevância em certos pontos do texto e o estabelecimento de relações sequenciais e hierárquicas entre esses (sub)grupos de enunciados. No âmbito desse processo, os grupos e subgrupos de enunciados formulados pelos interlocutores constituem as unidades chamadas de SegTs. No exemplo da Figura 1, os trechos do texto correspondentes a cada um dos tópicos distinguidos nas caixas da Figura constituem SegTs; por exemplo, o trecho do texto correspondente ao tópico “Problemas de A”

constitui um SegT. Os menores SegTs do texto constituem, então, os chamados “SegTs mínimos”, que são as unidades focadas na presente pesquisa. No exemplo da Figura 1, os SegTs mínimos seriam os SegTs correspondentes aos seis tópicos encadeados no nível mais baixo da Figura.

Como mencionado, a organização tópica compreende duas propriedades caracterizadoras: a *centração* e a *organicidade*. A *centração* diz respeito à concentração dos interlocutores na construção dos grupos e subgrupos de enunciados concernentes entre si e em relevância em pontos específicos do texto. Assim, essa propriedade inclui três traços: a *concernência*, que diz respeito à relação de interdependência semântica entre os enunciados, pela qual se dá a integração desses enunciados, formando, assim, um conjunto de referentes relativos ao tópico sobre o qual a interação está concentrada; a *relevância*, que diz respeito à importância desse conjunto de referentes em um determinado momento específico do texto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos; e a *pontualização*, que se trata da localização desse conjunto de referentes no texto (JUBRAN, 2006).

Já a propriedade de *organicidade* é manifestada por relações de interdependência entre os tópicos desenvolvidos na interação. Estas relações de interdependência se estabelecem em dois planos: no *plano hierárquico*, que diz respeito às relações estabelecidas entre os tópicos, num recorte vertical, configurando níveis de hierarquização de acordo com o grau de abrangência ou relevância, do assunto; e no *plano linear*, em que essas relações de interdependência se dão de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso, sendo que esta relação se dá num plano horizontal (JUBRAN, 2006).

As propriedades da *centração* e da *organicidade* juntas caracterizam, então, o processo de organização tópica. A estruturação interna de SegTs mínimos, focalizada na presente pesquisa de mestrado, constitui parte do processo de organização tópica e pode ser compreendida em mais detalhes a seguir.

1.1.3 A estruturação interna de SegTs mínimos

No que diz respeito à estruturação interna de SegTs mínimos, esta pesquisa encontra embasamento no trabalho de Penhavel (2010), sobre a estruturação de SegTs no gênero textual relato de opinião, e no trabalho de Guerra e Penhavel (2010), sobre a estruturação de SegTs em cartas de leitores oitocentistas.

Segundo Penhavel (2010), no gênero relato de opinião, os falantes estruturam os SegTs mínimos com base em uma variação entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos de enunciados que constroem referências subsidiárias em relação à ideia nuclear do SegT. Em outras palavras, o processo de estruturação interna de SegTs mínimos, naquele gênero, é norteado pela relação (ou princípio) *central-subsidiário*. No referido trabalho, os grupos centrais de enunciados são também denominados de *Posição* e os grupos subsidiários, de *Suporte*. Assim, pode-se dizer também que, no gênero em foco, a estruturação do SegT mínimo está fundamentada na relação (ou princípio) *Posição-Suporte*.

O SegT mínimo em (1) ilustra esse esquema de organização tópica:

(1)	então eu acho que <u>nossa cidade é uma das cidades boa</u> né	1
	porque nossa população é grande... e ainda tem os de fora também que (estuda) aqui	2
	né... porque cê vê (doc.: sei) quantos e quantos que vem de LONGE... cê vai no	3
	Hospital de Base lá cê fala –“ não eu num tô em Rio Preto”–... de tanta ambulância que	4
	você vê de cidades de fora né...	5
	então eu acho que <u>nossa cidade é uma cidade boa</u> né...	6
	contentar todo mundo eu acho que o prefeito num vai contentar mesmo (doc.: num tem	7
	como né)... num tem como... ninguém vai contentar né...	8
	mas eu acho <u>uma cidade muito boa</u> e gosto daqui...	9
	inclusive num tenho vontade de mudar daqui não (doc.:é isso é verdade) vou morrer aqui	10
	mesmo tá(inint.) (PENHAVAL, 2010, p. 58).	11

Conforme explica Penhavel (2010), tendo em vista a propriedade da centração tópica, o tópico do SegT em (1) pode ser sintetizado como *Nossa cidade é uma cidade boa*. Observe-se que os enunciados nas linhas 1, 6 e 9 expressam esse tópico de forma direta. Já os grupos de enunciados nas linhas 2-5, 7-8 e 10-11 abordam, cada um de uma forma particular, três ideias específicas que desenvolvem o tópico central *Nossa cidade é uma cidade boa*. Nas linhas 2-5, os enunciados veiculam a ideia de que a cidade é boa porque a população é grande e porque recebe, ainda, pessoas de outras cidades. Nas linhas 7-8, os enunciados são formulados a respeito do prefeito; afirma-se que a cidade é boa apesar de nem todos estarem satisfeitos com o prefeito, uma vez que seria normal tal insatisfação. Finalmente, nas linhas 10-11, os enunciados desenvolvem a ideia de que a interlocutora planeja não se mudar da cidade, o que seria apresentado como evidência da qualidade da cidade.

Assim, pode-se ver aí uma alternância entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos que constroem referências subsidiárias relativamente ao tópico

do SegT. É esse tipo de alternância que constitui a relação central-subordinado, ou Posição-Suporte. Nesse sentido, os enunciados nas linhas 1, 6 e 9 constituem três unidades de Posição. São grupos de enunciados que sintetizam o tópico do SegT, que o expressam mais diretamente, que estabelecem mais explicitamente o tópico. Já os demais grupos de enunciados constituem três Suportes, isto é, grupos de enunciados que desenvolvem aspectos mais específicos do tópico.

Penhavel (2010) analisa um extenso conjunto de SegTs mínimos de textos do gênero relato de opinião e apura que a relação Posição-Suporte está na base da estruturação interna da maioria quase absoluta desses SegTs. Esse dado quantitativo constitui uma das principais evidências que o autor identifica da natureza sistemática da estruturação de SegTs naquele gênero. Além disso, o autor demonstra que a relação Posição-Suporte é um esquema de estruturação recursivo, no sentido de que unidades de Posição e Suporte podem se estruturar, internamente, também com base na relação Posição-Suporte. A natureza recursiva dessa relação é tomada também como um dado – qualitativo – relevante. Ela indica que a relação Posição-Suporte não consiste simplesmente numa noção ocasional, ligada isoladamente a uma ou outra parte do SegT, mas um princípio fundamental de organização, que perpassa toda sua estruturação textual-interativa. Ademais, o autor identifica uma incidência alta de marcadores discursivos sequenciadores no início de unidades de Posição e Suporte, o que, para ele, também constitui evidência de que essas unidades constituem, de fato, as (sub)partes estruturalmente constituintes dos SegTs.

É a partir principalmente desses dados que Penhavel (2010) considera, então, que a estruturação de SegTs mínimos no gênero relato de opinião constitui um processo altamente sistemático, que pode ser sintetizado em uma regra geral, da seguinte forma: *no gênero relato de opinião, os SegTs mínimos são estruturados com base em uma variação potencialmente recursiva entre unidades de Posição e unidades de Suporte.*

Considerando agora o gênero carta de leitor, no caso particular de cartas de jornais do estado de São Paulo do século XIX (BARBOSA; LOPES, 2006), também é possível identificar um padrão de estruturação de SegTs mínimos. Conforme mostram Guerra e Penhavel (2010), as cartas de leitores em foco compartilham o objetivo fundamental de discorrer sobre determinada situação, exposta como sendo um problema, e reivindicar, implícita ou explicitamente, que alguma medida seja tomada no que se refere a tal situação. Vinculando-se, então, a esse propósito central, os SegTs mínimos manifestam uma unidade tópica que envolve a construção de uma situação-problema, unidade denominada de “Discussão”, podendo apresentar, ainda, normalmente na sequência, outra unidade

especificamente dedicada a reivindicar algo sobre essa situação, unidade chamada de “Interpelação”. A Discussão compreende três subunidades, rotuladas de “Abertura”, “Explicação” e “Avaliação”.

O SegT mínimo em (2) ilustra a distinção entre Discussão e Interpelação:

(2)	Senhor Redactor. Está um bexiguento na populosa rua da Quitanda que se mudou de uma casa	1
	de sobrado. E' captivo de homem rico, podia ir para uma cha- cara, e não se largar ali em um	2
	quarto, em uma rua tão caminhada. Eu senhor Redactor já fui vacinada, e muito vacinada, não	3
	pelas vacinas de agora, que negão fogo, mas pelas do tempo do Horta: não é por mim que re-	4
	clamo, por ir fazer compras nessa rua para os meus es- tudantes, que não relaxão a mimosa	5
	manteiga da casa do senhor Miguel, e vinagre também; mas como me acom- panha sempre uma	6
	pequenina, que me carrega o balai- nho,	7
	peço que vejam isso, a bem das nossas leis, e inde- pendencia da nossa constituição, e pacto	8
	fundamental, que os ditos meus estudantes tanto fallão quando estão fazendo o quilo.	9
	Miquelina do Amor Divino (GUERRA & PENHAVEL, 2010, p. 145).	10

Nesse exemplo, no primeiro bloco de enunciados, o escrevente descreve o fato de um indivíduo enfermo (“um bexiguento”) estar vivendo em determinado local de sua cidade (“rua da Quitanda”) e expõe esse fato como um problema, argumentando, dentre outras coisas, que o local é muito movimentado (“populosa rua”, “rua tão caminhada”), que as vacinas da época não são eficazes (“vacinas de agora, que negão fogo”) e que crianças frequentam o local (“me acompanha sempre uma pequenina”). Esse bloco de enunciados exemplifica, assim, o que seria a unidade de Discussão. No bloco seguinte, o escrevente, de forma explícita, solicita que alguma medida seja tomada em relação a esse fato (“peço que vejam isso”). Este segundo bloco de enunciados ilustra a unidade de Interpelação.

Como mencionado acima, a unidade de Discussão compreende três subunidades potenciais: Abertura, Explicação e Avaliação. A Abertura seria uma subunidade inicial da Discussão, especificamente dedicada a anunciar o tópico que será desenvolvido no restante do SegT. A Explicação manifesta-se quando há uma parte da Discussão com a função de descrever uma situação ou narrar um fato; ou seja, seria um conjunto de enunciados com a função de expor (ou, como o próprio nome indica, explicar) determinada situação. A Avaliação, por sua vez, é uma parte da Discussão destinada a uma análise crítica, uma análise qualitativa de dada situação, o que normalmente compreende uma qualificação negativa da situação em foco. A unidade de Discussão no exemplo em (3) contém essas três subunidades:

(3)	Senhor Redactor – Como em o seu número 97 de hoje me offerece ocasião de desabafo contra a	1
	Camara d'esta Cidade a quem incumbe a sua policia quero desabafar meu censibilisado coração,	2

contando-lhe um caso horroroso, acontecido á tres dias em uma rua publica d'esta Cidade.	3
Um po- bre môço carreiro de 10 a 12 annos que servia de arrimo a sua desgraçada familia, tendo	4
marchado 3 ou 4 leguas por entre mãos caminhos, chegou sem perigo até as portas da Cidade; na	5
continuação po- rém da rua da Esperança quasi defronte á casa do Conego Leão (sendo a rua prin-	6
cipal e unica para a entrada de todos os carreiros & que vem de Sancto Amaro) em um lamaçal	7
tremendo que alli existe ato- la-se o carro, perde o equilibrio, e queren- do o infeliz encostar a	8
lenha ficou espedaçado debaixo do peso enorme; e no mais lamentavel estado hontem deu-se á	9
sepultura, deixan- do sua familia desolada, e sem este arrimo.	10
Bem poucas vezes se tem visto scena tão tocante!!! E sera crível que as ruas da Cidade sejam	11
piores que esses abandona- dos caminhos ? ... E será crível que o po- vo sobrecarregado de	12
tributos soffra tantas penalidades pelas estradas, e venha encon- trar a morte nas ruas de São Paulo	13
pelo desleixo e pouco caso de sua Camara mu- nicipal? [...] (GUERRA; PENHAVEL, 2010, p.	14
155).	

Em (3), o escrevente discute um fato ocorrido em uma rua de sua cidade. O trecho entre as linhas 1 e 3 tem o papel de anunciar que o escrevente irá discorrer sobre esse tópico, constituindo a subunidade de Abertura. Na sequência, entre as linhas 4 e 10, por meio de uma breve narrativa, o escrevente narra qual foi esse fato (que seria um acidente ocorrido com um indivíduo, culminando em sua morte). Ou seja, esse segundo trecho apresenta uma dada situação ou fato, representando, pois, uma instância do que seria a subunidade de Explicação. O trecho seguinte, entre as linhas 11 e 14, é, então, dedicado a uma avaliação do escrevente sobre o fato relatado, sendo assim um exemplo da subunidade de Avaliação.

Guerra e Penhavel (2010) chamam a atenção para a alta regularidade da forma de estruturação de SegTs mínimos descrita acima. Para eles, as (sub)unidades tópicas que puderam ser reconhecidas nos SegTs que investigaram em cartas de leitores foram sempre as quatro acima descritas, isto é, Abertura, Explicação, Avaliação e Interpelação; um SegT pode apresentar todas essas (sub)unidades ou apenas algumas delas, podendo apresentar, inclusive, apenas a Explicação ou apenas a Avaliação. Além disso, na grande maioria dos casos, essas (sub)unidades, conforme ocorram, seguem essa ordem sequencial (Abertura > Explicação > Avaliação > Interpelação). É essa sistematicidade, referente aos (sub)tipos de unidades possíveis e à sua ordenação sequencial, que permite, segundo os autores, falar em uma regra geral de estruturação de SegTs mínimos nas cartas de leitores, a qual é sistematizada da seguinte forma: *em textos do gênero carta de leitor (particularmente, em cartas de jornais paulistas do século XIX), a estruturação interna de SegTs mínimos compreende a construção potencial das (sub)unidades de Abertura, Explicação, Avaliação e Interpelação, nessa ordem sequencial, sendo que, para cada SegT, pelo menos Explicação ou Avaliação deve ocorrer necessariamente.*

Em síntese, a estruturação de SegTs mínimos em relatos de opinião e cartas de leitores (do século XIX) se mostra como um processo sistemático, passível de descrição em termos de regras gerais. O objetivo do presente trabalho é, então, investigar se essa sistematicidade também se observa em cartas atuais de jornais paulistas e comparar os resultados da análise dessas cartas com os resultados da análise de cartas do século XIX.

1.2 Gêneros textuais e sequências textuais

1.2.1 Gêneros textuais

Na GTI, os estudos sobre a organização tópica e sobre os demais processos de construção textual têm sido desenvolvidos no contexto de gêneros textuais, isto é, o estudo de um dado processo de construção textual é normalmente situado no interior do funcionamento de algum gênero particular. Seguindo esse princípio, no presente trabalho estudamos a organização tópica de um gênero específico – carta de leitor. Assim, é necessário falar um pouco sobre o conceito de gênero textual.

O conceito de gênero aqui adotado, que é também utilizado na GTI, é aquele assumido na área de Linguística Textual, conforme desenvolvida nos trabalhos de Koch (2003, 2004) e Marcuschi (2008), entre outros. Aqui, para definir gênero, recorreremos principalmente a Marcuschi (2008). Antes, porém, de nos aprofundarmos no conceito de gênero propriamente, consideramos importante também fazer uma breve explanação sobre a relação entre as noções de texto, discurso e gênero adotada no trabalho do autor.

Para tratar de texto, discurso e gênero, Marcuschi (2008) se reporta ao trabalho de Coutinho (2004). Coutinho considera o discurso como o “objeto de dizer”, e o texto, por sua vez, como o “objeto da figura”. Isso significa que o discurso ocorreria no plano do dizer, ou seja, no plano da enunciação, enquanto o texto ocorreria no plano da esquematização, da configuração, sendo o texto um objeto empírico. O gênero seria o elemento condicionador da atividade enunciativa.

O discurso, enquanto “objeto de dizer”, seria visto como prática linguística codificada, associada a uma prática social (socioinstitucional) historicamente situada. Já o texto, como “objeto de figura”, seria uma configuração/esquematização que conduz a uma figura ou figuração. Os textos, enquanto unidades empíricas, seriam produções linguísticas atestadas que realizam uma função comunicativa e se inserem numa prática social.

O gênero, por sua vez, estaria localizado entre o discurso e o texto, operando como uma ponte entre eles, o primeiro como atividade universal e o segundo como peça empírica, podendo o gênero ser visto como prática social e prática textual-discursiva. Assim, de acordo com Marcuschi (2008), os gêneros podem ser vistos como modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surgem e circulam.

O gênero prefigura o texto e é capaz de desencadear uma série de consequências formais e funcionais, atuando como uma espécie de condicionador de atividades discursivas esquematizantes, que resultam em escolhas de procedimentos de construção textual. Assim, conforme afirma Marcuschi (2008), muitas decisões de textualização se dão em função da escolha do gênero.

Essa concepção sobre a relação entre texto e gênero é um dos principais pontos da abordagem do autor para nosso trabalho, em que assumimos que a organização tópica, como um processo de textualização, é determinada, em grande medida, pelo gênero textual. É esse ponto que focalizamos em nosso trabalho, a respeito do funcionamento dos gêneros textuais e de sua relação com a construção do texto. De todo modo, a concepção de gênero abordada pelo autor é mais ampla e implica uma série de outras questões.

Segundo Marcuschi (2008), a análise de gêneros envolve não só uma análise do texto, mas também do discurso, assim como uma descrição da língua e uma visão da sociedade, abarcando ainda questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral.

Para o autor, tratar de gêneros significa também tratar da língua cotidiana nas mais diversas formas. Ele acrescenta que os gêneros são uma forma de ação social, um artefato cultural integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade. Assim, sugere a discussão do gênero como uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social, uma ação retórica. E, como coloca o autor, gênero pode ser tudo isso ao mesmo tempo, sendo que cada um desses indicadores corresponde a um aspecto diferente da observação sobre a questão do gênero.

Ainda de acordo com o autor, o estudo dos gêneros pode mostrar o funcionamento da sociedade, pensamento que vai ao encontro da visão dos gêneros enquanto ação social. Nesse sentido, Marcuschi (2008) coloca a seguinte questão: por que os membros de comunidades discursivas específicas usam a língua da maneira como fazem? E o autor exemplifica a questão com constatações como: todos aqueles que escrevem uma monografia de final de curso o fazem mais ou menos da mesma maneira, e o mesmo ocorre no pronunciamento de uma conferência, em uma aula expositiva, na redação de uma tese de doutorado, de um

resumo, de uma resenha. Em todos esses casos, como coloca Marcuschi (2008), produzimos textos similares na estrutura, que circulam em ambientes recorrentes e próprios. A mesma coisa aconteceria em uma empresa, onde haveria memorandos, pedidos de venda, promissórias, contratos, etc., na esfera jurídica, jornalística, religiosa e assim por diante.

Nessa questão, Marcuschi (2008) também retoma Bhatia (1997), para quem há questões mais do que apenas socioculturais e cognitivas envolvidas: há também ações de ordem comunicativa, com estratégias convencionais para atingir determinados objetivos. Por exemplo, uma receita culinária procura orientar a confecção de uma comida, uma monografia é produzida para se obter uma nota, a publicidade procura promover a venda de um produto. Esse é outro ponto fundamental da concepção de gênero de Marcuschi para o presente trabalho, isto é, a ideia de que todo gênero realiza uma ação comunicativa geral, tem um propósito comunicativo que lhe caracteriza, uma finalidade sociocomunicativa central.

A esse respeito, o autor afirma o seguinte:

[...] cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação. Aliás, esse será um aspecto bastante interessante, pois todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma. (MARCUSCHI, 2008, p. 150)

Essa citação reúne algumas das propriedades mais importantes da noção de gênero do autor e os pontos fundamentais para nosso trabalho. Como as palavras do autor indicam, sua noção de gênero – que, em grande medida, retoma Bakhtin – considera que os gêneros definem-se, dentre outros aspectos, em termos de forma (estrutura composicional), conteúdo, estilo e função (finalidade sociocomunicativa). Em nosso trabalho, estudamos um aspecto que seria parte da estrutura composicional do gênero (a organização tópica) e procuramos pensar (no momento da comparação diacrônica) como o aspecto de forma estaria vinculado à finalidade central do gênero; como se verá adiante, recorreremos também à análise de aspectos do conteúdo temático do gênero, para procurar entender melhor a finalidade do gênero e sua relação com a organização tópica.

Ainda nessa direção, o autor complementa sua abordagem, expondo o gênero como a realização linguística de objetivos específicos em situações sociais particulares e demonstrando a questão como muito mais complexa do que se o considerássemos apenas como uma simples forma linguística que dominamos. Para o autor, o que dominamos, na verdade, são formas de se realizar, ou alcançar, tais objetivos linguisticamente, e não a forma linguística em si, que pode ser diversa. Assim, quando dominamos um gênero textual, na

verdade, dominamos uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

Tomando de Bronckart (1999) a ideia de que a apropriação de gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas, Marcuschi (2008, p. 154) afirma que, em certos contextos, os gêneros operam como “formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual”.

Em síntese, grande parte da abordagem de Marcuschi (2008) pode ser observada no trecho abaixo, que trata dos gêneros como

[...] textos materializados em situações comunicativamente recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos,² os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas [...] Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Para defender essa posição, Marcuschi (2008, p.155) admite, com Bakhtin (1979), que “todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais ou escritos) ‘concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana’”. A partir dessa posição teórica, Marcuschi admite chegar a uma união de gênero e seu envolvimento social. Para o autor, o gênero não pode ser tratado independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas. Os gêneros funcionam como parte integrante da sociedade, e não como elementos que se sobrepõem a ela. Para ele “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações e conteúdos*” (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Nesse sentido, o autor afirma que a tipicidade de um gênero é proveniente de suas características funcionais e organização retórica. Os gêneros são formas verbais de ação social estabilizadas e recorrentes em textos situados em comunidades práticas em domínios discursivos específicos. Desse modo, eles se tornam propriedades inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para os interlocutores, dando inteligibilidade às ações retóricas.

Marcuschi (2008) destaca ainda que os gêneros possuem uma identidade e são poderosas entidades que nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem

² Na seção seguinte, tratamos da noção de tipo textual (nota de nossa autoria).

aleatórias na produção textual, sejam as escolhas do ponto de vista do léxico, do grau de formalidade, ou da natureza dos temas. Embora os gêneros impliquem essa certa limitação na nossa ação na escrita, impondo restrições e padronizações, por outro lado, ao mesmo tempo, implicam em escolhas, estilos, criatividade e variação.

De forma resumida, podemos dizer, de acordo com Marcuschi (2008), que os gêneros são entidades dinâmicas, históricas, sociais, situadas, comunicativas, orientadas para fins específicos, ligadas a determinadas comunidades discursivas, ligadas a domínios discursivos, recorrentes, estabilizadas em formatos mais ou menos claros. Enfim, essa é a noção geral de gênero que assumimos neste trabalho, focalizando, especificamente, a ideia de que os gêneros se definem em termos de estrutura composicional, conteúdo temático, estilo e, principalmente, finalidade sociocomunicativa.

1.2.2 Sequências textuais

Nesta seção, procuramos apresentar uma noção utilizada neste trabalho que é a de *tipos textuais*, ou *sequências textuais*. Esta é uma noção fundamental no que tange à nossa análise da organização tópica das cartas de leitores, pois serve como um dos principais critérios para a classificação e identificação das unidades constituintes da estruturação interna de SegTs mínimos das cartas, como será possível observar adiante, no capítulo II.

A noção de tipo/sequência textual não chega a ser um dos objetos de estudo da GTI, embora, a nosso ver, tal noção seja perfeitamente condizente com os princípios dessa abordagem, sendo, inclusive, um tópico bastante explorado na área de Linguística Textual em geral, como se vê, por exemplo, nos trabalhos de Adam (2008) e Marcuschi (2008). Assumindo esse pressuposto, adotamos nesta seção a noção de tipo/sequência para a análise das cartas de leitores.³

Para uma definição preliminar, podemos assumir, de acordo com Marcuschi (2008), que os tipos/sequências textuais, basicamente, designam

[...] uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos

³ Apenas a título de uma hipótese sobre como seria possível inserir o estudo das sequências textuais dentro da GTI, pensamos que elas poderiam ser entendidas como uma das estratégias linguísticas de construção do texto, ao lado das demais estratégias já distinguidas, como a referência, a repetição, o parafraseamento, a correção, a parentetização e a tematização/rematização.

textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto *argumentativo* ou *narrativo* ou *expositivo* ou *descritivo* ou *injunção*. (MARCHUSCHI, 2008, p. 154-155)

Bonini (2005) considera a sequência textual como um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros, o que permite identificar a relação entre gênero e tipo/sequencial textual – de acordo com o autor, as sequências seriam mecanismos utilizados na composição dos gêneros. Koch (2003) também traz essa explicação. Segundo a autora:

De acordo com as postulações de Adam (principalmente 1993), [...] todo texto é formado de sequências, esquemas linguísticos básicos que entram na constituição dos diversos gêneros e variam menos em função das circunstâncias sociais. Cabe ao produtor escolher, dentre as sequências disponíveis – descritiva, narrativa, injuntiva, argumentativa, dialogal – a que lhe parecer mais adequada, tendo em vista os parâmetros da situação. (KOCH, 2003, p.56)

Mais especificamente, a noção de tipo/sequência textual aqui utilizada é aquela desenvolvida principalmente em Adam (1992, 2008), que adota o termo *sequências textuais*. A fim de contextualizar melhor a abordagem das sequências textuais de Adam, consideramos importante expor aqui alguns pontos que Bonini (2005) esclarece sobre os trabalhos de Adam. Em seu desenvolvimento teórico, Adam aproxima os quadros teóricos da Linguística Textual e da Análise do Discurso Francesa, de modo que o texto em si localiza-se num campo mais vasto das práticas discursivas, que devem ser pensadas na diversidade dos gêneros que elas autorizam e na sua historicidade. No que tange à Linguística Textual, como explica Bonini (2005), Adam a vê como a responsável pelo estudo do modo como os mecanismos de textualização se constituem e se caracterizam, e um desses mecanismos seria, então, as sequências textuais.

De acordo com Bonini (2005), Adam se vale da ideia bakhtiniana segundo a qual existem dois tipos de gêneros, os gêneros primários, que dizem respeito a tipos de enunciados simples, como a réplica do diálogo cotidiano e a carta, e os gêneros secundários, que seriam mais complexos, como o romance e a peça de teatro. Esses tipos de gêneros mais complexos incorporariam os gêneros primários, mais simples. A proposta de Adam, no que diz respeito à adesão ao conceito de gênero de Bakhtin, é que os gêneros primários sejam vistos, na verdade, como as próprias sequências textuais, como tipos nucleares, menos heterogêneos, compostos por proposições relativamente estáveis e maleáveis, responsáveis pela estruturação dos gêneros secundários.

Para Bonini (2005), o trabalho de Adam com as sequências textuais é um trabalho sobre a estrutura sequencial de textos. De acordo com o próprio Adam (2008, p. 204), “as sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroproposições”. Uma proposição-enunciado é um enunciado mínimo, realizado e produzido por um ato de enunciação. Já a macroproposição é uma espécie de período, um conjunto de proposições-enunciados, sendo que sua principal propriedade é a integração com outras macroproposições. Integradas, as macroproposições adquirem sentido, umas em relação às outras, na unidade hierárquica complexa da sequência.

Assim, Adam (2008) postula a sequência como uma estrutura, que, em suas palavras, consiste em:

uma **rede relacional hierárquica**: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;

uma **entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna** que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto). (ADAM, 2008, p. 204)

As sequências são atualizadas no texto mediante exigências pragmáticas. Assim, num dado texto, uma sequência não necessariamente vai apresentar todos os seus elementos típicos.⁴ As exigências pragmáticas também podem levar o texto a apresentar mais de uma sequência, sendo que uma delas será dominante, e as demais adequadas a ela. Além disso, cada modalidade de sequência textual, em si, é determinada social e discursivamente e regida por um princípio de prototipicidade⁵ (BONINI, 2005).

Adam (2008) considera as seguintes sequências textuais: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. O esquema prototípico da sequência narrativa pode ser descrito como contendo as seguintes macroproposições: uma situação inicial, uma complicação/nó (ou desencadeador), uma (re)ação (ou avaliação), um desenlace (resolução), uma situação final e a moral.⁶

⁴ O fato de uma sequência, num dado texto, não apresentar, necessariamente, todos os seus elementos é importante no presente trabalho. Como veremos no capítulo II, uma das unidades das cartas atuais é baseada em um dos tipos de sequência (a explicativa), mas normalmente não chega a apresentar todos os elementos dessa sequência.

⁵ O traço de prototipicidade das sequências textuais significa, dentre outras coisas, que as propriedades linguísticas que caracterizam uma sequência não são exclusivas dessa sequência, podendo ocorrer também em outros tipos de sequências. Ou seja, há traços linguísticos que são típicos de um tipo de sequência, mas não exclusivos.

⁶ Uma sequência textual, seja a narrativa ou qualquer uma das demais, estende-se por um trecho do texto, o qual pode tomar o texto inteiro, apenas uma parte do texto – algum(ns) parágrafo(s) – ou mesmo um segmento bastante curto, como um único período de um parágrafo.

Silva (2008) identifica os seguintes aspectos linguísticos como caracterizadores das sequências narrativas: tempos verbais predominantemente do mundo narrado;⁷ advérbios indicadores de tempo e espaço – ou outras palavras/expressões com essa finalidade; discurso direto, indireto ou indireto livre.

As sequências descritivas, como coloca Adam (2008), formam ciclos mais periódicos do que sequenciais, sendo, no entanto, tipificadas o bastante para serem identificáveis como unidades particulares. Silva (2008) destaca que a sequência descritiva é a sequência menos autônoma dentre todas e dificilmente é predominante em um texto. Conforme a autora, sua ocorrência mais característica é como parte de uma sequência narrativa, principalmente na parte inicial (a situação), quando são introduzidos o espaço e os personagens do fato.

A macroproposição definidora da sequência descritiva é a apresentação de enunciados de estado e/ou situação. Quanto às marcas linguísticas, segundo Silva (2008), predominam: verbos de estado, situação ou indicadores de propriedades, atitudes e qualidades (*ter, ser, fazer, compartilhar, ficar* etc.), tempos verbais no presente ou no imperfeito, adjetivação, dentre outros traços.

Já a sequência argumentativa, uma das mais fundamentais neste trabalho, pode ser configurada, como sugere Bonini (2005), a partir do conceito elementar de que argumentar é exercer uma estratégia verbal de convencimento do outro, visando modificar a visão do outro e, conseqüentemente, seu discurso. Para exercer essa argumentação, toma-se como base um já dito, designado como *topos*, que seria, mais especificamente, um dizer temporalmente anterior e já de conhecimento do interlocutor, aparecendo apenas implicitamente no texto. A argumentação consiste, então, basicamente numa contraposição de enunciados.

Assim, conforme Bonini (2005), o esquema argumentativo de Adam (1992) consiste, basicamente, em apresentar um argumento e uma conclusão (um predicado), que são atravessados por um *topos* (um já dito). Adam designa essa sequência como formada por três partes elementares: a apresentação de dados (os argumentos), o escoramento de inferências (*topos*) e a apresentação de conclusão, sendo a segunda implícita. De acordo com Bonini (2005, p. 222) “a conclusão é propriamente a opinião do enunciador”.⁸

⁷ De acordo com Koch e Fávero (1987), na construção de textos podem ser distinguidos dois conceitos complementares: *mundo narrado* e *mundo comentado*. O *mundo narrado* refere-se ao tipo de construção em que o locutor se distancia do discurso, sem interferência direta, havendo predomínio de verbos no pretérito perfeito e no futuro do pretérito. Já o *mundo comentado* diz respeito a construções em que o locutor se compromete com aquilo que enuncia, predominando verbos no presente, no futuro do presente e pretérito imperfeito.

⁸ Conforme defenderemos no capítulo II, as cartas de leitores apresentam, dentre outras, as unidades de Posição e Suporte. Essas duas unidades juntas formariam uma sequência argumentativa, sendo a Posição uma *conclusão* e o Suporte um *dado* (um, ou mais de um, argumento) nos termos de Adam (2008).

Silva (2008) lista as seguintes características linguísticas das sequências argumentativas: modalizadores, verbos introdutórios de opinião, operadores argumentativos e recurso à autoridade.

A sequência explicativa, igualmente importante nesta pesquisa, costuma ser chamada também de *sequência expositiva*. Esse tipo de sequência consiste em construir um desenho de uma ideia, como explica Bonini (2005). Essa sequência apresenta um esquema sequencial que pode ser detalhado em três fases: (i) apresentar um objeto a ser explicado/problema/questão; (ii) apresentar o núcleo explicativo/resposta; (iii) apresentar uma ratificação/avaliação. Pode-se dizer, de acordo com Bonini, que nessas três fases procura-se levantar um questionamento, respondê-lo (ou resolver o problema), e sumarizar a resposta, avaliação ou problema.⁹

A principal diferença entre as sequências explicativas e argumentativas, de acordo com Bonini (2005), é que estas visam modificar uma crença, enquanto aquelas visam transformar uma convicção, um estado de conhecimento, acrescentando outros conhecimentos a ele.

Segundo Silva (2008), as marcas linguísticas presentes na sequência explicativa são – na maioria dos casos, mas não obrigatoriamente – os conectores de tipo lógico, os tempos verbais do mundo comentado (presente, futuro do presente e pretérito imperfeito), a presença do discurso de autoridade, dentre outras marcas.

A última sequência distinguida por Adam (2008) é dialogal, que se volta mais para os gêneros característicos da comunicação humana e possui um traço inerente a ela, o fato de ser poligerada, ou seja, construída por mais de um interlocutor. Essa sequência se dá pela emissão de enunciados de um interlocutor a outro, com alternância de turnos entre eles. Há dois tipos de sequências dialogais: as fáticas e as transacionais. As primeiras podem ser definidas como mais ritualísticas, tendo a função de abrir e fechar a interação, enquanto as segundas são responsáveis pela composição do corpo da interação.

Outra sequência fundamental nesta pesquisa é a injuntiva. Essa modalidade não é distinguida por Adam (2008), mas é reconhecida por vários outros autores (SILVA, 2008; MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2003 etc.). De acordo com Silva (2008), a sequência injuntiva pode ser nomeada também como *diretiva* ou *sequência de descrição de ações*. Segundo a autora, esse tipo de construção abarca, por exemplo, instruções de montagem, receitas, regulamentos, regras de jogos, textos prescritivos, bulas de remédios, comandos diversos, etc.

⁹ Também conforme defendemos adiante, uma das partes da estruturação intratópica das cartas, que inclusive denominamos de “Explicação” (seguindo Guerra e Penhavel, 2010), caracteriza-se pelo predomínio da sequência explicativa (expositiva).

A ação geral realizada pela sequência injuntiva (algo similar à macroproposição de Adam (2008)) seria direcionar, orientar.¹⁰

Na dimensão linguística, as marcas identificadoras da sequência injuntiva são modos e tempos verbais no imperativo, infinitivo ou futuro do presente, vocativo, verbos performativos etc.

No capítulo II adiante, ao analisar as unidades de estruturação intratópica das cartas de leitores, retomaremos algumas das sequências textuais aqui expostas, já que elas serão parte dos elementos identificadores de tais unidades.

1.3 O gênero textual *carta de leitor*

1.3.1 Cartas de leitores oitocentistas

Na seção 1.1.3 acima, ao explicar o processo de estruturação interna de SegTs mínimos, sintetizamos a análise que Guerra e Penhavel (2010) fazem desse processo em cartas de leitores oitocentistas. Assim, lá apresentamos uma primeira introdução sobre essas cartas, focalizando, no caso, sua estrutura composicional. Na presente seção, retomamos a explanação sobre tais cartas, focalizando, agora, de modo um pouco mais amplo, suas finalidades sociocomunicativas. Para isso, sintetizamos aqui parte do trabalho de Guerra (2016), que retoma o trabalho anterior de Guerra e Penhavel (2010) para focalizar, dentre outras questões, justamente as finalidades das cartas.

A esse respeito, a autora identifica que, nas cartas oitocentistas, podem ser distinguidas três finalidades específicas, que caracterizam três tipos de cartas, a saber:

- (i) *cartas de denúncia*: cartas com a finalidade de se denunciar um problema concreto (pontual, específico) e solicitar (explícita ou implicitamente) uma solução prática para esse problema;
- (ii) *cartas de sugestão*: cartas com a finalidade de se fazer uma sugestão prática sobre determinado assunto (não mais sobre algo denunciado pelo escrevente como sendo um problema);
- (iii) *cartas de opinião*: cartas com a finalidade de se emitir uma opinião sobre determinado assunto (sem fins propriamente práticos, aplicáveis a algum problema concreto).

¹⁰ Neste trabalho, no capítulo de análise, mostraremos também que uma das partes da estruturação intratópica das cartas é a Interpelação (termo que utilizamos novamente seguindo Guerra e Penhavel, 2010). Essa unidade se caracteriza, dentre outros aspectos, pela predominância do uso da sequência injuntiva.

A título de ilustração, expomos, a seguir, uma carta distinguida por Guerra (2016) como exemplo de carta de denúncia:

- (4) *Senhor Redactor.* – O anno proximo passado | tive a honra de lhe dirigir uma cartinha, | na qual perguntava como é que a Nação | dava cento e cinquenta mil reis, a um | *Senhor Proffessor* para ensinar Grammatica | Latina aos meninos do Côro, quando es- | te não dava Aula: julguei que minha tão | justa quão razoavel advertencia produzi- | ria todo o effeito desejado; porém hoje | soube que continuava no mesmo deslei- | xo, dando Aula de 15, em 15 dias; outras | vezes concedendo ainda maiores ferias, de | maneira que o pequeno estudo (que ao | meu ver, não é nem-um) dos meninos | com umas tão longas, e continuadas ferias, | ficão no mesmo estado como que nunca es- | tudassem, e no entanto a soffredora Na- | ção concorrendo com os 150:000 réis annuaes | sem que d’elles provenha-lhe o menor bem. | Parece isto abusar da bondade do publi- | co, ou àlias, julgar tão froxa a Auctorida- | de que deve velar sobre estes objectos, que | não se receie resultado algum. Espero pois | que com esta minha segunda adver- | tencia se não deixe de dar Aula nos | dias marcados por Lei (segundo eu penso) | a fim de que faça jus n’este mundo aos | 150:000 réis, e n’outro, quando Deos | for servido chamal-o ao seu Sancto Reino, | não preste contas por semelhante Empre- | go. *Senhor Redactor*, queira dar á luz de seu | interessante Farol esta verdade (segundo | dizem) que por ella responde. || *O Teimoso* (BARBOSA; LOPES, 2006 – Carta 393).

De acordo com Guerra (2016), esta carta já se inicia denunciando um problema, o de que a nação estava pagando um professor e este não dava aulas, ainda que recebendo normalmente seu salário. Em seguida, no decorrer da carta, o escrevente, então, solicita uma solução prática para este problema, sendo esta a de que o referido professor passe a ministrar suas aulas regularmente, e pede que a carta seja publicada pelo jornal. Assim, manifesta-se, na carta em questão, a presença da finalidade sociocomunicativa de se denunciar um problema concreto e solicitar uma solução prática para tal problema.

O quadro a seguir, exposto em Guerra (2016), traz alguns exemplos de problemas denunciados e suas respectivas soluções solicitadas pelos escreventes em cartas oitocentistas:

Quadro 1: Problemas e soluções presentes em algumas cartas de denúncia (GUERRA, 2016)

Cartas	Problemas	Soluções
443	Falhas no sistema de iluminação da cidade.	O governo deve aumentar a rigidez na aplicação de multas aos responsáveis.
445	Desleixo dos fiscais da câmara municipal com a limpeza da cidade.	Os fiscais devem “voltar à ativa” ou devem ser demitidos.
446	Ausência de fiscalização pela patrulha da saída de escravos à noite.	Deve ser estabelecido que o escravo que sair à noite sem autorização de seu senhor passará a noite na cadeia.
450	Barulho provocado pela reunião de vendedores de madeira no pátio de São Francisco.	A comercialização de madeiras deve ser transferida para o Campo dos Curros.

A seguir, temos um exemplo, também de Guerra (2016), daquilo que poderia ser considerado como uma carta de sugestão:

- (5) *Senhor Redactor.* – Ha tempo - se bem me | lembro - *Senhor Redactor*, que vi no seu | Farol, de cujo Número não estou certo, uma | correspondencia, que julgava acerto, e | util ao público o lançarem-se abaixo os | muros que bordão pela frente o Convento | que foi dos Menores Observantes n'esta | Capital; ficando naquella lugar uma ex- | cellente praça, na qual se podia colocar | um bom chafariz - de que tanto se ne- | cessita - e até me parece que o Auctor | da correspondencia lhe parecia estár-se já | regosijando de beber da agoa do mesmo | chafariz naquella hora: Ora isto era em | tempo, que os Religiozos erão inda *Senhores* | daquella casa, e era Claustro, mas ho- | je que por Deliberação de *Sua Majestade Imperial* foi | dada para o Estabellecimento d'Academia | do Curso Juridico, melhor, que nunca | pode ter lugar a tal lembrança; crescendo | eu a isto uma outra, que não deixará de | ser d'utilidade ao mesmo público; vindo | a ser, que aquella parte da cerca alem do cor- | rego se podia muito bem vender em | porções para n'ellas se edificar, e o seu | producto applicado para as despezas da mes- | ma Academia, e quando este destino não | se possa verificar, então pode muito bem | servir de um cercado para se apascentarem | os gados que vem para o córte, e alli se con- | servarem até que se matem, escusando-se | por isto de estarem dias e dias enserrados | no curral, perecendo por consequencia a | fome, e sede, que quando vão morrer es- | tão enfeleados, da maneira, que jamais | pode ser boa a carne, mas até muito per- | necioza a quem a come. Lembrei-me d'is- | to, porque me parecêo acêrto, e se outros | o julgarem desacertado não heide questio- | nar; seja o que elles quizerem. Rogo-lhe | portanto queira fazer inserir isto mes- | mo no mesmo Farol, pelo que lhe ficará | obrigado || *Um amante das boas obras* (BARBOSA; LOPES, 2006 – Carta 394).

Nesta carta, o escrevente assume concordar com outra carta publicada no jornal, na qual era proposto derrubar o muro da frente de um convento e, no lugar, construir um chafariz. O escrevente ainda sugere que um terreno na mesma localidade seja vendido e que, enquanto a venda não ocorra, o terreno seja usado como pastagem para gado. De acordo com Guerra (2016), esse trecho parece se configurar apenas como uma sugestão para uma situação, não exprimindo urgência para a resolução de um problema mais grave (como é o caso da carta anterior).

O tom de sugestão ficaria evidenciado pelo trecho “Lembrei-me d'is- | to, porque me parecêo acêrto, e se outros | o julgarem desacertado não heide questio- | nar; seja o que elles quizerem”, que manifesta a postura do escrevente de fazer apenas uma sugestão, algo sem maior urgência.

O quadro a seguir traz mais alguns exemplos de assuntos e sugestões presentes em cartas de sugestão, conforme apresentado por Guerra (2016):

Quadro 2: Assuntos e sugestões presentes em cartas de sugestão (GUERRA, 2016)

Cartas	Assuntos	Sugestões
439	Fonte de recursos financeiros para custear a alforria dos escravos	A fonte de recursos deve ser a Sociedade Amortizadora da Dívida Pública, e não a Assembleia
520	Construção de um mercado para a venda de verduras	Deve ser construído apenas um “coberto” para os quitandeiros.

Por fim, para ilustrar as cartas de opinião, expomos o exemplo abaixo, também de Guerra (2016):

- (6) *Senhor Redactor.* – Pelo annuncio de des- | pedida do *Excelentíssimo Senhor* Presidente d’esta Pro- | vincia Thomaz Xavier Garcia d’Almeida, | que appareceu no Farol número 105 soube que | *Sua Excelência* se retirara d’esta Provincia para | tomar assento na Augusta Camara dos *Senhores* | Deputados. Deos leve a *Sua Excelência* em paz | e felicidade. – Mas, *Senhor Redactor*, que no- | vo estilo de despedidas é este de *Sua Excelência*? | Quiz elle por ventura despedir-se do pô- | vo inteiro da Provincia, ou só d’uma par- | te? Se era de todos, para que nomeou | *Sua Excelência* somente as *personas que tem direito* | a *semelhante obsequio*?, e se era só de alguns | poucos eleitos, que importava ao público | o saber se *Sua Excelência* tinha ou não tido tem- | po para se despedir dos seus amigos, ou dos | *poucos eleitos* que o cortejavão? Não é que | eu censure a *Vossa mercê* *Senhor Redactor* por inse- | rir um semelhante annuncio; bem que o | seu fim e até a sua promessa explicita foi | de illustrar ao publico e concorrer para a | sua felicidade com doutrinas saãs e de u- | ma immediata utilidade, todavia lá n’um | canto de sua folha bem póde fazer annun- | cios. O meu azedume é contra o estilo con- | ciso com que *Sua Excelência* fez as suas des- | pedidas. E como póde qualquer saber se | na alta mente de *Sua Excelência* foi ou não in- | cluído entre *as personas que tem direito a semelhante* | *obsequio*? como hão-de saber se este | direito se comprava com uma só visita a | *Sua Excelência*? ou com a frequencia em sua ca- | sa? ou finalmente com testemunhas do mais | abjecto servilismo? Se ao menos *Sua Excelência*? | tivesse especificado = todas as personas que | tiverem a graduação de tal posto para cima, | e todos aquelles não militares (vulgo pai- | zanos) que rodarem com estas altas paten- | tes, ja cada-um poderia fazer juizo, e di- | zer = Eu fui incluído = Fuão não foi = Bel- | trão seria ou não = e nas conversações te- | ria alguns dados para agitar esta questão. | Mas assim tão genericamente, *Senhor Redactor*, | é o mesmo que não querer obrigar (obligar) | a ninguém. || Quanto a mim, cuido que *Sua Excelência* por | fazer pouco nos Paulistas, gente rustica, | insipida; que não deu bailes a *Sua Excelência* | que não tem finura, nem as de côrte, nem | um modo de tractar, sans façou (sans fa- | cou *Monsieur*) é que recorreu ao expediente das | despedidas por annuncio: elle de certo dis- | se lá consigo:, , Por este meio novo e desu- | sado dou uma alta idea de minha jerar- | chia, e esta gente fica pensando, que as | despedidas d’um Presidente são materia | de interesse publico, e que a ninguém mais | compete esta prerogativa. Mas o peor foi | que os Paulistas com toda a sua rusticidade | já forão honrados com uma Proclamação de | despedida geral da Propria Pessoa de *Sua Majestade* | o IMPERADOR, e por isso talvez os *poucos* | *eleitos* não fizessem todo o aprêço, | que *Sua Excelência* esperava, das suas despedidas por | annuncio. || O mais provavel por tanto, *Senhor Redac- | tor*, é que *Sua Excelência* dêsse este passo para | mostrar o seu desgosto e azedume contra | os Paulistas, pois ahi corre (talvez seja falso) | que *Sua Excelência* não deseja muito voltar a esta | terra onde a balda e mania dos habitantes | é fallar em negocios publicos, em Consti- | tuição; onde se censurão os actos dos em- | pregados publicos por mais altos que sejam. || Mas paciencia, *Senhor Redactor*, se Deos | for servido, que as despedidas de *Sua Excelência* | sejam por uma vez, nós submissos, como | nós cumpre ser ás vontades do Altissimo, | diremos em nossos corações = faça-se a vos- | sa sancta vontade = *Amen*. (BARBOSA; LOPES, 2006 – Carta 391).

Esta carta se inicia com o escrevente relatando um fato ocorrido no jornal, no caso, uma publicação sobre a despedida do presidente da província. Em seguida, o escrevente discorre sobre a despedida do presidente, expondo sua opinião sobre esse fato (a de que o presidente teria publicado tal despedida para “mostrar o seu desgosto e azedume contra os Paulistas”). Como pode ser observado, esta carta não denuncia um problema e solicita alguma solução, nem faz uma sugestão sobre determinado assunto, como fazem as cartas anteriores (respectivamente de denúncia e de sugestão). De acordo com Guerra (2016), a carta em questão seria usada pelo escrevente com a finalidade de manifestação de opinião sobre determinado assunto.

No quadro abaixo, seguem outros exemplos de cartas de opinião, com os assuntos expostos pelos escreventes e suas respectivas opiniões a esse respeito:

Quadro 3: Assuntos e opiniões presentes em algumas cartas de opinião (GUERRA, 2016)

Cartas	Assuntos	Opiniões
458	Qualidade de determinado cidadão como orador.	O referido cidadão é um bom orador.
467	Apreciação feita por um brasileiro, em outro texto do jornal, sobre os estrangeiros no Brasil.	A apreciação não diferencia os amigos do Brasil dos inimigos.
522	Críticas feitas, em outro texto do jornal, a um determinado cidadão.	As críticas são verdadeiras calúnias, não passando de intrigas.

Guerra (2016) considera que esses três tipos de cartas parecem relacionar-se entre si dentro de um contínuo. Os três tipos manifestam um caráter argumentativo. Porém, seria possível situar, num polo de um contínuo, as cartas de denúncia, em que haveria uma argumentação sobre um dado problema, para se defender que se trata de um problema grave e para, a partir disso, alcançar-se uma solução para esse problema. Num outro polo, seria possível situar as cartas de opinião, em que haveria uma argumentação não propriamente para se alcançar algo prático, mas para o escrevente se inserir no debate público, sobre questões que considera interessantes. Entre os dois extremos, ficariam situadas as cartas de sugestão, que desenvolveriam uma argumentação e fariam uma sugestão prática, como as cartas de denúncia, mas, diferentemente destas, a sugestão não chegaria a ser a respeito de algo denunciado como sendo um problema.

Em sua pesquisa, Guerra (2016) também procede a um levantamento das frequências de ocorrência de cada um desses três tipos de cartas. Os dados apurados encontram-se no quadro abaixo:

Quadro 4: Frequências de ocorrências dos diferentes tipos de cartas (GUERRA, 2016)

Cartas	Frequências
Cartas de denúncia	65,5% (30 cartas)
Cartas de sugestão	6,5% (03 cartas)
Cartas de opinião	15,0% (07 cartas)
Outros tipos diversos de cartas	13,0% (06 cartas)
Total	100% (46 cartas)

O quadro indica que, dentre as cartas de leitores oitocentistas analisadas pela autora, predominam, com maioria expressiva (65% dos casos), cartas de denúncia, isto é, cartas

utilizadas pelos escreventes com a finalidade de denunciar um problema e solicitar (implícita ou explicitamente) uma solução para esse problema. Assim como Guerra (2016), entendemos que esse é um dado fortemente significativo de caracterização das cartas de leitores em análise, indicador da finalidade sociocomunicativa central dessas cartas, que seria a denúncia/solicitação.

Em nossa pesquisa, também submetemos as cartas de leitores do nosso *corpus* a esse mesmo tipo de análise. No capítulo III adiante, apresentamos, então, os resultados dessa análise e fazemos a comparação entre cartas dos séculos XIX e XXI, procurando identificar similaridades e diferenças entre as finalidades das cartas nos dois séculos e relacionando esses dados a traços de permanência e alteração na organização tópica das cartas, entre os dois períodos em foco.

1.3.2 Cartas de leitores na atualidade

Nesta seção, procuramos apresentar uma breve explanação acerca do que seria considerado o gênero carta de leitor atualmente, a partir das definições de alguns autores, averiguando seus propósitos comunicativos, os sujeitos envolvidos na sua produção, seu processo e sua estrutura composicionais, e sua recorrência nos veículos de comunicação atuais.

Começando pelos propósitos comunicativos do gênero, de acordo com Köche, Boff e Marinello (2010), a carta de leitor é um gênero que possibilita o diálogo entre o meio de comunicação impresso (jornal ou revista) e o responsável pela publicação (ou partes dela), ou mesmo com outros leitores. Para as autoras, o gênero em questão é muito utilizado com fins de manifestação de opinião a respeito de matérias publicadas.

Dentre outras finalidades do gênero, ou propósitos comunicativos, as autoras citam os atos de elogiar, criticar, contradizer uma opinião, acrescentar informações, apresentar um ponto de vista próprio, sugerir, agradecer, reclamar, solicitar, corrigir algo que foi escrito, entre outras ações. Como as próprias autoras afirmam, são todas atividades da ordem da argumentação, e, assim, a principal tipologia textual mantenedora dessa atividade é a dissertativa (sequência argumentativa).

Considerando a diversidade de pontos de vista no que diz respeito aos propósitos comunicativos da carta de leitor, Filho (2011) elenca alguns deles, tanto a partir do ponto de vista dos leitores, quanto do ponto de vista dos veículos de comunicação. Do ponto de vista do leitor, as cartas podem ser escritas pelo fato de os leitores verem as empresas jornalísticas

como porta-vozes diante do Poder Público. Assim, tendo recorrido a várias instâncias públicas para a resolução de um problema, pessoal ou coletivo, e não tendo obtido sucesso, o leitor vê a empresa jornalística como um meio de resolução do problema.

Outro propósito que a carta de leitor pode ter, do ponto de vista do leitor, é o de funcionar como um meio de participação ativa no mundo através da expressão de opinião e da discussão de assuntos da atualidade. De acordo com Filho (2011), isso se dá quando o leitor não espera a resolução de um problema específico, deseja apenas manifestar seu posicionamento sobre um assunto.¹¹ Além desses propósitos, a carta também pode ser escrita com a função de fiscalizar e criticar os próprios jornais, a fim de contribuir com a reflexão de outros leitores acerca do papel da imprensa. Isso se daria quando o leitor faz uma carta argumentativa procurando defender ou criticar algo em relação às ações do próprio jornal.

Já do ponto de vista do veículo de comunicação, um dos propósitos da carta de leitor seria, de acordo com Filho (2011), manter um relacionamento constante e fiel com os leitores, o que contribuiria para fazer uma propaganda indireta dos jornais. Segundo Filho (2011):

[...] através da seção carta de leitor, um jornal pode fazer uso do depoimento dos leitores para falar positivamente da cobertura dada pelo jornal aos fatos noticiados. Além disso, os jornais e revistas podem fazer uso das cartas de leitor para passar uma certa imagem para os leitores (de abertos, democráticos, críticos, destemidos, independentes etc.). (FILHO, 2011, p. 133-134)

Outro propósito citado por Filho (2011) seria o estabelecimento da interação entre leitores, o que, segundo ele, pode ser observado quando os leitores polemizam ou manifestam concordância entre si. Para o autor, estes seriam os propósitos mais recorrentes, porém, como esclarece, outros podem existir ou surgir.

Quanto à composição da carta de leitor, vamos tratá-la aqui em dois aspectos, de acordo com Filho (2011): primeiro em relação ao seu processo composicional, que diz respeito às motivações envolvidas na produção da carta de leitor, à sua edição e à sua publicação; posteriormente, tratamos de sua estrutura composicional, que diz respeito ao modo como o gênero é composto em termos de estrutura textual.

Para Filho (2011), o processo composicional da carta de leitor se daria da seguinte maneira: primeiramente, o leitor leria um texto publicado no jornal (matéria, reportagem, outra carta de leitor), ou presenciaria algum acontecimento na vida cotidiana ou pública, ocorrendo, assim, o que o autor chama de “evento deflagrador”, que seria um fato motivador para a escrita da carta. Em seguida, o leitor escreveria a carta, geralmente na forma de e-mail

¹¹ Com efeito, conforme iremos mostrar no capítulo III, as cartas atuais (diferentemente de cartas oitocentistas) manifestam o propósito central, por parte do escrevente, de manifestação de opinião, como forma de participação no debate público sobre temas de seu interesse.

e a enviaria ao jornal através de correio ou internet. De acordo com Filho (2011), essa ação, de escrever e enviar a carta, deve se dar no “calor da hora”, ou seja, logo após a leitura de uma publicação no jornal, ou da ocorrência de um fato na vida do leitor/escrevente da carta. Isto porque o gênero carta de leitor, assim como as notícias, deve tratar de fatos muito recentes.

Posteriormente a essas ações, o editor, de acordo com Filho (2011), leria as cartas – assim que chegadas à redação, ainda no chamado “calor da hora”, pois o texto não deve perder seu frescor – e selecionaria algumas delas, seguindo critérios preestabelecidos pelo veículo de comunicação. Nessa fase, caso muitas cartas semelhantes cheguem ao jornal, o editor seleciona aquela que melhor sintetiza a ideia do grupo de cartas, ou escolhe aquela que está mais de acordo com a linha editorial do veículo, podendo, também, publicar mais de uma sobre o mesmo assunto, quando este for polêmico, ou de grande interesse do público. As cartas escolhidas para publicação, então, são arquivadas e ficam guardadas durante três meses, tempo que, de acordo com Filho (2011), é exigido por lei brasileira, para que o veículo de comunicação possa se defender de problemas e reclamações de leitores. O editor, então, edita a carta, resumindo, parafraseando, retirando ou acrescentando informações sobre o evento deflagrador (sobre a matéria da qual a carta trata, por exemplo), procurando, assim, adequar a carta ao tamanho, formato, estilo e linha editorial do jornal.

Além disso, de acordo com Filho (2011), o título para cada carta ou um grupo delas também é criado pelo editor. Este também pode responder aos leitores, concordando ou discordando, desculpando-se ou justificando alguma reclamação ou reivindicação, e o faz em cartas que são publicadas logo abaixo da carta do leitor em questão. Filho (2011) esclarece, ainda, que aqueles leitores que não tiveram suas cartas publicadas podem escrever novamente ao jornal, reclamando da não publicação de sua carta.

Por fim, nesse processo, outros leitores leem as cartas publicadas, podendo escrever uma nova carta em resposta àquelas que leram, instaurando-se, assim, um diálogo entre leitores, mediado pelo editor.

Segundo Filho (2011), dentre os eventos deflagradores mais comuns, estariam a leitura de uma notícia ou reportagem numa edição recente do veículo de comunicação, a leitura de outras cartas de leitor, um fato ocorrido recentemente no meio em que o leitor vive, seja sua rua, bairro ou cidade, a persistência de um problema que não é solucionado por falta de ações do Poder Público, a leitura do jornal como um todo, ou de um caderno inteiro, a leitura de um editorial, a leitura de um artigo publicado por um colaborador do veículo, ou a leitura de vários gêneros do veículo (o que pode envolver uma charge, uma tira, ou mesmo uma propaganda). Esses eventos, como coloca Filho (2011), podem desencadear cartas que

veiculem um elogio, crítica, sugestões às matérias do veículo; o posicionamento de um ponto de vista diante de outros pontos de vista; a crítica aos governos e a solicitação de uma intermediação do veículo de comunicação na resolução do problema; a solicitação de uma reportagem, notícia ou tema não contemplados pelo veículo de comunicação; a apreciação de um ponto de vista da empresa jornalística ou de um colaborador do veículo.

Até aqui, tratamos, então, de aspectos envolvidos no processo composicional da carta de leitor segundo o trabalho de Filho (2011). Assim, abordamos as motivações que levam o leitor a escrever a carta (eventos deflagradores) e o processo pelo qual ela passa, desde sua produção até sua edição e publicação. Agora, trataremos de sua estrutura composicional em termos de estrutura textual.

Filho (2011) observa que cartas em geral seguem uma estrutura composta de seção de contato, núcleo da carta e seção de despedida. Segundo o autor, essa é a estrutura composicional de como a carta de leitor seria enviada ao jornal, não a estrutura publicada, já que as cartas não seriam publicadas da mesma forma que foram escritas pelo leitor. Nesse sentido, Filho (2011) afirma ser comum o desaparecimento da seção de contato, permanecendo apenas o núcleo da carta, a assinatura e os dados de identificação do leitor (cidade, e-mail, profissão). Assim, Filho trata as cartas de leitores como um gênero de estrutura desenvolvida por dois sujeitos diferentes, que exercem papéis também diferentes, a saber, o leitor do jornal (escrevente da carta) e o editor.

Para demonstrar essa duplicidade de sujeitos envolvidos na produção da carta de leitor, Filho (2011, p. 137) utiliza-se do exemplo reproduzido abaixo para demonstrar a falta da seção de contato e de despedida em uma carta publicada no site do jornal *Folha de S. Paulo*:

(7) **Depressão adolescente**

Muito importante a matéria sobre depressão (19/2). A depressão, no meu entender, é uma doença essencialmente social, gerada pela pressão social ou não entrosamento e não aceitação de um ser humano na sociedade. É uma doença nova, pois há 20 anos não se falava nela. Há casos genéticos ou de predisposição, mas a maioria é devida à má constituição da sociedade, que exclui aqueles que não se adaptam. Não há casos relatados de depressão em tribos indígenas isoladas (sem contato com homens brancos).

[nome do autor da carta], 41, São Paulo, SP.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2602200702.htm>>.

(FILHO, 2011, p.37)

Como é possível observar, essa carta vai “direto ao ponto”, como afirma Filho (2011). Não há, na carta publicada, uma seção de contato, nem de despedida, havendo apenas o que

seria o núcleo da carta, destacado do restante por meio da ação do editor. Em síntese, como coloca Filho (2011):

[...] as cartas de leitor são textos bem resumidos e devem abordar de maneira direta o assunto a ser tratado. Pode-se dizer que não apresentam introdução ou conclusão, indo direto ao assunto. Quando o leitor não consegue escrever com tal poder de síntese, cabe ao editor fazer os cortes para que a carta adquira uma estrutura informacional resumida, clara e objetiva. (FILHO, 2011, p. 138)

A nosso ver, Filho (2011) considera a ação do editor como parte do processo de produção da carta de leitor, ou seja, aparentemente, essa ação do editor não faz com que a carta publicada deixe de pertencer ao gênero carta de leitor pelo fato de não ser publicada na íntegra. Ao contrário, essa ação do editor é vista como parte do processo de construção do gênero carta de leitor, de modo que deve assim ser reconhecida.

É justamente esta a noção que adotamos neste trabalho. Não consideramos apenas a ação do leitor na construção da carta de leitor, mas também a do editor (juntas, como um todo, como um processo único), sendo a carta de leitor (e mesmo o gênero carta de leitor) o resultado final da carta (a carta publicada), e não a carta na íntegra, “original”, já que é a carta publicada no jornal que é lida pela comunidade discursiva na qual o gênero carta de leitor circula. Ou seja, o que circula em sociedade, como parte de um processo sociocomunicativo, é a versão final da carta (não uma possível versão original feita inicialmente pelo escrevente da carta).

Quanto à recorrência do gênero nos veículos de comunicação, Filho (2011) considera que, com o advento da internet, o gênero carta de leitor se potencializou em muitas sociedades pela facilidade que o meio eletrônico oferece para se reportar ao jornal, não sendo mais necessário que o leitor/escrevente se desloque fisicamente para enviar uma carta pelo correio. Filho (2011) destaca também que o fluxo de e-mails contendo cartas de leitores atualmente é muito maior do que o número de cartas enviadas via correio (físico) 20 anos atrás, no entanto, o autor chama a atenção para uma contradição: enquanto a manifestação de opinião do leitor tem crescido consideravelmente, o número de páginas nos jornais destinado a este gênero não tem acompanhado esse crescimento. De acordo com o autor, da média de 60 páginas contidas na maioria dos grandes jornais brasileiros, apenas meia página é destinada aos leitores, sendo que há jornais que não possuem a seção *carta de leitor*.

Esse aumento substancial da manifestação de opinião dos leitores, a nosso ver, pode estar estreitamente relacionado a fatores históricos, sociais e culturais pelos quais os leitores e a própria imprensa passaram ao longo do tempo. Para Gomes (2007), o próprio

desenvolvimento linguístico observado na composição do jornal impresso é condicionado por esses fatores. A seguir, retomaremos a autora, trazendo alguns dados sobre o desenvolvimento da imprensa e sobre mudanças pelas quais esta passou desde o século XIX.

1.4 Elementos para estudo diacrônico de cartas de leitores

1.4.1 Abordagem diacrônica de processos de construção textual

Estando inserido no Projeto de História do Português Paulistas II (Projeto Caipira II), este trabalho inclui *análise diacrônica*, no caso, a comparação entre cartas de leitores atuais e cartas oitocentistas, quanto à organização intratópica. Desse modo, precisamos adotar uma abordagem para estudo diacrônico de processos de construção textual. Assumimos, aqui, a abordagem adotada no próprio Projeto Caipira II, a qual é sintetizada nesta seção.

Conforme explicado em Jubran (2014) e Penhavel (2015), essa abordagem consiste numa integração entre princípios da Gramática Textual-Interativa e princípios do Modelo de Tradições Discursivas. A primeira, já sintetizada acima, fundamenta o tratamento dos processos de construção textual. Já o Modelo de Tradições Discursivas sustenta o tratamento *diacrônico* desses processos.

Esse modelo, desenvolvido em Kabatek (2006), dentre outros trabalhos, consiste em um quadro teórico-metodológico para estudo diacrônico de fenômenos linguísticos, inclusive de fenômenos linguístico-textuais. Conforme explica Longhin (2014), as Tradições Discursivas constituem modelos textuais, social e historicamente convencionalizados, que integram a memória cultural de uma comunidade, sendo mobilizados na construção e na recepção de sentido. Segundo a autora, considerando que tudo que é dito ou escrito se realiza por meio de textos, estão em jogo uma intenção de dizer, o acervo lexical e gramatical da língua, os esquemas textuais normativos, as convenções sociais e históricas; assim, texto, história, convenção e cultura são chave para a noção de Tradição Discursiva (TD).

Kabatek (2005, p. 159 *apud* LONGHIN, 2014, p. 24-25) apresenta a seguinte definição de TD:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire o valor de signo próprio (é, portanto, significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma

textual ou determinados elementos linguísticos empregados. (KABATEK, 2005, p. 159 *apud* LONGHIN, 2014, p. 24-25)

De acordo com Longhin (2014), no decorrer da história, um acervo de textos já ditos e já escritos vai sendo armazenado na memória das comunidades, na forma de modelos linguísticos tradicionais. Esse acervo textual é sempre mobilizado nas situações de enunciação, que repetem elementos tradicionais, colocando-os novamente em cena. Como afirma a autora, repete-se, às vezes, uma finalidade de dizer; outras vezes, repetem-se aspectos de forma e/ou conteúdo. Esses padrões linguísticos repetidos historicamente constituem as TDs. Assim, cada enunciado produzido numa situação de interação é construído por uma conjunção inédita entre os textos prévios, evocados e repetidos total ou parcialmente, e a novidade da situação, que faz de toda enunciação um evento único.

Por exemplo, a recorrência de forma em quartetos e tercetos define a tradição *soneto*, ainda que os sonetos possam ser construídos de modo diverso. A recorrência da expressão “era uma vez” insere um texto na tradição dos contos infantis. A recorrência de expressões de benevolência no início e no desfecho de um texto caracteriza em parte a tradição das cartas pessoais. A recorrência da organização textual em tópicos, além da recorrência de títulos e subtítulos, juntamente com o uso da morfologia de imperativo são traços tradicionais e caracterizadores do texto instrucional, como um manual de instrução (LONGHIN, 2014).

Em síntese, pode-se dizer que as TDs constituem modos tradicionais de uso linguístico. Nesse sentido, os gêneros textuais constituem uma modalidade de TD. Jubran (2014) destaca que a noção de TD é fundamentada na concepção de que a construção textual implica a atualização não só de elementos lexicais e gramaticais do acervo de uma língua, mas também de modos tradicionais de dizer (TDs), correlatos a objetivos definidos de uma interação verbal, que promovem um discurso relativamente convencionalizado, em decorrência de reutilização de material linguístico e de propriedades de elaboração textual em diferentes episódios de comunicação verbal. Nesse sentido, como destaca a autora, os gêneros textuais constituem uma das modalidades de TD por representarem essa relativa estabilidade de formulação textual, pois estariam afeitos a procedimentos de construção textual orientados pelas contingências de um dado ato comunicativo.¹²

¹² Convém esclarecer a diferença entre TD e gênero textual. Trata-se de duas noções diferentes, sendo o gênero, como dito, uma modalidade de TD. Longhin (2014) explica que a noção de TD é mais ampla que a de gênero, a primeira incluindo a segunda. Como afirma a autora, todo gênero é uma TD, mas nem toda TD é um gênero. Para a autora, um gênero pode abrigar uma constelação de TDs, e a análise dessa constelação, entre outras coisas, pode revelar relações e entrecruzamentos entre gêneros.

De acordo com Penhavel (2015), o estudo dos gêneros textuais seria o principal ponto de contato entre a Gramática Textual-Interativa e o Modelo de Tradições Discursivas, na medida em que os gêneros são uma modalidade de TD e na medida em que os processos de construção textual são fenômenos intrinsecamente ligados ao funcionamento dos gêneros.

Como dito acima, a GTI é uma abordagem de orientação essencialmente pragmática, que está fundamentada na concepção de que a linguagem verbal constitui uma forma de interação social. Como explica Penhavel (2015), em consonância com essa concepção de língua como forma de interação social, assume-se também, no âmbito da GTI, a concepção de que os processos de construção textual, em grande medida, estão vinculados à ação geral realizada pelo gênero textual em que esses processos ocorrem, ou seja, assume-se a concepção de que os processos de construção textual estão vinculados à finalidade sociocomunicativa dos gêneros textuais em que esses processos ocorrem. Em outras palavras, considera-se que os processos de construção textual variam de um gênero para outro, de acordo com as diferenças de finalidade sociocomunicativa entre os gêneros.

Como mencionado, os gêneros textuais constituem uma modalidade de TD, isto é, eles constituem um tipo de uso linguístico que vai se definindo historicamente. Eles seriam um domínio de uso linguístico, dentro do qual ocorrem manutenções e alterações linguísticas historicamente. Ao mesmo tempo, os processos de construção textual são vinculados aos gêneros. Fazem parte dos elementos que caracterizam os gêneros. Assim, a abordagem diacrônica de processos de construção textual adotada no Projeto Caipira II (e também neste trabalho) considera que o estudo diacrônico desses processos pode, e deve, ser feito no âmbito do desenvolvimento histórico dos gêneros textuais. Ou seja, no contexto do desenvolvimento histórico de um dado gênero textual é possível observar alterações no funcionamento dos processos de construção textual, e é justamente no interior desse desenvolvimento histórico do gênero que é pertinente estudar a diacronia de um processo textual.

A abordagem diacrônica aqui adotada, ao vincular a diacronia de um processo linguístico ao desenvolvimento histórico de um gênero, estuda, portanto, não propriamente a história da língua, mas a história de textos. Conforme afirma Jubran (2014), trata-se de uma concepção de diacronia não linear, que leva em conta não apenas o que se registra na língua em geral no decorrer do tempo. A concepção assumida é a de que um estudo diacrônico não pode focalizar um processo em etapas sucessivas da língua, independentemente de sua contextualização em um texto gerado em função de objetivos comunicativos específicos, traduzidos em gêneros textuais consonantes com o histórico de uma tradição de conduta verbal socialmente institucionalizada.

Em síntese, a abordagem aqui assumida estabelece que a diacronia dos processos de construção textual seja estudada no âmbito da diacronia dos gêneros textuais. Especificamente, de acordo com o que é definido em Jubran (2014) e Penhavel (2015), a abordagem prevê os seguintes procedimentos:

seleciona-se um determinado gênero textual, um dado período histórico (por exemplo, um certo século) e um dado processo de construção textual;

descreve-se o funcionamento desse processo no gênero e no período selecionados;

analisa-se a finalidade sociocomunicativa do gênero no período em questão, procurando-se analisar a relação entre o funcionamento do processo em estudo e a finalidade do gênero;

em seguida, repete-se o mesmo procedimento, porém num outro momento histórico, isto é, numa segunda sincronia;

por fim, comparam-se as duas sincronias, identificam-se traços de permanência e de manutenção no funcionamento do processo, e se procura relacionar tais traços a traços de manutenção e mudança na finalidade sociocomunicativa do gênero textual.

No presente trabalho, aplicamos essa abordagem ao processo de organização intratópica, em cartas de leitores de jornais paulistas do estado de São Paulo, comparando o funcionamento desse processo no século XIX com seu funcionamento no século XXI. Conforme mostramos no capítulo III adiante, os dados parecem revelar, de fato, certas similaridades e certas diferenças no funcionamento do processo, as quais estariam vinculadas a similaridades e diferenças no propósito do gênero, o que também evidencia o funcionamento dessa abordagem para estudo diacrônico de processos de construção textual.

1.4.2 A imprensa do século XIX ao século XXI

Nesta seção, procuramos tratar brevemente de fatos históricos relacionados ao desenvolvimento da imprensa, e especificamente do jornal impresso, no Brasil. Nosso objetivo é reunir alguns subsídios que permitam pensar num contexto histórico e social em que poderíamos situar nosso estudo diacrônico da organização tópica de cartas de leitores.

Para isso, nos reportamos ao trabalho de Gomes (2007) que, embora trate mais especificamente do gênero editorial, procura retratar as configurações históricas, sociais e culturais da imprensa, de seu início à atualidade. A autora parte da concepção de que o

desenvolvimento linguístico observado na composição do jornal impresso seria condicionado por fatores históricos, sociais e culturais.

Em seu trabalho, Gomes (2007) relata alguns momentos históricos importantes pelos quais o Brasil passou e que teriam contribuído, de alguma forma, para alterações linguísticas e alterações na imprensa e no seu desenvolvimento. Dentre os momentos históricos citados pela autora, tem-se, do século XIX em diante: a transferência da família real e a urbanização da sociedade brasileira, que resultaria na criação da imprensa e da biblioteca nacional; o fim do tráfico de escravos, que resultaria numa nova parcela de mão-de-obra, contribuindo para a complexificação da língua no processo de urbanização; e o fim do predomínio das oligarquias. Já no século XX, destacam-se o advento da industrialização, o fim da República Velha, a Revolução de 1930 e agitos culturais, como o movimento modernista brasileiro. A partir disso, a autora traz alguns dados históricos sobre o desenvolvimento da imprensa.

Na primeira metade do século XIX, como esclarece a autora, a imprensa era artesanal, não empresarial e bastante política, sendo que não havia grande separação entre informação e opinião, e o próprio contexto favorecia o tom político da época: conflitos internos, independência, abolição, república etc. Nessa época, ressalta a autora, o Brasil era bastante influenciado pela Europa em diversas esferas da sociedade, dentre as quais a autora cita o comércio, a política, a religião, as artes e a comunicação.

A ocorrência da independência do país é um fator que teria trazido uma maior visibilidade da classe média, o que teria colaborado com a ampliação das formas de difusão cultural e com o emprego das letras brasileiras de fato, fosse este emprego feito no livro ou na imprensa.

Outro fator relevante na época teria sido as inovações tecnológicas que ocorreram. Estas teriam facilitado a circulação da informação nessa época, fazendo surgir, inclusive, agências especializadas no envio e recebimento de mensagens, permitindo o acesso a informações que estavam além dos limites físicos regionalistas dos leitores. Assim, como explica a autora, o jornal passa a retratar fatos locais, nacionais e internacionais com mais facilidade.

A lei que postulava a liberdade de imprensa também teria promovido um grande impacto tanto do ponto de vista social, quanto da imprensa. De acordo com Gomes (2007), essa lei promoveu mudanças como a passagem de leituras coletivas para leituras privadas de textos mais livres de censura. Quanto a isso, a autora remete a Morel e Barros (2003), para quem a liberdade de imprensa fez um momento de transição de um espaço público marcado por formas de comunicação típicas de Antigos Regimes, para um espaço público

onde debates eram consolidados pela imprensa, nem sempre vinculada ao Estado, fazendo com que leituras privadas e individuais ganhassem mais importância e permitindo, assim, a formação de uma opinião de caráter mais abstrato, fundamentado no julgamento crítico de cada leitor individualmente, o que resultaria num somatório de opiniões.

Outras importantes mudanças históricas citadas por Gomes (2007) compreendem o processo de urbanização, que resultaria em alterações de hábitos sociais e culturais relativos a educação e comunicação, bem como o crescimento do consumo interno, que seria fruto da introdução na sociedade das novas tecnologias em transporte, comunicação, urbanismo etc., que teriam colaborado com o encurtamento de distâncias no país, bem como com mais espaço para a literatura nos jornais, dando assim continuidade à tradição discursiva dos folhetins franceses. Segundo a autora, essas melhorias teriam sido largamente divulgadas nos periódicos da época.

Já no início do século XX, de acordo com Gomes (2007), a imprensa passa a atender também a classe trabalhadora, servindo como instrumento de comunicação para esta classe e não se detendo mais apenas às classes dominantes. Esse fato demonstra uma significativa mudança no que diz respeito ao transcurso da imprensa e à constituição da sociedade, como coloca a autora. Ela ainda cita uma maior dinamicidade do comércio, a progressão industrial, o expansionismo urbano e o crescimento das escolas públicas como alguns dos responsáveis por este acesso.

É a partir de 1930 que parece haver uma modernização bastante relevante das empresas jornalísticas. De acordo com Gomes (2007), nesse período a imprensa passa a subordinar-se ao estado e ao capital estrangeiro para poder se firmar. Parece que, a partir daí, pode-se falar em um jornalismo industrializado. Gomes (2007), então, remete a Beltrão (1976), para quem o jornalismo, nessa fase, cedendo às pressões políticas e econômicas de seus grupos mantenedores, passa a ser informativo, superficial e sensacionalista, praticamente extinguindo a opinião e o panfleto. A autora trata este fato como um fator de bastante relevância no que diz respeito às mudanças no curso do jornal impresso e afirma que, aos poucos, a opinião foi ocupando um lugar mais restrito no jornal impresso ao passo que cedia lugar a outros gêneros textuais, de cunho mais informativo e publicitário. Até aqui, podemos considerar, então, que a imprensa teria passado de um veículo de comunicação de caráter mais politizante, para um veículo de caráter comercial.

O próximo grande fato que gera modificações no jornal impresso é, novamente, a invenção de novas tecnologias de comunicação, como o rádio, a televisão e, posteriormente, a internet. Segundo Gomes (2007), nos anos 1950, os jornais passam a concorrer com a TV,

que tinha a capacidade de transmitir notícias com antecedência e com movimento e cores. De acordo com a autora, isso teria gerado um grande impulso na imprensa e uma grande concorrência entre os veículos.

O jornal impresso precisou, então, realizar modificações em termos editoriais, gráficos, administrativos e de adequação às exigências de mercado. Com isso, ainda segundo Gomes (2007), a vontade imperiosa do editor, passa a ser diluída pela vontade do mercado. Isso marcaria, então, a passagem de um jornalismo político-panfletário para um outro, informativo e auto-sustentável, que passa a buscar um público mais heterogêneo.

Outra grande reviravolta na imprensa se daria posteriormente, com a revolução eletrônica que vivemos atualmente. De acordo Gomes (2007), o jornalismo digital ultrapassa os elementos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa, já que é possível utilizar-se de vídeo, áudio e ilustração animada.

A fim de sintetizar todo esse processo histórico pelo qual o jornalismo impresso passou, Gomes (2007) o classifica em três fases, as quais chama de *político-panfletária*, *literário-independente* e *telegráfico-informativa*. A primeira corresponderia ao contexto inicial da imprensa, acompanhada de um elevado índice de analfabetismo, apresentando função essencialmente opinativa, discurso pomposo e veemente, correspondendo a uma fase de polêmicas pessoais e violência física e verbal, bem como apresentando uma linguagem marcada por vocativos, imperativos, repetições, interjeições, subjetivismo, adjetivação e pontuação enfática, como coloca a autora.

A segunda fase, chamada por Gomes (2007) de literário-independente, corresponderia, de acordo com a autora, a um contexto de organização intelectual acompanhado de um aumento no nível de alfabetização. Essa fase abordaria temáticas culturais e científicas, promovendo, assim, uma conjunção entre os homens das letras e a imprensa e propagando acontecimentos sociais, com linguagem composta de detalhes, figuras e poeticidade.

Já a terceira fase, telegráfico-informativa, de acordo com Gomes (2007), estaria situada num contexto de modernização tecnológica, tendo superado a opinião em prol da informação objetiva, passando de uma imprensa romântica para uma imprensa mercadológica, substituindo o estilo detalhista literário pelo estilo simplista telegrafês, com uma linguagem direta, que apresentava mais afirmações que demonstrações, e com repetições reguladas.

Atualmente a concepção de imprensa vigente seria, segundo Gomes (2007), uma concepção capitalista, que vê o público como um mercado, a notícia como mercadoria e o leitor como um cliente, como afirma a própria autora. Essa prática seria a responsável por manter a prática jornalística hoje. De acordo com Gomes (2007, p. 93),

[...] as empresas de jornais buscam conservar a fidelidade dos leitores, por meio de adaptações para atender aos interesses diversos, ao pragmatismo e ao dinamismo modernos, como também reservam um grande espaço publicitário em suas páginas, ambos responsáveis pelo retorno financeiro que sustenta essas empresas. (GOMES, 2007, p. 93)

Ainda quanto à imprensa atual, Gomes (2007) a divide em dois blocos, a saber, o opinativo e o informativo. Segundo a autora, essa divisão teria sido motivada pela modernização dos anos 1950 e 1960. No jornalismo informativo se deteriam, então, gêneros como a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista, enquanto, no jornalismo opinativo, se encontrariam gêneros como o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta, gênero que nos interessa nesta pesquisa.

Sobre os gêneros informativos e opinativos, Gomes (2007) toma González Reyna (1991), que explica que os gêneros informativos seriam constituídos por mensagens que transmitem informação acerca dos fatos, permitindo ao indivíduo conhecer o que outras pessoas fazem ou dizem, a seu redor ou a distância, do qual se informa por meio do jornalista, sendo prevaletentes os tipos textuais expositivo, descritivo e narrativo. Já os gêneros opinativos incluiriam a transmissão de ideias baseadas em fatos, com finalidade opinativa ou questionadora. O tipo textual mais empregado nestes gêneros, dentre os quais se encontra a carta de leitor, seria a argumentação, embora, segundo a autora, ocorram outros tipos em alguns casos.

Como é possível observar através dos dados apresentados por Gomes (2007), podemos afirmar, com a autora, que a modernização da imprensa caminhou paralelamente à modernização da cidade. A autora, inclusive, assume, com Sodré (1999), a tese de que a imprensa teria nascido com o capitalismo e acompanhado seu desenvolvimento. Assim, podemos afirmar que partimos de uma imprensa político-panfletária, que nasce no século XIX, juntamente com o capitalismo, para uma imprensa telegráfico-informativa, situada num contexto de modernização tecnológica e baseada numa concepção capitalista. Assumimos, assim, com Gomes (2007, p. 93), que,

Apesar das divergências, o que de fato define a prática da imprensa é a sua inserção num determinado espaço/tempo histórico e o seu propósito interativo por meio da “produção e recepção” de textos vários num processo dialógico entre os sujeitos históricos. (GOMES, 2007, p. 93)

Acompanhando o percurso histórico da imprensa, conforme relatado por Gomes (2007), pode-se considerar, dentre outros aspectos, que a imprensa e o jornal impresso

mostrariam um contínuo processo de profissionalização, principalmente comparando seu funcionamento na primeira fase, político-panfletária, até seu funcionamento atual. Nesse sentido, a nosso ver, o funcionamento das cartas de leitores, tanto oitocentistas quanto atuais, pode estar ligada tanto a características da imprensa em cada época, quanto aos fatores históricos, culturais e sociais que também influenciavam os meios de comunicação em cada momento histórico, bem como a relação dos leitores com esses meios. É nesse sentido que esta breve exploração do desenvolvimento da imprensa se faz relevante em nosso trabalho.

CAPÍTULO II

A ESTRUTURAÇÃO INTERNA DE SEGMENTOS TÓPICOS MÍNIMOS EM CARTAS DE LEITORES DO SÉCULO XXI

O presente capítulo encontra-se organizado em duas partes. Na seção 2.1, explicamos o *corpus* utilizado e a metodologia de análise. Em 2.2, apresentamos a análise de dados relativamente ao primeiro dos objetivos deste trabalho, que envolve analisar a estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas atuais. A análise referente ao segundo objetivo do nosso trabalho, que diz respeito à comparação entre cartas atuais e cartas oitocentistas, fica reservada para o próximo capítulo.

2.1 Material e metodologia de análise

O presente trabalho empregou um método empírico-indutivo, sendo uma pesquisa de natureza principalmente qualitativa, que compreendeu, de forma complementar, algumas análises simples de frequências de ocorrências de estruturas textuais.

O primeiro passo da pesquisa foi o levantamento do *corpus*, que foi constituído por um conjunto de cartas de leitores extraídas dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, por estarem entre os jornais de maior circulação no estado de São Paulo, sendo as cartas de leitores desses jornais representativas de cartas de leitores de jornais paulistas. De ambos os jornais foram selecionadas cartas do mês de junho de 2015 (primeiro mês de desenvolvimento da análise), como forma de seleção de material representativo do século XXI, para comparação com material do século XIX, conforme estabelecido nos objetivos do trabalho.

A princípio, o projeto de pesquisa previa recolher cartas publicadas ao longo de um mês inteiro, como forma de contemplar possíveis modos diferentes de estruturação de textos distribuídos ao longo de um ciclo mensal do jornal. Porém, no momento de levantamento do material, constatou-se que essa opção, considerando os dois jornais, resultaria num total muito alto de cartas (que ultrapassaria o número de 600 cartas), o que chegaria a inviabilizar a análise. Assim, optou-se pela análise das cartas dos primeiros dias do mês, de modo a recobrir cartas de diferentes tipos e de modo a reunir um número de cartas relativamente alto (para possibilitar a identificação de algum padrão de organização tópica) e, ao mesmo tempo, viável para análise. Assim, foram reunidas 250 cartas no total, distribuídas do início do mês selecionado até o dia 12, as quais constituem, então, o *corpus* do nosso trabalho.

Uma vez selecionado o *corpus* da pesquisa, o passo seguinte consistiu em identificar os SegTs mínimos das cartas, para posterior análise da estruturação interna desses SegTs mínimos. Para a identificação dos SegTs mínimos das cartas, o método utilizado foi o da *análise tópica*, detalhadamente definido em Jubran (2006). O método prevê a identificação da organização tópica do texto mediante a identificação da manifestação de suas propriedades caracterizadoras – a *centração* e a *organicidade*. Esse método permite identificar a estrutura tópica de qualquer texto, por meio de estruturas do tipo exemplificado na Figura 1 da seção 1.2 acima, incluindo a identificação dos SegTs mínimos componentes do texto.

Depois de serem identificados os SegTs mínimos das cartas, o passo seguinte consistiu, então, na análise da estruturação interna dessas unidades. A metodologia utilizada para essa análise foi semelhante à adotada em Penhavel (2010) na análise de SegTs mínimos de textos do gênero relato de opinião. O método envolve a identificação da estruturação interna de SegTs mínimos mediante a verificação da manifestação específica dos traços componentes da propriedade da centração tópica – *relevância*, *concernência* e *pontualização*. A análise de como se materializam esses traços permite identificar partes e subpartes da estruturação interna de SegTs mínimos.

A verificação do modo específico de manifestação dos traços da propriedade de centração consiste em identificar, no interior do SegT mínimo, subgrupos de enunciados, de tal modo que os enunciados no interior de um subgrupo apresentem entre si maior grau de *concernência* do que entre enunciados de subgrupos diferentes. Ou seja, todos os enunciados de um SegT mínimo são concernentes entre si, porém normalmente é possível identificar, dentro de um SegT mínimo, diferentes subgrupos de enunciados de acordo com um maior ou um menor grau de *concernência* existente entre os enunciados do SegT.

Além disso, o método inclui identificar a *relevância* de cada subgrupo de enunciados do SegT, de modo a se reconhecer a função textual predominante de cada subgrupo dentro da construção do SegT. Por exemplo, um subgrupo de enunciados no início de um SegT pode já contribuir com algum desenvolvimento do tópico discursivo, mas, no contexto geral de construção do SegT, pode-se notar que, na verdade, a função primordial daquele conjunto de enunciados ainda seria a de introduzir o tópico (isto é, o subgrupo inicial de enunciados do SegT teria uma função principal de *abertura* do tópico).

Ainda, como uma extensão da noção de *pontualização*, o método inclui o procedimento de identificação de pontos específicos, no decorrer do SegT mínimo, em que ocorreria a passagem de um subgrupo de enunciados para outro subgrupo. Ou seja, o método não se restringe ao reconhecimento das ações linguísticas realizadas em um SegT mínimo,

mas inclui o trabalho de reconhecer segmentos textuais que materializam tais ações, bem como a concepção segundo a qual, de fato, essas ações correspondem a segmentos textuais materializados.

Ainda sobre a análise da estruturação interna de SegTs mínimos, é preciso considerar que, para proceder a tal investigação, não é possível definir, previamente, critérios específicos de análise – na verdade, a apreensão de como se dá essa estruturação é justamente o objetivo da análise. Assim, inicialmente, a segmentação deve ser feita de forma relativamente intuitiva, porém rigorosamente restrita ao domínio da *construção textual-interativa do tópico discursivo*. Nesse sentido, a análise deve ser norteada recorrendo-se, por exemplo, a noções como (i) abertura, desenvolvimento e fechamento de SegT, (ii) alternância entre diferentes cadeias referenciais no decorrer do SegT mínimo etc.

No caso da análise de gêneros textuais semelhantes a outros gêneros cuja estruturação de SegTs mínimos já se encontra descrita, é possível nortear a análise do novo gênero com base em unidades típicas do gênero já estudado. Assim, por exemplo no caso da análise feita no presente trabalho, tomamos como um dos parâmetros de análise a verificação da possível ocorrência, nas cartas de leitores atuais, de unidades já identificadas em cartas de leitores oitocentistas.

O trabalho aqui desenvolvido inclui analisar a estruturação interna de SegTs mínimos para saber se haveria uma regra geral de estruturação no gênero em estudo. Assim, o método de análise deve incluir, naturalmente, a comparação entre as segmentações internas de diferentes SegTs mínimos, para se verificar justamente a possibilidade de existência de alguma característica comum entre elas, isto é, a existência de algum padrão de estruturação de SegTs, que seria a regra geral de estruturação. Realizamos, então, esse procedimento de comparação entre SegTs mínimos inicialmente com um número mais reduzido de SegTs. A cada vez que algum padrão era apreendido nesse conjunto menor de SegTs, a análise era estendida para um conjunto maior de SegTs para confirmação, refutação ou reformulação do padrão inicialmente apreendido. Esse procedimento foi repetido até o momento em que se apreendeu um padrão que, submetido à análise de todas as cartas do *corpus*, mostrou-se presente num percentual expressivo do total de cartas constituintes do *corpus*.

Como procuraremos mostrar no presente capítulo, foi, de fato, possível identificar um padrão de estruturação dos SegTs mínimos, que envolve o encadeamento de unidades que representam *diferentes fases do desenvolvimento do tópico discursivo*.

A última etapa do trabalho compreendeu, enfim, a comparação dos resultados obtidos na análise das cartas atuais com os resultados sobre cartas de leitores do século XIX

sistematizados em Guerra e Penhavel (2010). Para realizar essa comparação, aplicamos a abordagem para estudo diacrônico de processos de construção textual utilizada no Projeto Caipira II, já apresentada no capítulo anterior, na seção 1.4.1. Essa abordagem prevê averiguar traços de mudança e permanência na histórica de processos de construção textual, relacionando esses processos ao desenvolvimento histórico de gêneros textuais. A esse respeito, em nossa investigação, identificamos uma intrínseca relação entre a diacronia da organização intratópica de cartas de leitores e aspectos da evolução histórica desse gênero. O capítulo III adiante é dedicado a discutir essa parte da nossa análise.

2.2 A estruturação de SegTs mínimos em cartas de leitores atuais

2.2.1 Regra geral de estruturação de SegTs mínimos

Ao longo da análise desenvolvida, pudemos constatar que a maioria quase absoluta das cartas de leitores de jornais paulistas atuais apresenta um único tópico discursivo, ou seja, apresenta um único grupo de enunciados com a propriedade da centralização tópica, não havendo, assim, o estabelecimento de relações sequenciais e hierárquicas com outros grupos e (sub)grupos de enunciados em sua organização interna. Assim, quase sempre, cada carta é constituída por um único SegT mínimo. Logo, em cartas de leitores atuais, a análise da estruturação interna de um SegT mínimo coincide, praticamente, com a análise da estruturação inteira da carta.¹³

Conforme apuramos em nossa análise, as cartas de leitores atuais manifestam um padrão de estruturação muito recorrente, tendo este aparecido em 65% dos casos analisados. Dada essa alta incidência, interpretamos este padrão como sendo uma regra geral de estruturação tópica das cartas (ou de SegTs mínimos das cartas).

Essa regra consiste no encadeamento potencial de cinco unidades, que seguem a seguinte ordem: Explicação > Posição > Suporte > Interpelação > Desfecho. Essas unidades constituem diferentes fases do desenvolvimento do tópico discursivo. Nesta seção (2.2.1), explicamos e exemplificamos cada uma dessas unidades, bem como as relações entre elas. Na seção seguinte (2.2.2), discutimos alguns casos que constituem variações em relação a essa regra geral.

¹³ No caso do nosso trabalho, cada carta do *corpus* contém um único tópico discursivo.

Começando com a Explicação, trata-se de uma unidade em que o escrevente introduz o tópico que é abordado na carta. Nessa unidade, o escrevente se empenha em expor um fato ocorrido na sociedade, ou uma matéria publicada no jornal, que será o tópico da carta, sobre o qual ele normalmente vai se posicionar na sequência. O caso mais comum é a exposição de uma matéria publicada no jornal, isto é, o escrevente sintetiza uma publicação, e, em seguida, ele se posiciona sobre a opinião do autor da matéria ou sobre o fato em si.

Basicamente, o uso da sequência textual explicativa/expositiva é o principal critério linguístico-textual para se caracterizar a unidade de Explicação (mais adiante, detalhamos essa diferença entre a Explicação e as unidades seguintes). Como mencionado, normalmente a Explicação aparece como a primeira unidade da carta. A carta em (8), a seguir, ilustra a unidade de Explicação:

(8)	Minha Casa Minha Vida	1
	De acordo com o presidente do Secovi-SP, a inadimplência no programa Minha Casa Minha Vida na faixa de menor renda já era esperada ("Cresce calote no Minha Casa Minha Vida", "Folhainvest", 1º/6).	2 3 4
	Entretanto é curioso um cidadão que adquire um imóvel não conseguir pagar prestações de R\$25 a R\$80.	5 6
	Como o governo não pode tomar a posse desses moradores, por ser único imóvel e contrariar o programa habitacional, torna-se cômodo dever para o governo, onerando os cofres públicos, e a consequência pode ser o aumento dos juros nas faixas superiores para bancar o rombo (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 02/06/2015).	7 8 9 10

Nessa carta, a unidade de Explicação está localizada logo no primeiro trecho, nas linhas de 2 a 4, em que o escrevente introduz o tópico, expondo o fato de que a inadimplência no programa Minha Casa Minha Vida na faixa de menor renda já era esperada. Como pode ser observado, nesse trecho o escrevente não se posiciona explicitamente a respeito do tópico exposto, prevalecendo o tipo textual expositivo.

Além disso, o fato de o trecho vir acompanhado da indicação da proveniência das informações – que são o presidente do Secovi-SP e a matéria do jornal, entre parênteses, da qual provém a afirmação do presidente – evidencia ainda mais que o escrevente não está procurando, nesta parte da carta, elaborar uma opinião ou posicionamento próprios, mas sim explicar e apresentar um fato sobre o qual, posteriormente, vai discorrer e, aí sim, se posicionar ou fazer um pedido, por exemplo.

Cabe salientar que nem sempre a unidade de Explicação contém a referência a alguma matéria do jornal (embora isso ocorra muito frequentemente). Veja-se, por exemplo, a carta em (9), a seguir:

(9)	Maioridade penal	1
	Meu filho foi vítima de assalto, roubo e sequestro por dois jovens.	2
	Não há necessidade de dimensionar a participação de jovens nos crimes. Não importa se um jovem assassino pertença a um universo de cem ou mil delinquentes. Importa que destróçou vidas e famílias. É obrigação do Estado a retirada da sociedade desses jovens que sabem muito bem o que fazem. Pagamos impostos para isso.	3 4 5 6
	Sou a favor da redução da maioridade penal (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 08/06/2015).	7

Nessa carta, no trecho designado como unidade de Explicação, na linha 2, não é feita uma referência sobre o fato apresentado, como faz o escrevente da carta em (8) ao indicar uma matéria do jornal. Em (9), o tópico é introduzido apenas através do relato de um fato de autoria do próprio escrevente.

A título de ilustração, a carta em (10), abaixo, traz mais um exemplo de unidade de Explicação:

(10)	Discurso pronto	1
	Em seu comunicado de renúncia na sede da Fifa, ontem, Joseph Blatter declara: "Embora os membros da Fifa tenham me reelegido presidente, não pareço estar sendo apoiado pelo mundo do futebol, jogadores, clubes, que inspiram a vida no futebol. É por isso que eu vou convocar um congresso extraordinário e colocar minha função à disposição".	2 3 4 5
	Não deveria Dilma Rousseff fazer o mesmo?	6
	O discurso pode ser quase idêntico: "Embora os eleitores tenham me reelegido presidente, não pareço estar sendo apoiada pela população brasileira. É por isso que eu vou colocar minha função à disposição".	7 8 9
	Nunca antes na História deste país futebol e política tiveram tantas semelhanças (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 03/06/2015).	10

Nessa carta, assim como nas anteriores, a unidade de Explicação localiza-se logo no primeiro trecho (nas linhas de 2 a 5), que apresenta claramente um caráter explicativo, evidenciado, neste caso, principalmente, pelo uso da transcrição do comunicado de renúncia de Joseph Blatter, entre aspas, aparentemente a fim de validar a função primordial de exposição desta parte da carta. O posicionamento do escrevente propriamente vem no próximo trecho, através de uma pergunta retórica.

A unidade de Posição, por sua vez, presente na regra geral das cartas é similar à Posição distinguida por Penhavel (2010) no gênero relato de opinião, conforme sintetizado acima no Capítulo I. Nesse gênero, essa unidade consiste, basicamente, em um grupo de enunciados que constroem referências centrais em relação ao tópico do SegT (opondo-se à unidade de Suporte, que reúne enunciados que fazem referências subsidiárias). No caso das cartas de leitores, a Posição é a parte da carta em que o escrevente formula uma tese, sintetiza sua opinião (seu posicionamento) sobre o tópico da carta, geralmente já introduzido na unidade de Explicação. A seguir, a carta em (11) traz um exemplo dessa unidade:

(11)	Quintal do Planalto	1
	A Chácara Santa Luzia é retratada como sendo um quintal - miserável- do Planalto, a área mais rica do país ("Favela cresce a 17 Km do Palácio do Planalto", "Cotidiano", 1º/6).	2 3
	Na realidade, todas as cidades-satélites, que circundam a Ilha da Fantasia, são também quintais do Planalto, pois abrigam os empregados que servem às elites, os moradores de Brasília.	4 5
	Se os quintais próximos estão assim, imagine mais distantes (Folha de S. Paulo, Painel do leitor 02/06/2015).	6

Nesta carta, a unidade de Posição está localizada nas linhas 4 e 5 e é antecedida pela unidade de Explicação, nas linhas 2 e 3. Veja-se, novamente, que, na unidade de Explicação, o escrevente apenas introduz o tópico, expondo (resumindo) o conteúdo abordado em uma matéria do jornal. No caso, na matéria a que a carta reporta, a referida Chácara Santa Luzia é retratada como sendo um miserável quintal do Planalto, que é a área mais rica do país. Nesse trecho, o escrevente não chega a opinar, não se posiciona diretamente quanto à questão.

Em seguida, nas linhas 4 e 5, temos, como mencionado, a unidade de Posição. Nela, como já explicado, o escrevente apresenta uma tese em relação ao tópico introduzido: para ele (escrevente) não apenas a Chácara Santa Luzia é um quintal do Planalto, mas também todas as cidades-satélites que circundam a Ilha da Fantasia. Ao iniciar o período, o próprio uso da construção “na realidade” corrobora a qualificação desta unidade como uma Posição, já que através desta construção o escrevente parece querer dizer algo como: “embora se tenha dito x, na minha opinião, a realidade é y”.

Conforme explicado mais adiante, embora a regra geral contemple as unidades de Explicação, Posição, Suporte, Interpelação e Desfecho, nem todas essas unidades aparecem em uma mesma carta, necessariamente. A carta em questão, por exemplo, ao invés de apresentar um Suporte após a Posição, traz logo o Desfecho, localizado na linha 6, que, assim como as demais unidades, será esclarecido posteriormente.

A seguir, na carta em (12), podemos observar novamente a unidade de Posição:

(12)	Cachê de Lula	1
	O presidente do Instituto Lula justifica o cachê de R\$ 300 mil ao ex-presidente declarando que	2
	"É uma palestra de uma pessoa de sucesso que tem visão do mundo e as pessoas querem saber	3
	como é que ele fez" ("Cachê de Lula não é para qualquer empresa pagar", "Poder", 14/6).	4
	Em que ponto de sua visão o Brasil escapou para estarmos no buraco em que nos encontramos?	5
	(Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 15/06/2015).	6

Desta vez, a Posição, localizada na linha 5, vem antecederida por uma unidade de Explicação, nas linhas de 2 a 4, na qual o escrevente, remetendo a matéria publicada no dia anterior, expõe o fato de que o presidente do Instituto Lula justifica o valor do cachê do ex-presidente alegando que este é uma pessoa de sucesso, com visão de mundo, e que as demais pessoas querem saber como ele fez.

Em seguida, diante do fato exposto, o escrevente elabora sua tese que, desta vez, vem na forma de uma pergunta retórica. Ao se utilizar da pergunta retórica para expor seu posicionamento em relação ao tópico, introduzido através do fato exposto na unidade de Explicação, é como se o escrevente procurasse fazer uma indagação, para, na verdade, afirmar sua posição, ou seja, ao perguntar em que ponto o Brasil escapou da visão de Lula para “estarmos no buraco em que nos encontramos”, o escrevente acaba por afirmar que, como o Brasil não vai bem, não acredita que o ex-presidente Lula tenha visão de mundo, como alega o presidente de seu instituto.

A diferença linguístico-textual central entre Explicação e Posição é a predominância, na Explicação, do tipo textual expositivo *versus* a predominância, na Posição (e no Suporte), do tipo textual argumentativo. Abaixo, em (13), trazemos mais um exemplo de uma carta contendo ambas as unidades, a fim de compará-las:

(13)	Demolição total	1
	Há um ano, em campanha eleitoral, a presidente Dilma bradava que em 2015 a economia iria	2
	"bombar".	3
	Entendida no assunto, ela acertou em cheio.	4
	Com as meias medidas tomadas, que só prejudicam a cadeia produtiva, Dilma jogou uma	5
	bomba na economia e - cabum! - acabou com ela em apenas cinco meses.	6
	Encontramos um campo no qual Dilma é competente... (O Estado de S. Paulo, Fórum dos	7
	leitores, 01/06/2015).	

Nas linhas 2 e 3, podemos observar a unidade de Explicação. Nela o escrevente expõe o fato de que, um ano atrás, Dilma teria bradado, em sua campanha eleitoral, que a economia iria “bombar” em 2015. A nosso ver, a função principal desse trecho seria introduzir o tópico através do relato do fato em questão, para, na sequência, poder avaliá-lo.

A função de relato (e a caracterização da unidade como Explicação) decorreria do uso (predominante), nesse trecho da carta, do tipo textual explicativo. Conforme dissemos acima no capítulo I, a sequência explicativa caracteriza-se por três fases (elementos): (i) apresentar um objeto a ser explicado/problema/questão; (ii) apresentar o núcleo explicativo/resposta; (iii) apresentar uma ratificação/avaliação. Também como dito acima, uma característica das sequências textuais é que elas nem sempre manifestam todos seus elementos. A nosso ver, é justamente isso que acontece nas cartas que têm a Explicação: nessa unidade, ocorre apenas o primeiro elemento da sequência textual explicativa: a apresentação de um objeto, problema ou questão. Isso se verifica na carta em (13), em que é apresentado um objeto: a afirmação da presidente Dilma de que a economia iria bombar.

Uma das marcas linguísticas da sequência explicativa reside no uso de verbos no pretérito imperfeito, o que também ocorre no segmento aqui distinguido como Explicação, já que a forma “bradava”, verbo da oração principal do trecho, encontra-se nesse tempo verbal. Além disso, uma das propriedades da sequência explicativa é que ela visa transformar um estado de conhecimento, acrescentando outros conhecimentos a ele (ao contrário, por exemplo, da sequência argumentativa, que visaria modificar uma crença). Essa propriedade se verifica no trecho aqui destacado como Explicação, já que, nesse trecho, é pertinente reconhecer a função de informar o leitor do fato ali em pauta, e não a função de convencê-lo sobre tal fato.

Na sequência, na linha 4, teríamos, então, uma unidade de Posição. A função principal desse trecho na construção da carta não seria mais a de introduzir o tópico, relatando um fato, mas opinar sobre ele, posicionando-se. Como indício de que aí ocorre outra unidade (não mais Explicação, mas Posição – e Suporte na sequência), pode-se notar, da linha 4 à linha 6, o uso de uma sequência argumentativa (não mais a sequência explicativa da unidade anterior).

Como explicado no capítulo I, a sequência argumentativa caracteriza-se por três elementos: (i) a apresentação de dados (os argumentos), (ii) o escoramento de inferências (*topos*) e (iii) a apresentação de uma conclusão – a conclusão é propriamente a opinião do enunciador, e o segundo elemento fica implícito. Nesse trecho entre as linhas 4 e 6, observa-se esse esquema. A linha 4 seria a conclusão (em que o escrevente assevera que Dilma acertou ao dizer que a economia iria bombar). As linhas 5 e 6 apresentam um argumento para essa

conclusão (a tomada de medidas que prejudicariam a cadeia produtiva). Fica implícito o chamado *escoramento de inferências*, isto é, o *topos* (no caso, a ideia de que tomar medidas prejudiciais à cadeia produtiva destrói a economia).¹⁴

Assim, o segmento na linha 4, sendo a conclusão no esquema da sequência argumentativa, distingue-se do segmento anterior (nas linhas 2 e 3), que se enquadra como parte de uma sequência explicativa (expositiva), o que contribui para a distinção das unidades de Explicação e Posição – como veremos logo abaixo, o segmento nas linhas 5 e 6, sendo uma outra parte da sequência argumentativa (os dados), distingue-se, ainda, como outra unidade, o Suporte.

Como características linguísticas da sequência argumentativa, citamos, no capítulo I acima, o uso de modalizadores, verbos introdutores de opinião, operadores argumentativos e o recurso à autoridade. Na sequência argumentativa aqui em análise, não se verificam esses mecanismos (somente o item *apenas*, que pode ser entendido como um operador argumentativo). De todo modo, pode-se notar, por exemplo, o teor opinativo, fortemente argumentativo (por vezes, irônico), da maioria dos verbos utilizados nesse trecho (caso dos verbos *acertou*, *prejudicam* e *acabou*), que expressam críticas à presidente. Percebe-se também o tom opinativo, crítico, no caso irônico, do segmento “Entendida no assunto”.

Retomando a unidade de Explicação presente nas linhas 2 e 3, é possível julgar o uso da palavra “bradar” como a implicação de um tom crítico por parte do escrevente, o que remeteria a um estatuto mais argumentativo, já que ele poderia ter se utilizado, por exemplo, do verbo “dizer”, que seria mais “neutro”. Porém, o que consideramos, prioritariamente, na análise de uma unidade é a relevância de um tipo textual na estruturação da carta em detrimento de outro tipo. Ou seja, embora possa haver uma palavra ou construção linguística com tom crítico ou avaliativo em uma unidade (o que poderia apontar para uma unidade de Posição, e não de Explicação), o que vai determiná-la como Explicação é, entre outras coisas, o tipo textual mais relevante ou predominante. Como se pode notar, nas linhas 2 e 3 não há expressões propriamente avaliativas, que evidenciaríamos a função opinativa do trecho. Portanto, no caso em (13), o trecho nas linhas 2 e 3 nos parece preencher primariamente o papel de Explicação.

Outro exemplo que demonstra a diferença entre as unidades de Explicação e Posição é a carta em (14), a seguir:

¹⁴ Como explicamos no capítulo I, o *topos* constitui uma pressuposição argumentativa, uma inferência assumida num raciocínio argumentativo, que é base para a ligação entre argumento e conclusão. Por exemplo, quando se diz *José é um bom filho* (conclusão), *pois sempre ajuda os pais* (argumento), assume-se o *topos* segundo o qual bons filhos sempre ajudam os pais.

(14)	MAIORIDADE PENAL	1
	Morte de inocentes	2
	Deu no jornal: “Até virar lei, redução da maioria penal tem um longo caminho”.	3
	Equivale a dizer que até virar lei muita gente inocente ainda vai morrer... (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 05/06/2015).	4

Na carta em questão, podemos observar a unidade de Explicação logo na linha 3. Neste trecho, verifica-se mais uma vez o uso do tipo textual expositivo. Há aí a construção “deu no jornal”, que relata algo ocorrido no jornal e, inclusive, o uso das aspas para citar, com exatidão, o que foi noticiado no jornal. Embora possamos reconhecer um tom avaliativo no uso da construção “deu no jornal” (em comparação com construções, a princípio, mais neutras e menos sucintas como “no dia x o jornal noticiou...”), predominaria aí, no contexto da construção da carta, a ação linguística típica da sequência expositiva de apresentar um problema (a primeira macroproposição dessa sequência). Daí a caracterização do trecho como uma unidade de Explicação. Novamente observa-se a presença apenas do primeiro elemento da sequência explicativa, como no exemplo anterior.

Em seguida, temos a unidade de Posição, na linha 4, em que o tipo textual argumentativo seria predominante. Nesse caso, observa-se apenas uma etapa da sequência argumentativa, a apresentação de uma conclusão, de uma tese. Neste trecho, o escrevente elabora uma tese em relação ao fato exposto na unidade de Explicação, isto é, ele formula uma opinião em relação ao fato de que a redução da maioria penal tem um longo caminho até virar lei. A tese formulada pelo escrevente expressa sua interpretação quanto ao fato exposto na unidade de Explicação, o que é evidenciado pela construção “equivale a dizer”, que é uma evidência de que, no trecho que se segue, o escrevente vai tratar do que ele, escrevente, acha que significa o fato exposto na unidade de Explicação, o que corrobora a classificação do trecho como uma unidade de Posição.

Aqui, convém inserir uma observação importante para o nosso trabalho. Embora, muitas vezes, seja possível identificar uma sequência textual (e, assim, uma unidade intratópica da carta) por meio de mecanismos estritamente linguísticos (como tempo verbal), nem sempre isso é possível. Os mesmos recursos linguísticos são usados em diferentes sequências, por conta de fatores contextuais e de estratégias de construção textual. Por exemplo, na unidade de Explicação da carta em (14), ocorre um verbo no pretérito perfeito, que seria típico da sequência narrativa, porém, na referida carta, o enunciado na linha 3

claramente não integra uma sequência narrativa, sendo muito mais bem analisado como parte de uma sequência expositiva (na qual, um tempo verbal mais típico seria o pretérito imperfeito).

Desse modo, no presente trabalho, embora, sempre que possível, procuremos identificar propriedades estritamente linguísticas indicadoras das sequências textuais e, por extensão, das unidades de estruturação das cartas, consideramos que os principais elementos caracterizadores das sequências (e que mais contribuem para a identificação das unidades das cartas) consistiriam nas macroproposições típicas de cada sequência, isto é, nas ações linguísticas constitutivas das sequências (explicadas no capítulo I acima).

Esses dois últimos exemplos ilustram, então, que um critério para se caracterizar uma unidade como Explicação ou Posição é a maior relevância do tipo textual expositivo ou argumentativo, respectivamente, no contexto da construção textual da carta. A identificação do tipo textual seria o principal critério, juntamente, é claro, com os traços centrais (propriamente definidores) dessas unidades, que são as funções no desenvolvimento do tópico – no caso das unidades de Explicação e Posição, as funções seriam as de introduzir o tópico e formular um posicionamento sobre ele, respectivamente. Com base nesses critérios, é possível distinguir essas duas unidades, que muitas vezes ocorrem separadas, como exemplificado até aqui.

Por outro lado, uma característica muito comum das cartas, no que diz respeito às unidades de Explicação e Posição, é a integração dessas unidades num mesmo trecho textual, formando uma única unidade, como pode ser observado na carta abaixo, em (15):

(15)	Acordo ortográfico	1
	De pleno acordo com Gregorio Duvivier: a recente reforma ortográfica é a coisa mais inútil e despropositada que já vi ("Que ódio", "Ilustrada", 1º/6).	2 3
	Veja-se o caso da palavra "geléia" sem o acento agudo. Como nos mostram os grandes escritores, quando bem empregadas, palavras possuem gosto, cheiro, forma e transmitem a "idéia" (ops!, sem acento também) exata que se quer transmitir (Folha de S. Paulo, Paineis do leitor, 02/06/2015).	4 5 6

Nesta carta, o primeiro trecho, nas linhas 2 e 3, é um exemplo bastante claro de uma unidade de Explicação e Posição integradas. Como podemos observar, o escrevente inicia a carta dizendo que concorda com Gregorio Duvivier e, então, expõe qual é o posicionamento do mesmo, introduzindo aí o tópico. Assim, ao mesmo tempo em que o escrevente expõe um fato – o de que Gregorio Duvivier acha a reforma ortográfica inútil e despropositada – ele se

posiciona, explicitamente, em relação ao fato, dizendo, no caso, que concorda com a opinião relatada.

A presença da unidade de Explicação fica ainda mais evidenciada pela referência que o escrevente faz à matéria do jornal em que tal opinião de Gregorio Duvivier aparece. Já a unidade de Posição se manifesta por conta da clara concordância do escrevente, logo no início do trecho, com a opinião do jornalista (“De pleno acordo com”).

Outro exemplo da integração das unidades de Explicação e Posição é o que podemos observar a seguir, na carta em (16):

(16)	PREFEITURA PAULISTANA	1
	Acertou uma!	2
	Após mostrar só incompetência e disparates, Haddad acertou uma: proibiu a construção de prédios no Pacaembu!	3 4
	É isso aí, o PT só acerta quando nada faz... (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 04/06/2015).	5

Nesta carta, as unidades integradas de Explicação e Posição se encontram no primeiro trecho, nas linhas 3 e 4. Novamente o escrevente inicia o trecho se posicionando, afirmando que Haddad, até então, havia mostrado apenas incompetências e disparates, mas que, agora, havia “acertado uma”. Este trecho é claramente argumentativo e apresenta uma opinião do escrevente. Posteriormente a este trecho, então, se inicia a parte mais expositiva da unidade, logo após os dois pontos, em que o escrevente introduz o tópico, expondo o que é que Haddad fez para ter “acertado uma”: proibiu a construção de prédios no Pacaembu. Ou seja, nesse trecho, o escrevente introduz o tópico através do relato de um fato ocorrido (o de que Haddad proibiu a construção de prédios no Pacaembu) e, ao mesmo tempo, se posiciona sobre esse fato (no caso, aprovando a medida tomada pelo prefeito, como se vê em “acertou uma”). Portanto, nesta carta, novamente, podemos observar claramente a integração das unidades de Explicação e Posição.

A fim de explicitar melhor essa integração das unidades de Explicação e Posição, exibimos, abaixo, na carta em (17), mais um exemplo deste tipo de ocorrência:

(17)	[Reforma política]	1
	Concordo com Bernardo Mello Franco ("Triste fim da reeleição", "Opinião", 31/5). Sou simpático ao instrumento da reeleição, que permite uma espécie de referendo a cada quatro anos para saber se o governante foi bem ou não.	2 3 4

O uso da máquina administrativa ocorre com ou sem a reeleição, e é paradoxal a forma como os deputados votaram, apesar de ainda caber outras votações que não esconderão surpresas.	5 6
A grande dúvida é saber se os parlamentarem [sic] votaram porque estavam em xeque ou em cheque (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 01/06/2015).	7 8

Na carta em (17), a unidade de Explicação e Posição integradas pode ser identificada no primeiro trecho da carta, nas linhas de 2 a 4. Logo no início do trecho, como se pode observar, o escrevente assume concordar com a opinião de Bernardo Mello Franco e, em seguida, no segundo período da unidade, diz ser simpático ao instrumento da reeleição. Ao dizer que concorda com Bernardo Mello Franco e, no período seguinte, expor que é simpático ao instrumento da reeleição utilizando-se do verbo “ser” em primeira pessoa (“sou simpático ao instrumento da reeleição”), o escrevente, ao mesmo tempo, assume mais explicitamente um posicionamento (“sou simpático a”), e deixa claro que este é, também, o posicionamento de Bernardo Mello Franco, com o qual diz concordar no início do trecho. No trecho seguinte, nas linhas 5 e 6, temos uma unidade de Suporte e, por fim, nas linhas 7 e 8, uma unidade de Desfecho. Ambas serão detalhadamente explicadas adiante.

Cabe salientar, entretanto, que estas unidades integradas de Explicação e Posição são bastante diferentes de unidades de Explicação com *tom avaliativo*, como é o caso brevemente explicado da unidade de Explicação da carta em (13), em que o escrevente faz uso da palavra “bradar”, que parece imprimir um tom crítico àquele trecho predominantemente expositivo, ao invés de usar, por exemplo, o verbo “dizer”.

A carta a seguir exemplifica uma unidade de Explicação com tom avaliativo para que se possa compreender com mais clareza a diferença entre unidades de Explicação com tom avaliativo e unidades de Explicação e Posição integradas:

(18) Infraestrutura	1
Muito apropriado o editorial "Atores e Obras" ("Opinião", 9/6) sobre a oportunidade do surgimento de grupos de engenharia para atuação no segmento de obras públicas.	2 3
Temos que rever a lei 8.666/93, que rege as licitações públicas, que impediu que grandes obras tivessem uma disputa concorrencial transparente e competitiva.	4 5
A abertura de mercado, acompanhada de um marco regulatório que proporcione estabilidade jurídica, será benéfica para a economia brasileira e minimizará obras que se arrastam por anos e que consomem parte significativa do orçamento público (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 10/06/2015).	6 7 8

No trecho inicial da carta, nas linhas 2 e 3, há uma construção claramente avaliativa (“Muito apropriado o editorial...”). Porém, apesar dessa avaliação, esse trecho não chega a

formular a posição do escrevente sobre o tema em pauta. A construção avaliativa refere-se ao editorial referido na carta. Esse trecho também não chega a apresentar a própria opinião formulada na matéria; antes, o trecho apresenta o tema da matéria, sem chegar a dizer qual o posicionamento da matéria sobre o tema (tanto que esse trecho usa o termo “sobre”, o que evidencia que está apresentando o tema da matéria).

Pode-se até identificar um posicionamento nesse trecho, o de que o escrevente considera apropriado o editorial em questão, mas não se trata do posicionamento central da carta sobre o qual o escrevente discorre. O ponto de vista defendido na carta não é o de que o editorial é apropriado. Na verdade, o ponto de vista central da carta é apresentado na sequência, nas linhas 4 e 5: “Temos que rever a lei 8.666/93...”. Este ponto de vista aí formulado é, inclusive, sustentado na sequência, nas linhas de 6 a 8, por uma unidade de Suporte (que veremos mais adiante), em que o escrevente apresenta um argumento para defender a posição formulada nas linhas 4 e 5.

A nosso ver, o trecho nas linhas 2 e 3 funciona, na verdade, como uma apresentação do tema. O que é exposto aí seria equivalente a dizer que o referido editorial aborda o tema *x* (acrescentando, o escrevente, o comentário de que o editorial é apropriado). Após apresentar isso, o escrevente então, nas linhas 4 e 5 diria: “a respeito de *x*, minha posição é a seguinte ...” (e, na sequência, ele ainda acrescentaria um argumento sustentando essa posição).

Seguindo essa análise é que consideramos que o trecho nas linhas 2 e 3, embora não deixe de ter um tom avaliativo e até apresentar algum posicionamento, não contém a própria posição central da carta. Por isso, não consideramos que nessa carta haveria Explicação e Posição integradas. O que haveria seria “apenas” uma Explicação com um tom avaliativo, estando a Posição separada numa unidade seguinte.

Note-se que essa é uma situação diferente do que ocorre, por exemplo, na carta em (15), que é um caso típico da integração de Explicação e Posição. Aí, o trecho inicial da carta diz: “De pleno acordo com Gregorio Duvivier: a recente reforma ortográfica é a coisa mais inútil e despropositada que já vi (“Que ódio”, “Ilustrada”, 1º/6)”. Como se vê, nesse trecho o escrevente introduz o tópico, ao relatar a opinião do autor da matéria, e se posiciona sobre esse tópico, dizendo que assume a mesma opinião do autor da matéria, e é exatamente essa opinião a que é desenvolvida no restante da carta, por meio de um argumento que a sustenta.

Portanto, a presença de palavras ou construções linguísticas que implicam qualificações ou críticas em um trecho que possui função predominantemente expositiva não chega a caracterizar o trecho propriamente como Posição ou como uma unidade integrada de Explicação e Posição, mas “apenas” atribui à Explicação um tom também avaliativo.

Como indicam os exemplos mostrados até aqui, é possível pensar num contínuo entre as diferentes possibilidades de realização das unidades de Explicação e Posição. Num extremo do contínuo, temos a unidade Explicação mais puramente expositiva, quando há um predomínio bem acentuado do tipo textual expositivo. Num segundo ponto do contínuo, estariam as unidades de Explicação que apresentam o que chamamos de um *teor avaliativo*. Nesses casos, a unidade de Explicação contém alguma palavra ou construção linguística que imprime uma qualificação, ou uma indicação da opinião do escrevente sobre o fato exposto, embora isso não seja ainda suficiente para se reconhecer aí a unidade Posição, pois ainda não chega a ficar expressa nesse trecho a opinião central da carta (a qual é exposta mais adiante no decorrer da carta). Nesses casos, predomina ainda o tipo textual expositivo, mas já há uma presença mais expressiva do tipo argumentativo. Num ponto adiante do contínuo, encontram-se os casos em que ocorreria a integração das unidades de Explicação e Posição, quando, num mesmo trecho da carta, características típicas dessas duas unidades aparecem com a mesma relevância, fazendo com que uma única unidade cumpra a dupla função de introduzir o tópico, expondo um fato, e mostrar um posicionamento em relação ao tópico, formulando uma opinião sobre o fato apresentado. Por fim, num outro extremo do contínuo, em oposição à unidade de Explicação sozinha, estariam situadas unidades apenas de Posição, na qual temos uma predominância do tipo textual argumentativo.

A unidade seguinte que distinguimos na regra geral de estruturação das cartas de leitores é o Suporte. Esta unidade, assim como a de Posição, é semelhante à unidade de Suporte definida em Penhavel (2010) em relação ao gênero relato de opinião. Consiste, basicamente, em um trecho da carta que procura desenvolver aspectos mais específicos do tópico e expor argumentos que sustentem a tese formulada na Posição, com a qual mantém uma relação subsidiária.

Assim, Posição e Suporte complementam-se na construção da carta, construindo, respectivamente, referências centrais e referências subsidiárias em relação ao tópico nuclear da carta (que está mais diretamente expresso na Posição). Em outros termos, essas unidades diferenciam-se uma da outra na medida em que a primeira formula aspectos gerais do tópico, enquanto a segunda desenvolve aspectos específicos.

Abaixo, na carta em (19) segue um exemplo desta unidade:

- | | | |
|------|---|---|
| (19) | Pagando pecados alheios | 1 |
| | Fernando Henrique Cardoso assevera que o PT está pagando os seus pecados. | 2 |
| | Todavia podemos acrescentar que, na verdade, é o povo quem está pagando os pecados do | 3 |

lulopetismo.	4
Porque está sendo oprimido com inflação, desemprego e ameaças a seus direitos trabalhistas.	5
Na verdade, o povo foi chamado para tapar os ralos e buracos feitos pelos assaltantes do lulopetismo, bastando lembrar que metade do que foi surrupiado da Petrobrás daria para suportar todo o ajuste fiscal imposto por dona Dilma.	6
	7
	8
O difícil é pagar pecado sem nada dever! (O Estado de S. Paulo, Fórum dos Leitores, 01/06/2015).	9

No primeiro trecho da carta, na linha 2 temos uma unidade de Explicação, em que o escrevente expõe que Fernando Henrique Cardoso assevera que o PT está pagando os seus pecados. Em seguida, nas linhas 3 e 4, temos uma unidade de Posição, em que o escrevente defende a tese de que, na verdade, quem está, de fato, pagando os pecados do lulopetismo é o povo.

Em seguida, nas linhas de 5 a 8, temos a unidade de Suporte. Como podemos observar, esta unidade procura sustentar a Posição citando alguns dos motivos pelos quais, segundo o escrevente, é o povo quem está pagando os pecados do lulopetismo. Dentre estes motivos, o escrevente argumenta, por exemplo, que o povo está sendo oprimido pela inflação, pelo desemprego e pela ameaça aos seus direitos trabalhistas, e que está tendo que arcar com os problemas criados pelo lulopetismo (“tapar os ralos e buracos feitos pelos assaltantes do lulopetismo”). Note-se que, ao contrário da unidade de Posição, que formula uma opinião mais genérica e abrangente em relação ao tópico central da carta (“é o povo quem está pagando os pecados do lulopetismo”), a unidade de Suporte, por sua vez, desenvolve pontos mais específicos relacionados a esse tópico (inflação, desemprego, ameaça aos direitos trabalhistas).

Nesse sentido, conforme já adiantado mais acima, pode-se notar que o Suporte se diferencia da Posição, e até mesmo da Explicação, por corresponder a uma parte de uma sequência textual argumentativa. Enquanto a Explicação faz uso (de parte) de uma sequência expositiva, e a Posição faz uso de uma parte de uma sequência argumentativa – a apresentação da conclusão –, o suporte está baseado em outra parte da sequência argumentativa, a apresentação de dados.

A seguir, podemos observar, mais uma vez, a manifestação da unidade de Suporte:

(20) Acordo ortográfico	1
Oportuno o texto de Gregório Duvivier ("Que ódio", "Ilustrada", 1º/6). A reforma ortográfica é uma violência leso-idioma, pois fere a essência de se escrever o que se fala e vice-versa.	2
	3
O trema não é acento, mas apoio fundamental para a pronúncia da letra "u" em situações de	4

"que", "qui", "gue" e "gui".	5
É recomendável o cancelamento do decreto.	6
O idioma agradece (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 03/06/2015).	7

No primeiro trecho da carta em (20), nas linhas de 2 e 3, acima, temos uma unidade de Explicação e Posição integradas. Neste trecho, o escrevente expõe o fato de que Gregório Duvivier publicou um texto sobre a reforma ortográfica (intitulado “Que ódio”, na seção “Ilustrada” de 1º/6) e relata que, nesse texto, Duvivier defende a opinião de que a reforma ortográfica seria uma violência leso-idioma. Observe-se que, ao mesmo tempo, o escrevente, ao qualificar o texto de Duvivier como oportuno, assume também como sua essa opinião. Assim o trecho nas linhas 2 e 3 perfaz também a unidade de Posição.

Em seguida, temos, então, a unidade de Suporte, que trata da importância do trema e de como é um apoio fundamental para a pronúncia da letra “u” em situações de “que”, “qui”, “gue”, “gui”. Observe-se que, na unidade de Suporte, o escrevente passa de uma questão genérica, que é a reforma ortográfica como violência leso-idioma, assumida na unidade de Explicação/Posição, para uma questão específica, que é a importância do trema. Logo, os enunciados nas linhas 4 e 5 procuram sustentar a unidade de Posição, apresentando argumentos subordinados ao posicionamento do escrevente, constituindo, assim, uma unidade de Suporte.

Apresentamos, na carta em (21), mais um exemplo desta unidade:

(21) Plantar e colher	1
O título de um editorial do Estado me chamou a atenção: <i>PT colhe o que plantou</i> (3/6, A3).	2
Plantou o quê? Colheu o quê? O PT nunca plantou nem colheu nada, é muito trabalhoso.	3
Sempre teve uma existência parasitária, de sanguessuga, verme, erva daninha. Surgiu dos sindicatos, seus membros, que não trabalham, ganham salários, têm estabilidade no emprego e vivem do recolhimento obrigatório das “contribuições” dos que trabalham. Ao chegar ao poder, duplicou os ministérios para acomodar suas infinitas ventosas. Exauriu o que de bom foi conquistado em governos anteriores. Sugou e continua sugando no mensalão, na Petrobrás, nas estatais e seus fundos de pensão, no FGTS (patrimônio dos trabalhadores que pagam aos sindicatos), no Banco do Brasil, na Caixa, no BNDES – onde o vampirismo é protegido por sigilo.	4 5 6 7 8 9 10 11
Os petistas nunca plantaram nem colheram. Vivem se alimentando dos elementos que ajudam a decompor (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 07/06/2015).	12 13

Na carta em (21), temos, na linha 2, uma unidade de Explicação, na qual o escrevente introduz o tópico através da exposição do fato de que o jornal havia publicado um

determinado editorial, cujo título (“PT colhe o que plantou”), que, neste caso, sintetiza o tópico central da carta, teria chamado sua atenção. Em seguida, na linha 3, temos a unidade de Posição, na qual o escrevente assume um posicionamento em relação ao tópico, o de que o PT nunca teria plantado nem colhido nada, por ser algo muito trabalhoso.

É a partir da linha 4, até a linha 11, que o escrevente, enfim, desenvolve a unidade de Suporte, aqui em questão. Nesse trecho, o escrevente segue apresentando uma série de argumentos que procuram sustentar a Posição de que plantar ou colher algo não é possível para o PT, pois dá trabalho. Dentre esses argumentos, podemos observar que o escrevente diz, por exemplo, que o PT sempre teve uma existência parasitária, que surgiu de sindicato, que tem membros que não trabalham e são remunerados, tendo estabilidade no emprego e vivendo de contribuições dos trabalhadores, que é um partido que duplicou ministérios para “acomodar suas infinitas ventosas”, dentre outras coisas. Note-se que todos estes argumentos apresentados na unidade de Suporte estão subordinados à tese de que o PT não seria capaz de plantar ou colher algo, seja de bom ou de ruim.

A seguir, em (22) expomos um último exemplo da manifestação da unidade de Suporte:

(22)	Eleição turca	1
	A excelente definição por Clóvis Rossi da "faceta autoritária" do governo turco ("Turquia, a nostalgia do sultão", "Mundo", 7/6) não nos surpreende.	2 3
	Ao voltarmos ao ano de 2007, relembramos a indiferença do governo turco no episódio do atentado ao jornalista de origem armênia Hrant Dink, que se deu em virtude de sua opinião contrária à do governo e favorável ao reconhecimento do genocídio armênio de 1915 e que, neste ano, é rememorado pelo seu centenário (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 09/06/2015).	4 5 6 7

No primeiro trecho da carta acima, em (22), temos, nas linhas 2 e 3, uma unidade de Explicação e Posição integradas. Como podemos ver, o escrevente já inicia o trecho com uma qualificação (“excelente”), no caso, uma qualificação da definição que Clóvis Rossi faz do governo turco. Ou seja, o escrevente, além de fazer uma qualificação, expõe um fato, a saber, o de que Clóvis Rossi definiu a “faceta autoritária” do governo turco, em texto intitulado “Turquia, a nostalgia do sultão”, em seção do jornal denominada “Mundo”, publicado no dia 7/6, configurando a presença da unidade de Explicação no trecho em questão. Em seguida à qualificação e exposição do fato, que introduziu o tópico, o escrevente assume que essa “excelente” definição da “faceta autoritária” do governo turco não nos surpreende, exprimindo, assim, uma opinião própria em relação ao tópico, o que configura também a presença da unidade de Posição em um trecho que é, na mesma medida, explicativo.

No trecho seguinte, nas linhas de 4 a 7, temos, então, a unidade de Suporte. Mais uma vez, podemos observar que essa unidade desenvolve um argumento em relação ao posicionamento do escrevente, relativo ao tópico central, exposto na unidade de Posição, tratando de ponto(s) específico(s) dele. Neste caso, tendo como Posição a previsibilidade da faceta autoritária do governo turco (“não nos surpreende”), o escrevente desenvolve a unidade de Suporte tratando de um ponto específico dessa faceta autoritária: relembrando a indiferença do governo turco em episódio de atentado contra um jornalista armênio, que se deu em virtude de sua opinião contrária ao governo. Ou seja, o escrevente se utiliza da exposição de uma situação passada, em que o governo turco foi autoritário, para sustentar sua opinião de que a “faceta autoritária” do governo turco “não nos surpreende”.

Em síntese, a unidade de Suporte constitui um grupo de enunciados que apresentam referências subsidiárias em relação ao tópico nuclear da carta e às referências centrais veiculadas na unidade de Posição. Quanto ao uso de sequências textuais, o Suporte se distingue das demais unidades da carta por envolver o uso da sequência argumentativa, particularmente seu elemento relativo à apresentação de dados.

Outra unidade integrante da regra geral de estruturação interna das cartas de leitores em análise é a unidade de Interpelação que, assim como a unidade de Desfecho (que será exposta adiante), seria uma unidade de fechamento do tópico discursivo. Esta unidade consiste em um segmento da carta com a função de fazer uma reivindicação, fazer um pedido, solicitar uma ação relativamente ao tópico discutido até então na carta. A seguir, apresentamos exemplos que trazem esta unidade:

(23)	Passeio de bicicleta	1
	O leitor Fulano de Tal (Painel do leitor, 2/6) reclama de a presidente ter aparecido andando de bicicleta, pois a segurança no Rio está "ridícula".	2 3
	Fulano, ela estava em Brasília, tem o direito de andar de bicicleta ou a pé como qualquer um de nós.	4 5
	Ela não é a responsável direta pela segurança no Rio.	6
	Critique o que deve ser criticado, o cardápio está cheio de possibilidades, mas deixe a mulher andar de bicicleta em paz (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 03/06/2015).	7 8

Na carta em (23), temos, no primeiro trecho, nas linhas 2 e 3, uma unidade de Explicação, na qual o escrevente apresenta o tópico da carta, expondo o fato de que um leitor, em outra carta, teria reclamado de a presidente ter aparecido andando de bicicleta enquanto,

no Rio, segundo ele, a segurança estaria precária. Em seguida, temos, na linha 4 e 5, uma unidade de Posição, em que o escrevente formula sua opinião a respeito do tópico, alegando que a presidente teria, sim, o direito de andar de bicicleta, como qualquer cidadão. Na sequência, na linha 6, o escrevente insere uma unidade de Suporte, sustentando aí sua opinião por meio do argumento de que a presidente não seria responsável direta pela segurança no Rio.

A unidade de Interpelação, aqui em foco, pode ser observada no último trecho da carta, nas linhas 7 e 8. Nesse trecho, o escrevente claramente finaliza o desenvolvimento do tópico, fazendo a solicitação de que o leitor referido na carta critique apenas aquilo que, de fato, possa ser criticado, e pedindo que tal leitor deixe a presidente andar de bicicleta em paz.

A Interpelação pode ser distinguida das demais unidades da carta por fazer uso preponderante do tipo textual injuntivo. Como explicado no capítulo I, a ação linguística geral realizada pela sequência injuntiva seria direcionar, orientar, que é justamente a ação que se pode ver nas linhas 7 e 8 do exemplo em pauta. Na dimensão linguística, as marcas identificadoras da sequência injuntiva são modos e tempos verbais no imperativo, infinitivo ou futuro do presente, vocativo, verbos performativos etc. No caso em análise, o tipo injuntivo e, por extensão, a unidade de Interpelação ficam evidentes pelo uso dos imperativos “critique” e “deixe”.

Outro exemplo da unidade de Interpelação pode ser observado na carta em (24), a seguir:

(24)	Vontade popular	1
	O deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) está certíssimo ao afirmar que o problema da diminuição da maioria penal é da sociedade, e não do governo.	2 3
	É dever do governo – e dos legisladores – governar de acordo com a vontade popular. E 90% da sociedade está pedindo essa mudança agora. Porém um governo com 10% de aprovação quer impedi-la.	4 5 6
	Srs. deputados, não protelem mais essa importante decisão. Votem corajosamente.	7
	O povo vai agradecer (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 12/06/2015).	8

Nesta carta, vemos, nas linhas 2 e 3, as unidades de Explicação e Posição integradas. Aí, o escrevente introduz o tópico, relatando que o deputado Eduardo Cunha teria afirmado que o problema da diminuição da maioria penal seria da sociedade, e não do governo. Nesse mesmo trecho, o escrevente formula a opinião a respeito do tópico que é desenvolvida

no restante da carta, dizendo que o referido deputado estaria “certíssimo” na afirmação feita. Em seguida, nas linhas de 4 a 6, temos uma unidade de Suporte, em que o escrevente argumenta quanto ao seu posicionamento, procurando sustentá-lo. Nesse Suporte, o escrevente defende que a afirmação do deputado estaria certa porque o governo deveria governar de acordo com a vontade popular e porque a maior parte da sociedade estaria pedindo a mudança envolvida na fala do deputado.

Na linha 7, o escrevente formula, então, a unidade de Interpelação, dirigindo aos deputados a solicitação de que não protelem mais e votem a questão em pauta. Ou seja, após introduzir o tópico, posicionar-se em relação a ele (nas unidades integradas de Explicação e Posição) e sustentar (no Suporte) a posição assumida, o escrevente, na unidade de Interpelação, dirige a um sujeito (no caso, um conjunto de deputados) uma solicitação referente ao tópico em questão. Nesse caso a unidade de Interpelação é também explicitada por verbos no imperativo (“protelem” e “votem”), bem como pelo vocativo “Srs. deputados”.

Seguindo Guerra e Penhavel (2010), consideramos que a solicitação, caracterizadora da unidade de Interpelação, pode ser feita de forma *direta* ou *indireta*. Em casos como os exemplificados em (23) e (24), consideramos que ocorre uma Interpelação *direta*, pois os verbos no imperativo explicitam, veiculam diretamente uma solicitação. Já em outros casos, a solicitação é feita de forma indireta, sendo veiculada por meio de perguntas retóricas ou de atos de fala diretivos indiretos (que expressam, por exemplo, desejos do escrevente ou a necessidade de realização de uma ação). O exemplo em (25) ilustra uma Interpelação *indireta*:

(25)	Reforma política	1
	A coluna "Radiografia", de André Singer ("Opinião", 30/5), foi perfeita. Reflete uma realidade	2
	que pode ser resumida na seguinte constatação: os parlamentares brasileiros não promoverão	3
	mudanças que possam sanear o mar de lama em que se transformou o mundo da política neste	4
	país.	5
	Se não houver uma vigorosa manifestação da sociedade, não vai acontecer nada que possa	6
	alterar o quadro atual (Folha de S. Paulo, Painel do Leitor, 01/06/2015).	7

Como podemos observar temos, primeiramente, nas linhas de 2 a 5, uma unidade de Explicação e Posição integradas, na qual, o escrevente introduz um tópico e, em seguida, formula uma opinião a respeito dele. Neste caso, no primeiro período da unidade, o escrevente faz essa introdução ao tópico, expondo que no dia 30/5, André Singer publicou, na seção “Opinião” do jornal, uma coluna intitulada “Radiografia”, a qual o escrevente julga “perfeita”, qualificação que dá um tom avaliativo ao trecho mais expositivo da unidade. Em seguida, o escrevente formula, de fato, sua opinião, dizendo que a coluna em questão reflete a realidade

de que “os parlamentares brasileiros não promoverão mudanças que possam sanear o mar de lama em que se transformou o mundo da política neste país”, o que caracteriza a unidade de Posição integrada a esta unidade em questão.

Por fim, no último trecho da carta, nas linhas 6 e 7, o escrevente elabora a unidade de Interpelação indireta. A nosso ver, esta unidade traz uma solicitação implícita, na qual o escrevente, ao dizer que “se não houver uma vigorosa manifestação da sociedade, não vai acontecer nada que possa alterar o quadro atual”, na realidade, está solicitando que tal manifestação aconteça, para que, assim, o quadro atual possa ser alterado.

Finalmente, a última unidade distinguida na regra geral das cartas de leitores atuais consiste no que estamos chamando de unidade de Desfecho, que também seria uma unidade de fechamento tópico. O Desfecho constitui um trecho da carta dedicado a elaborar uma avaliação final sobre o tópico discursivo, abordado no decorrer da carta, consistindo num comentário aparentemente provocativo, com a função de veicular o que se poderia considerar como uma “lição de moral”, sendo, também, uma unidade de fechamento tópico. Trata-se de uma unidade da carta que se utiliza, muitas vezes, de trocadilhos, provérbios populares, frases feitas, expressões cristalizadas, ironia, ou de construções que imprimem um tom comicamente crítico em relação ao tópico desenvolvido ao longo da carta. Abaixo, em (26), retomamos o exemplo discutido acima em (17), que, a nosso ver, ilustra bem a unidade de Desfecho:

(26)	[Reforma política]	1
	Concordo com Bernardo Mello Franco ("Triste fim da reeleição", "Opinião", 31/5). Sou simpático ao instrumento da reeleição, que permite uma espécie de referendo a cada quatro anos para saber se o governante foi bem ou não.	2 3 4
	O uso da máquina administrativa ocorre com ou sem a reeleição, e é paradoxal a forma como os deputados votaram, apesar de ainda caber outras votações que não esconderão surpresas.	5 6
	A grande dúvida é saber se os parlamentarem [sic] votaram porque estavam em xeque ou em cheque (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 01/06/2015).	7 8

Como mencionamos anteriormente, podemos observar, nas linhas de 2 a 4, as unidades de Explicação e Posição integradas. Nesse primeiro trecho, o escrevente expõe um tópico (no caso, relata que Bernardo Mello Franco, em texto intitulado “Triste fim da reeleição”, publicado na seção “Opinião” da *Folha de S. Paulo*, em 31/05, teria se mostrado favorável ao instrumento da reeleição) e, ao mesmo tempo, posiciona-se em relação a esse tópico (concordando com o posicionamento de Bernardo). No segundo trecho da carta, nas linhas 5 e 6, temos uma unidade de Suporte, que se verifica pelo fato de o escrevente da carta, neste trecho, desenvolver argumentos específicos em prol de seu posicionamento

(mobilizando, nesse caso, alguns argumentos, como, por exemplo, o uso da máquina administrativa e a forma como os deputados votaram a questão da reeleição).

Finalmente, nas linhas 7 e 8, temos a unidade de Desfecho, aqui em foco. Nesse trecho, o escrevente faz uma finalização da carta, saindo um pouco do fluxo de discussão que vinha se desenvolvendo na unidade anterior, de Suporte (a qual pontuava questões mais específicas em relação ao tópico central), e formula a unidade de Desfecho, dizendo que a grande dúvida em relação ao instrumento da reeleição “é saber se os parlamentares votaram porque estavam em xeque ou em cheque”, fazendo, assim, uma avaliação final a respeito do tópico. Esta unidade se verifica, entre outros aspectos, em decorrência do ar provocativo aí instaurado, resultante do emprego do trocadilho “estavam em xeque ou em cheque”. O trecho em questão assume, assim, um tom irônico e crítico, além de concluir a carta de modo breve.

Outro exemplo em que podemos observar a unidade de Desfecho é o da carta em (27):

(27)	[Quintal do Planalto]	1
	O governo dizia numa extensiva campanha publicitária que "país rico é país sem pobreza" e, a	2
	apenas 17 Km do Palácio do Planalto, cerca de 12 mil pessoas vivem na extrema miséria.	3
	Vemos mais uma vez que tudo não passou de propaganda criada por marqueteiros que se	4
	preocupam somente em ganhar eleições enquanto muitos brasileiros continuam a viver em	5
	bolsões de pobreza e em condições sub-humanas.	6
	A mentira tem perna curta (Folha de S. Paulo, Painel do Leitor, 02/06/2015).	7

Em (27), nas linhas 2 e 3 identificamos uma unidade de Explicação. A nosso ver, esse trecho é dedicado principalmente à exposição de fatos, no caso, ao relato de que a campanha publicitária do governo era “país rico é país sem pobreza” e de que a 17 Km do Palácio do Planalto haveria cerca de 12 mil pessoas vivendo na extrema miséria, configurando um trecho em que prevalece o tipo textual expositivo e que tem por função primordial a introdução do tópico. Já a próxima unidade, nas linhas de 4 a 6, configura-se como uma unidade de Posição. Nesta unidade, o escrevente formula um trecho argumentativo sobre o tópico apresentado nos fatos expostos na unidade de Explicação, posicionando-se sobre a campanha do governo, que julga como uma “propaganda criada por marqueteiros preocupados somente em ganhar eleições”. Por fim, na linha 7, temos a unidade de Desfecho. Nessa linha, o escrevente encerra o desenvolvimento do tópico discursivo com o provérbio segundo o qual “mentira tem perna curta”, finalizando a carta de modo sucinto.

Novamente esta unidade pode ser observada abaixo, no exemplo em (28):

(28)	[Estatais]	1
	Ao rejeitar a ideia do projeto que altera a maneira de nomeações de diretores das estatais, depois de tudo que ocorreu na Petrobras, a presidente Dilma só demonstra que não se diferencia absolutamente em nada dos demais políticos.	2 3 4
	É peça importantíssima no toma lá dá cá (Folha de S. Paulo, Painel do Leitor, 07/06/2015).	5

Nesta carta, temos, no primeiro trecho, nas linhas de 2 a 4, uma unidade de Explicação e Posição integradas, na qual o escrevente procura, simultaneamente, introduzir o tópico e formular uma opinião sobre ele. Como podemos observar, o escrevente inicia o trecho expondo o fato de que Dilma rejeitou a ideia de um projeto que alterava a maneira de nomeações de diretores de estatais. Em seguida, no mesmo trecho, o escrevente formula uma opinião: para ele, escrevente, a partir do ocorrido na Petrobras, o fato de Dilma rejeitar a ideia do projeto demonstra que ela é igual aos demais políticos (“Dilma só demonstra que não se diferencia absolutamente em nada dos demais políticos”). Vemos aí, então, uma única unidade que traz, respectivamente, um trecho expositivo e um trecho avaliativo.

Em seguida, e por fim, temos a unidade de Desfecho. Nesta unidade, como mencionamos, o escrevente procura, então, finalizar o tópico, de modo bastante breve e sucinto, neste caso, utilizando-se de um tom que, a nosso ver, é bastante crítico, pois retrata a presidente como “peça importantíssima”, fazendo uma alusão aos jogos em que peças são manipuladas. Além disso, o trecho também traz o trocadilho popular “toma lá dá cá”, que acrescenta um tom ainda mais pejorativo no uso da construção “peça importantíssima”.

No que diz respeito ao uso de sequências textuais para distinção das partes da carta, a situação parece não se resolver de forma mais clara, como no caso das unidades anteriores. Uma análise interessante é observar que o Desfecho assemelha-se bastante ao último elemento da sequência narrativa, a moral. De certo modo, o Desfecho pode até ser definido justamente como uma moral da história, uma conclusão final, uma generalização, depois da discussão feita na carta.

De todo modo, outra análise, que nos parece talvez mais apropriada, é ver o Desfecho como parte da sequência argumentativa. Silva (2008) distingue, na sequência argumentativa, um elemento diferente dos considerados aqui (apresentação de dados, apresentação de conclusão e escoramento de inferência), que seria a *síntese*. A autora esquematiza a sequência argumentativa em três fases: *tese* (que estaria mais próxima do que consideramos como conclusão), *argumentação* (que seriam os dados) e *síntese* (que seria uma retomada e/ou

reformulação da tese) – a autora não chega a citar um elemento correspondente ao escoramento de inferência. Em certo sentido, o Desfecho opera justamente uma retomada (uma reformulação) da tese/conclusão formulada na unidade de Posição, podendo ser pensado como correspondendo à *síntese*.

A título de ilustração, trazemos um último exemplo desta unidade, em (29), que permite pensá-la como *síntese*, no contexto de uma sequência argumentativa:

(29)	Pagando pecados alheios	1
	Fernando Henrique Cardoso assevera que o PT está pagando os seus pecados.	2
	Todavia podemos acrescentar que, na verdade, é o povo quem está pagando os pecados do lulopetismo.	3 4
	Porque está sendo oprimido com inflação, desemprego e ameaças a seus direitos trabalhistas.	5
	Na verdade, o povo foi chamado para tapar os ralos e buracos feitos pelos assaltantes do lulopetismo, bastando lembrar que metade do que foi surrupiado da Petrobrás daria para suportar todo o ajuste fiscal imposto por dona Dilma.	6 7 8
	O difícil é pagar pecado sem nada dever! (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 01/06/2015).	9

No primeiro trecho da carta, na linha 2, temos uma unidade de Explicação, em que o escrevente introduz o tópico da carta através da exposição do fato de que Fernando Henrique Cardoso assevera que o PT está pagando os seus pecados. Em seguida, nas linhas 3 e 4, o escrevente formula uma opinião a respeito do tópico introduzido, assumindo a tese de que “o povo é quem está pagando os pecados do lulopetismo” e configurando o trecho como uma unidade de Posição.

Nas linhas de 5 a 8, então, temos uma unidade de Suporte, que vem argumentar em favor da tese formulada na unidade de Posição, e o faz citando alguns dos motivos pelos quais, segundo o escrevente, é o povo quem está pagando os pecados do lulopetismo e argumenta, entre outras coisas, que o povo é quem está tendo que arcar com os problemas criados pelo lulopetismo. Ou seja, nesta unidade o escrevente elabora diversos argumentos mais específicos em relação ao tópico central.

Finalmente, na linha 8, temos a unidade de Desfecho, tipicamente sucinta, finalizando o tópico em questão. Pode-se notar que a ideia expressa aí (é difícil, para o povo, pagar pecado sem nada dever) é uma retomada e uma síntese do que é dito na tese/conclusão apresentada na unidade de Posição (onde consta a ideia de que o povo está, indevidamente, pagando pecados que são, na verdade, do chamado lulopetismo).

Outros exemplos desta unidade podem ser observados em casos anteriores, utilizados para demonstrar outras unidades, como na linha 8 da carta em (24), nas linhas 12 e 13 da carta em (21), na linha 5 da carta em (16), na linha 7 da carta em (13), na linha 6 da carta em (11) e na linha 10 da carta em (10), o que evidencia a alta recorrência desta unidade.

Em resumo, até aqui mostramos cartas que se estruturam internamente com base na combinação das unidades de Explicação, Posição, Suporte, Interpelação e Desfecho. O quadro a seguir reúne os principais traços definidores dessas unidades:

Quadro 5: Traços caracterizadores das unidades de estruturação de cartas de leitores atuais

Unidade intratópica	Função no desenvolvimento do tópico	Sequência textual predominante / etapa da sequência (ou ação) envolvida
Explicação	Introdução do tópico	Sequência explicativa / apresentação de um objeto, problema ou questão
Posição	Formulação de posicionamento sobre o tópico (construção de referências centrais em relação ao tópico)	Sequência argumentativa / apresentação de conclusão
Suporte	Formulação de argumentos que sustentam o posicionamento (construção de referências subsidiárias em relação ao tópico)	Sequência argumentativa / apresentação de dados
Interpelação	Solicitação em relação ao tópico	Sequência injuntiva / direcionar, orientar
Desfecho	Fechamento do tópico	Sequência argumentativa / apresentação de síntese

As características aí resumidas foram explicadas no decorrer das análises acima, mas acreditamos que a síntese feita nesse quadro possa oferecer uma visão mais geral e completa de como as unidades se distinguem umas das outras.

A estruturação de cartas com base nessas unidades pode ser considerada, a nosso ver, como um padrão, ou regra geral, altamente regular de estruturação de cartas de leitores. Em nossa pesquisa, 65% das cartas analisadas (158, de um total de 250 analisadas) estruturam-se com base no encadeamento dessas unidades, sendo essas unidades dispostas numa mesma ordenação sequencial (isto é, Explicação > Posição > Suporte > Interpelação > Desfecho).

A alta incidência de cartas que lançam mão dos mesmos tipos de unidades e que respeitam uma mesma ordenação sequencial dessas unidades constitui, a nosso ver, uma constatação que permite falar em uma regra geral de estruturação interna de cartas de leitores atuais – ou, em outros termos, em uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores atuais (recorde-se que, como explicado no início desta seção, cada carta do nosso *corpus* apresenta um único SegT mínimo, de modo que a estruturação de SegTs

mínimos em cartas de leitores – nosso objeto de estudo – coincide com a própria estruturação interna das cartas).

A Tabela 1 mostra as combinações encontradas nas cartas analisadas entre as cinco unidades, considerando cartas em que essas unidades obedecem à ordem sequencial mencionada acima:

Tabela 1: Combinações entre unidades da regra geral de cartas de leitores

	Explicação	Posição	Suporte	Interpelação	Desfecho
1 unidade		Posição			
				Interpelação	
2 unidades	Explicação	Posição			
	Explicação			Interpelação	
	Explicação				Desfecho
		Posição	Suporte		
		Posição			Desfecho
3 unidades	Explicação	Posição	Suporte		
	Explicação	Posição		Interpelação	
	Explicação	Posição			Desfecho
		Posição	Suporte	Interpelação	
		Posição	Suporte		Desfecho
4 unidades	Explicação	Posição	Suporte	Interpelação	
	Explicação	Posição	Suporte		Desfecho
	Explicação	Posição		Interpelação	Desfecho
5 unidades	Explicação	Posição	Suporte	Interpelação	Desfecho

Como se pode ver na Tabela 1, as cartas podem apresentar várias combinações utilizando as cinco unidades básicas. Podem apresentar as cinco unidades, quatro delas, três, duas, ou mesmo uma unidade. Dentre todas as combinações matematicamente possíveis entre as cinco unidades, não foram encontradas as combinações expostas no Quadro 6 a seguir:

Quadro 6: Combinações não encontradas no *corpus* entre unidades básicas de cartas de leitores

Combinações possivelmente coerentes	Combinações logicamente incoerentes
Posição + Interpelação	Explicação
Interpelação + Desfecho	Suporte
Posição + Suporte + Interpelação + Desfecho	Desfecho
	Explicação + Suporte
	Suporte + Interpelação
	Suporte + Desfecho
	Suporte + Interpelação + Desfecho
	Explicação + Suporte + Interpelação + Desfecho

As três combinações na coluna da esquerda, embora não tenham ocorrido, parecem-nos potencialmente coerentes, não tendo ocorrido no *corpus* provavelmente apenas por acaso.

Já as combinações na coluna da direita, a nosso ver, seriam logicamente incoerentes, dadas as próprias definições dessas unidades.

Todas as combinações incoerentes poderiam ser agrupadas em três casos. Uma primeira combinação seria o caso de uma carta contendo apenas a unidade de Explicação. Isso seria equivalente a uma carta que introduziria um tópico, mas não o desenvolveria, isto é, apresentaria um fato, mas não diria nada sobre ele, não se posicionaria, não teria uma orientação argumentativa definida. Uma segunda combinação seria a de uma carta contendo apenas o Desfecho, que seria incoerente, já que o Desfecho é aqui considerado justamente como uma avaliação final feita após uma discussão anterior ou, pelo menos, feita após alguma introdução de um tópico. Uma terceira combinação envolveria o caso de uma carta que conteria a unidade de Suporte sem apresentar também a unidade de Posição, o que, pela própria definição do Suporte, seria impossível, já que esta é uma unidade justamente que expande a Posição, apresentando argumentos que sustentam a Posição e veiculando referências mais específicas sobre o tópico do que aquelas veiculadas na Posição.

Consideramos, então, que o padrão de estruturação de cartas de leitores aqui em pauta recobre as combinações que realmente encontramos no *corpus* (listadas na Tabela 1), assim como as combinações que, embora não tenham ocorrido, parecem potencialmente coerentes (listadas na coluna da esquerda do Quadro 6), mas não contempla as combinações logicamente incoerentes (elencadas na coluna da direita do Quadro 6). Sendo assim, como forma de generalização, de modo a recobrir todas as combinações previstas pelo padrão em foco, é possível dizer que as cartas podem apresentar qualquer combinação utilizando as cinco unidades, com exceção de combinações logicamente incoerentes.

Desse modo, tendo em vista a regularidade dos tipos de unidades que as cartas apresentam, a regularidade da ordenação sequencial entre elas e as combinações potencialmente coerentes entre essas unidades (e tendo em vista ainda que as unidades de Explicação e Posição podem ocorrer de forma integrada), é possível formular uma regra geral de estruturação das cartas – ou, como mencionado, uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores, conforme expresso em (30):

- (30) Regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI:

Em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI, a estruturação interna de SegTs mínimos consiste no encadeamento potencial das unidades de Explicação, Posição, Suporte, Interpelação e Desfecho, nessa ordem sequencial, sendo que as unidades de Explicação e Posição podem ocorrer de modo integrado e sendo que o

encadeamento de unidades pode incluir combinações envolvendo as cinco unidades, algumas ou apenas uma dessas cinco unidades, com exceção de combinações logicamente incoerentes (as quais compreendem SegTs apenas com a unidade de Explicação, SegTs apenas com a unidade de Desfecho e SegTs com a unidade de Suporte, mas sem a unidade de Posição).

Esse esquema de estruturação interna de SegTs mínimos recobre 65% de todas as cartas analisadas (como indicamos acima). Dada essa alta incidência de cartas que se estruturam segundo esse mesmo esquema, consideramos, então, que esse esquema pode ser entendido como uma regra geral. Nesse mesmo sentido, concluímos que se pode dizer que a estruturação de SegTs mínimos nessas cartas constitui um processo altamente sistemático, representando essa constatação uma evidência em favor da hipótese formulada em Penhavel (2010) de que o SegT mínimo seria uma unidade linguística sistemática, passível de descrição em termos de regras gerais de estruturação.

As cartas analisadas em nossa pesquisa que não seguem a regra geral formulada em (30) restringem-se a 35% dos casos analisados, e podem ser distribuídas em dois grupos. Um primeiro grupo reúne cartas que não chegam a atender exatamente à regra acima, mas são cartas que, a nosso ver, se organizam mediante certas variações em relação a essa regra; na seção seguinte, analisamos esses casos. Um segundo grupo reúne cartas que, de fato, não teriam relação com a regra em (30), constituindo exceções ou se encaixando em algum outro padrão menos expressivo; no presente trabalho, não chegamos a discutir essas cartas, reservando essa discussão para um possível trabalho futuro, que poderia tentar explicar esses tipos de cartas “desviantes” da regra geral.

2.2.2. Variações na regra geral de estruturação de SegTs mínimos

Em nossa pesquisa, pudemos identificar um conjunto de cartas que não chegam a obedecer exatamente à regra geral formulada em (30), mas são cartas cujas estruturas internas podem ser vistas como envolvendo certas variações em relação a essa regra. Todas as cartas desse conjunto são estruturadas com base nas mesmas cinco unidades previstas na regra geral, porém, essas unidades são combinadas segundo formas não previstas pela regra. Essas cartas podem ser divididas em três grupos: (i) cartas em que as unidades não aparecem na ordem prevista pela regra geral; (ii) cartas em que há uma repetição de um mesmo tipo de unidade em dois momentos do decorrer do texto; (iii) cartas em que há uma integração entre duas unidades que não é prevista na regra geral.

A fim de exemplificar o caso (i), expomos a carta em (31), abaixo, na qual há a ocorrência de uma ordem não prevista pela regra geral:

(31)	Velha nova bandeira	1
	Na oposição o PT sempre teve como bandeira tributar grandes fortunas.	2
	Os 13 anos no poder – desfrutando, primeiro, as fortunas dos outros e hoje, as próprias – fizeram seus líderes mais destacados mudar de ideia e até abafar essa intenção do resto do partido. E como aconteceu e acontece em todo país comunista, a militância e os correligionários acataram os caciques. Afinal, são sempre paus-mandados. Agora, para ter alguma motivação, vieram com essa bandeira novamente. Só que poderão atingir também os caciques e terão de explicar ainda de onde ganharam tanto.	3 4 5 6 7 8
	Conclusão: não vai passar de mais um blefe a desaparecer depois da convenção (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 11/06/2015).	9

No primeiro trecho da carta, na linha 2, temos uma unidade de Explicação como ocorre normalmente, na qual o escrevente introduz o tópico, expondo o fato de que, na oposição, o PT sempre teria como bandeira tributar grandes fortunas. Como podemos observar, o trecho é marcado pela predominância do tipo textual expositivo. Em seguida, temos, nas linhas de 3 a 8 e, depois, na linha 9, a ocorrência de duas unidades que aparecem fora da ordem prevista, a saber, respectivamente, Suporte e Posição, as quais, seguindo a regra geral, ocorreriam na ordem Posição e Suporte.

O Suporte em questão é o trecho que pode ser observado nas linhas de 3 a 8. Nesse trecho o escrevente formula uma série de argumentos. Por exemplo, argumenta que os 13 anos do PT no poder teriam feito com que os líderes petistas mais destacados mudassem de ideia quanto à tributação de grandes fortunas e até abafassem a intenção do resto do partido de fazê-la, entre outros vários argumentos que aparecem. A listagem desses argumentos culmina com a conclusão da opinião do escrevente, na linha 9, a saber, a de que a tributação de grandes fortunas não passaria de mais um blefe e iria desaparecer depois da convenção. Na unidade de Posição, o escrevente, inclusive, se utiliza da palavra “conclusão” e dos dois pontos antes de sintetizar sua opinião, o que destaca, ainda mais, não apenas o caráter de posicionamento do trecho da linha 9, mas também a subordinação do trecho anterior, nas linhas de 3 a 8, à unidade de Posição.

Dentre as variações não previstas na regra geral da ordem das unidades, a inversão da ordem das unidades de Posição e Suporte é a mais comum. A título de ilustração, novamente, podemos observar essa construção, na carta em (32):

(32)	Falcatruas x blindagem	1
------	-------------------------------	---

O que leva – e espera em troca – uma empresa a doar R\$3 milhões (!) a um instituto que nem se sabe para que existe? Como podemos acreditar em seriedade do ex-presidente, que sempre está fora de todas investigações? Até onde veremos detalhes tão expressivos de falcaturas e ele continuar blindado?	2 3 4 5
São de arrepiar essas ações nefastas que paulatinamente vão sendo descobertas e acobertadas por seu principal artífice!	6 7
Até quando seremos tratados como idiotas? (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 11/06/2015)	8

A carta em (32) não apresenta uma unidade de Explicação e já se inicia com a unidade de Suporte, nas linhas de 2 a 5, que, assim como na carta anterior, apresenta uma série de argumentos que vão sustentar o posicionamento do escrevente, presente somente na unidade seguinte, no trecho nas linhas 6 e 7. Ou seja, nessa carta, há, novamente, a inversão das unidades de Posição e Suporte.

Na unidade de Suporte, o escrevente elenca diversos argumentos que irão embasar o seu posicionamento (que aparecerá somente no trecho seguinte) como o de que não haveria razão para uma empresa doar R\$ 3 milhões a um instituto sem esperar dele algo em troca. Em seguida, temos, então, a unidade de Posição. Nela o escrevente esclarece que, na sua opinião, “são de arrepiar essas ações nefastas que paulatinamente vão sendo descobertas e acobertadas por seu principal artífice”. As ações nefastas citadas pelo escrevente são, justamente, aquelas expostas na unidade de Suporte.

Assim, fica evidente que o primeiro trecho da carta tratou de pontos específicos em relação ao tópico central da carta, evidenciando seu estatuto de Suporte, enquanto que o segundo trecho se mostrou genérico, condensando o ponto central da carta e evidenciando o estatuto de Posição do trecho. Também nos termos das partes da sequência textual argumentativa fica evidente a análise aqui proposta, já que o primeiro trecho da carta pode ser entendido como a *apresentação de argumentos*, enquanto o segundo trecho seria a *apresentação de uma conclusão*. Desse modo, fica clara a inversão entre as unidades de Posição e Suporte, em relação à ordem prevista na regra geral.

Embora a ordem não prevista pela regra geral mais recorrente seja entre a sequência Suporte-Posição, há casos envolvendo outras unidades, como é o caso da carta em (33):

(33) Desigualdade	1
Uma lei deveria ser criada para as grandes propriedades agrícolas reservarem uma porcentagem de sua produção para as famílias carentes da região.	2 3
A situação mostrada na reportagem "Terra de contrastes" ("Mercado", 7/6) é, no mínimo,	4

A carta em (33) é composta de apenas duas unidades, a saber, uma unidade de Interpelação (indireta), nas linhas 2 e 3, e uma unidade de Explicação e Posição integradas (nas linhas 4 e 5). A ocorrência das unidades em uma ordem não prevista pela regra geral está, justamente, no fato de a unidade de Interpelação anteceder a unidade de Explicação e Posição integradas.

Como podemos notar, na unidade de Interpelação, o escrevente solicita, em tom de sugestão, que uma lei deveria ser criada para as grandes propriedades agrícolas reservarem uma porcentagem de sua produção para as famílias carentes da região. A Explicação e o posicionamento do escrevente vêm apenas no trecho seguinte, nas linhas 4 e 5, em que o escrevente, além de expor o fato de que houve uma reportagem, publicada em 7/6, na seção “Mercado”, chamada “Terra de contrastes”, também se posiciona quanto a tal reportagem, dizendo ter achado revoltante a situação mostrada na matéria.

Como mencionado acima, há um segundo grupo de cartas que apresentam uma organização que é uma variação da regra geral. Esse grupo inclui cartas que apresentam uma repetição de um mesmo tipo de unidade em dois momentos no texto. Esse tipo de ocorrência pode ser observado na carta a seguir, em (34):

(34)	Corrupção no futebol	1
	Como amante do esporte bretão, saúdo o FBI pela intolerância com os corruptos ("Após 8 dias preso, Marin perde cargo na Conmebol", "Esporte", 5/6).	2 3
	Mesmo não sendo tradicionais nesse esporte, abalaram o mundo com investigações e prisões.	4
	Que isso sirva para o futebol sul-americano, cheio de resultados fabricados mediante propinas.	5
	Um esporte apaixonante como o futebol não pode ter na sua direção marginais que fazem de tudo pelo enriquecimento ilícito próprio (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 06/06/2015).	6 7

Na carta em (34), a unidade que se repete é a unidade de Suporte. No primeiro trecho, nas linhas 2 e 3, temos uma unidade de Explicação e Posição integradas. Ao mesmo tempo em que o escrevente se assume amante do esporte bretão (no caso, o futebol) e saúda o FBI pela intolerância com os corruptos, ele expõe o fato de que houve intolerância com os corruptos por parte do FBI e, inclusive, acrescenta uma referência à matéria do jornal em que consta tal informação.

Em seguida, na linha 4, temos uma primeira unidade de Suporte. Nessa unidade o escrevente é mais específico e procura fundamentar sua saudação ao FBI com o argumento de que, embora não sejam “tradicionais nesse esporte, abalaram o mundo com investigações e prisões”, e, por isso, o escrevente os saúda.

Após essa primeira unidade de Suporte, a carta traz, em seguida, uma unidade de Interpelação (indireta), na linha 5, na qual o escrevente sugere que o futebol sul-americano tome as investigações e prisões realizadas como exemplo.

Por fim, temos, nas linhas 6 e 7, a presença de mais uma unidade de Suporte, em que o escrevente novamente argumenta quanto ao seu posicionamento em saudar o FBI. Dessa vez, o escrevente diz que o futebol, que para ele seria um esporte apaixonante, não pode ser dirigido por “marginais” que fariam de tudo pelo enriquecimento ilícito.

O exemplo em (35) ilustra outro caso em que ocorre repetição de um mesmo tipo de unidade no decorrer da carta:

(35)	Professores incompetentes	1
	A Apeoesp conseguiu o recorde de mais longa greve do professorado paulista.	2
	E quem é o mais prejudicado? Claro que é o aluno: além de ficar mais defasado, fica também sem a merenda.	3 4
	Finda a greve será elaborado um calendário de reposição de aulas, que serão aos sábados, com frequência mínima ou zero. O professor comparece, registra o ponto e a aula é considerada dada.	5 6 7
	Essa é a “pátria educadora” da Dilma, apoiada pelos professores incompetentes ligados à Apeoesp (O Estado de S. Paulo, Fórum dos leitores, 05/06/2015).	8 9

Em (35), temos, na linha 2, uma primeira unidade de Explicação, na qual o escrevente expõe o fato de que a Apeoesp teria conseguido o recorde de mais longa greve do professorado paulista. Em seguida, nas linhas 3 e 4, é possível identificar uma unidade de Posição, na qual o escrevente assume a opinião de que, com a greve, o mais prejudicado seria o aluno, que, além de ficar defasado, também ficaria sem merenda. Uma nova unidade de Explicação pode ser observada nas linhas de 5 a 7, logo após a unidade de Posição. Nessa segunda ocorrência de uma unidade de Explicação, o escrevente explica o que aconteceria ao fim da greve, expondo que seria elaborado um calendário de reposição de aulas, que essas aulas aconteceriam aos sábados e que, nesse caso, bastaria o comparecimento do professor e o registro do ponto para a aula ser considerada dada. Por fim, nas linhas 8 e 9, temos uma unidade de Desfecho.

O terceiro e último grupo de cartas que apresentam, em sua estruturação interna, uma variação em relação à regra geral diz respeito àquelas em que há uma integração entre duas unidades que não é prevista pela regra geral (sendo que a regra geral incluiria apenas a integração entre Explicação e Posição). A carta em (36), a seguir, por exemplo, apresenta a unidade de Explicação integrada à unidade de Suporte:

(36)	[Violência policial]	1
	Não devemos generalizar, mas a Polícia Militar precisa rever os métodos e trabalhar mais o estado emocional de sua tropa.	2 3
	É inconcebível que um policial desfira um soco numa mulher a ponto de derrubá-la no chão. E não dá para entender qual é a ameaça que um repórter fotográfico representa ao exercer a sua função. Mais grave ainda foi a negativa do escrivão de polícia de elaborar o boletim de ocorrência (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 01/06/2015).	4 5 6 7

Como podemos observar, a carta já se inicia com uma unidade de Posição, nas linhas 2 e 3, nas quais o escrevente formula a tese de que a polícia militar precisaria rever os métodos e trabalhar mais o estado emocional de sua tropa. Na sequência, nas linhas de 4 a 7, o escrevente expõe os fatos a respeito dos quais ele se posicionou na unidade anterior de Posição (um policial teria desferido um soco em uma mulher, a polícia teria considerado como ameaça o trabalho de um repórter fotográfico e um escrivão de polícia teria se negado a elaborar certo boletim de ocorrência). Assim, esse trecho entre as linhas de 4 a 7 funciona como Explicação. Ao mesmo tempo, o escrevente se posiciona sobre esses três fatos, tomando-os como argumentos (principalmente ao introduzir cada um deles, nas passagens “é inconcebível...”, “não dá para entender...”, “mais grave ainda foi...”). Desse modo, o trecho nas linhas de 4 a 7 se caracteriza também como unidade de Suporte, além de funcionar como unidade de Explicação.

Outro exemplo de integração de unidades pode ser visto no exemplo em (37), envolvendo, no caso, as unidades de Explicação e Interpelação:

(37)	Isenção tributária	1
	Pedimos ao deputado Eduardo Cunha, que aprovou incluindo na surdina em uma medida provisória, a isenção tributária para integrantes de igrejas ("Na surdina, Câmara aprovou isenção tributária a igrejas", "Poder", 6/6), que estenda a nós, "pobres e coitados" assalariados, que muitas vezes contribuimos para esses funcionários religiosos (que chegam a perceber até R\$100 mil/ mês), essa benesse tão prestimosamente elaborada socialmente pelo nobre representante (Folha de S. Paulo, Painel do leitor, 07/06/2015).	2 3 4 5 6 7

Em (37), a carta toda corresponde a um único período, entendido aqui como unidade de Explicação e Interpelação (direta) integradas. No início do período, o escrevente utiliza o verbo performativo “pedir” (na primeira pessoa do plural), dando início a uma solicitação. O período segue com a exposição do fato de que Eduardo Cunha teria aprovado, incluindo na surdina em uma medida provisória, a isenção tributária para integrantes de igrejas. Esse estatuto expositivo do trecho fica bastante destacado com a menção que o escrevente faz à matéria do jornal na qual o fato em pauta teria sido veiculado. Na sequência do período, o escrevente efetiva seu pedido, solicitando a Eduardo Cunha que tal medida seja estendida a todo o povo. Assim, fica evidente que Interpelação e Explicação estão presentes, de modo entrelaçado, no mesmo trecho, configurando-o como uma unidade de Interpelação e Explicação integradas.

Em resumo, nesta seção, mostramos cartas cuja estruturação interna constitui uma variação (uma adaptação) em relação à regra geral de estruturação. Embora se trate de uma variação da regra, o que poderia indicar a não sistematicidade da estruturação das cartas, entendemos que a existência desse conjunto de cartas variantes, de certo modo, até mesmo reforça a regularidade da estruturação intratópica das cartas, na medida em que se trata de uma variação que, em última instância, articula os mesmos tipos de unidades componentes da regra geral.

CAPÍTULO III

COMPARAÇÃO ENTRE CARTAS DE LEITORES ATUAIS E CARTAS DE LEITORES OITOCENTISTAS

Como visto acima, Guerra e Penhavel (2010) e Guerra (2016) mostram que, em cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas, a regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos consiste no encadeamento potencial das unidades de Abertura, Explicação, Avaliação e Interpelação. No mesmo sentido, no capítulo anterior, mostramos que, nas cartas atuais, os SegTs mínimos se estruturam, via de regra, com base no encadeamento potencial das unidades de Explicação, Posição, Suporte, Interpelação e Desfecho.

Neste capítulo, de modo a desenvolver o segundo objetivo de nosso trabalho, procuramos discutir as principais similaridades e diferenças entre essas duas regras de estruturação de SegTs, tentando identificar, assim, traços de permanência e de mudança na estruturação intratópica das cartas na passagem do século XIX para o século XXI.

Comparando, então, as regras de estruturação dos dois séculos, as principais similaridades e diferenças podem ser sintetizadas em três principais constatações:

- (i) persistência, de um século para outro, das unidades de Explicação, Avaliação e Interpelação, considerando, como explicaremos adiante, que a unidade de Avaliação, do século XIX, corresponde às unidades de Posição e Suporte, do século XXI;
- (ii) presença da unidade de Desfecho no século XXI e sua inexistência no século XIX;
- (iii) presença da unidade de Abertura no século XIX e sua ausência no século XXI.

Na sequência deste capítulo, analisamos essas similaridades e diferenças entre um século e outro. Primeiramente, discutimos a persistência das unidades de Explicação, Avaliação e Interpelação (incluindo o desmembramento que fizemos da unidade de Avaliação do século XIX nas unidades de Posição e Suporte), que, como tentaremos mostrar, constitui o principal traço para o entendimento da relação entre as cartas entre um século e outro; em seguida, discutimos, mais brevemente, o surgimento da unidade de Desfecho e a eliminação da unidade de Abertura nas cartas atuais.

Começamos, então, analisando a persistência de Explicação, Avaliação e Interpelação nos dois séculos. Antes de proceder a essa análise propriamente, cabe explicar o

desmembramento que fizemos, na análise das cartas atuais, da unidade de Avaliação, dividindo-a nas unidades de Posição e Suporte.

Em Guerra e Penhavel (2010), a unidade de Avaliação é definida como uma parte do SegT destinada a uma análise crítica, uma análise qualitativa de dada situação, o que normalmente vai compreender uma qualificação negativa da situação em foco. Já as unidades de Posição e Suporte, como definimos anteriormente em nosso trabalho, constituem, respectivamente, uma parte da carta em que o escrevente formula uma tese central, sintetiza sua opinião (seu posicionamento) sobre o tópico central da carta, e uma parte da carta em que o escrevente procura desenvolver aspectos mais específicos do tópico e expor argumentos que sustentem a tese formulada na Posição, com a qual o Suporte mantém uma relação subsidiária. Dessa forma, Posição e Suporte mostram-se unidades complementares na construção da carta, formulando, respectivamente, referências centrais e subsidiárias em relação ao tópico nuclear desenvolvido.

Como podemos observar, no contexto do desenvolvimento tópico da carta, ambas as formas de Avaliação (Avaliação como um todo e Avaliação desmembrada em Posição e Suporte) assumem a mesma função, e ambas possuem um caráter argumentativo na carta de leitor. No entanto, o estabelecimento desse desmembramento da unidade de Avaliação em unidades de Posição e Suporte nas cartas atuais, decorreu, essencialmente, do fato de as cartas atuais apresentarem, muito frequentemente, a unidade de Explicação e Posição integradas, como explicado anteriormente.

Ou seja, diferentemente das cartas oitocentistas, em que poderia ocorrer Explicações e Avaliações (inteiras) integradas, nas cartas atuais a integração se verificou de modo sistemático (bastante frequentemente, aliás) apenas entre a unidade de Explicação e parte da Avaliação, que seria, no caso, a unidade de Posição, enquanto a unidade de Suporte, por sua vez, constituiria uma outra parte, ainda de ordem avaliativa, que, normalmente, não se integra à unidade de Explicação.

Os motivos apresentados aqui para esta abordagem da unidade de Avaliação nas cartas atuais devem ficar mais claros ao compararmos a carta oitocentista a seguir, em que é possível observar a unidade de Avaliação, com a carta atual, exposta na sequência, em que podemos observar esse desmembramento da unidade de Avaliação em Posição e Suporte:

- (38) Senhor redactor. || Sou uma assignante das suas folhas por minha con- | veniencia e das 1
 meninas, que gostão de ler os romances [...] Mas para o negocio é que elle não anda cá a 2
 minha satisfação. || 3
- Eu e as meninas vivemos das obras que fazemos e | dos ovos da nossa criação. || O senhor 4
 bota sempre nos jornaes os preços dos co- | mestiveis e etc; mas não falla do preço das 5
 costuras, | nem do valor dos ovos. 6
- Isso é uma falta, perdoe-me. || Olhe, se não se costurasse, andavamos nós. Cre- | do, que 7
 vergonha! Não acha? || E os ovos são muito peitoraes. Se em vez do expe- | diente do 8
 thesouro vossa mercê pozesse o custo destas cousas, | olhe que havia de ter mais 9
 assignantes. || A tia Escolastica prometteu-me que assignava se no | Correio fallasse dos 10
 preços da quitanda. || A pobre tem dias que não sabe quanto hade pedir | por uma couve! 11
- Vossa mercê veja se introduz este melhora- | mento [...]. 12

Como é possível observar, a carta em (38), retirada do trabalho de Guerra e Penhavel (2010), se inicia com a unidade de Abertura (linhas 1 a 3), não mais presente nas cartas atuais, em que o escrevente apresenta o tópico que será desenvolvido ao longo da carta. As unidades que aqui nos interessam, de Explicação e Avaliação, aparecem, respectivamente, nas linhas 4-6 e 7-11. Na unidade de Explicação, o escrevente relata o fato de o jornal não anunciar o preço das costuras e dos ovos e, na unidade seguinte, de Avaliação, o escrevente analisa, no caso negativamente, o fato relatado. Essa análise é evidenciada pelo trecho “isso é uma falta, perdoe-me”. Por fim, o último bloco de enunciados constitui uma unidade de Interpelação.

A seguir, em (39), temos, então, a título de comparação, uma carta atual, em que a unidade de Avaliação encontra-se desmembrada em unidades de Posição e Suporte:

- (39) **Onda conservadora** 1
- Queixa-se Chico Alencar de uma "onda conservadora" na Câmara dos Deputados por uma 2
 suposta superficialidade da percepção da razão dos fenômenos sociais ("O império do senso 3
 comum", Tendências/Debates, 1º/6). 4
- Esquece que, depois de 12 anos de "socialismo" do PT, com a quebra econômica, moral e 5
 administrativa do Brasil, as teses defendidas pela esquerda mostraram seu fracasso e daí a 6
 resposta dita "conservadora". 7
- A sociedade está cansada de tanto blá-blá-blá e está respondendo que o verdadeiro "bom senso" 8
 é o conservadorismo, não as teses utópicas ditas progressistas que não deram certo (Folha de S. 9
 Paulo, Painel do Leitor, 02/06/2015).

Nesta carta, a unidade de Explicação pode ser observada logo no primeiro bloco de enunciados, nas linhas de 2 a 4. Nesta unidade o escrevente apenas relata um fato, a saber, o de que, de acordo com a publicação intitulada “O império do senso comum”, publicada na seção Tendências/Debates de 1º de junho, no jornal *Folha de S. Paulo*, Chico Alencar queixa-se de uma “onda conservadora na Câmara dos Deputados por uma suposta superficialidade da

percepção da razão dos fenômenos sociais”. Como podemos ver, nesta unidade, assim como na unidade de Explicação da carta anterior, oitocentista, o escrevente apenas relata um fato.

Em seguida, nas linhas de 5 a 7, temos, então, a unidade de Posição e, na sequência, nas linhas 8 e 9, a unidade de Suporte, ambas executando o papel da unidade de Avaliação. Como é possível observar, na unidade de Posição (linhas de 5 a 7), o escrevente apresenta um posicionamento em relação à queixa de Chico Alencar. Ao falar em 12 anos de “socialismo” do PT e sugerir uma quebra econômica, moral e administrativa do Brasil, bem como um suposto fracasso da esquerda, a fim de justificar uma “onda conservadora”, vemos, além de uma avaliação negativa da queixa de Chico Alencar, um posicionamento implícito em favor da “onda conservadora”. Esse posicionamento é corroborado pela unidade de Suporte, que vem em seguida, nas linhas 8 e 9, trazendo argumentos mais específicos que procuram sustentar e confirmar a tese (ou avaliação, opinião) exposta pelo escrevente na unidade de Posição. Essa sustentação é feita através das afirmações de que a “sociedade está cansada de tanto blá-blá-blá” e de que “o verdadeiro bom senso é o conservadorismo e não as teses utópicas ditas progressistas que não deram certo”.

A partir desses exemplos, procuramos mostrar que Posição e Suporte são unidades complementares encarregadas de realizar os mesmos objetivos que a unidade de Avaliação realizava nas cartas oitocentistas. A seguir, trazemos mais uma carta atual contendo as unidades de Explicação, Posição e Suporte, porém, nesta, as unidades de Explicação e Posição aparecem integradas, enquanto a unidade de Suporte aparece sozinha, não se integrando à unidade de Explicação e, assim, justificando mais detalhadamente o desmembramento da unidade de Avaliação em Posição e Suporte.

(40)	Discriminação	1
	A declaração do prefeito Fernando Haddad de que discutir a flexibilização do comércio nos Jardins é tratar de apenas 0,1%, enquanto ele “representa toda a população”, é tão clara quanto francamente discriminatória.	2 3 4
	O prefeito de São Paulo ainda não entendeu que ele não foi eleito para governar exclusivamente para aqueles que o elegeram, mas para todos os cidadãos, inclusive o 0,1% de munícipes que ele desdenha. Aliás, a palavra “flexibilização”, definitivamente, não faz parte do vocabulário desse prefeito (O Estado de S. Paulo, 06/06/2015).	5 6 7 8

No exemplo em (40), acima, o escrevente inicia a carta com a unidade de Explicação e Posição integradas, ao mesmo tempo relatando um fato e avaliando esse fato relatado. No caso, o escrevente expõe que Fernando Haddad fez uma determinada declaração, a de que discutir a flexibilização do comércio nos Jardins seria tratar de apenas 0,1%, enquanto ele

precisaria representar toda a população. Em seguida, o escrevente avalia esse relato, dizendo que essa declaração de Fernando Haddad é “tão clara quanto discriminatória”.

Poderíamos dizer que temos aí uma Explicação e uma Avaliação integradas. No entanto, o escrevente segue com sua avaliação, nas linhas de 5 a 7, apresentando, agora, argumentos mais específicos que corroboram sua avaliação inicial (seu posicionamento integrado à unidade de Explicação), em um bloco de enunciados separado da unidade em que figura o relato do fato em pauta. Desse modo, não se mostra viável considerar todo o trecho avaliativo simplesmente como uma mesma unidade, sendo mais produtivo, antes, desmembrar o trecho avaliativo em duas unidades individuais e complementares (Posição e Suporte).

Considerando, então, que a unidade de Avaliação das cartas oitocentistas corresponde ao que, nas cartas atuais, tratamos como Posição e Suporte, passamos propriamente à análise da persistência, do século XIX ao XXI, das unidades de Explicação, Avaliação (Posição e Suporte) e Interpelação.

Para discutir esse fato, um dado crucial a ser levado em conta diz respeito aos percentuais de ocorrência dessas unidades nos dois séculos, o que pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 2: Percentuais das unidades de Explicação, Avaliação e Interpelação em cartas de leitores

	Explicação	Avaliação		Interpelação
Século XIX¹⁵	94%	74%		56%
		93%		
Século XXI	82%	Posição	Suporte	7%
		93%	44% ¹⁶	

Como é possível observar, tanto as cartas atuais, quanto as cartas oitocentistas, apresentam um percentual bastante elevado em relação à ocorrência das unidades de Explicação e Avaliação (Posição e Suporte). No século XIX, a unidade de Explicação ocorreu em 94% das cartas analisadas e, no século XXI, aparece em 82% das cartas. A unidade de

¹⁵ Os percentuais referentes ao século XIX são extraídos de Guerra (2016).

¹⁶ Como se pode notar, nas cartas atuais, o percentual da unidade de Avaliação corresponde ao mesmo percentual da unidade de Posição. Isso ocorre porque a unidade de Posição funciona como uma unidade essencial na realização do que seria correspondente à unidade de Avaliação, ao passo que a unidade de Suporte não ocorre sozinha, realizando-se apenas na presença da unidade de Posição e funcionando, assim, como uma unidade acessória da Posição. Ou seja, sempre que há a unidade de Posição nas cartas atuais, consideramos que há o que seria correspondente à unidade de Avaliação; em boa parte desses casos também ocorre a unidade de Suporte, mas não em todos. Por essa razão, o percentual do que seria, nas cartas atuais, correspondente à unidade de Avaliação coincide com o percentual relativo à unidade de Posição (mas o percentual da unidade de Suporte é menor do que o percentual de Posição e de Avaliação).

Avaliação (desmembrada, nas cartas atuais, nas unidades de Posição e Suporte) ocorreu em 74% das cartas oitocentistas, enquanto que, nas cartas atuais, ocorreu em 93%.

Por outro lado, a ocorrência da unidade de Interpelação apresenta uma mudança muito expressiva entre um século e outro. Como indica a tabela, essa unidade foi identificada em 56% das cartas do século XIX, ao passo que, nas cartas do século XXI, apareceu somente em 7% das cartas analisadas, indicando uma grande diminuição na utilização dessa unidade nas cartas atuais.

Até aqui, dissemos que uma similaridade entre os dois séculos foi a manutenção das unidades de Explicação, Avaliação (Posição e Suporte) e Interpelação. E, de fato, pode-se falar em similaridade, porque realmente essas unidades aparecem nos dois séculos (e, inclusive, por oposição ao que ocorre com as unidades de Abertura e Desfecho, que só aparecem em um ou outro século). Porém, considerando os percentuais de ocorrência, pode-se dizer mais especificamente que se observa uma similaridade em termos dos percentuais de Explicação e Avaliação e uma diferença muito marcante nos percentuais de Interpelação. E esse fato (manutenção de alta frequência de Explicação e Avaliação e redução drástica de Interpelação) é o que, a nosso ver, constitui o principal traço a ser discutido em termos de relação entre um século e outro.

A esse respeito, nossa hipótese é que essa similaridade e essa diferença de frequência entre os dois séculos estariam relacionadas a similaridades e diferenças entre as finalidades sociocomunicativas das cartas de leitores nos dois séculos. Com efeito, trata-se de uma hipótese consonante com pressupostos da abordagem aqui adotada para estudo diacrônico de processos de construção textual (conforme explicado acima no capítulo I), já que, segundo tais pressupostos, os processos de construção textual estão diretamente vinculados às finalidades dos gêneros em que esses processos são considerados.

As unidades de Explicação e Avaliação (Posição e Suporte) são essencialmente destinadas à discussão de um dado tópico (na medida em que a Explicação expõe o tópico e a Avaliação formula um ponto de vista sobre esse tópico). Já a unidade de Interpelação é dedicada à expressão de alguma solicitação referente ao tópico da carta. Desse modo, na passagem do século XIX ao XXI, a manutenção de alta frequência de Explicação e Avaliação (Posição e Suporte) e a intensa diminuição (quase eliminação) da unidade de Interpelação sugerem a seguinte hipótese: em ambos os séculos, as cartas manifestariam a finalidade de discutir determinado assunto (pela alta frequência das unidades de Explicação e Avaliação), porém, no século XIX, a discussão, muito comumente, teria como propósito sustentar uma reivindicação sobre o assunto em pauta (o que seria sugerido pela frequência expressiva de

Interpelação), enquanto, no século atual, as cartas teriam como propósito a própria discussão em si (o que seria indicado pela diminuição de frequência da Interpelação). Ou seja, do século XIX ao século XXI, as cartas de leitores passariam de um propósito central de discussão e solicitação para um propósito central de manifestação de opinião.

Essa hipótese é condizente com os resultados apresentados em Guerra (2016). Conforme sintetizamos acima no capítulo I, a autora identifica três finalidades sociocomunicativas distintas em seu *corpus* de cartas de leitores oitocentistas de jornais paulistas, que são tomadas para a distinção de três tipos de cartas:

- (iv) cartas de denúncia e solicitação: cartas com a finalidade de se denunciar um problema concreto (pontual, específico) e solicitar (explícita ou implicitamente) uma solução prática para esse problema;
- (v) cartas de sugestão: cartas com a finalidade de se fazer uma sugestão prática sobre determinado assunto (não mais sobre algo denunciado pelo escrevente como sendo um problema);
- (vi) cartas de opinião: cartas com a finalidade de se emitir uma opinião sobre determinado assunto (sem fins propriamente práticos, aplicáveis a algum problema concreto).

O propósito de discussão e solicitação que predominaria no século XIX, de acordo com nossa hipótese, seria correspondente ao primeiro tipo de carta de Guerra (2016); do mesmo modo, o propósito de manifestação de opinião que, para nós, seria predominante atualmente corresponde ao terceiro tipo de carta distinguido pela autora. Ela apresenta os seguintes dados estatísticos referentes à ocorrência desses tipos de cartas:

Quadro 7: Frequências de diferentes tipos de cartas oitocentistas (GUERRA, 2016)

Cartas	Frequências
Cartas de denúncia	65,5% (30 cartas)
Cartas de sugestão	6,5% (03 cartas)
Cartas de opinião	15,0% (07 cartas)
Outros tipos diversos de cartas	13,0% (06 cartas)
Total	100% (46 cartas)

Como se vê no Quadro 7, a grande maioria das cartas oitocentistas compreende cartas de denúncia/solicitação, havendo incidência muito mais baixa de cartas de sugestão e de cartas de opinião. Guerra (2016) não chega a definir sistematicamente a relação entre esses três tipos de cartas (cada um correspondente a uma finalidade específica) e o uso da unidade

de Interpelação. Nosso entendimento é que a finalidade da carta (definidora de seu tipo) e o modo de estruturação (em particular, a ocorrência ou não de Interpelação) são aspectos intrinsecamente relacionados entre si. Nesse sentido, levando em conta as definições dos tipos de cartas e a definição da unidade de Interpelação, pode-se dizer que a Interpelação estaria associada, normalmente, a cartas de denúncia/solicitação e também a cartas de sugestão (na medida em que esses dois tipos de carta envolvem algum direcionamento a um destinatário: a solicitação de uma solução para um problema, no caso de cartas de denúncia/solicitação, e o endereçamento de alguma proposta, no caso das cartas de sugestão). Ou seja, haveria uma forte correlação da unidade de Interpelação com cartas de denúncia/solicitação (principalmente) e cartas de sugestão.

Assumindo essa correlação e tendo em vista os percentuais altos de ocorrência da unidade de Interpelação e de ocorrência de cartas de denúncia/solicitação, é pertinente pensar que, no século XIX, as cartas teriam, como finalidade sociocomunicativa principal, o propósito de denúncia de problemas com vistas à obtenção de soluções e, como consequência, essas cartas apresentariam alta frequência da unidade de Interpelação (para explicitar a expectativa por soluções).

Como se pode notar em Guerra (2016), um dos principais traços caracterizadores das cartas de denúncia seria o assunto (conteúdo temático) construído nessas cartas, que envolve a formulação de um problema concreto, pontual, específico, que o escrevente coloca como sendo um problema passível de receber uma determinada solução específica. Pode-se dizer que, na carta de denúncia/solicitação, o assunto seria um problema passível de *solução*, enquanto, na carta de opinião, seria um problema passível de *discussão* (estando as cartas de sugestão, como explica a autora, num ponto intermediário entre esses dois polos).

Os exemplos em (41) e (42), extraídos de Guerra (2016) e comentados acima no capítulo I, ilustram, respectivamente, cartas que constroem, como assunto, problemas passíveis de solução e problemas passíveis de discussão:

- (41) *Senhor Redactor.* – O anno proximo passado | tive a honra de lhe dirigir uma cartinha, | na qual perguntava como é que a Nação | dava cento e cincoenta mil reis, a um | *Senhor Proffessor* para ensinar Grammatica | Latina aos meninos do Côro, quando es- | te não dava Aula: julguei que minha tão | justa quão razoavel advertencia produzi- | ria todo o effeito desejado; porém hoje | soube que continuava no mesmo deslei- | xo, dando Aula de 15, em 15 dias; outras | vezes concedendo ainda maiores férias, de | maneira que o pequeno estudo (que ao | meu ver, não é nem-um) dos meninos | com umas tão longas, e continuadas férias, | ficão no mesmo estado como que nunca es- | tudassem, e no entanto a soffredora Na- | ção concorrendo com os 150:000 réis annuaes | sem que d’elles provenha-lhe o menor bem. | Parece isto abusar da bondade do publi- | co, ou àlias, julgar tão froxa a Auctorida- | de que deve velar sobre estes objectos, que | não se receie resultado algum. Espero pois | que com esta minha segunda adver- | tencia se não deixe de dar Aula nos | dias marcados por Lei (segundo eu penso) | a fim de que faça jus n’este mundo aos | 150:000 réis, e n’outro, quando Deos |

for servido chamal-o ao seu Sancto Reino, | não preste contas por semelhante Empre- | go. *Senhor Redactor*, queira dar á luz de seu | interessante Farol esta verdade (segundo | dizem) que por ella responde. || *O Teimoso* (GUERRA, 2016).

- (42) *Senhor Redactor*. – Pelo annuncio de des- | pedida do *Excelentíssimo Senhor* Presidente d’esta Pro- | vincia Thomaz Xavier Garcia d’Almeida, | que appareceu no Farol número 105 soube que | *Sua Excelência* se retirara d’esta Provincia para | tomar assento na Augusta Camara dos *Senhores* | Deputados. Deos leve a *Sua Excelência* em paz | e felicidade. – Mas, *Senhor Redactor*, que no- | vo estilo de despedidas é este de *Sua Excelência*? | Quiz elle por ventura despedir-se do pô- | vo inteiro da Provincia, ou só d’uma par- | te? Se era de todos, para que nomeou | *Sua Excelência* somente *as* *personas que tem direito* | *a semelhante obsequio*?, e se era só de alguns | poucos eleitos, que importava ao público | o saber se *Sua Excelência* tinha ou não tido tem- | po para se despedir dos seus amigos, ou dos | *poucos eleitos* que o cortejavão? Não é que | eu censure a *Vossa mercê* *Senhor Redactor* por inse- | rir um semelhante annuncio; bem que o | seu fim e até a sua promessa explicita foi | de illustrar ao publico e concorrer para a | sua felicidade com doutrinas saãs e de u- | ma immediata utilidade, todavia lá n’um | canto de sua folha bem pôde fazer annun- | cios. O meu azedume é contra o estilo con- | ciso com que *Sua Excelência* fez as suas des- | pedidas. E como pôde qualquer saber se | na alta mente de *Sua Excelência* foi ou não in- | cluído entre *as personas que tem direito a semelhante* | *obsequio*? como hão-de saber se este | direito se comprava com uma só visita a | *Sua Excelência*? ou com a frequencia em sua ca- | sa? ou finalmente com testemunhas do mais | abjecto servilismo? Se ao menos *Sua Excelência*? | tivesse especificado = todas as *personas* que | tiverem a graduação de tal posto para cima, | e todos aquelles não militares (vulgo pai- | zanos) que rodarem com estas altas paten- | tes, ja cada-um poderia fazer juizo, e di- | zer = Eu fui incluído = Fuão não foi = Bel- | trão seria ou não = e nas conversações te- | ria alguns dados para agitar esta questão. | Mas assim tão genericamente, *Senhor Redactor*, | é o mesmo que não querer obrigar (obligar) | a ninguém. || Quanto a mim, cuido que *Sua Excelência* por | fazer pouco nos Paulistas, gente rustica, | insipida; que não deu bailes a *Sua Excelência* | que não tem finura, nem as de côrte, nem | um modo de tractar, sans faço (sans fa- | cou *Monsieur*) é que recorreu ao expediente das | despedidas por annuncio: elle de certo dis- | se lá consigo; , Por este meio novo e desu- | sado dou uma alta idea de minha jerar- | chia, e esta gente fica pensando, que as | despedidas d’um Presidente são materia | de interesse publico, e que a ninguém mais | compete esta prerogativa. Mas o peor foi | que os Paulistas com toda a sua rusticidade | já forão honrados com uma Proclamação de | despedida geral da Propria Pessoa de *Sua Majestade* | o IMPERADOR, e por isso talvez os *poucos* | *eleitos* não fizessem todo o aprêço, | que *Sua Excelência* esperava, das suas despedidas por | annuncio. || O mais provavel por tanto, *Senhor Redac- | tor*, é que *Sua Excelência* dêsse este passo para | mostrar o seu desgosto e azedume contra | os Paulistas, pois ahi corre (talvez seja falso) | que *Sua Excelência* não deseja muito voltar a esta | terra onde a balda e mania dos habitantes | é fallar em negocios publicos, em Consti- | tuição; onde se censurão os actos dos em- | pregados publicos por mais altos que sejam. || Mas paciencia, *Senhor Redactor*, se Deos | for servido, que as despedidas de *Sua Excelência* | sejam por uma vez, nós submissos, como | nós cumpre ser ás vontades do Altissimo, | diremos em nossos corações = faça-se a vos- | sa sancta vontade = *Amen*. (GUERRA, 2016).

No exemplo em (41), o escrevente se queixa de que um professor era bem pago pela nação para dar aulas de gramática latina às crianças e, no entanto, vinha deixando de cumprir seu trabalho. O escrevente explica ainda que, mesmo tendo advertido o jornal de tal problema em outra ocasião (“O anno proximo passado tive a honra de lhe dirigir uma cartinha”), essa advertência não teria gerado nenhum resultado (“julguei que minha tão justa quão razoavel advertencia produziria todo o effeito desejado; porém hoje soube que continuava no mesmo desleixo”), sendo que o professor continuava a dar aulas de quinze em quinze dias, além de conceder férias muito longas aos alunos. Após denunciar o problema, o escrevente, então, faz um pedido, diz esperar que, com esta segunda advertência (a carta enviada ao jornal), o

professor passe a dar aulas nos dias marcados por lei, fazendo jus ao seu salário (“Espero pois que com esta minha segunda advertência se não deixe de dar Aula nos dias marcados por Lei (segundo eu penso) a fim de que faça jus n’este mundo aos 150:000 réis”).

Como podemos observar, nesta carta o escrevente denuncia um problema (o professor receber um salário sem dar aulas devidamente) e espera que uma solução seja aplicada a ele (que, com a advertência, o professor passe cumprir o seu trabalho). A denúncia do escrevente, portanto, diz respeito a um problema que é tomado, na carta, como um problema passível de ser solucionado, passível de receber uma resolução pontual.

Na carta em (42), por sua vez, o escrevente basicamente discute a forma como ficou sabendo que o presidente da província iria se afastar para ocupar um lugar em outra câmara dos deputados (“Pelo annuncio de despedida do *Excelentíssimo Senhor* Presidente d’esta Provincia Thomaz Xavier Garcia d’Almeida, que appareceu no Farol número 105 soube que *Sua Excelência* se retirara d’esta Provincia para tomar assento na Augusta Camara dos *Senhores Deputados*”). O escrevente, então, avalia negativamente o fato de o presidente se despedir por meio de um anúncio no jornal (“Mas, *Senhor Redactor*, que novo estilo de despedidas é este de *Sua Excelencia*?”) e segue, ao longo de toda a carta, avaliando negativamente o modo como o presidente se despediu, argumentando que, talvez, o presidente não quisesse se despedir de todo o povo da província, mas de apenas parte dele e, se assim fosse, não deveria ter se despedido por meio de um anúncio. Por fim, o escrevente, inclusive, diz que o mais provável é que o presidente tivesse se despedido dessa forma justamente para mostrar seu “desgosto e azedume” contra os paulistas, afirmando, inclusive, ter ouvido um boato de que o presidente não deseja mais voltar àquela província, onde certos costumes não o agradariam.

Assim, diferentemente da carta em (41), em que o escrevente formula, como assunto, um problema concreto, específico e pontual, para o qual há a possibilidade de se aplicar uma solução prática e específica, a carta em (42) desenvolve, como assunto, um problema mais genérico, alvo de discussão, para o qual o escrevente sequer chega a vislumbrar uma solução aplicável, prática e específica, demonstrando que o assunto desenvolvido não é passível de receber uma resolução pontual.

Como mostrado acima, Guerra (2016) apura que, nas cartas oitocentistas, há um alto índice de cartas de denúncia/solicitação, do que se pode depreender, naturalmente, que há esse mesmo índice alto de cartas com assuntos relativos a problemas concretos, passíveis de solução específica. Em nossa pesquisa, procedemos, então, a uma análise para verificar a incidência dos tipos de assuntos construídos nas cartas, para verificar essa distinção entre

assuntos mais concretos passíveis de soluções específicas e assuntos mais genéricos, objetos “apenas” de discussão. A esse respeito, apuramos a presença desse segundo tipo de assunto na maioria quase absoluta das cartas, com exceção de alguns poucos casos ambíguos ou intermediários.¹⁷

Desse modo, os dados sobre o conteúdo das cartas de leitores corroboram nossa hipótese inicial sobre a mudança diacrônica das cartas. Inicialmente, do século XIX ao XXI, identificamos uma redução drástica no percentual de Interpelação e levantamos a hipótese de que isso seria decorrente de uma passagem de uma finalidade central de denúncia/solicitação para uma finalidade principal de manifestação de opinião. Na mesma direção, Guerra (2016) identifica, nas cartas oitocentistas, alto índice de assuntos referentes a problemas passíveis de solução (o que se depreende de seus dados sobre o alto índice de cartas de denúncia/solicitação) e, nas cartas atuais, identificamos a ausência desse tipo de assunto, e a presença quase exclusiva de cartas que abordam problemas passíveis de discussão. A nosso ver, a mudança quanto à unidade de Interpelação é consonante com a mudança quanto ao conteúdo das cartas, ambas as mudanças sendo indicativas de uma mesma alteração diacrônica na finalidade das cartas.

A esse respeito, de acordo com nosso entendimento, as três finalidades sociocomunicativas distinguidas por Guerra (2016) envolvem, dentre outros aspectos, a articulação entre esses dois tipos de assunto e a presença ou não da unidade de Interpelação; ou seja, entendemos que seria possível identificar uma dada finalidade tendo em vista (dentre outros aspectos) os assuntos e a estrutura composicional, no caso aqui, a presença ou ausência da unidade Interpelação. Assim, pode-se pensar as três finalidades propostas por Guerra (2016) – aqui incorporadas – articulando aspectos de assunto e composição, e, além disso, dispondo-as num contínuo – que, na verdade, especificaria o contínuo inicialmente proposto pela autora.

¹⁷ Deve-se destacar uma questão metodológica complicadora para relacionar a estruturação das cartas com sua finalidade sociocomunicativa. A estruturação e a finalidade das cartas, a nosso ver, são fatos integrados entre si. Não é possível analisar a estruturação, analisar separadamente a finalidade das cartas e, por fim, correlacionar os dois dados. Na verdade, a estruturação das cartas (aqui entendida como parte da estrutura composicional do gênero) está intimamente ligada à finalidade; a estruturação seria parte da manifestação da finalidade das cartas. Além disso, ao analisar as cartas, não se tem acesso direto à finalidade, que seria um propósito geral, abstrato do gênero. Tem-se acesso justamente a aspectos materiais, como a forma de composição, e, a partir daí (e de outros aspectos), é que se pode tentar depreender a finalidade (trata-se de uma questão interessante, pois, em tese, a finalidade do gênero determina o modo de composição, mas, num trabalho como a presente pesquisa, o analista tem acesso, inversamente, primeiro à forma de composição, para, a partir dela, tentar depreender a finalidade do gênero). Por essa razão, nosso procedimento foi, a partir da estruturação tópica, definir uma hipótese de qual seria a finalidade das cartas e tentar checar essa hipótese observando algum outro elemento caracterizador do gênero, no caso, o conteúdo temático as cartas.

Num polo desse contínuo, estariam cartas que tratam de problemas passíveis de solução específica e que têm a unidade de Interpelação; essas cartas poderiam ser consideradas como cartas de denúncia/solicitação prototípicas (uma vez que a Interpelação explicitaria o pedido de solução). Mais adiante, estariam cartas que também desenvolvem assuntos passíveis de solução específica, mas que não teriam a unidade de Interpelação; tais cartas ainda poderiam ser consideradas de denúncia/solicitação, mas não prototípicas, na medida em que a solicitação estaria implícita (sem a presença de Interpelação). Mais adiante no contínuo, estariam localizadas cartas que constroem problemas passíveis de discussão (não propriamente de uma solução específica), mas que contêm uma unidade de Interpelação, geralmente uma interpelação indireta; essas cartas poderiam ser vistas como cartas de sugestão (ou cartas de opinião não-prototípicas). Por fim, num outro extremo desse contínuo, ficariam cartas que desenvolvem assuntos passíveis de discussão, sem a unidade de Interpelação; tais cartas seriam cartas de opinião prototípicas.

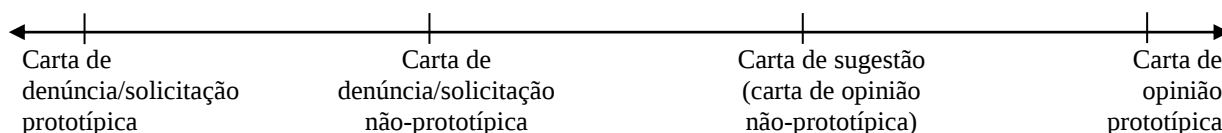
Esses tipos de cartas (baseados em suas finalidades e resultantes da combinação entre tipo de conteúdo temático e ocorrência ou não de Interpelação) podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 3: Tipos de cartas de leitores quanto à finalidade sociocomunicativa

Conteúdo temático	Estrutura composicional	
	Presença de Interpelação	Ausência de Interpelação
Problema passível de solução	Carta de denúncia/solicitação prototípica	Carta de denúncia/solicitação não-prototípica
Problema passível de discussão	Carta de sugestão (carta de opinião não-prototípica)	Carta de opinião prototípica

A figura 2 abaixo ilustra o que seria o contínuo de tipos de cartas:

Figura 2: Contínuo de tipos de cartas de leitores



Para ilustrar cartas de denúncia/solicitação prototípicas, segue abaixo uma carta analisada em Guerra (2016):

- (43) Senhor Redactor. || Está *um bexiguento* na *populosa rua da Quitanda* que | se mudou de *uma* 1
casa de sobrado. || E' *captivo de homem rico*, podia ir para *uma cha-* | *cara*, e não se largar 2
ali em *um quarto*, em *uma rua tão* | *caminhada*. 3
- Eu senhor Redactor já fui vacinada, e muito | vacinada, não pelas *vacinas de agora*, que 4
negão fogo, | mas pelas *do tempo do Horta*: não é por mim que re- | clamo, por ir fazer 5
compras *nessa rua* para os meus es- | tudantes, que não relaxão a mimosa manteiga da casa | 6
do senhor Miguel, e vinagre também; mas como me acom- | panha sempre *uma pequenina*, 7
que me carrega o balai- | nho, 8
- peço que vejão isso, a bem das *nossas leis*, e inde- | *pendencia da nossa constituição*, e *pacto* 9
fundamental, | que os ditos meus estudantes tanto fallão quando estão | fazendo o quilo. || 10
- MIQUELINA DO AMOR DIVINO. 11

Na carta em (43), podemos observar, nas linhas de 1 a 3, a unidade de Explicação, em que a escrevente relata o fato de que uma pessoa enferma (“um bexiguento”) estaria morando em um lugar muito movimentado da cidade (“rua tão caminhada”). Em seguida, nas linhas de 4 a 8, a escrevente avalia negativamente o fato relatado, argumentando, dentre outras coisas, que uma criança sempre a acompanha nas compras naquele local. Por fim, nas linhas 9 e 10, podemos observar uma unidade de interpelação, na qual a escrevente solicita que alguma providência seja tomada (“peço que vejão isso”) para a resolução do problema.

Como se vê, esta é uma carta que desenvolve, como conteúdo temático, um problema específico, pontual, passível de ser solucionado, seguido de uma unidade de Interpelação, na qual a escrevente solicita tal resolução prática para esse problema. Assim, esta carta se configura como um exemplo de uma carta de denúncia/solicitação prototípica.

A carta em (44) abaixo, extraída do *corpus* analisado por Guerra (2016), ilustra o que seria uma carta de denúncia/solicitação não-prototípica:

- (44) *Senhores Redactores da Phenix*. || 1
- Consta que o *chefe bruto* lendo o officio do Juiz | de Paz suspenso da Villa de Ubatuba 2
ácerca da | denuncia dos 700 *Africanos* desembarcados na dic- | ta Villa, atirára para um 3
canto o papel, e olhan- | do para o Cavalleiro da cara suja exclamara rin- | do se. *Tanto mió* 4
p'ra mim, que agora comprei uma | *fazenda bem perto d'esse lugar*. || 5
- O anti Africanista* (BARBOSA; LOPES, 2006, carta 438). 6

Essa carta contém apenas a unidade de Explicação, em que o escrevente relata um fato, no caso, a atitude do chamado *chefe bruto* em relação a um ofício que trataria de uma denúncia sobre um grupo de africanos. Vemos aí, como conteúdo temático, um problema pontual, específico, em teor de denúncia (a acusação de que o chefe bruto pactuaria com o tráfico ilegal de africanos). Porém, não se verifica uma unidade de Interpelação, explicitando

a solicitação de alguma medida para o problema denunciado. Uma possível solicitação (que poderia ser a expectativa de que fossem tomadas medidas para penalizar o chefe bruto) ficaria apenas implícita. Assim, essa carta seria um exemplar de uma carta de denúncia/solicitação não-prototípica.

A carta em (45), extraída de nosso *corpus*, já reproduzida anteriormente em (25), exemplifica uma carta de sugestão:

(45)	Reforma política	1
	A coluna "Radiografia", de André Singer ("Opinião", 30/5), foi perfeita. Reflete uma realidade	2
	que pode ser resumida na seguinte constatação: os parlamentares brasileiros não promoverão	3
	mudanças que possam sanear o mar de lama em que se transformou o mundo da política neste	4
	país.	5
	Se não houver uma vigorosa manifestação da sociedade, não vai acontecer nada que possa	6
	alterar o quadro atual (Folha de S. Paulo, Painel do Leitor, 01/06/2015).	7

Nas linhas de 2 a 5, podemos observar uma unidade de Explicação e Posição integradas, em que o escrevente inicia introduzindo o tópico, expondo um fato, no caso o de que André Singer teria publicado, no dia 30/5, a coluna “Radiografia”, na seção “Opinião” do jornal e, em seguida, se posiciona sobre esse tópico, afirmando que a coluna reflete a realidade de que “os parlamentares brasileiros não promoverão mudanças que possam sanear o mar de lama em que se transformou o mundo da política neste país”. Por fim, nas linhas 6 e 7, temos uma unidade de Interpelação indireta, em que o escrevente sugere a necessidade de alguma manifestação popular, ao afirmar que, se a sociedade não se manifestar, o quadro atual não poderá ser alterado.

Como se vê, a carta não desenvolve um problema específico, pontual, objeto de uma solução prática, mas um problema de ordem mais geral, de interesse da sociedade como um todo (no caso, a postura dos parlamentares brasileiros frente ao mundo da política brasileira). Por outro lado, há uma unidade de Interpelação, em que uma proposta é formulada (mesmo que indiretamente). Dada essa combinação entre conteúdo geral e uso de Interpelação, a carta se caracteriza como carta de sugestão. A propósito, a unidade de Interpelação desta carta, por ser indireta, em certa medida pode ser confundida com a própria unidade de Posição, o que parece corroborar o fato de esta carta ser considerada, em nossa análise, uma carta de sugestão, ou *carta de opinião não-prototípica*, já que ela não chega a fazer uma solicitação explícita, e também não se reserva a apenas discutir e opinar sobre um determinado assunto construído na carta.

Por fim, o exemplo em (46), também extraído de nosso *corpus*, ilustra uma carta de opinião prototípica:

(46)	Futebol	1
	Thiago Silva diz que "vestindo essa camisa [da seleção] a gente representa a CBF" ("Em defesa de Del Nero, Cafu critica Ronaldo", "Esporte", 6/6).	2 3
	Ele esquece que o futebol está em primeiríssimo lugar, no coração do povo, não dentro das cartolas dos velhacos que tiram proveito dessa bela arte esportiva (Folha de S. Paulo, Painel do Leitor, 07/06/2015).	4 5

Nesta carta, nas linhas 2 e 3, podemos observar a unidade de Explicação, em que o escrevente reproduz a informação obtida em uma publicação do jornal, de que Thiago Silva teria dito que, vestindo a camisa da seleção, os jogadores representariam a CBF. Na sequência, nas linhas 4 e 5, temos, então, uma unidade de Posição, em que o escrevente formula uma tese em relação ao que Thiago Silva teria dito, afirmando que o jogador teria se esquecido de que o futebol estaria, primeiramente, no coração do povo.

Como podemos observar, o assunto construído na carta é tomado como objeto de discussão, não chegando a representar um problema específico e pontual, para o qual caberia uma resolução prática. Ao mesmo tempo, não se verifica a unidade de Interpelação (ocorrendo, apenas, Explicação e Posição). Com essa combinação entre conteúdo e estrutura intratópica, o texto se configura como um exemplar do que consideramos como carta de opinião prototípica.

Retomando os dados estatísticos levantados acima, pode-se, enfim, dizer que, no século XIX, predominavam cartas de denúncia/solicitação prototípicas, havendo baixa incidência de cartas de denúncia/solicitação não prototípicas, de cartas de sugestão e de cartas de opinião prototípicas; já no século XXI, observa-se ausência de cartas de denúncia/solicitação, baixa frequência de cartas de sugestão e alta frequência de cartas de opinião prototípicas.

Em síntese, nosso objetivo principal até aqui neste capítulo foi tentar explicar a redução do percentual de ocorrência da unidade de Interpelação, na comparação entre os séculos XIX e XXI. Para isso, procuramos associar os dados sobre a mudança quanto à Interpelação com dados sobre mudanças em termos de conteúdo temático, para, a partir disso, tentar recuperar as finalidades sociocomunicativas das cartas nos dois séculos, as quais, em última instância, é que seriam as responsáveis pelas mudanças de estrutura e conteúdo.

Nesse sentido, em resumo, nossa conclusão até aqui, tendo em vista os dados estatísticos arrolados acima, pode ser sintetizada nos dois itens em (47):

- (47) (i) nas cartas oitocentistas, seria possível identificar uma finalidade sociocomunicativa principal de denúncia/solicitação, à qual estaria associada uma maior incidência da unidade de Interpelação;
- (ii) nas cartas atuais, por outro lado, a finalidade principal passaria a ser a de manifestação de opinião do escrevente, o que resultaria numa baixa incidência da unidade de Interpelação.

Enquanto a unidade de Interpelação manifesta grande redução de frequência de um século para o outro, as unidades de Explicação e Avaliação (Posição e Suporte, em nossa análise do século XXI) mantêm frequências relativamente próximas em termos gerais (como mostrado acima na tabela 2).

Essa manutenção diacrônica de frequência dessas duas unidades parece-nos condizente com as finalidades sociocomunicativas das cartas nos séculos analisados. Embora a finalidade central tenha passado de denúncia/solicitação para manifestação de opinião (conforme nossa análise), ambas as finalidades pressupõem a discussão de um problema. No primeiro caso, a discussão teria como foco a construção de uma denúncia, para sustentação de um pedido (explícito ou implícito) de solução; no segundo caso, trata-se de uma discussão para manifestação de opinião, para defesa de um ponto de vista. Em cada século, haveria diferentes razões para a discussão de uma questão, mas, em ambos, a finalidade das cartas de leitores pressupõe o desenvolvimento de uma discussão. Por essa razão, nos dois séculos, haveria índices altos (e relativamente parecidos) de ocorrência das unidades de Explicação e Avaliação, já que essas duas unidades seriam destinadas justamente à elaboração dessa discussão – a Explicação delimita o tópico, o problema em pauta na carta, e a Avaliação desenvolve a argumentação sobre esse problema.

A respeito dos percentuais dessas duas unidades, é interessante notar ainda uma outra questão. Embora em termos gerais haja manutenção de percentuais altos em ambos os séculos, há uma certa mudança que, mais uma vez, parece estar relacionada à mudança de finalidade que estamos considerando. Do século XIX ao XXI, a frequência da unidade de Explicação cai de 94% para 82%, enquanto a frequência de Avaliação sobe de 74% para 93%. Ou seja, embora, em ambas as unidades, os percentuais sejam altos (principalmente comparados à frequência da Interpelação), há uma inversão entre os séculos, havendo mais Explicação e menos Avaliação no século XIX e o inverso disso no século XXI.

Esses dados parecem ser perfeitamente afeitos à maior focalização, no decorrer do período histórico aqui considerado, do propósito de manifestação de opinião. É verdade que, como dissemos, tanto Explicação, quanto Avaliação participam da discussão elaborada na carta, e, assim, ambas podem ser vinculadas à finalidade da manifestação de opinião. Porém, é também possível reconhecer que a Avaliação seria, por excelência, a unidade destinada à argumentação, à expressão de opinião. Daí a maior concentração dessa unidade no século XXI do que no século XIX.

A existência de maior concentração de Explicação do que de Avaliação no século XIX pode ser explicada justamente pela predominância da finalidade de denúncia/solicitação nesse século. Em sendo essa a finalidade central, justifica-se a existência de cartas contendo a unidade de Explicação, mas não a unidade de Avaliação; a Explicação conteria a denúncia do problema, ficando a solicitação de solução implícita ou explícita (por uma Interpelação), o que poderia ser realizado sem a necessidade de uma argumentação, já que o objetivo central é a denúncia de problema e a solicitação de solução, e não a manifestação de opinião sobre o problema. Em outras palavras, no século XIX, a elaboração de uma carta de leitor sem a unidade de Avaliação ainda é capaz de cumprir o propósito central de denúncia/solicitação.

Com efeito, a constatação de Guerra (2016) de que, do total de cartas analisadas, 94% contêm Explicação e 74% contêm Avaliação indica a existência de 20% de cartas (diferença entre os dois percentuais anteriores) contendo Explicação, mas não Avaliação. E, de fato, a autora lista, entre as combinações de unidades encontradas em seu *corpus*, casos contendo Explicação, mas não Avaliação – particularmente, a autora afirma ter encontrado, dentre outras, cartas contendo as seguintes combinações de unidades: Explicação; Abertura-Explicação; Explicação-Interpelação; Abertura-Explicação-Interpelação.

Já no caso das cartas atuais, verifica-se a presença de Explicação sem Avaliação em apenas 6% das cartas; por outro lado, como dissemos, 93% (isto é, quase a totalidade das cartas) contêm Avaliação (considerando cartas apenas com Posição e cartas com Posição e Suporte). Trata-se, pois, de dados plenamente afins ao propósito central de manifestação de opinião.

A efetivação desse propósito por meio de uma carta contendo Explicação, mas não Avaliação, implicaria apenas expor um tópico, deixando implícita a opinião do escrevente, o que realmente parece não ser um procedimento produtivo diante da finalidade de manifestação de opinião. Por outro lado, a efetivação de tal finalidade parece não entrar em choque com a elaboração de uma carta que não chegue a conter uma unidade específica para a apresentação do problema (a Explicação), deixando implícita a existência do problema e já se

concentrando diretamente na formulação de opinião sobre tal problema (na Avaliação – Posição e Suporte). Desse modo, faz pleno sentido o índice maior de ocorrência de Avaliação do que de Explicação no século XXI (ao contrário do observado no século XIX).

Em resumo, até aqui neste capítulo, em que comparamos cartas de leitores dos séculos XIX e XXI, procuramos mostrar que as cartas, do primeiro para o segundo século, passariam de um propósito comunicativo central de denúncia/solicitação para um propósito principal de manifestação de opinião e que essa mudança explicaria: (i) a redução drástica no percentual de uso da unidade de Interpelação; (ii) a manutenção de percentuais altos de Explicação e Avaliação; (iii) a inversão entre ocorrências majoritárias de Explicação e Avaliação entre os séculos XIX e XXI.

A segunda comparação entre os dois séculos que indicamos no início deste capítulo diz respeito ao aparecimento, no século XXI, da unidade de Desfecho, não presente no século XIX. A nosso ver, essa mudança também seria decorrente da mesma alteração de propósito comunicativo que estamos considerando entre os dois séculos, tendo em vista que a unidade de Desfecho corrobora a argumentatividade das unidades de Posição e Suporte, mais especificamente, corrobora a opinião do escrevente expressa argumentativamente na unidade de Posição, funcionando, então, como uma síntese da opinião expressa nessa unidade.

Como explicamos acima, o Desfecho tem a função de elaborar uma avaliação final sobre o tópico discursivo desenvolvido ao longo da carta. Esta unidade faz uma avaliação final do tópico, em concordância com o posicionamento do escrevente, a fim de sintetizá-lo através de um comentário aparentemente provocativo, com a função de veicular o que se poderia considerar como uma “lição de moral”, utilizando-se, muitas vezes, de trocadilhos, provérbios populares, frases feitas, expressões cristalizadas, ironia, ou construções que imprimem um tom comicamente crítico em relação ao tópico desenvolvido ao longo da carta.

Se tomarmos a noção de “moral”, parte da sequência narrativa proposta por Adam (1992), podemos considerar que o Desfecho em muito se assemelha com esta noção em termos de função. De acordo com Bonini (2005, p. 219) a moral da sequência narrativa consiste em uma reflexão final sobre o fato narrado, podendo “encerrar a verdadeira razão de se contar aquela história”. Como explica o autor, não é uma parte essencial na narrativa, podendo vir implícita.

Reproduzimos, a seguir, em (48), uma carta do nosso *corpus*, já exposta em (27), contendo a unidade de Desfecho, a fim de exemplificar essa unidade em termos de funcionalidade e demonstrar o quanto ela se configura como uma unidade

argumentativa, ligada à finalidade de manifestação da opinião do escrevente, que estamos defendendo como sendo a finalidade central das cartas atuais:

(48)	[Quintal do Planalto]	1
	O governo dizia numa extensiva campanha publicitária que "país rico é país sem	2
	pobreza" e, a apenas 17 Km do Palácio do Planalto, cerca de 12 mil pessoas vivem na	3
	extrema miséria.	4
	Vemos mais uma vez que tudo não passou de propaganda criada por marqueteiros que se	5
	preocupam somente em ganhar eleições enquanto muitos brasileiros continuam a viver	6
	em bolsões de pobreza e em condições sub-humanas.	7
	A mentira tem perna curta (Folha de S. Paulo, Painel do Leitor, 02/06/2015).	8

No primeiro trecho desta carta, nas linhas de 2 a 4, temos uma unidade de Explicação, em que o escrevente expõe o fato de que, em uma campanha publicitária, o governo estaria pregando que “país rico é país sem pobreza”, enquanto a apenas 17 Km do Palácio do Planalto, cerca de 12 mil pessoas se encontrariam vivendo na miséria. Em seguida, temos a unidade de Posição, na qual o escrevente afirma que esse fato, exposto na Explicação, demonstraria que a campanha não teria passado de propaganda para ganhar eleições. Por fim, no último trecho da carta, na linha 8, temos a unidade de Desfecho, em que podemos ver uma síntese e uma potencialização da opinião do escrevente ao utilizar-se do provérbio popular “mentira, tem perna curta”. Utilizando-se desse provérbio, o escrevente parece sintetizar sua opinião (expressa na Posição) de que a campanha do governo não passaria de propaganda criada por marqueteiros, sendo, portanto, mentirosa; e o provérbio acrescenta, ainda, que a mentira seria sempre descoberta (“tem perna curta”), o que teria acontecido ao ser noticiado (como expresso na Explicação) que a 17Km do Palácio do Planalto haveria cerca de 12 mil pessoas vivendo na miséria.

A nosso ver, o fato de o escrevente se utilizar de um provérbio popular e encerrar a carta sucintamente parece potencializar o teor opinativo da carta, especialmente se atribuímos à unidade de Desfecho a mesma função que a “moral” teria em uma sequência narrativa que, como explica Bonini (2005), pode encerrar a verdadeira razão de se contar determinada história, ou, no caso, de se escrever determinada carta. Assim, parece-nos claro o teor argumentativo da unidade de Desfecho, cujo aparecimento nos dados do século XXI seria uma mudança plenamente condizente com propósito de manifestação de opinião que as cartas teriam nesse período, conforme estamos defendendo.

A seguir, reproduzimos mais uma carta do nosso *corpus*, contendo a unidade de Desfecho:

(49)	Guinada ética	1
	Que diferença fará para nós, brasileiros, se nesse 5º Congresso do PT (ou convescote com recursos públicos) o partido, como propõe, der uma guinada à esquerda, se a prática da corrupção está literalmente no sangue da cúpula petista?	2 3 4
	Surpreendente seria se o partido de Lula encampasse a firme decisão de uma guinada a favor da ética (O Estado de S. Paulo, Fórum dos Leitores, 11/06/2015).	5 6

No primeiro trecho da carta em (49), nas linhas de 2 a 4, identificamos uma unidade de Explicação e Posição integradas, na qual o escrevente, ao mesmo tempo, expõe o fato de que haverá um Congresso do PT, no qual o partido propõe dar uma guinada à esquerda, e afirma que, em sua opinião, isso não faria diferença para os brasileiros, pois a prática da corrupção estaria “no sangue” da cúpula petista. Assim, podemos sintetizar a Posição como “nenhuma atitude tomada pelo PT faria diferença para os brasileiros, pois a corrupção estaria arraigada ao partido”. Na sequência, nas linhas 5 e 6 temos, enfim, a unidade de Desfecho, aqui em questão, em que o escrevente afirma que um fato surpreendente seria o partido se dedicar a favor da ética. Ao utilizar a construção “surpreendente seria se” para sugerir uma guinada em favor da ética, a nosso ver, o escrevente sintetiza e potencializa sua Posição: a de que o partido é naturalmente corrupto, e nada que fizer fará diferença para o povo, tanto é que, se lutassem em favor da ética, seria muito surpreendente. É como se, neste trecho, o escrevente defendesse o seguinte: o que o PT propõe fazer no 5º Congresso do partido (guinada à esquerda) não fará diferença para um partido corrupto, o que realmente faria diferença para os brasileiros (“surpreendente seria”) é se o partido deixasse a corrupção e se dedicasse à ética.

Como procuramos mostrar, a unidade de Desfecho se configura como uma argumentação, uma reafirmação da posição que o escrevente procura transmitir na unidade de Posição. Desse modo, o aparecimento da unidade de Desfecho, ao lado da diminuição da unidade de Interpelação e da manutenção das unidades de Explicação e Avaliação (Posição e Suporte), pode ser visto como decorrente da mudança no propósito comunicativo central das cartas, que passaria a ser a manifestação de opinião, e não mais a denúncia/solicitação, como nas cartas oitocentistas.

Como se pode notar, até aqui procuramos explicar alterações ocorridas na finalidade das cartas e respectivas implicações na estruturação tópica observando características das próprias cartas em si. Porém, é possível também observar fatos da história da imprensa e do jornal impresso que possivelmente estariam relacionados à mudança aqui identificada quanto ao propósito das cartas de leitores.

Como observamos no capítulo I acima, Gomes (2007) mostra alguns aspectos da evolução da imprensa no Brasil. A autora explica, por exemplo, que, numa primeira fase, intitulada de *político-panfletária*, correspondente ao contexto inicial da imprensa no século XIX, esta é acompanhada de um elevado analfabetismo da sociedade e apresenta função essencialmente opinativa, discurso pomposo e veemente. Nessa fase, a imprensa se caracteriza por polêmicas pessoais e violência física e verbal, bem como por uma linguagem marcada por vocativos, imperativos, repetições, interjeições, subjetivismo, adjetivação e pontuação enfática. Como se vê, trata-se de características perfeitamente condizentes com a finalidade de denúncia e solicitação que identificamos nas cartas de leitores oitocentistas, com seus respectivos traços de conteúdo temático (problemas passíveis de soluções práticas) e estrutura (uso frequente de Interpelação).

Com seu desenvolvimento histórico, a imprensa passa por um processo de modernização e profissionalização, culminando numa terceira fase, mais recente, que supera a opinião meramente individualista e subjetivistas, em prol da informação objetiva. Passa-se de uma imprensa romântica para uma imprensa mercadológica, que substitui o estilo detalhista literário pelo estilo simplista telegrafês, com uma linguagem direta. É uma imprensa que apresenta mais afirmações que demonstrações, com repetições reguladas. A nosso ver, seria uma imprensa condizente com a finalidade que identificamos nas cartas de leitores atuais, de manifestação de opinião sobre assuntos gerais, de interesse coletivo, com uso muito pouco recorrente da unidade de Interpelação.

Finalmente, a terceira comparação que apontamos no início deste capítulo refere-se à existência da Abertura nas cartas oitocentistas e sua eliminação nas cartas atuais. Guerra e Penhavel (2010), que identificam essa unidade, a caracterizam como uma unidade especificamente dedicada a anunciar o tópico que será desenvolvido no restante da carta. Alguns exemplares que os autores fornecem dessa unidade seriam os primeiros blocos de enunciados nos exemplos abaixo:

- (50) Senhores Redactores. Não posso deixar de queixar-me á Vossas mercês e ao | publico do abandono, em que se acha a estrada, | por onde costumo transitar com minha tropa.

No tempo dos Presidentes [...].

- (51) Não posso deixar de levar ao conheci- | mento do povo honesto e principalemnte | do commercio da capital, o procedimento | pouco cavalheiro de um importante ne- | gociente atacadista desta praça - o senhor José | de Souza Macedo.

O abaixo assignado há muito tempo que | occupava um predio de propriedade do di- | to negociante [...].

- (52) Senhor Redactor. – Tenho visto varias correspondencias | desta villa, e tenho lido ellas afim de ver se deparo em al- | gumas dellas a noticia de um grande pagode que houve ha | dias na fazenda do senhor Victoriano José Lemes, e como nin- | guem tem lembrado-se de fallar nesse pagode, e para que | se veja e saiba como esta villa vai em progresso tomo a ta- | refa de publicar o motivo desse pagode. || Disse progresso porque nesta villa quando se vai a qual- | quer divertimento já se diz, ora esta villa está em pro- | gresso. || Desçamos ao pagode e ao que deu motivo a isso.

Varios moradores do bairro de Buquira vendo-se priva- | dos de virem a esta villa cada vez que os rios enchem fi- | zeram uma representação á camara municipal [...].

- (53) Senhor Redactor – Como em o seu número 97 | de hoje me offerece occasião de desabafo | contra a Camara d’esta Cidade a quem | incumbe a sua policia quero desabafar meu | sensibilizado coração, contando-lhe um | caso horroroso, acontecido á tres dias em | uma rua publica d’esta Cidade.

Um po- | bre môço carreiro de 10 a 12 annos que | servia de arrimo a sua desgraçada familia, | tendo marchado 3 ou 4 leguas por entre | mãos caminhos, chegou [...].

Os autores esclarecem que, num dado SegT, distinguem a Abertura quando é possível isolar um conjunto de enunciados que teria, primariamente, a função de anunciar o tópico, o qual, a partir de então, passa a ser abordado. Seria um conjunto de enunciados em que se diz “Nesta parte da carta, vou falar sobre x”. Aí, a partir do momento em que se começa a falar de x, inicia-se outra unidade do SegT. É o que pode ser visto em todos os casos de (50) a (53) acima. Em (50), por exemplo, o escrevente anuncia explicitamente que irá falar sobre o estado de abandono em que se encontra a estrada por onde transita com sua tropa. Em seguida, começa a descrever a situação da estrada.

É importante observar que a referida unidade de Abertura não se confunde com a unidade aqui considerada de Explicação – aliás, também distinguida por Guerra e Penhavel (2010). De certo modo, a Explicação, nas cartas aqui analisadas, também funciona como uma abertura da carta. Inclusive, definimos a Explicação como uma unidade que introduz o tópico discursivo. Porém, a Explicação introduz o tópico, já expondo, completamente, o problema que é abordado na carta, em vez de apenas anunciar o tópico, em termos apenas mais gerais.

Por exemplo, a carta em (27) acima apresenta a seguinte unidade de Explicação:

- (54) O governo dizia numa extensiva campanha publicitária que "país rico é país sem pobreza" e, a apenas 17 Km do Palácio do Planalto, cerca de 12 mil pessoas vivem na extrema miséria.

Nesse caso, como em todos os demais casos de Explicação, o problema a ser abordado na carta já fica completamente explicado: trata-se do problema de o governo afirmar que um país rico seria um país sem miséria, enquanto que, próximo ao Palácio do Planalto, haveria pessoas vivendo na miséria. Uma possível unidade de Abertura, correspondente ao que ocorre nas cartas oitocentistas, diria, mais ou menos, o seguinte: “Gostaria de fazer algumas considerações a respeito de uma campanha publicitária feita pelo governo recentemente”.

Essa seria uma unidade com a função “apenas” de *anunciar* o tópico, apresentar o problema a ser discutido, mas sem ainda o explicar completamente, o que ficaria a cargo da unidade de Explicação, que poderia ocorrer na sequência da carta. Considerando essa diferença entre Abertura e Explicação – já prevista em Guerra e Penhavel (2010) – é que não identificamos a unidade de Abertura nas cartas atuais.

De acordo com nossa análise, a ausência da Abertura nas cartas atuais poderia ser relacionada a dois fatos: à redução clara na extensão das cartas atuais, em relação às oitocentistas e, mais uma vez, à mudança na finalidade sociocomunicativa das cartas, em direção à focalização da manifestação de opinião.

Pelos exemplos apresentados ao longo deste trabalho, pode-se notar claramente que as cartas oitocentistas são, em geral, muito mais extensas que as cartas atuais. E, de fato, conforme levantamento que fizemos, analisando o mesmo *corpus* de Guerra e Penhavel (2010) e nosso *corpus* de cartas atuais, pudemos apurar uma média de 400 palavras por carta no século XIX e de 71 palavras por carta no século XXI.

Essa redução na extensão (provavelmente causada por fatores relativos à edição dos jornais, que não chegamos a averiguar em nosso trabalho) certamente implicou na necessidade de adaptações na estruturação das cartas, para adequá-las a essa nova extensão menor. Paralelamente a essa redução, o gênero teria alterado sua finalidade sociocomunicativa para focalizar a manifestação de opinião. Considerando que a Abertura não seria uma unidade essencialmente argumentativa (não teria, como função primordial, expressar opinião), sua eliminação atenderia à necessidade de redução de tamanho, sem comprometer o foco no propósito de manifestação de opinião.

Não deixamos de reconhecer que a unidade de Abertura já possa veicular elementos argumentativos. Por exemplo, na Abertura exemplificada em (53), observam-se expressões como “desabafo”, “censibilizado coração”, “caso horroroso”, que já contribuem argumentativamente para a construção do teor de gravidade do problema que é relatado na sequência da carta. Porém, como mostram Guerra e Penhavel (2010), a função predominante da Abertura não seria a avaliação do problema em pauta, para o que há, mais adiante na carta, justamente a unidade de Avaliação, especializada para esse fim.

A nosso ver, a ausência da Abertura, nas cartas atuais, estaria vinculada a essa necessidade de redação de um texto menor (ou mesmo a um estilo), fazendo com que a carta

seja dedicada ao tratamento direto da argumentação proposta e, como mencionado por Filho (2011), vá “direto ao ponto”.¹⁸

A diminuição na extensão das cartas (que parece motivar a eliminação da unidade de Abertura) poderia parecer contraditória com o aparecimento de uma nova unidade da estruturação das cartas, do Desfecho. Porém, esta última unidade caracteriza-se, justamente, por ser bastante sucinta e fortemente argumentativa (como discutimos acima), o que seria condizente com a necessidade de redação de um texto relativamente curto e opinativo.

Em síntese, nossa visão final e mais geral sobre a diacronia da estruturação intratópica das cartas de leitores analisadas é que parece pertinente considerar que, em grande medida, todas as manutenções e alterações na estruturação intratópica aqui atestadas estariam relacionadas a um mesmo movimento histórico ocorrido na finalidade sociocomunicativa das cartas, que seria a passagem de uma finalidade central de denúncia e solicitação para o foco na manifestação de opinião.

¹⁸ Além das questões mencionadas, é possível notar, nas cartas de leitores oitocentistas, um certo rebuscamento estilístico. Isso parece se manifestar especialmente na unidade de Abertura, que, em geral, apresenta todo um “floreio” em sua redação, como se pode ver, por exemplo, na Abertura em (51). Parece que, com a redução na extensão das cartas de leitores, não haveria espaço para uma unidade dedicada a essa introdução mais trabalhada esteticamente.

CONCLUSÃO

Conforme definido no início desta dissertação, esta pesquisa tem dois objetivos centrais: (i) analisar a estruturação interna de SegTs mínimos de cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI, verificando se haveria uma regra geral de estruturação nessas cartas; (ii) comparar essas cartas com cartas oitocentistas.

Quanto ao primeiro objetivo, nossas análises demonstraram que é, sim, possível identificar uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas atuais. Em termos gerais, essa regra consiste no encadeamento potencial das unidades de Explicação, Posição, Suporte, Interpelação e Desfecho, nessa ordem sequencial. Esse padrão se mostrou em 65% das cartas analisadas, o que representa um fato quantitativo relevante para se considerar esse esquema de estruturação como uma regra geral.

Quanto ao segundo objetivo desta pesquisa, que diz respeito à comparação da estruturação interna de SegTs mínimos de cartas de leitores atuais e oitocentistas, o que pudemos apreender foi um movimento tanto de manutenção, quanto de mudança em relação às unidades constituintes da regra geral das cartas entre um século e outro. Mais especificamente, o que pudemos observar foi a manutenção das unidades de Explicação, Avaliação e Interpelação, sendo que, tanto em cartas atuais, quanto em cartas oitocentistas, as unidades de Explicação e Avaliação apresentaram um alto percentual de ocorrência. Já em termos de mudança na estruturação das cartas, pudemos observar que, nas cartas atuais, houve a eliminação da unidade de Abertura e o aparecimento da unidade de Desfecho, bem como uma diminuição drástica da frequência da unidade de Interpelação, que havia ocorrido em 56% das cartas oitocentistas e pôde ser observada em apenas 7% das cartas atuais analisadas.

A nosso ver, essas mudanças parecem acompanhar uma mudança na finalidade sociocomunicativa do gênero. Nossa análise é que, tanto no século XIX, quanto no século XXI, as cartas de leitores manifestariam a finalidade de discutir um determinado assunto, o que explicaria a manutenção e a alta frequência das unidades de Explicação e Avaliação, unidades destinadas à discussão. A expressiva frequência da unidade de Interpelação no século XIX, por sua vez, decorreria do fato de essa discussão ter como propósito central, nesse período, a sustentação de uma reivindicação sobre determinado assunto. Já nas cartas do século atual, a baixa frequência da unidade de Interpelação decorreria do fato de as cartas manifestarem o propósito central da discussão em si, constituindo-se como cartas focadas na manifestação de opinião. Conforme defendemos, na passagem do século XIX ao XXI, a eliminação da unidade de Abertura e o surgimento da unidade de Desfecho também

decorreriam do propósito central de manifestação de opinião que as cartas de leitores exibem atualmente.

A partir disso, concluímos, então, que, em relação ao primeiro objetivo proposto nesta pesquisa, pode-se dizer que, no gênero carta de leitor (tendo em vista cartas atuais de jornais paulistas), o SegT mínimo constitui uma unidade sistemática de organização textual, o que representa uma constatação favorável à hipótese formulada em Penhavel (2010) de que o SegT mínimo seria uma unidade de natureza fundamentalmente regular, passível de descrição em termos de regras gerais.

Já em relação ao segundo objetivo desta pesquisa, consideramos que a conclusão a que chegamos quanto à comparação diacrônica das cartas, tanto em termos de estrutura, quanto em termos de finalidade, nos permite compreender um pouco mais a evolução do gênero carta de leitor, bem como a diacronia do processo de organização tópica. Além disso, a constatação de que a estruturação das cartas acompanharia variações nas finalidades do gênero é exatamente consonante com a abordagem que assumimos no trabalho para estudo diacrônico de processos de construção textual, o que, inclusive, atesta a validade e a eficácia dessa abordagem.

Além das constatações e conclusões apresentadas neste trabalho, entendemos que ele oferece contribuições significativas em termos de pesquisas futuras para as quais aponta. Dentre outros possíveis objetos para pesquisa futura, um ponto interessante seria fazer uma análise minuciosa, numa pesquisa bastante extensa, dos mecanismos estritamente linguísticos caracterizadores das unidades intratópicas. Acreditamos que, numa análise mais extensa, seja possível identificar regularidades, por exemplo, em termos de tempos e modos verbais preponderantes em cada unidade.

Outra questão relevante, que aliás constitui um dos passos previstos no interior do Projeto Caipira II, consiste em aplicar a mesma análise aqui empreendida a um *corpus* de cartas de leitores de jornais paulistas do século XX, para que se possa acompanhar, mais detalhadamente, o percurso diacrônico aqui identificado a partir da análise de cartas dos séculos XIX e XXI. Nessa direção, outro ponto ainda relevante seria aprofundar o estudo de fatores de natureza social, para se discutir, mais profundamente, como a história social, a história da imprensa e dos jornais, bem como dos próprios leitores dos jornais influenciariam na estruturação das cartas.

Nossa expectativa é dar continuidade ao presente trabalho, avançando no estudo de questões como essas. Do mesmo modo, esperamos também que nosso trabalho possa incentivar outros pesquisadores a trabalharem com questões similares, levantando resultados

que possam ser relacionados aos aqui reunidos. Enfim, esperamos que esta dissertação venha a contribuir para uma melhor compreensão sobre as cartas de leitores, bem como sobre o processo de organização tópica e sobre a diacronia de processos de construção textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. M. *A lingüística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBOSA, A. G.; LOPES, C. R. S. (Orgs.). *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores*. 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2006.
- BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.208 - 236
- FILHO, F. A. *Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2011.
- GUERRA, A. R.; PENHAVEL, E. O processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. *Revista Confluência*, n. 37-38, p. 137-161, 2010.
- GOMES, V. S. G. Traços de mudança e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido. 313f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- JUBRAN, C. C. A. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 89-132.
- _____. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas; São Paulo: Pontes; FAPESP, 2007, p.313-327.
- JUBRAN, C. C. A. S. Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica. In: ALMEIDA, M. M. S. *Projeto de História do Português Paulista – Relatório de pesquisa apresentado à FAPESP (Processo: 11/51787-5)*. UNESP, São José do Rio Preto, 2014.
- JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, I. G. V.; FÁVERO, L. L. Contribuição a uma tipologia textual. In: *Letras e Letras*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.
- KÖCH, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. *Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PENHABEL, E. Marcadores Discursivos e Articulação Tópica. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

_____. Flexibilidade e sistematicidade no processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos. *Revista Moara*, v.36, p. 4-23, 2011.

_____. Estudo do processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos em diferentes gêneros textuais. Projeto de Pesquisa. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2013.

_____. Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica. In: ALMEIDA, M. M. S. Projeto de História do Português Paulista – Relatório de pesquisa apresentado à FAPESP (Processo: 11/51787-5). USP, São Paulo, 2015.

PENHABEL, E.; DINIZ, T. C. G. O processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos Mínimos em cartas de leitores mineiras do início do século XXI. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 8, n. 11, p. 21-38, 2014.

PENHABEL, E; GUERRA, A. R. Estudo do processo de Articulação Tópica em diferentes gêneros textuais na história do português paulista. Projeto de Pesquisa. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2011.

_____. A organização tópica de cartas de Redatores de jornais paulistas do século XIX. Relatório Parcial de Pesquisa. São José do Rio Preto, FAPESP, 2014.

SILVA, L. P. Sequências textuais. Material integrante do acervo do IESDE Brasil, S. A. Disponível em <www.iesde.com.br>. Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

ANEXOS

Carta 1	
Produtividade	1
Os principais vilões e responsáveis pela baixa produtividade do brasileiro ("1 trabalhador americano produz como 4 brasileiros", "Mercado", 31/5) são a educação e a falta de tecnologia moderna no país.	2 3 4
Enquanto o brasileiro tem, em média, sete anos de estudo, o norte-americano fica 12 anos na escola.	5 6
Além da falta de tecnologia e de maquinário moderno, temos a burocracia e altos tributos dinamitando a produtividade e a competitividade das nossas empresas.	7 8
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	
Suporte: linhas 5-6	
Posição: linhas 7-8	

Carta 2	
[Produtividade]	1
As condições de um brasileiro não são iguais às de um norte-americano.	2
Além disso, e mais importante, é preciso saber se um cidadão é criado para ser um mero produtor de bens materiais ou se é para desenvolver suas virtudes ético morais.	3 4
Qual é a finalidade essencial de um Estado? Ser uma "empresa", tendo um grupo de donos? Gerar lucro por meio do crescimento do PIB ou desenvolver deveres de virtude e de direito em seus cidadãos?	5 6 7
Qual é a intenção central de uma reportagem como essa? É por esse motivo que a Folha, a cada dia que passa, cai no meu conceito.	8 9
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Posição: linha 2	
Posição: linhas 3-4	
Suporte: linhas 5-7	
Desfecho: linhas 8-9	

Carta 3	
Reforma política	1
A coluna "Radiografia", de André Singer ("Opinião", 30/5), foi perfeita. Reflete uma realidade que pode ser resumida na seguinte constatação: os parlamentares brasileiros não promoverão mudanças que possam sanear o mar de lama em que se transformou o mundo da política neste país.	2 3 4
Se não houver uma vigorosa manifestação da sociedade, não vai acontecer nada que possa alterar o quadro atual.	5 6

(Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise Explicação/ Posição: linhas 2-4 Interpelação (indireta): linhas 5-6	

Carta 4	
[Reforma política]	1
Concordo com Bernardo Mello Franco ("Triste fim da reeleição", "Opinião", 31/5).	2
Sou simpático ao instrumento da reeleição, que permite uma espécie de referendo a cada quatro	3
anos para saber se o governante foi bem ou não.	4
O uso da máquina administrativa ocorre com ou sem a reeleição, e é paradoxal a forma como os	5
deputados votaram, apesar de ainda caber outras votações que não esconderão surpresas.	6
A grande dúvida é saber se os parlamentarem [sic] votaram porque estavam em xeque ou em	7
cheque.	8
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise Explicação/ Posição: 2-4 Suporte: 5-6 Desfecho: 7-8	

Carta 5	
Natação	1
Parabéns à Folha pela reportagem com o brilhante nadador Felipe Ribeiro, aluno do colégio Santa	2
Cecília ("Felipe, 17, supera tempos de Cielo e desponta para 2016", "Esporte", 31/5). Seu	3
surgimento, e de tantos outros, é fruto de um projeto estruturado, baseado nas práticas de	4
universidades americanas, de investimento em esporte conciliado com o ensino. Felipe é um dos	5
"meninos do Santa": optamos por descobrir talentos e dar condições para que se desenvolvam.	6
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação	

Carta 6	
Crise econômica	1
O comércio está trocando as placas de promoção para as de "passo o ponto".	2
Obrigado, Dilma.	3
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise Explicação: linha 2 Desfecho: linha 3	

Carta 7	
Corrupção no futebol	1
Se há um título mundial que pertence - sob todos os pontos de vista - ao presidente da Fifa, Joseph Blatter, é o de maior cara de pau do mundo.	2 3
Em plena era das comunicações, conseguirá este homem desafiar sozinho a opinião pública mundial? (Mais)	4 5
Cartas para a Redação. (Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3 Suporte: linhas 4-5	

Carta 8	
[Corrupção no futebol]	1
Com tantos escândalos desvendados e figurões do primeiro escalão da Fifa presos pelo FBI, a CPI pretendida pelo senador Romário (PSB -RJ) tem um grande desafio.	2 3
Se ao término da investigação todo esse processo terminar em pizza -como sempre-, mais uma vez ficaremos com a fama de país da impunidade.	4 5
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3 Desfecho: linhas 4-5	

Carta 9	
[Corrupção no futebol]	1
Como bem notou Mariliz Pereira Jorge em "É só o começo" ("Esporte", 30/5), Marco Polo Del Nero escafedeu-se com o receio de ver o Sol nascer quadrado na Suíça.	2 3
É uma luz que se acende nessa escuridão que são os negócios da CBF. "Dar explicações à imprensa", como tentou justificar o cartola, é de fazer rir.	4 5
Esperamos que nossos políticos se envergonhem da omissão, e que não seja só um susto nos cartolas, mas que revele toda a podridão que sabemos que existe no futebol.	6 7
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3 Suporte: linhas 4-5 Interpelação (indireta): linhas 6-7	

Carta 10	
Violência policial	1
Em atenção à carta de Rodrigo Nogueira (Painel do Leitor, 31/5), esclarecemos que a PM atuou na manifestação em frente à USP para que o seu impacto fosse o menor possível para os demais	2 3

cidadãos. Cabe salientar que foi afastado o PM que golpeou uma manifestante e que a ação é exceção na corporação - naquele dia, a Polícia Militar atendeu a 31 manifestações em diferentes pontos do Estado, com o emprego de 1.071 policiais e sem registro de outros problemas. A PM age dentro dos limites da lei. Seu efetivo passa por rigorosa formação, que aborda desde os princípios de polícia comunitária e direitos humanos. (Folha de S. Paulo, 01/06/2015)	4 5 6 7 8
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 11	
[Violência policial]	1
Não devemos generalizar, mas a Polícia Militar precisa rever os métodos e trabalhar mais o estado emocional de sua tropa.	2
	3
É inconcebível que um policial desfira um soco numa mulher a ponto de derrubá-la no chão. E não dá para entender qual é a ameaça que um repórter fotográfico representa ao exercer a sua função. Mais grave ainda foi a negativa do escrivão de polícia de elaborar o boletim de ocorrência.	4
	5
	6
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015) Análise Posição: linhas 2-3 Suporte/ Explicação: linhas 4-6	

Carta 12	
USP	1
Excelente o artigo do professor Francisco Carlos Palomanes Martinho, "A universidade não é uma ágora" (Tendências/ Denates [sic], 29/5). Ao comentar o texto, a professora Maria Ester de Freitas (Painel do Leitor, 31/5) faz um complemento: "Acorda, USP, a ditadura acabou!". É preciso menos "riponguice" e mais pesquisa nas universidades públicas.	2
	3
	4
	5
Nós, contribuintes, agradecemos.	6
(Folha de S. Paulo, 01/06/2015) Análise Explicação/ Posição: linhas 2-5 Desfecho: linha 6	

Carta 13	
Quintal do Planalto	1
A Chácara Santa Luzia é retratada como sendo um quintal - miserável- do Planalto, a área mais rica do país ("Favela cresce a 17 Km do Palácio do Planalto", "Cotidiano", 1º/6).	2
	3
Na realidade, todas as cidades-satélites, que circundam a Ilha da Fantasia, são também quintais do Planalto, pois abrigam os empregados que servem às elites, os moradores de Brasília.	4
	5
Se os quintais próximos estão assim, imagine mais distantes.	6

(Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise: Explicação: linhas 2-3 Posição: linhas 4-5 Desfecho: linha 6	

Carta 14	
[Quintal do Planalto]	1
O governo dizia numa extensiva campanha publicitária que "país rico é país sem pobreza" e, a apenas 17 Km do Palácio do Planalto, cerca de 12 mil pessoas vivem na extrema miséria.	2 3
Vemos mais uma vez que tudo não passou de propaganda criada por marqueteiros que se preocupam somente em ganhar eleições enquanto muitos brasileiros continuam a viver em bolsões de pobreza e em condições sub-humanas.	4 5 6
A mentira tem perna curta.	7
(Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 2-3 Posição: linhas 4-6 Desfecho: linha 7	

Carta 15	
Oposição	1
Ao ler a coluna "Crise social" ("Opinião", 1º/6), de Aécio Neves, fico de alma lavada ao ver que ele, novamente, não apresentou proposta alguma aos graves problemas que o Brasil enfrenta. A redução dos ministérios, proposta por Aécio, é inócua como cortar cabelo para perder peso, como diria Elio Gaspari. O desespero do colunista e a falta de ideias e de um programa de governo mostram como a saudade do poder o desidrata, já que ele e seu partido não apresentaram, até agora, alternativas às medidas adotadas pelo governo Dilma Rousseff, seis meses depois das eleições.	2 3 4 5 6 7
(Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais	

Carta 16	
Onda conservadora	1
Queixa-se Chico Alencar de uma "onda conservadora" na Câmara dos Deputados por uma suposta superficialidade da percepção da razão dos fenômenos sociais ("O império do senso comum", Tendências/Debates, 1º/6).	2 3 4
Esquece que, depois de 12 anos de "socialismo" do PT, com a quebra econômica, moral e administrativa do Brasil, as teses defendidas pela esquerda mostraram seu fracasso e daí a resposta dita "conservadora".	5 6 7
A sociedade está cansada de tanto blá-blá-blá e está respondendo que o verdadeiro "bom senso" é o conservadorismo, não as teses utópicas ditas progressistas que não deram certo.	8 9

(Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 2-4 Posição: linhas 5-7 Suporte: linhas 8-9	

Carta 17	
Minha Casa Minha Vida De acordo com o presidente do Secovi-SP, a inadimplência no programa Minha Casa Minha Vida na faixa de menor renda já era esperada ("Cresce calote no Minha Casa Minha Vida", "Folhainvest", 1º/6). Entretanto é curioso um cidadão que adquire um imóvel não conseguir pagar prestações de R\$25 a R\$80. Como o governo não pode tomar a posse desses moradores, por ser único imóvel e contrariar o programa habitacional, torna-se cômodo dever para o governo, onerando os cofres públicos, e a consequência pode ser o aumento dos juros nas faixas superiores para bancar o rombo. (Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	1 2 3 4 5 6 7 8 9
Análise Explicação: linhas 2-4 Posição: linhas 5-6 Suporte: linhas 7-9	

Carta 18	
Passeio de bicicleta Num momento em que só se escuta falar de facadas em ciclistas, a presidente Dilma aparece nos jornais andando de bicicleta, lépida e faceira nas imediações do Palácio da Alvorada ("Dilma passeia de bicicleta com seguranças ao redor do Palácio da Alvorada", "Poder", 31/5). Até parece que ela está querendo debochar de nós, pobres mortais, que estamos presos em casa porque a segurança no Rio está simplesmente ridícula. Não há pior hora para Dilma aparecer por aí andando de bicicleta. (Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	1 2 3 4 5 6 7
Análise Explicação: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-6 Posição: linha 7	

Carta 19	
Design Parabéns pela entrevista com o designer Philippe Starck ("Elitismo é uma vulgaridade", diz designer", "Ilustrada", 1º/6). Apesar de sua arrogância costumeira, de se colocar como pioneiro na descoberta do valor simbólico dos objetos, o verdadeiro pai da semiótica foi Saussure, que teve ilustres seguidores como Lévi-Strauss, Roland Barthes, Umberto Eco e tantos outros, bem antes de ele ter nascido. Mas é sempre interessante saber como ele pensa, mesmo revelando suas	1 2 3 4 5 6

contradições. Ele possui grande mérito, é extremamente criativo e um verdadeiro ícone do design. (Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	7
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais	

Carta 20	
Acordo ortográfico	1
De pleno acordo com Gregorio Duvivier: a recente reforma ortográfica é a coisa mais inútil e despropositada que já vi ("Que ódio", "Ilustrada", 1º/6).	2 3
Veja-se o caso da palavra "geléia" sem o acento agudo. Como nos mostram os grandes escritores, quando bem empregadas, palavras possuem gosto, cheiro, forma e transmitem a "idéia" (ops!, sem acento também) exata que se quer transmitir.	4 5 6
(Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-6	

Carta 21	
Educação	1
A greve dos professores já dura quase 80 dias e nada ainda foi resolvido –sem nenhuma resolução, a tendência é que a greve permaneça.	2 3
É bem possível que o semestre termine com os professores nas ruas, não nas salas de aula.	4
É por isso e por outros problemas, como a violência e o bullying, que algumas famílias estão aderindo à "educação doméstica" ou "unschooling", movimento em que as famílias tiram seus filhos da escola para os instruírem em casa, mantendo a integridade dos filhos e sua segurança. Mesmo que seja contra a lei.	5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Posição: linha 4	
Suporte: linhas 5-8	

Carta 22	
Inspeção veicular	1
O editorial "Inspeção estacionada" ("Opinião", 29/5) tratou do assunto como se esse mecanismo por si só fosse suficiente para inibir o aumento da poluição. Algo precisa ser feito para que o ar melhore, mas o modelo tinha falhas. Tive o carro reprovado em um posto e aprovado na semana seguinte em outro, sem ter feito nada. Além disso, houve uma proliferação de oficinas que se ofereciam para "passar" o carro na inspeção. Que tal começar com um transporte público de qualidade? Enquanto o veículo particular, mesmo com o tempo perdido no trânsito, for a melhor opção, não haverá diminuição de emissão de poluentes. A solução não está na inspeção.	2 3 4 5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 23	
Corrupção no futebol	1
Pelo visto, coube ao FBI dar um chute no traseiro dos senhores Joseph Blatter, Jérôme Valcke e companhia, em busca da moralização do futebol mundial.	2 3
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 24	
[Corrupção no futebol]	1
Somente ditadores ficam tanto tempo no poder. Depois de 17 anos, a renúncia de Blatter abre as portas para uma derrocada geral e irrestrita na Fifa.	2 3
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 25	
[Corrupção no futebol]	1
Ricardo Melo, com "Fifa, CBF e Congresso: tudo a ver" ("Poder", 1º/6), revela como o capitalismo "vencedor" tenta "sair da enrascada criada por ele mesmo", enrascada que se comprova com a economia mundial, o Estado Islâmico, a intolerância aos imigrantes na Europa, que explorou como pôde os países de onde vêm os miseráveis em busca de vida. Pesa com inteligência a questão de os EUA se colocarem como modelo de justiça, um abuso de nossa credulidade.	2 3 4 5 6
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 26	
Passeio de bicicleta	1
O leitor Fulano (Painel do Leitor, 2/6) reclama de a presidente ter aparecido andando de bicicleta, pois a segurança no Rio está "ridícula".	2 3
Fulano, ela estava em Brasília, tem o direito de andar de bicicleta ou a pé como qualquer um de nós.	4 5
Ela não é a responsável direta pela segurança no Rio.	6
Critique o que deve ser criticado, o cardápio está cheio de possibilidades, mas deixe a mulher andar de bicicleta em paz.	7 8
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	

Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Posição: linhas 4-5	
Suporte: linha 6	
Interpelação (direta): linhas 7-8	

Carta 27	
[Passeio de bicicleta]	1
Em tempos em que o carro se sobrepõe no sistema viário de todas grandes cidades, é primordial que nossas autoridades deem o exemplo de praticar exercícios de vida saudável cidadã ("Na bicicleta, Dilma parece 'mais humana', afirmaram assessores", "Poder", 2/6).	2 3 4
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	

Carta 28	
Reforma Política	1
Vladimir Safatle acertou na mosca ("O que podemos?", "Opinião", 2/6). Os de sempre legislam em causa própria, sem oferecer nada de novo à nossa "democracia", que é uma democracia na qual a maioria não é ouvida e a minoria não é respeitada, na qual o representante representa apenas a si mesmo e ao seu grupo. A coluna oferece uma alternativa legítima. Não sei se é a melhor nem se é boa, mas é uma alternativa que surge onde parece não haver nenhuma. Parabéns ao professor de filosofia no exercício pleno de sua missão de fazer pensar.	2 3 4 5 6 7
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 29	
Oposição ao governo	1
Lúcido e honesto, Arnaldo Madeira ("Um tucano no deserto", "Opinião", 2/6), uma das reservas mais valiosas do PSDB, destaca-se por uma qualidade rara entre seus pares: a maturidade. Sua palavra tem o peso da responsabilidade que falta a tantos de seus colegas, inclusive alguns do seu partido. "Pregador no deserto", como ele mesmo se classifica? Pode até ser. Mas são os que pregam no deserto que transformam as coisas, ao serem ouvidos por quem merece suas palavras.	2 3 4 5 6
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 30	
Urbanismo	1
Em seu artigo "Pelo direito de morar tranquilo" (Tendências/ Debates, 2/6), o arquiteto Candido	2

Malta se posiciona contra a instalação de comércio em corredores de bairros nobres. Argumenta que os Jardins são a região mais arborizada da cidade.	3 4
Pelo que sei, essas atividades, além de servir os moradores desses bairros, não cortarão árvores.	5
Talvez o receio de alguns, lembrando o repúdio ao Metrô em Higienópolis, seja a possibilidade de ter de conviver com "gente diferenciada".	6 7
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-4	
Suporte: linha 5	
Posição: linhas 6-7	

Carta 31	
[Urbanismo]	1
Moro no Parque Continental, que, apesar de não ter sido citado, também é uma das poucas ZERs na cidade. É um dos primeiros bairros planejados do Brasil e tem todos os recursos necessários para a comunidade - faltaria apenas um posto de saúde. A comunidade tem lutado para que a proposta do prefeito Haddad seja revista e para que sejam mantidas as atuais condições das ZERs, mas parece que a especulação imobiliária impera.	2 3 4 5 6
A cidade agoniza.	7
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-6	
Desfecho: linha 7	

Carta 32	
[Urbanismo]	1
A avenida Lacerda Franco transformou-se numa 23 de Maio. Está uma colcha de retalhos fedorenta, com abalos sísmicos a cada ônibus que sobe no sentido Vila Mariana.	2 3
Todo governante gosta de deixar suas marcas. Essas serão as de Haddad.	4
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Desfecho: linha 4	

Carta 33	
Produtividade	1
A produtividade ("1 trabalhador americano produz como 4 brasileiros", "Mercado", 31/5) é muito dependente das condições e ambientes de trabalho, que não entram em sistemas de melhoria contínua por causa dos adicionais de insalubridade e periculosidade. A produtividade é dependente do chamado "capitalismo consciente" que começa a aflorar nos Estados Unidos. Não se pode ter qualidade no produto e na prestação de serviços, a preços competitivos de mercado, se não houver qualidade nos postos de trabalho.	2 3 4 5 6 7

(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 34	
Acordo ortográfico	1
Oportuno o texto de Gregório Duvivier ("Que ódio", "Ilustrada", 1º/6). A reforma ortográfica é uma violência leso-idioma, pois fere a essência de se escrever o que se fala e vice-versa.	2 3
O trema não é acento, mas apoio fundamental para a pronúncia da letra "u" em situações de "que", "qui", "gue" e "gui".	4 5
É recomendável o cancelamento do decreto.	6
O idioma agradece.	7
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3 Suporte: linha 4-5 Interpelação (indireta): linha 6 Desfecho: linha 7	

Carta 35	
Educação	1
Bastou o Metrô ameaçar fazer uma greve e o governo já negociou (http://folha.com/no1636648). Já os professores estão parados há 80 dias e nada.	2 3
Dá pra entender o porquê?	4
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3 Posição: linha 4	

Carta 36	
Crise da água	1
É vergonhosa a situação em que nos encontramos no campo hídrico ("Transposição de água atrasa e só sai em 2017", "Cotidiano", 2/6) e elétrico.	2 3
Em parte, o motivo é a indicação de pessoas desqualificadas para cargos essencialmente técnicos.	4
O apadrinhamento está acabando com o país.	5
(Folha de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	

Suporte: linha 4
Desfecho: linha 5

Carta 37

Corrupção no futebol

Os EUA acabam de demonstrar grande capacidade para desbaratar a rede de corrupção na Fifa ("Acuado, Blatter renuncia ao comando da Fifa", "Esporte", 3/6). Pudera mostrarem a mesma competência para desbaratar o sistema de contas secretas em paraísos fiscais, que sustentam os tráfegos de drogas, de armas e de influência que dão suporte à miséria e à criminalidade no mundo.

(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)

Análise

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 38

Pacote de concessões

Diante das dificuldades que a economia brasileira enfrenta, vejo as concessões ("Empreiteiras levam ceticismo a Dilma", "Mercado", 3/6) mais como um marketing do governo para apresentar uma agenda positiva, mas sem consistência quanto à sua viabilidade.

Falta um projeto mais amplo, que atraia também os investidores externos, e não apenas escorado num ajuste fiscal ainda incipiente e sem perspectivas de mudar o panorama macroeconômico.

(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)

Análise

Explicação/ Posição: linhas 2-4
Suporte: linhas 6-7

Carta 39

Crise da água

Sobre a reportagem "Obra de transposição de água atrasa e só sai em 2017" ("Cotidiano", 2/3), a Sabesp informa que a **Folha** comete uma imprecisão ao afirmar que há atraso na obra de interligação entre as represas Jaguari e Atibainha. Não há atraso, pois a obra estava prevista para 2020 no Plano da Macro metrópole e vai ser antecipada. Também não é possível afirmar que será entregue apenas em 2017, pois o prazo de execução pode ser reduzido. Também não há atraso na ligação do Rio Grande/Taiacupeba, visto que a Sabesp sempre informou que essa obra levaria quatro meses. Antes de seu início, foi necessário obter licenças ambientais e a autorização da Petrobras para utilização da faixa por onde passa o gasoduto.

(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)

Análise

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 40

Greve da CPTM

A CPTM classifica a greve de trens como "irresponsável" (Funcionários de 4 a 6 linhas da CPTM

decidem parar por 24 horas", "Cotidiano", 3/6).	2
Irresponsável é manter um sistema de trens tão precário como o atual, em que o usuário "mofa" até 45 minutos aguardando o trem na plataforma; é fechar suas linhas em quase todos os fins de semana por anos sem que o sistema melhore; é alardear obras de expansão mas não conseguir fazer funcionar o que já existe.	3 4 5 6
(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 1-2 Posição: linhas 3-6	

Carta 41	
Hotel Glória	
Lindo o texto de Marcelo Coelho sobre os lotes de objetos decorativos e pedaços do Hotel Glória que serão leiloados ("Glória em pedaços", "Ilustrada", 3/6).	1 2
Nenhum hotel tinha tanto charme e tanta capacidade de fazer seu hóspede se sentir feliz, como sempre me senti no velho e bom Glória, destruído pelos sonhos predatórios de um visionário.	3 4
Uma lástima.	5
(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 1-2 Posição: linhas 3-4 Desfecho: linha 5	

Carta 42	
Educação	1
A "Entrevista ficcional com Foucault" (Tendências/ Debates, 3/6) toca no cerne da experiência religiosa. Não a coloca como um lugar do atraso e trevas, como deseja o pensamento esclarecido raso, mas revela como ela se insere em relações de poder e contrapoder.	2 3 4
Foucault foi um dos pensadores mais generosos do século 20, disposto a desvelar dispositivos de poder e abrir o campo de discussão das várias "verdades" das ciências naturais e humanas. É interessante compreender como a PUC-SP realiza um ato arbitrário, vetando seus textos e a justa homenagem que o autor deve receber.	5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-8	

Carta 43	
[Educação]	1
Mais um equívoco, dessa vez do coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP sobre a rejeição da cátedra Foucault ("Obscurantismo ou identidade?", Tendências/ Debates, 2/6). Religião e ciência têm de dialogar necessariamente e Michel Foucault sempre enfrentou esse desafio. A	2 3 4

rejeição de uma cátedra implica sim falta de abertura, de diálogo, obscurantismo e intolerância. O diálogo entre saberes é fundamental.	5
(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)	6
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 44	
[Educação]	1
Muito me admira o sociólogo César Callegari ("Radicalizar o pacto pelas crianças do Brasil", Tendências/Debates, 3/6) falar em "pátria educadora", já que o mesmo, quando foi secretário municipal de Educação, permitiu que os professores da rede municipal de ensino realizassem em 2014, uma longa greve, seguida de acampamento em frente à prefeitura por 42 dias, sem ao menos receber os sindicatos para negociação.	2 3 4 5 6
O que se espera de uma pátria educadora é não ter alguém como Callegari como membro do Conselho Nacional de Educação.	7 8
(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-6	
Desfecho: linhas 7-8	

Carta 45	
Liberação das drogas	1
Temas como o das drogas ainda persistem intocáveis sob o véu da censura ("Cartuns proibidos", "Opinião", 3/6) dos que não se permitem libertar de preceitos obscurantistas para não se depararem com os efeitos dessa crueldade na população menos favorecida. O humor fino e inteligente choca, provoca. Em contrapartida, é deveras preocupante o ato autoritário, que evidencia a soberba dos que pretendem retirar de circulação ideias que contrariam a pretensa adoção de um pensamento único. É a lei do "falou, tá falado, não tem discussão", que, em um passado remoto, vigorou em nossas terras.	2 3 4 5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 46

Colunistas	1
Sou fã incondicional de alguns colunistas deste jornal e admiro em especial a capacidade criativa e a percepção do mundo e da sociedade atual que os jovens Antonio Prata e Gregorio Duvivier possuem.	2 3 4
É triste ver alguns leitores, e às vezes, outros colunistas, equivocarem-se quanto à interpretação do que os dois escrevem.	5 6
Bem disse o Pasquale ("Leitores e leituras", "Cotidiano", 2/4): terão que desenhar daqui para a frente?	7 8
(Folha de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-4	
Posição: linhas 5-6	
Desfecho: linhas 7-8	

Carta 47	
Educação	1
Se a foto estampada na "Primeira Página" da Folha nesta quinta feira (4/6) realmente mostra professores, é melhor tirar as crianças da escola.	2 3
Nas ruas, elas poderão encontrar alguns referenciais melhores.	4
(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Desfecho: linha 4	

Carta 48	
[Educação]	1
Lamentável a postura da Folha. Assim como deu destaque quando alguns exaltados tentaram invadir a Secretaria da Educação, o jornal estampou na "Primeira Página" a briga entre professores durante a manifestação de quarta. A Folha poderia dar espaço às reivindicações dos professores que são fundamentais para a melhora das escolas. Poderia deixar o governo mentir só. Nos 45% concedidos de 2011 a 2014, não há um centavo que represente incorporação de gratificações. Os 45% corrigiram os salários da inflação acumulada até 2010.	2 3 4 5 6 7
(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 49	
[Educação]	1
Sobre o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), pela forma como foi proposto e pelos seus fundamentos, já sabíamos que nascia com cara de morto, mas nem mesmo o	2 3

MEC quer saber de seus resultados ("Radicalizar o pacto pelas crianças do Brasil", Tendências/Debates, 3/6).	4 5
As redes locais precisam de mais apoio para melhorar seus índices, programas de mais qualidade, não pensar que apenas com um ano de formação o professor dará conta desse tema tão fundamental que é a alfabetização.	6 7 8
(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-5 Posição: linhas 6-8	

Carta 50	
[Educação]	1
No texto "Obscurantismo ou identidade" (Tendências/Debates, 2/6), o autor transforma a vítima em algoz. Citado no início, Vladimir Safatle não lamenta o obscurantismo da PUC-SP, mas sim de "um dos conselhos dirigentes da PUC-SP". Trata-se do Conselho Superior da Fundação São Paulo, que é uma parcela minúscula (poderosa, decerto) da instituição. A PUC-SP real, aquela que estuda, dá aulas, paga mensalidades e recebe salários, é inteiramente favorável à cátedra e sabe quem é Michel Foucault. Que vive aqui.	2 3 4 5 6 7
(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 51	
PT	1
Em vez de uma condenação ponderada para a falta de educação e civilidade de alguns, a coluna de Rogério Gentile ("Síndrome do restaurante cheio", "Opinião", 4/6) apela para uma ironia partidária e predatória e acirra mais os ânimos, parecendo demonstrar contentamento com grosserias noticiadas.	2 3 4 5
Triste.	6
(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-5 Desfecho: linha 6	

Carta 52	
[PT]	1
O PT prega discurso de ódio às elites, mas seus militantes adoram frequentar locais onde a elite costuma ir: bons restaurantes, teatros caros e hospitais de ponta. Haddad, Padilha e Pimentel fizeram campanha na base do "nós contra eles", e ficam chateados quando "eles" respondem com malcriações. Deveriam encomendar um bom jantar, abrir um bom vinho francês e assistir ao Netflix em seus televisões de 50 polegadas para evitar chateações.	2 3 4 5 6
(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)	

Análise

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 53

BNDES

1

Assim como juros de financiamento à casa própria não são comparáveis aos de um empréstimo pessoal, não é possível comparar os juros dos créditos do BNDES à exportação às taxas obtidas por países em emissão de bônus ("BNDES oferece taxas generosas no exterior", "Poder", 4/6).

2

3

4

O detentor de um bônus de dívida soberana assume todo o risco de eventual calote. Já nos créditos à exportação há garantias que reduzem o risco e, conseqüentemente, a taxa. Não há base para qualificar de "generosas" as taxas do BNDES, pois a comparação não faz sentido. Nenhuma agência de crédito à exportação concorrente do BNDES baseia-se no custo de captações em bônus de países para definir o custo de seus financiamentos ou garantias.

5

6

7

8

9

(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)

Análise

Explicação/ Posição: linhas 2-4

Suporte: linhas 5-9

Carta 54

Viagem oficial

1

É revoltante que uma caravana de 20 congressistas brasileiros, incluindo o presidente do Senado e oito mulheres, visitem Israel sem nenhuma agenda ("Viagem oficial de cúpula do Congresso prevê turismo", "Poder", 4/6).

2

3

4

Ficarão hospedados em hotel cujas diárias vão de US\$500 a US\$1.200. Foram passear à nossa custa. Isso tudo acontece com inflação crescente, desemprego e crise.

5

6

O deslumbrado presidente da Câmara, Eduardo Cunha, está perdendo toda sua credibilidade, se é que tinha alguma. O presidente do Senado já havia perdido.

7

8

(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)

Análise

Explicação/ Posição: linhas 2-4

Suporte: linhas 5-6

Desfecho: linhas 7-8

Carta 55

Futebol

1

Sou corintiano, 72 anos e admirador do Juca Kfoury e do Andrés Sanchez. Juca, em sua coluna ("Jogar o jogo", "Esporte", 4/6), revela o que é a corrupção, Quanto a Andrés, como dirigente, fez o estádio e conseguiu com seu sucessor a Libertadores e o Mundial, o que, para um corintiano velho como eu, foi a realização de um sonho.

2

3

4

5

Quanto ao comentário dele ("Juca, o boca livre", Tendências/Debates, 4/6), comparar Juca e Amaral Netto não tem nexos.

6

7

(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)

Análise	
Explicação: linhas 2-5	
Posição: linhas 6-7	

Carta 56	
Drogas	1
Cumprimento a Folha pelo editorial condenando a censura sofrida pela campanha "Da proibição nasce o tráfico" ("Cartuns proibidos", "Opinião", 3/6).	2 3
A brutal repressão policial-militar à Marcha da Maconha em Maceió e a prisão ilegal de um jovem que vestia bermuda com estampa de cannabis são outros exemplos de que a guerra às drogas debilita a democracia e criminaliza o debate.	4 5 6
Regulação responsável já.	7
(Folha de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-6	
Desfecho: linha 7	

Carta 57	
Pizzolato	1
A Justiça italiana cometeu um equívoco. Pizzolato não foi julgado por entrar ilegalmente no país com passaporte falso ("Tribunal italiano dá aval à extradição de Pizzolato", "Poder", 5/6).	2 3
Deveriam puni-lo por isso, deixá-lo na cadeia por alguns meses ou anos e, somente depois, extraditá-lo para que cumpra a sentença do crime cometido no Brasil.	4 5
Crimes separados, sentenças separadas.	6
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Posição: linhas 4-5	
Desfecho: linha 6	

Carta 58	
Estatais	1
Eduardo Cunha e Renan Calheiros têm uma postura fraca ao recuarem em uma questão justa e necessária ("Cunha recua em projeto sobre estatais", "Poder", 5/6).	2 3
Principalmente com este governo esquerdista e populista, seria muito prudente o Congresso monitorar as nomeações para cargos em estatais. O esquerdismo e a corrupção saem ganhando com o recuo.	4 5 6
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	

Explicação/ Posição: 2-3

Suporte: 4-6

Carta 59

[Estatais]

1

Não é de hoje que um presidente da República usa a nomeação de cargos em empresas estatais para agradar partidos políticos ("Dilma nomeia nomes ligados a PSB e PMDB para o conselho de Itaipu", "Poder", 4/6). As indicações para o Conselho de Administração da hidrelétrica de Itaipu são exemplos disso. A falta de meritocracia e de critérios técnicos para o exercício de atividades importantes nas agências reguladoras, autarquias e estatais implica uma gestão totalmente precária, a exemplo do que ocorreu na Petrobras. O resultado já é conhecido por trabalhadores e empresários e atende pelo nome de "ajuste fiscal".

2

3

4

5

6

7

8

(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)

Análise

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 60

Segurança pública

1

O Ministério Público do Estado de São Paulo prossegue em sua luta, esperamos que não ingloria, por introduzir algo de civilização na barbárie brasileira ao lançar o programa "DNA das Armas" ("Número das Armas", "Opinião", 5/6).

2

3

4

Como já era previsível, a maioria das armas que mata e fere é fabricada no Brasil, aqui vendida ilegalmente, trafegada e sem controle rigoroso de série. O problema é que o MP paulista comprou uma briga das mais sérias, a partir do inimigo infame da "bancada da bala", como mencionado pelo jornal.

5

6

7

8

(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)

Análise

Explicação/ Posição: linhas 2-4

Suporte: linhas 5-8

Carta 61

[Segurança pública]

1

Belo editorial. Sabemos que as armas de fogo só têm três finalidades: ameaçar, ferir e matar, e todas são atos criminosos. Foram mais de 42 mil mortes por armas de fogo, no Brasil, em 2012. Sem esses instrumentos letais, que dão lucro aos fabricantes, vendedores e aos governos, em decorrência de impostos e taxas, ocorreriam tantos homicídios?

2

3

4

5

(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)

Análise

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 62

Planos de saúde

1

Se o governo quiser melhorar um pouco sua imagem, bastaria proibir a ANS de autorizar esse aumento para os planos de saúde acima da inflação oficial, como o que acabou de ser feito, além de mandar corrigir retroativamente o aumento concedido injustamente nos anos anteriores, também acima da inflação ("ANS autoriza reajuste de 13,55% para planos de saúde", "Cotidiano", 4/6).	2 3 4 5
Cerca de 9 milhões de brasileiros teriam um pequeno motivo para compensar a infelicidade de ter de viver em um país com a economia em frangalhos e onde a corrupção impera sob o olhar complacente da presidente da República.	6 7 8
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-5	
Desfecho: linhas 6-8	

Carta 63	
Economia	1
O resultado é sempre desastroso quando, para evitar o que deve ser feito e pretensamente ajudar os mais necessitados, usa-se a desculpa de que economia é política ("É pesadelo sonhar que alta de juros não é indispensável agora", "Alta dos juros atende só ao mercado e sacrifica população", "Mercado", 5/6). De que adiantam pretensos aumentos do salário mínimo, se a inflação vem e come o reajuste? A única forma de ajudar os mais necessitados é com o crescimento da economia e a geração de emprego e renda que não seja corroída pela inflação. Isso se consegue com investimento produtivo, não com aumento de despesa com características inflacionárias.	2 3 4 5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 64	
[Economia]	1
Felizmente para o economista Alexandre Schwartzman encerra-se a polêmica com a professora Leda Paulani. Argumentos como o do colunista da Folha, que diz que evocar o passado é chocante, lhe são desfavoráveis.	2 3 4
Além de pueris, dão a perceber que, como muitos economistas que já estiveram no governo, ele sofre da "Síndrome de Simonsen", a mesma que acomete muitos Maílsons Brasil a fora e faz com que economistas que sabem tudo quando estão fora do governo esqueçam tudo quando no governo estão.	5 6 7 8
Mais um pouco e ele iria querer que acreditássemos que o "pesadelo dos últimos quatro anos" foi pior do que a bagunça dos quatro últimos anos FHC.	9 10
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	
Suporte: linhas 5-8	
Desfecho: linhas 9-10	

Carta 65	
Terceirização	1
O professor Ricardo Antunes fala do alto de sua cadeira de titular na Unicamp, de onde não corre o risco de ser demitido e onde sua produtividade nunca é aferida ("Servidão involuntária", Tendências/Debates, 5/6).	2 3 4
Seu artigo é a demonstração do divórcio entre a academia e a vida real.	5
A arcaica CLT é mais excludente do que a terceirização, pois impede a entrada de milhões no mercado de trabalho (pelos custos incorridos pelas empresas em admissão e demissão de trabalhadores), enquanto protege "direitos" de alguns empregados.	6 7 8
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-4	
Posição: linha 5	
Suporte: linhas 6-8	

Carta 66	
Corrupção no futebol	1
Como amante do esporte bretão, saúdo o FBI pela intolerância com os corruptos ("Após 8 dias preso, Marin perde cargo na Conmebol", "Esporte", 5/6).	2 3
Mesmo não sendo tradicionais nesse esporte, abalaram o mundo com investigações e prisões.	4
Que isso sirva para o futebol sul-americano, cheio de resultados fabricados mediante propinas.	5
Um esporte apaixonante como o futebol não pode ter na sua direção marginais que fazem de tudo pelo enriquecimento ilícito próprio.	6 7
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Suporte: linha 4	
Interpelação (indireta): linha 5	
Suporte: linhas 6-7	

Carta 67	
Sexualidade	1
Marta Suplicy não me representa ("Dia dos Namorados", "Opinião", 5/6).	2
Jamais vou esquecer das insinuações que fez sobre a sexualidade de um oponente à Prefeitura de São Paulo (que ganhou dela) em relação a sua sexualidade, buscando diminuí-lo por isso.	4 5
Assumo que me deixei enganar por um tempo.	6
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Posição: linha 2	
Suporte/ Explicação: linhas 4-5	

Desfecho: linha 6

Carta 68	
[Sexualidade]	1
Como homossexual, gostaria de expressar minha felicidade em ver o comercial de O Boticário ("Comercial de temática gay vai ao Conar", "Mercado", 4/6).	2 3
Sonho em ver mais produtos destinados ao público LGBT nos meios de comunicação.	4
(Folha de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Suporte: linha 4	

Carta 69	
Corrupção	1
Por que a Folha reproduz declarações de Roberto Jefferson ("PT impôs ao Brasil o padrão Fifa da corrupção", "Poder", 6/6)? Que importância pode ter qualquer afirmação de tão abjeta figura?	2 3
Diante da insignificância do personagem, fica clara a intenção do jornal em atingir o PT, pura e simplesmente.	4 5
(Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Desfecho: linhas 4-5	

Carta 70	
Vaias para políticos	1
Discordo da opinião do Demétrio Magnoli sobre as vaias em lugares públicos para os petistas que tão mal administram o país serem classificadas como falta de educação ("Edinho, amor e ódio", "Poder", 6/6).	2 3 4
Não há agressões nem palavrões, apenas democráticas vaias para expressar inconformismo e, por ora, incapacidade de reverter a situação.	5 6
Fica a dúvida se, nesse sentido, invertendo-se as vaias para aplausos e elogios, seria o caso de uma boa educação.	7 8
(Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	
Suporte: linhas 5-6	
Desfecho: linhas 7-8	

Carta 71	
Estatais	1

O leitor Rafael Alberti Cesa queixa-se que Renan Calheiros e Eduardo Cunha foram fracos ao recuar na proposta de controle das estatais, medida que ele, assim como eu, considera necessária (Painel do Leitor 6/6).	2 3 4
Mas desde quando esses senhores se preocupam se as medidas que propõe são ou não necessárias?	5
A questão não é fraqueza, é aumentar o preço da barganha e só.	6
(Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-4	
Posição: linha 5	
Desfecho: linha 6	

Carta 72	
[Estatais]	1
Ao rejeitar a ideia do projeto que altera a maneira de nomeações de diretores das estatais, depois de tudo que ocorreu na Petrobras, a presidente Dilma só demonstra que não se diferencia absolutamente em nada dos demais políticos.	2 3 4
É peça importantíssima no toma lá dá cá.	5
(Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	
Desfecho: linha 5	

Carta 73	
Terceirização	1
Ricardo Antunes diz que a terceirização estará eliminando a relação direta entre empregador e assalariado, como na escravidão ("A servidão involuntária", Tendências/ Debates, 5/6).	2 3
Desde quando há relação direta entre uma sociedade anônima e os assalariados?	4
Quanto à servidão, creio que a mais escandalosa é a que nos é imposta pelo Estado que fica com cinco meses do fruto de nosso trabalho enquanto o "servo da gleba" trabalhava só um dia por semana para o senhor feudal e dispunha de mais regalias que o operário de hoje.	5 6 7
(Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Posição: linha 4	
Posição: linhas 5-7	

Carta 74	
Tati Bernardi	1
Tati Bernardi, concordo com a sua colocação sobre nós, mulheres, de podermos nos apresentar como "gororobas químicas progressistas" ("Não quero transar", "Cotidiano", 5/6). Discordo, porém, de que isso possa incomodar aos homens.	2 3 4

Eles simplesmente não nos desejariam - não à primeira vista. Quem mais indignaríamos em estar na rua com "roupa de ficar em casa com a avó" seriam as outras mulheres, bem vestidas e prontas a despertar desejo. Quem está de prontidão a dar o aval de apresentável a qualquer mulher é uma outra. (Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	5 6 7 8
Análise Explicação/ Posição: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-8	

Carta 75	
Segurança pública Parabenizo Luís Francisco Carvalho Filho pelo excelente artigo "Plantação de provas" ("Cotidiano", 6/6). Somos todos, em última estância, principalmente se negro e pobre, potenciais vítimas dessa Política Militar que é fruto, ou melhor feto, da ditadura. E para piorar existe grande dose de complacência por parte da opinião pública. Parece que, com a atual onda de conservadorismo e obscurantismo (Câmara e Senado), a tendência é piorar. O massacre tende a aumentar. (Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	1 2 3 4 5 6 7
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 76	
[Segurança pública] Que me desculpem os hipócritas, mas o Bolsonaro está certo. Chega de desarmamento das pessoas honestas e de liberdade total e irrestrita para o [sic] menores, maiores e outros matadores. Está na hora de o povão começar a se armar para, pelo menos, poder se defender. Existem milhares de cursos de tiro para quem realmente quer utilizar armas com responsabilidade. (Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	1 2 3 4 5
Análise Explicação/ Posição: linhas 2-3 Suporte: linhas 4-5	

Carta 77	
Isenção tributária Pedimos ao deputado Eduardo Cunha, que aprovou incluindo na surdina em uma medida provisória, a isenção tributária para integrantes de igrejas ("Na surdina, Câmara aprovou isenção tributária a igrejas", "Poder", 6/6), que estenda a nós, "pobres e coitados" assalariados, que muitas vezes contribuimos para esses funcionários religiosos (que chegam a perceber [sic] até R\$100 mil/mês), essa benesse tão prestimosamente elaborada socialmente pelo nobre representante. (Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	1 2 3 4 5 6
Análise	

Explicação/ Interpelação (direta): linhas 2-6

Carta 78	
Futebol	1
Thiago Silva diz que "vestindo essa camisa [da seleção] a gente representa a CBF" ("Em defesa de Del Nero, Cafu critica Ronaldo", "Esporte", 6/6).	2 3
Ele esquece que o futebol está em primeiríssimo lugar, no coração do povo, não dentro das cartolas dos velhacos que tiram proveito dessa bela arte esportiva.	4 5
(Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Posição: linhas 4-5	

Carta 79	
[Futebol]	1
Rogério Ceni prorrogou seu contrato com o São Paulo ("Ceni vai ficar até o final do ano; Osorio faz hoje sua estreia", "Esporte", 6/6).	2 3
Ao lado de sua qualidade técnica e regularidade mesmo aos 40 anos, suas idas e vindas sobre a aposentadoria assemelha-se ao ocaso da carreira do cantor Sílvia Caldas.	4 5
Suas despedidas, promessas de despedidas dos palcos e outras despedidas efetivadas tornaram-se também célebres. Rogério Ceni sinaliza que pretende também postergar sua aposentadoria ad infinitum como o famoso seresteiro.	6 7 8
(Folha de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Posição: linha 4-5	
Suporte: linha 6-8	

Carta 80	
Maioridade penal	1
Meu filho foi vítima de assalto, roubo e sequestro por dois jovens.	2
Não há necessidade de dimensionar a participação de jovens nos crimes. Não importa se um jovem assassino pertença a um universo de cem ou mil delinquentes. Importa que destróiu vidas e famílias. É obrigação do Estado a retirada da sociedade desses jovens que sabem muito bem o que fazem. Pagamos impostos para isso.	3 4 5 6
Sou a favor da redução da maioridade penal.	7
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação: linha 2	
Suporte: linhas 3-6	
Posição: linha 7	

Carta 81	
[Maioridade penal]	1
Sobre a reportagem "Brasil revê a maioridade penal sem ter mapa da criminalidade juvenil" ("Cotidiano", 7/6), mais uma vez estranho que ninguém pergunte o que o Estado tem feito por adolescentes e crianças carentes e suas famílias pobres e destroçadas.	2 3 4
Ah, se todas as pessoas que se dizem religiosas, diplomadas e bem formadas, e até integrantes de academia de letras, não apenas lessem e assistissem à televisão, mas, também, aprendessem a pensar ponderada e socialmente, e menos egoisticamente...	5 6 7
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	
Desfecho: linhas 5-7	

Carta 82	
[Maioridade penal]	1
Ferreira Gullar foi de uma precisão cirúrgica ao interpretar o anseio do cidadão comum ("Faca na garganta", "Ilustrada", 7/6).	2 3
Desejamos que quem cometa crimes pague por eles, independentemente da idade que tenha. Seja o infrator um adolescente com uma faca ou um vovô corrupto.	4 5
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Interpelação (indireta): linhas 4-5	

Carta 83	
Roberto Jefferson	1
Tenho opinião totalmente contrária ao de Ademar G. Feiteiro (Painel do Leitor, 7/6), que criticou a Folha por reproduzir declarações de Roberto Jefferson ("PT impôs ao Brasil o padrão Fifa da corrupção", "Poder", 6/6).	2 3 4
Sem as denúncias do ex-deputado, a situação estaria muito pior.	5
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	
Suporte: linha 5	

Carta 84	
[Roberto Jefferson]	1
Parabéns ao advogado Fulano. O senhor Roberto Jefferson deveria ter vergonha de dar entrevistas, e a Folha , ocupar-se com pessoas e assuntos mais importantes.	2 3

(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	

Carta 85	
Mistura de classes	1
O poder público não deve se intimidar ante a reação discriminatória e mesquinha de moradores da Vila Leopoldina contra projeto de moradia popular na região ("Moradores temem 'mistura de classes' com prédio popular", "Cotidiano", 7/6).	2 3 4
A medida visa integrar famílias carentes em área bem servida de saúde, educação e lazer.	5
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-4	
Suporte: linha 5	

Carta 86	
Delfim Netto	1
Lamentável a entrevista com Delfim Netto ("Dilma precisa voltar a comandar a agenda do país", "Mercado", 7/6).	2 3
Ele foi ministro da nefanda ditadura militar. Seu prestígio na USP colaborou para que a ditadura se arrastasse por mais tempo do que o suportável. Posa agora como democrata e saudoso de Lula. Opina sobre economia, que é sua área, e democracia, que não é.	4 5 6
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-6	

Carta 87	
Jornal enxuto	1
Embora concorde em parte com a ombudsman ("Os desafios do jornal enxuto", "Poder", 7/6), não é sem satisfação que vejo a Folha enfrentando dificuldades para se ajustar à crise que tão diligentemente ajudou a fabricar.	2 3 4
Às vezes, o feitiço efetivamente se vira contra o feiticeiro.	5
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-4	
Desfecho: linha 5	

Carta 88	
[Jornal enxuto]	1

Ufa, até que enfim a ombudsman expôs o que pensa -tenho certeza- a maioria dos assinantes.	2
Gosto do jornal físico, é o meu prazer matinal, não me apetece ser escrava da internet.	3
Acho que está na hora de cancelar assinatura que possuo há muitos, muitos anos e trocar de jornal.	4
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação: linha 2	
Posição: linha 3	
Desfecho: linha 4	

Carta 89	
Cartunistas	1
Gostaria de entender por que não consta o nome de nenhum cartunista da lista de "formadores de opinião" na propaganda da Folha (7/6).	2 3
Angeli, Laerte, Benett, Jean, eu... Nenhum de nós produz opinião para o jornal? Nem mesmo Angeli e Laerte merecem espaço? Eles que estão no jornal há mais tempo que 90% daqueles nomes. Fiquei muito triste. Significaria um bocado ler meu nome e dos meus colegas ali. "Eu estive aqui, com esses caras, nesse período", mas não.	4 5 6 7
Parece que apenas desenhemos bonecos narigudos.	8
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-7	
Desfecho: linha 8	

Carta 90	
Desigualdade	1
Uma lei deveria ser criada para as grandes propriedades agrícolas reservarem uma porcentagem de sua produção para as famílias carentes da região.	2 3
A situação mostrada na reportagem "Terra de contrastes" ("Mercado", 7/6) é, no mínimo, revoltante.	4 5
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Interpelação (indireta): linhas 2-3	
Explicação/ Posição: linhas 4-5	

Carta 91	
[Desigualdade]	1
Limítrofes, uma área produz 12 mil toneladas de milho por safra, e, em outra, famílias plantam mandioca para comer e vender o que sobra.	2 3

Que país é esse?	4
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Desfecho: linha 4	

Carta 92	
Transporte urbano	1
A reportagem "1 ano após a Copa, 35 obras não estão prontas" ("Mercado", 7/6) é uma prova irrefutável da falta de planejamento no país.	2 3
O aeroporto de Fortaleza e o VLT de Cuiabá foram contratados sem projeto, graças ao RDC (Regime Diferenciado de Contratações), que permite licitações só com anteprojetos. O texto serve de alerta ao Senado, onde tramita projeto da nova lei de licitações, generalizando o uso do RDC para todo tipo de obra pública.	4 5 6 7
Um Brasil ético exige projeto.	8
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-7	
Desfecho: linha 8	

Carta 93	
BNDES	1
Em relação ao artigo de Luciana Coutinho "BNDES transparente" (Tendências/Debates, 7/6), ao repudiar a pecha de "caixa-preta", o presidente do BNDES só não consegue explicar a coincidência de que alguns dos maiores beneficiários de financiamento com dinheiro público a juros baixos, concedidos pelo banco, são os grandes colaboradores de campanhas eleitorais dos partidos e de candidatos do governo.	2 3 4 5 6
(Folha de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-6	

Carta 94	
Maioridade penal	1
Luiz Fernando Vianna, no afã de defender as teorias do "coitadismo" e do "menor bom selvagem delinquente do Brasil", brinda-nos com recortes bem convenientes às suas ternas abstrações, ao pinçar a reação altiva das famílias enlutadas do médico e do jovem assassinados ("Um pouco de luz", "Opinião", 8/6), as quais, em vez de vingança, propõem melhor compreensão do "fenômeno".	2 3 4 5
Embora verdadeiramente nobre, essa talvez não seja a disposição da maioria dos que perderam entes queridos para homicidas.	6 7
Há também muita luz para esses que querem, com toda a razão, o agravamento das penas e a redução da maioridade penal para assassinos.	8 9

(Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 2-5 Posição: linhas 6-7 Posição: linhas 8-9	

Carta 95	
[Maioridade penal]	1
A reportagem "Brasil revê maioridade penal sem ter mapa da criminalidade juvenil" ("Cotidiano", 7/6) expõe uma das maiores marcas da produção legislativa em política criminal: o "achismo" como norte.	2 3 4
Sob pretexto de combater a alardeada criminalidade juvenil, setores conservadores do Congresso debatem um tema de sensibilidade e importância únicas -a redução da maioridade penal- sem sequer saber que criminalidade é essa. Os deputados devem atentar para a realidade revelada pelo Índice de Vulnerabilidade Juvenil, que mostra que os jovens são as maiores vítimas da violência, e não os seus autores.	5 6 7 8 9
(Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise Posição: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-9	

Carta 96	
[Maioridade penal]	1
Não acho que a redução da maioridade penal seja política de segurança pública ou que vá reduzir a criminalidade. Penso que é questão de se fazer justiça.	2 3
Muitas vezes a impunidade é tão cruel quanto o próprio crime.	4
(Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise Posição: linhas 2-3 Desfecho: linha 4	

Carta 97	
Mensalão tucano	1
Em relação à reportagem "Mais antigo, mensalão tucano segue impune" ("Poder", 8/6), esclareço, mais uma vez, que não tive "pena prescrita", como assinala o texto. A afirmativa é totalmente incorreta, pois, como não houve julgamento, não houve imputação de pena. O que ocorreu, de fato, foi a prescrição da "pretensão punitiva do Estado", como está escrito na lei. Reitero que não fui coordenador da campanha de Eduardo Azeredo em 1988 e os autos comprovam tal afirmativa. Duas testemunhas já apresentaram provas cabais de que fora coordenadores político e financeiro da campanha.	2 3 4 5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise	

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 98	
Congresso do PT	1
Sobre os torpedos que a cúpula do PT ensaia enviar à presidente Dilma no Congresso do partido ("Cuspindo no prato em que comeu", "Opinião", 8/6), pelos rumos da política econômica, lembro que também no primeiro governo de Lula houve críticas acerbadas à condução da economia. Maria Conceição Tavares chamou o então secretário de Política Econômica, Marcos Lisboa, de "débil mental" e afirmou que ele seria "semianalfabeto".	2 3 4 5 6
Logo, nada de novo no reino do PT.	7
(Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-6	
Desfecho: linha 7	

Carta 99	
Metrô	1
A Folha erra ao afirmar na reportagem "Linha ferrugem" ("Cotidiano", 8/6) que a Linha 17 estava prometida para a Copa de 2014. O próprio jornal noticiou inúmeras vezes que a obra foi retirada da matriz da Copa, documento firmado com a União, pois os jogos de futebol se realizaram no estádio Itaquera, e não no Morumbi. Cai por terra também qualquer relação com a Olimpíada. Mesmo tendo visitado as obras, o repórter insiste em afirmar que "encontrou poucos funcionários", desconsiderando a explicação do diretor do Metrô de que, nesta etapa, com 80% das vigas instaladas, os serviços se concentram na construção das oito estações e do pátio.	2 3 4 5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 100	
Cartunistas	1
João Montanaro está certíssimo (Painel do Leitor, 8/6). O fato de nenhum chargista ou cartunista estar no anúncio da Folha no dia 7 é chato, bem chato.	2 3
(Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	

Carta 101	
Eleição turca	1
A excelente definição por Clóvis Rossi da "faceta autoritária" do governo turco ("Turquia, a nostalgia do sultão", "Mundo", 7/6) não nos surpreende.	2 3
Ao voltarmos ao ano de 2007, relembremos a indiferença do governo turco no episódio do atentado ao jornalista de origem armênia Hrant Dink, que se deu em virtude de sua opinião contrária à do	4 5

governo e favorável ao reconhecimento do genocídio armênio de 1915 e que, neste ano, é comemorado pelo seu centenário. (Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	6 7
Análise Explicação/ Posição: linhas 2-3 Suporte: linhas 4-7	

Carta 102	
Pondé	1
Pondé, "Crianças, gatinhos e patinhos" ("Ilustrada", 8/6) é insuperável e as verdadeiras boas fadas deverão usá-lo na luta contra as terríveis bruxas que são as "inteligentinhas do bem", salvando as crianças do lago gelado de uma vida sem graça! (Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	2 3 4
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 103	
JucaKfour	1
Os problemas do senhor Juca Kfour só mesmo Freud resolve. Ele considera homenagem ser publicamente malhado como um judas e mostra a altura de seu complexo ao nomear o senhor Feldman "secretário menor" e a mim como "Andrés, o pequeno" ("Futebol em estado puro", "Esporte", 7/6). Suponho que ele se reserve o majestoso pedestal de "Juca, o grande". Em seu transtorno, diz que não sei ler sua notícia de que o Piritubão abriria a Copa em São Paulo. Sendo um valioso jornalista com grife em jornal, rádio e TV, tal furo, favorecendo interesses, foi mesmo notícia de fonte gratuita? Não seria bom motivo para abrir investigação imparcial? Juca, Ki furo!! (Folha de S. Paulo, 09/06/2015)	2 3 4 5 6 7 8
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 104	
Maioridade penal	1
A Folha tem ressaltado com frequência a falta de estatísticas para definir a maioridade penal ("Informação de menos", "Opinião", 9/6).	2 3
Dessa forma, trata a segurança do cidadão como um experimento de laboratório que, para ser válido, precisa estar dentro de uma margem de erro de aceitação.	4 5
O menor infrator não comete um crime inadvertidamente e, se o comete, deve ser retirado da sociedade não como medida punitiva, mas mas [sic] como medida preventiva. (Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	6 7
Análise Explicação: linhas 2-3 Posição: linhas 4-5 Suporte: linhas 6-7	

Carta 105	
[Maioridade penal]	1
Basta as secretarias estaduais de segurança pública não enviarem os dados para um cadastro nacional e não teremos quaisquer mudanças na abordagem da redução da maioridade penal. Está claro que o jornal apoia a manutenção do status quo. Para muitos, a manutenção da maioridade penal é simplesmente a manutenção da impunidade.	2 3 4 5
(Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 106	
[Maioridade penal]	1
A sociedade brasileira é hipócrita. Os jovens aprendem pelo exemplo, e exemplos de delinquência e desonestidade não faltam neste país.	2 3
São esses políticos que vão determinar a maioridade penal? Desvio de dinheiro não é roubo? Não mata?	4 5
Se a corrupção for punida exemplarmente, ensinaremos aos jovens que o crime não compensa.	6
(Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3 Posição: linhas 4-5 Interpelação (indireta): linha 6	

Carta 107	
Reforma política	1
O México adota um sistema e um calendário eleitoral mais evoluídos que os nossos ("Apesar de protestos, partido do governo vence eleição no México", "Mundo", 9/6). O parlamento é eleito pelo sistema distrital misto e as eleições legislativas são dissociadas da eleição majoritária, fazendo com que o eleitor valorize a eleição legislativa. A dissociação também serve de termômetro do Executivo, ou seja, se o governador ou presidente estiver bem avaliado, elegerá mais representantes de seu partido ou aliança. É triste que o Congresso brasileiro tenha jogado no lixo a oportunidade de mudar para melhor.	2 3 4 5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 108	
PSDB	1
O deputado Bruno Covas nega veemente a informação de que estaria articulando sua candidatura à presidência do PSDB estadual. Não está. A informação não procede. O PSDB tem tradição de eleger para a presidência estadual, alternadamente, um deputado federal e um estadual. A tradição	2 3 4

será respeitada. (Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	5
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 109	
Lula	1
Na reportagem "Em crise, PT teme perder prefeitos nos Estados do NE" ("Poder", 9/6), há uma foto do ex-presidente Lula, com a seguinte legenda: "O ex-presidente Lula em evento na Itália há uma semana" que não tem absolutamente nada a ver com o assunto sugerido e desenvolvido no título.	2 3 4
(Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise Explicação/ Posição: linhas 2-4	

Carta 110	
Infraestrutura	1
Muito apropriado o editorial "Atores e Obras" ("Opinião", 9/6) sobre a oportunidade do surgimento de grupos de engenharia para atuação no segmento de obras públicas.	2 3
Temos que rever a lei 8.666/93, que rege as licitações públicas, que impediu que grandes obras tivessem uma disputa concorrencial transparente e competitiva.	4 5
A abertura de mercado, acompanhada de um marco regulatório que proporcione estabilidade jurídica, será benéfica para a economia brasileira e minimizará obras que se arrastam por anos e que consomem parte significativa do orçamento público.	6 7 8
(Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 2-3 Posição: linhas 4-5 Suporte: linhas 6-8	

Carta 111	
Ajuste fiscal	1
O novo discurso dos dirigentes petistas é que é preciso "taxar o andar de cima" ("Ministros querem que Dilma faça concessões à base petista", "Mercado", 9/6).	2 3
Taxar milionários de nada adianta, pois são os donos da produção e mandam a conta para o térreo.	4
Insistir nisso é espantar investimentos e fomentar o desemprego e o desabastecimento.	5
(Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 2-3 Posição: linha 4 Posição: linha 5	

Carta 112	
Homeopatia	1
A Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), entidade filiada à Associação Médica Brasileira (AMB) e ao Conselho Federal de Medicina (CFM), considera que a publicação do artigo "A cura pela expectativa" ("Ilustríssima", 17/5) de Hélio Schwartzman, um leigo no assunto, denigre a imagem da homeopatia -especialidade médica reconhecida pelo CFM desde 1980- e dos médicos homeopatas, bem como dos milhares de pacientes que se vêm beneficiando dessa terapêutica praticada de forma honesta, responsável e bem regulamentada há mais de 200 anos.	2 3 4 5 6 7
(Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-7	

Carta 113	
Juca Kfour	1
Senhor Juca Kfour, meus pais me ensinaram a nunca confiar em quem se pretende perfeito e distribui atestados de boa conduta. Sua atitude volta a dar sentido a essa lição. Refiro-me ao Piritubão como estádio da Copa. Primeiro, você disse que o problema é que eu não sabia ler sua "notícia" ("Futebol em estado puro", "Esporte", 7/6). Agora responde desviando o assunto e mencionando meus processos (Painel do Leitor, 9/6). Responda o que o motivou. Naquele período, havia muitos valores em disputa para as diferentes opções. Por que você "noticiou" a decisão por uma delas? Caso tivesse sido outro jornalista, o que sua incorruptível coluna diria no dia seguinte? Quanta razão têm meus pais! Sem dúvida, Juca, Ki furo!!	2 3 4 5 6 7 8 9
(Folha de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 114	
Maioridade penal	1
Assim como o governador Geraldo Alckmin, a sociedade espera que se aumente o tempo de internação de menores infratores ("Relator propõe maioridade penal aos 16 anos para todo tipo de crime", "Cotidiano", 10/6).	2 3 4
O jovem infrator precisa de um acompanhamento mais estreito do Estado, para que se corrijam condutas e se evite que sejam criados mais problemas para a sociedade.	5 6
Já a proposta de Aécio Neves, de triplicar a pena de pessoas que utilizem menores em crimes, soa proselitismo político.	7 8
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-6 Posição: linhas 7-8	

Carta 115

[Maioridade penal]	1
Sou contra a diminuição da maioridade penal, pois se as nossas prisões não recuperam maiores, como irão recuperar os menores de 18 anos?	2 3
A tendência é saírem piores do que entraram.	4
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Desfecho: linha 4	

Carta 116	
Discriminação racial	1
As cotas universitárias, por si sós, não têm sido o bastante para fazerem negros e pardos ascenderem a profissões de maior relevância e de maiores salários. A vexatória realidade brasileira, em que é raríssimo encontrar negros ou pardos em cargos importantes da burocracia estatal, fez-me reconsiderar.	2 3 4 5
Se queremos nos afastar de um regime de segregação racial, ainda que velado, devemos apoiar a reserva de cargos no serviço público em geral, não só no Judiciário federal ("CNJ aprova cota de 20% para [sic] juízes negros", "Poder", 10/6).	6 7 8
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Suporte: linhas 2-5	
Explicação/ Posição: linhas 6-8	

Carta 117	
[Discriminação racial]	1
Lutar contra a discriminação racial também é deixar de tratar as minorias como seres inferiores que devem ser tutelados.	2 3
Oportunidades devem ser dadas a todos, mas, quando decisões podem afetar outras pessoas, como as de cirurgião, engenheiro ou juiz, com certeza, a competência deve ser o motivo da escolha.	4 5
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-5	

Carta 118	
Trabalhismo	1
O artigo de Gaudêncio Torquato "A orfandade dos trabalhadores", Tendências/Debates, 9/6) é um retrato fiel do sindicalismo brasileiro. Reflete a dispersão dos conglomerados trabalhistas.	2 3
O setor produtivo tem de enfrentar querelas entre os interlocutores das frentes laborais. Empresários estão desesperançados. Não há estímulo ao empreendedorismo e a Justiça do Trabalho ainda é falha. As empresas estão sendo inviabilizadas, como se delas não dependesse a geração de	4 5 6

empregos.	7
Espero que não tenhamos outra década perdida.	
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-6	
Desfecho: linha 7	

Carta 119	
Educação	1
O editorial "Dividir e subtrair" ("Opinião", 7/6) é um ataque injustificável contra a Apeoesp e os professores.	2 3
Tenta nos desqualificar, questionando nosso direito de lutar por valorização, melhores salários e condições de trabalho, fundamentais para que possamos ministrar boas aulas. Também nos culpa pela duração da greve, que se prolonga devido à intransigência do governo estadual. O texto confunde o leitor ao dizer que defendi, na última assembleia, o retorno às aulas. Minha defesa foi de continuidade da greve, em dias determinados, com assembleias às sextas. A própria Folha , em reportagem, publicou as três propostas que foram levadas à votação e agora parece entrar em contradição.	4 5 6 7 8 9 10
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-10	

Carta 120	
Código Florestal	1
Sobre a reportagem "Radiografia ambiental do país avança a passos lentos" ("Ciência", 10/6), informamos que o Sicar-SP, o sistema estadual do Cadastro Ambiental Rural (CAR), registrava, no dia 31 de maio de 2015, 59,8% de inscrições em relação ao total da área cadastrável no Estado de São Paulo. Esses dados são atualizados semanalmente e publicados toda segunda-feira no site www.ambiente.sp.gov.br/sicar/ . Diariamente, os novos cadastros recebidos pelo Sicar-SP são enviados para o Sicar nacional. Esse processo de transferência de dados pode explicar a diferença para o percentual que foi informado pelo Ministério do Meio Ambiente (36,46%).	2 3 4 5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 121	
Show em Israel	1
Roger Waters pede que Gil e Caetano cancelem show em Israel", citando a morte de palestinos por tropas israelenses ("Roger Waters reitera pedido a Gil e Caetano contra show", "Ilustrada", 10/6).	2 3
Que o ex-Pink Floyd reflita que os palestinos também não são "santos" e já assassinaram milhares	4

de israelenses. (Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	5
Análise Explicação: linhas 2-3 Posição: linhas 4-5	

Carta 122	
Homeopatia	1
O presidente da AMHB zomba da inteligência do leitor ao não abordar o argumento de Hélio Schwartzman da comprovação da ineficácia terapêutica dos medicamentos homeopáticos (Painel do Leitor, 10/6), através de estudos prospectivos, duplos-cegos, randomizados, controlados por placebo, como manda a boa prática da "medicina baseada em evidência".	2 3 4 5
Até quando a AMB e o CFM vão continuar cúmplices, promovendo a inércia terapêutica em escala nacional, trocando a razão pelo poder do lobby?	6 7
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 2-5 Posição: linhas 6-7	

Carta 123	
Juca Kfoury x Andrés	1
Lamentável a Folha dar continuidade à discussão ridícula entre o "jornalista" e o "deputado dirigente esportivo" (Painel do Leitor, 10/6). É coisa de criança.	2 3
(Folha de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise Explicação/Posição: linhas 2-3	

Carta 124	
Maioridade penal	1
Não se pode deixar de apontar a falácia da coluna de Bernardo Mello Franco ("A bancada do gás de pimenta", "Opinião", 11/6), ao dizer que a redução da maioridade penal é uma "bandeira do grupo conservador que tem ditado as regras na Casa".	2 3 4
Na verdade, essa bandeira, segundo pesquisa Datafolha, é de 87% da população brasileira ("87% querem redução da maioridade penal", "Cotidiano", 15/4). A bancada supostamente "conservadora" apenas cumpre seu papel de representar a vontade da esmagadora maioria do eleitorado brasileiro, que também considera essa uma questão urgente.	5 6 7 8
(Folha de S. Paulo, 12/06/2015)	
Análise Explicação/Posição: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-8	

Carta 125	
Cachê de Lula	1
O presidente do Instituto Lula justifica o cachê de R\$ 300 mil ao ex-presidente declarando que "É uma palestra de uma pessoa de sucesso que tem visão do mundo e as pessoas querem saber como é que ele fez" ("Cachê de Lula não é para qualquer empresa pagar", "Poder", 14/6).	2 3 4
Em que ponto de sua visão o Brasil escapou para estarmos no buraco em que nos encontramos?	5
(Folha de S. Paulo, 15/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-4	
Posição: linha 5	

Carta 126	
LULOPETISMO	1
Pedalando sempre	2
Depois de afundar a nossa economia, até mesmo com suas pedaladas fiscais, a presidente da República, tranquila como se não devesse nenhuma satisfação ao povo brasileiro, passeia de bicicleta por Brasília. Lógico que não foi um teste para medir a sua popularidade. Para sorte da decadente presidente, ninguém a reconheceu, como diz o jornalista do Estadão Daniel Carvalho. Mas, diferentemente do povão, que já não come o suficiente por causa da alta da inflação e do desemprego e tampouco pode andar de bicicleta por aí, como na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, que leva facadas de pivetes até a morte, Dilma Rousseff estava acompanhada de dois seguranças pagos pelos contribuintes.	3 4 5 6 7 8 9 10
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 127	
Espectro da fome	1
Chegou o limite, faz tempo. A sra. presidente precisa saber que nós, os que trabalhamos, muitas vezes não temos dinheiro nem para coisas básicas. Até para nos alimentarmos!	2 3
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação/Posição: linhas 2-3	

Carta 128	
Queda do PIB e do consumo	1
Durou pouco a alegria do pobre.	2
Isso é o que dá não se informar e votar errado.	3
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	

Explicação: linha 2
Posição: linha 3

Carta 129	
[Queda do PIB e do consumo]	1
Se o PIB encolheu 0,2% no verão (primeiro trimestre), esperem só para ver o que vai acontecer no inverno.	2 3
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Desfecho: linhas 2-3	

Carta 130	
Demolição total	1
Há um ano, em campanha eleitoral, a presidente Dilma bradava que em 2015 a economia iria "bombar".	2 3
Entendida no assunto, ela acertou em cheio.	4
Com as meias medidas tomadas, que só prejudicam a cadeia produtiva, Dilma jogou uma bomba na economia e - cabum! - acabou com ela em apenas cinco meses.	5 6
Encontramos um campo no qual Dilma é competente...	7
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3 Posição: linha 4 Suporte: linhas 5-6 Desfecho: linha 7	

Carta 131	
As 'vitórias' de Dilma	1
Afinal, tantas promessas ouvimos, tanto ela falou na mídia sobre a maravilha que o Brasil ia ser, e agora, entrando no segundo mandato, Dilma conduziu o País, a sétima maior economia do mundo, ao vergonhoso 95.º lugar em renda <i>per capita</i> , tal como o Gabão, e ao 56.º em competitividade. Um fracasso inigualável! Jamais tivemos perdas nessa escala e justamente o PT, com promessas imensas, nos traz a esse patamar com inflação elevada, desemprego acelerando para enormes proporções, queda gigantesca da produção industrial, com grande falta de competitividade, situação educacional e de saúde ainda no nível africano. Não foram essas suas promessas na campanha, ao contrário. Esse é o padrão PT de governar? O Brasil quer se livrar desse padrão que nos entristece e assusta.	2 3 4 5 6 7 8 9
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 132	
Pagando pecados alheios	1
Fernando Henrique Cardoso assevera que o PT está pagando os seus pecados.	2
Todavia podemos acrescentar que, na verdade, é o povo quem está pagando os pecados do lulopetismo.	3 4
Porque está sendo oprimido com inflação, desemprego e ameaças a seus direitos trabalhistas. Na verdade, o povo foi chamado para tapar os ralos e buracos feitos pelos assaltantes do lulopetismo, bastando lembrar que metade do que foi surrupiado da Petrobrás daria para suportar todo o ajuste fiscal imposto por dona Dilma.	5 6 7 8
O difícil é pagar pecado sem nada dever!	9
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação: linha 2 Posição: linhas 3-4 Suporte: linhas 5-8 Desfecho: linha 9	

Carta 133	
Renúncia	1
Com certeza Deus renunciou a cidadania brasileira. O diabo esta pintando e bordando neste pobre país.	2 3
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 134	
Taxação de investimentos	1
Mais uma vez os magos da economia tupiniquim apontam para os investimentos das pessoas físicas como mecanismos para arrecadar, esquecendo que são esses investidores, pequenos ou grandes, que sustentam a economia deste país.	2 3 4
Ignoram que muitas dessas economias pessoais são fruto de trabalho honesto durante sua vida profissional e hoje servem para sustentá-los e completar as despesas diárias, dada a aposentadoria irrisória. A calamidade nessa arrecadação é que a taxa é sobre o rendimento bruto, isto é, não é deduzida a inflação do período, o que causa enorme distorção. Como a inflação atual é galopante, fica fácil imaginar o futuro desses aposentados. Já que somos obrigados a pagar a conta pelos desmandos provocados por aqueles que dirigem nosso país, que seja de maneira mais justa e racional. Alertam as regras dos investimentos, querendo taxar os isentos, não considerando o intuito de como aqueles foram criados.	5 6 7 8 9 10 11 12
A sanha é só arrecadar.	13
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-4	

Suporte: linhas 5-12

Posição: linha 13

Carta 135	
Voltar a crescer?	1
É lógico que todos os brasileiros concordam com a opinião do ministro de Fazenda, Joaquim Levy, de que "o Brasil não tem desculpa para não voltar a crescer" (30/5, B4).	2 3
O problema é a falta de confiança nesse governo petista, que até agora não fez a sua parte nem sequer demonstra vontade de fazê-la.	4 5
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-5	

Carta 136	
[Voltar a crescer?]	1
Nas previsões otimistas do rumo da economia, parece que Levy está usando a mesma bola de cristal que Mantega usava.	2 3
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 137	
[Voltar a crescer?]	1
Levy e as "incertezas": o cara também é um profeta!	2
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linha 2	

Carta 138	
Fim de um ciclo	1
Algo me diz que a era lulopetista está chegando ao fim.	2
(O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	
Análise	
Posição: linha 2	

Carta 139	
[Fim de um ciclo]	1

Com o motor da economia fundido, inflação em alta e PIB abaixo de zero, a era PT já era! (O Estado de S. Paulo, 01/06/2015)	2
Análise	
Explicação/ Posição: linha 2	

Carta 140	
LULOPETISMO	1
Caixão preto	2
<i>BNDES usa verba do FAT para subsidiar empreiteira (31/5, A1). US\$ 249,6 milhões emprestados à República Dominicana a uma taxa de juros inferior à que o País paga no mercado, para que os dominicanos contratem a Andrade Gutierrez para obras a serem lá realizadas. O BNDES só não tomou na cabeça (será) porque usa dinheiro barato (?) do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).</i>	3 4 5 6
Depois de ler isso, alguém em sã consciência e não bolsista realmente acredita na capacidade gerencial, administrativa, política, moral e ética desse partido trambiqueiro?	7 8
O que mais espera o Ministério Público (MP) para abrir o caixão preto desse banco?	9
Os defuntos estão todos lá, putrefatos, aguardando imediata autópsia. Esse sim, será o maior escândalo das galáxias.	10 11
Acorda, Brasil. Acorda, MP.	12
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 3-6 Posição: linhas 7-8 Posição: linha 9 Suporte: linhas 10-11 Desfecho: linha 12	

Carta 141	
Máquina mortífera	1
Grande novidade! Desde o início dos governos petistas isso acontece, é a maneira que eles encontram para alimentar o caixa do ParTidão [sic] e o de seus dirigentes. Ou alguém quer me enganar que isso não acontece? A Andrade Gutierrez é uma delas. E a Camargo Corrêa, a OAS, a Mendes Júnior, a...? Quem garante que as obras serão executadas e que os empréstimos serão pagos? Ou que não houve sobre preço e desvio de verbas? Enfim, quem garante que o PT e seus dirigentes (pessoas físicas) não estão envolvidos em toda essa falcatura? Desculpem, mas estamos falando de uma máquina mortífera. A Máfia (Cosa Nostra) seria, no máximo, contratada para fazer entregas para essa turma - eles não passam de aprendizes.	2 3 4 5 6 7 8 9
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 142	
Sangrando o trabalhador	1

Após ler a matéria publicada no domingo, revoltado fiquei pensando nas obras paralisadas no nosso Brasil e nos nossos trabalhadores ficando desempregados.	2 3
Onde estão a oposição e os estudantes para protestar contra esses desmandos? O que vai ser dos meus netos?!	4 5
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Interpelação (indireta): linhas 4-5	

Carta 143	
O BNDES e as empreiteiras	1
Este nosso país é muito interessante porque temos um governo que não é nada justo e coerente. Vejamos o caso atual de falta de recursos para a educação, saúde e habitação. Faltam também para infraestrutura e investimentos de base, para alavancar o tão sofrível crescimento econômico, gerar empregos e desenvolvimento. Agora, para financiar obras no exterior, principalmente se for em países do mesmo teor ideológico do nosso governo, como Venezuela, Argentina, Equador, Cuba, Angola e República Dominicana, aí pode e os recursos aparecem como que por mágica. O Estadão de 31/5 (B3) noticia que nosso banco social dá crédito mais barato lá fora e ainda usa recursos do FAT. Pois bem, três curiosidades que afloram à minha mente, já cansada de tantas falcatuas. 1) Por que não usar esses parcos recursos em nosso país, que tanto precisa de investimentos para crescer? 2) Por que contingenciar a verba destinada aos trabalhadores desempregados, se dinheiro do FAT é direcionado a obras lá fora? 3) Por que as grandes empreiteiras que se beneficiam dessas obras no exterior não têm as mesmas oportunidades aqui dentro? É só para informar os brasileiros, donos dessa dinheirama toda, onde estão sendo gastos os quase 40% de impostos da nossa combalida economia!	2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 144	
Dilma e o Padrão Fifa	1
Por que ela fala tanta bobagem?	2
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linha 2	

Carta 145	
Boas práticas...	1
Na esteira desse "futebolão", começamos a entender as coisas... O governo quer criar uma "autoridade pública" para fiscalizar as "boas práticas de gestão" dos clubes.	2 3
Pelo andar das coisas, essa tal de autoridade pública será mais uma extensão do PT na estrutura do Estado e as boas práticas... Bem, essas já sabemos quais serão: meter a mão nas fabulosas verbas que rolam no setor.	4 5 6

Finalmente, teremos o aparelhamento do futebol!	7
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-6	
Desfecho: linha 7	

Carta 146	
Que o Brasil tem de mudar a estrutura da gestão dos esportes é ponto pacífico.	1
Dirigentes esportivos perpetuam-se no poder sem oferecer a contrapartida da evolução esperada e desejada por todos. Ficamos na eterna esperança de as coisas acontecerem no futuro, enquanto cartolas se locupletam em seus cargos no presente. A política, de modo geral, está sendo praticada sem renovação e inovação. Eleitos, praticam o mesmo.	2 3 4 5
Assim sendo, parece que o objetivo real do governo é mesmo aparelhar a CBF, e não mudar os fundamentos da administração da prática futebolística.	6 7
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Posição: linha 1	
Suporte: linhas 2-5	
Posição: linhas 6-7	

Carta 147	
Socialismo	1
Aproveitando o gancho da crise na Fifa, o governo quer socializar agora também a CBF!	2
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linha 2	

Carta 148	
Com que moral o governo quer estatizar o futebol, justificando combater a roubalheira?	1
Parece querer aproveitar a oportunidade para ganhar mais uma fonte de recursos financeiros ilícitos e de poder para manipular a massa torcedora (votos). Atitude própria da ditadura! A CBF é uma entidade privada e deve resolver os seus próprios problemas. Ao Estado cabe apenas exigir o cumprimento da lei, principalmente na cobrança dos impostos devidos não só da entidade, como investigar a sonegação de seus diretores.	2 3 4 5 6
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linha 1	
Suporte: linhas 2-6	

Carta 149	
Soberania nacional	1
Nossa presidente tem de agir com rigor contra todos os países que cometem abusos contra cidadãos brasileiros no exterior. Recentemente foram condenados à morte dois brasileiros pelo simples motivo de traficarem drogas, e a presidente foi enérgica, não aceitando as credenciais do representante da Indonésia. Agora foi preso na Suíça um cidadão brasileiro pelo simples fato de ser corrupto e a presidente deve exigir a saída imediata do embaixador americano do nosso país, caso contrário nossos políticos não mais terão segurança para viajar para o exterior, incluído nosso maior líder, que só terá coragem de viajar para a Bolívia, Venezuela, Argentina...	2 3 4 5 6 7 8
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 150	
"Com a crise na Fifa o governo federal vai tentar, sim, esvaziar a CBF.	1
Meter o bedelho onde não deve (ingerência) é a especialidade dos petistas.	2
Eis a oportunidade de melhorar o caixa do PT"	3
(O Estado de S. Paulo, 02/06/2015)	
Análise	
Posição: linha 1 Suporte: linha 2 Desfecho: linha 3	

Carta 151	
FIFA X LULOPETISMO	1
Renúncia de Blatter	2
Joseph Blatter renunciou.	3
Seguindo o padrão Fifa, Dilma Rousseff não se anima?	4
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação: linha 3 Posição/ Desfecho: linha 4	

Carta 152	
Discurso pronto	1
Em seu comunicado de renúncia na sede da Fifa, ontem, Joseph Blatter declara: "Embora os membros da Fifa tenham me reelegido presidente, não pareço estar sendo apoiado pelo mundo do futebol, jogadores, clubes, que inspiram a vida no futebol. É por isso que eu vou convocar um congresso extraordinário e colocar minha função à disposição".	2 3 4 5
Não deveria Dilma Rousseff fazer o mesmo?	6
O discurso pode ser quase idêntico: "Embora os eleitores tenham me reelegido presidente, não	7

pareço estar sendo apoiada pela população brasileira. É por isso que eu vou colocar minha função à disposição".	8 9
Nunca antes na História deste país futebol e política tiveram tantas semelhanças. (O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	10
Análise Explicação: linhas 2-5 Posição: linha 6 Suporte: linhas 7-9 Desfecho: linha 10	

Carta 153	
Ratos	1
Realmente, já que o tal do Blatter renunciou por causa da reprovação, que tal a mandatária (também com alto índice de reprovação) seguir o exemplo do padrão Fifa e renunciar também?	2 3
Os ratos estão deixando o navio!	4
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise Explicação/ Posição: linhas 2-3 Desfecho: linha 4	

Carta 154	
Lerdeza	1
Isso, Dilma, faça o mesmo que o Blatter, não fique com cara de paisagem andando de bicicleta.	2
Blatter entendeu o recado rapidamente.	3
Eita, petralhada lenta para certas coisas.	4
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise Interpelação (indireta): linha 2 Explicação: linha 3 Desfecho: linha 4	

Carta 155	
Padrão	1
Era uma vez um governo que se dizia "padrão Fifa". Este atolou, a Fifa desmoronou e o seu presidente renunciou. O que houve? Simples: faltou ética e a corrupção predominou!	2 3
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 156	
Exemplo	1
Mas que coisa, hein? Nem mesmo Joseph Blatter foi tão cara de pau a ponto de insistir na falácia de que não sabia da gigantesca roubalheira que o cercava e permanecer no cargo em meio a tantas denúncias de corrupção na Fifa.	2 3 4
E aí, Dilma? E aí, Lula? E aí, petistas? Que tal se vocês demonstrassem, pelo menos uma vez na vida, falta de amor ao poder e decidissem sair antes de levarem o Brasil e a população mais pobre à bancarrota?	5 6 7
Sigam o exemplo de Blatter!	8
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Suporte: linhas 2-4	
Posição: linhas 5-7	
Desfecho: linha 8	

Carta 157	
Tudo papo furado	1
Ora, vejamos! O Palácio do Planalto acaba de esconder o relatório de gastos com cartão corporativo da ex-chefe do escritório da Presidência em São Paulo Rosemary Noronha, a "amiga íntima" de Lula, também chamada de "facilitadora-geral da República". Rose foi alvo da Operação Porto Seguro da Polícia Federal e denunciada pelo Ministério Público por improbidade administrativa. Dizem que Rose ameaçou "abrir o bico" se não resolvessem o seu "problema". E parece que resolveram! Dia 29/5 a planilha de gastos da acusada foi reclassificada como "sigilosa" pela "gravidade do risco ou dano à segurança da sociedade e do Estado"...	2 3 4 5 6 7 8
Cruzes! Está certo que a maré não está para peixe, mas ainda não me tinha dado conta de que o Estado brasileiro estava assim tão vulnerável a ponto de uma simples planilha com os gastos suspeitos de uma pessoa acusada de vários delitos precisar tornar-se sigilosa para proteger a segurança nacional. Parece brincadeira, mas essa foi a forma que a presidente Dilma encontrou para esconder por, no mínimo, 15 anos a farra com o cartão corporativo da "Rose do Lula".	9 10 11 12 13
Assim sendo, esqueçam tudo o que a "presidenta" andou dizendo por aí sobre transparência e colaborar, "doar a quem doar", para a apuração dos "malfeitos" na <i>Terra brasilis</i> . Era mesmo só papo furado.	14 15 16
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-8	
Suporte: linhas 9-13	
Posição: linhas 14-15	

Carta 158	
Só PílanTragem	1
Ao acabar de ler o editorial <i>As tramas do lulopetismo</i> (2/6, A3) fui tomado por extrema indignação diante da falta de caráter, do despudor e da incompetência catastrófica que temperam o <i>modus operandi</i> da maléfica agremiação política.	2 3 4

Lula e o PT formam hoje uma realidade maligna atuando na vida política nacional. Formam uma <i>societa sceleris</i> cuja finalidade é o poder, com emprego de meios inescrupulosos que viajam pelo Código Penal.	5 6 7
O antigo PT, o Partido dos Trabalhadores, é hoje outro PT: Pilantragem Total. (O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	8
Análise Explicação: linhas 2-4 Posição: linhas 5-7 Desfecho: linha 8	

Carta 159	
DNA	1
O PT é o único partido político do mundo que tem compromisso com o erro. (O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	2
Análise Posição: linha 2	

Carta 160	
REFORMA POLÍTICA	1
Moeda de troca	2
Excelente a crônica de José Roberto de Toledo <i>Parlamentarismo de Ocasão</i> (1º/6, A6). O povo nunca teve poder neste país.	3
	4
Como diz o ditado, <i>manda quem pode e obedece quem tem juízo</i> .	5
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise Explicação/ Posição: linhas 3-4 Desfecho: linha 5	

Carta 161	
Farsa	1
PT, Lula e Dilma conseguiram desmoralizar a reeleição e o Legislativo comprando a maioria dos partidos nanicos e leiloando cargos aos partidos adesistas.	2 3
A reforma política é uma farsa.	4
Como dizia Lampedusa, <i>é preciso mudar para ficar tudo como está</i> .	5
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise Suporte: linhas 2-3 Posição: linha 4 Desfecho: linha 5	

Carta 162	
ALTEMEYER	1
Bela entrevista	2
Sou católico, jornalista, professor na PUC e honrado colaborador do Estadão . Nesta segunda-feira cinzenta fiquei mais animado ao dar de cara com uma página inteira de entrevista do excelente professor Fernando Altemeyer, que conheço há bom tempo.	3 4 5
Mais que o já expressivo fato de ser uma página inteira, um belo conteúdo: perguntas inteligentes do Gabriel Manzano, respostas expressivas do Altemeyer, mostrando o grande valor do papa Francisco. Parabéns a ambos e em especial à Sonia Racy, por ter aberto sua coluna para um tema que interessa não apenas a católicos, mas a todo o mundo de hoje.	6 7 8 9
Jornalismo é isso.	10
(O Estado de S. Paulo, 03/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 3-5	
Suporte: linhas 6-9	
Posição: linha 10	

Carta 163	
LULOPETISMO	1
Futebol Anestésico	2
O futebol é um fenômeno estranho. Alguns anos atrás na África, nos tempos do Pelé, o time do Santos conseguiu parar uma guerra para que o jogo fosse realizado. No Brasil, quando o governo comete um assalto a nossos bolsos e sente que seu prestígio está caindo, arruma um jeito de pôr a seleção em campo e nosso povo esquece qualquer assunto (às vezes muito grave) para falar de futebol.	3 4 5 6
Por incrível que pareça, já estão esquecendo os problemas do mensalão, do petrolão, as falcaturas e todas as roubalheiras praticadas por nossos representantes, para falar dos ladrões de uma entidade que trata apenas de futebol. Se o desejo é esse, comparemos os preços dos nossos estádios padrão Fifa, construídos com o nosso dinheiro, com o que custaram os megaestádios de Wembley, Camp Nou, até mesmo com o estádio de La Sabana, em San José, doado pela China, que custou apenas US\$ 80 milhões.	7 8 9 10 11 12
(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 3-6	
Suporte: linhas 7-12	

Carta 164	
Agora sabemos por que o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo de 2014: os dirigentes da Fifa queriam um doutorado em corrupção.	1 2
Conseguiram. Mas para azar deles não há um "STF dos <i>cumpanheiros</i> " nos EUA para lhes conceder céleres habeas corpus.	3 4
(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 1-2	

Desfecho: linhas 3-4

Carta 165	
-----------	--

'Bola suja'	1
--------------------	---

José Nêumanne (3/6, A2) lava a alma do Brasil honesto!	2
--	---

(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
------------------------------------	--

Análise	
----------------	--

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	
---	--

Carta 166	
-----------	--

Caixa-preta do BNDES	1
-----------------------------	---

Com a anunciada retirada do sigilo nos contratos do BNDES com Cuba e Angola, surge-me uma dúvida cruel: a vaca vai tossir ou ela vai para o brejo?	2
--	---

(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	3
------------------------------------	---

Análise	
----------------	--

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	
---	--

Carta 167	
-----------	--

Outro propinoduto	1
--------------------------	---

US\$11,9 bilhões saíram do Brasil para financiar projetos no exterior.	2
--	---

Decerto a Polícia Federal encontrará outro propinoduto para abastecer corruptos brasileiros.	3
--	---

A caixa-preta do BNDES renderá muita tristeza e mais decepções, talvez maiores que as propiciadas pela Petrobrás - o que foi apurado no mensalão já é considerado brincadeira de criança ou aperitivo da corrupção.	4
---	---

(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	5
------------------------------------	---

Análise	
----------------	--

Explicação: linha 2	
---------------------	--

Posição: linha 3	
------------------	--

Suporte: linhas 4-6	
---------------------	--

Carta 168	
-----------	--

CPI	1
------------	---

Perguntar não ofende: quando será instalada a CPI do BNDES? Pelo jeito, será pior que a da Petrobrás. E as empreiteiras, de novo? Este país está ferrado.	2
---	---

(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	3
------------------------------------	---

Análise	
----------------	--

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	
---	--

Carta 169	
País das maravilhas	1
Os juros cobrados por empréstimos referentes a obras no exterior são mais baixos que os de financiamentos nacionais.	2 3
Claro, trata-se de tratamento especial a governos amigos, como Cuba.	4
O povo brasileiro não precisa de infraestrutura melhor, as estradas são ótimas, a saúde é de Primeiro Mundo, não há violência nem tráfico de drogas. A segurança é total. O Brasil é uma nação de Primeiro Mundo e seu povo, extremamente feliz com a Bolsa Família. Povo grato e fiel ao papai Lula, que dá de comer a quem não quer preocupar-se com o futuro, com o único compromisso de votar nele para perpetuar o seu poder e garantir a bolsa.	5 6 7 8 9
(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3	
Posição: linha 4	
Suporte: linhas 5-9	

Carta 170	
Como a coisa funciona	1
Tudo começa com um voo de Lula nas asas de uma empreiteira a uma republiqueta africana. Fechado o negócio, digamos, de US\$ 500 milhões para uma obra, o BNDES, em operação sigilosa, pega o dinheiro no Tesouro (dinheiro nosso) e entra com o financiamento cobrando juros de pai pra filho ao governo do tal país. Como a empreiteira vai lucrar com a transação, quiçá superfaturada, repassa uma parte desse lucro à tesouraria do PT em forma de "doação legal de campanha". Como os ditadores africanos não gostam de pagar o que devem, não pagam. E mais tarde são agraciados com o perdão da dívida pelo nosso governo.	2 3 4 5 6 7 8
Entenderam a manobra ou preciso desenhar?	9
(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-8	
Desfecho: linha 9	

Carta 171	
Investimento externo	1
Gostaria que o BNDES concedesse ao cidadão brasileiro empréstimo à módica taxa de juro de 2,8% ao ano, para investimento no exterior: ir ao Paraguai comprar umas bugigangazinhas.	2 3
(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	

Carta 172	
Para a Sabesp, nada	1
Mais uma vez o BNDES é usado como instrumento político pela administração federal petista.	2

Enquanto sobra dinheiro para financiar, com contratos milionários e sigilosos (?!), obras em Cuba e na África, o empréstimo à Sabesp relativo às obras emergenciais contra a seca em São Paulo continua retido.	3 4 5
Ao querer prejudicar a administração tucana, o governo federal dá um tiro no pé, já que o açodamento da crise hídrica em São Paulo teria efeitos devastadores na já combalida economia brasileira.	6 7
(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-5	
Suporte: linha 6-7	

Carta 173	
ESCLARECIMENTO	1
Obra contra a seca	2
Em relação à reportagem <i>Alckmin atrasa mais uma obra contra falta d'água</i> , a Sabesp esclarece que se trata de uma obra de porte, 9 Km de tubulação, que será concluída em tempo recorde - entre anúncio e conclusão, quatro meses - e o atraso de alguns dias não comprometerá a segurança hídrica na região metropolitana. Os dias adicionais foram necessários porque na execução da obra foram encontrados cerca de 140 metros de rocha, que demandaram técnica de engenharia com uso de argila expansiva, em vez de retroescavadeira. É uma pena que a matéria tenha buscado destacar o atraso de alguns dias, ao invés do recorde para execução de obra desse porte e dessa complexidade, fundamental para o abastecimento de água da população paulista neste momento de crise hídrica.	3 4 5 6 7 8 9 10
(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 174	
PREFEITURA PAULISTANA	1
Acertou uma!	2
Após mostrar só incompetência e disparates, Haddad acertou uma: proibiu a construção de prédios no Pacaembu!	3 4
É isso aí, o PT só acerta quando nada faz...	5
(O Estado de S. Paulo, 04/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 3-4	
Desfecho: linha 5	

Carta 175	
MAIORIDADE PENAL	1
Morte de inocentes	2
Deu no jornal: “Até virar lei, redução da maioria penal tem um longo caminho”.	3
Equivale a dizer que até virar lei muita gente inocente ainda vai morrer...	4

(O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise Explicação: linha 3 Posição: linha 4	

Carta 176	
Votação	1
Esperemos que a Câmara dos Deputados tenha maioria e aprove a lei pela qual o povo está clamando há muito tempo.	2 3
(O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise Interpelação (indireta): linhas 2-3	

Carta 177	
Aliança oportunista	1
Na tentativa de impedir a redução da maioria penal a ser votada no Congresso Nacional, o governo busca até mesmo aliança com o PSDB, dispondo-se, certamente a contragosto, a aceitar a sugestão do governador Geraldo Alckmin de manutenção do <i>status quo</i> , com apenas um aumento do tempo de internação dos menores infratores (2/6, A1 e A11).	2 3 4 5
Tendo em vista que a maioria absoluta da população do País é francamente favorável à redução da maioria penal, o que nos regimes democráticos deveria ser religiosamente respeitado, o governo deixa claro que, para ele, a democracia de que tanto fala é somente aquilo que está de acordo com seus interesses e seu ponto de vista.	6 7 8 9
(O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 2-5 Posição: linhas 6-9	

Carta 178	
O PT busca aprovar proposta do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, que aumento [sic] o prazo de internação para menores que cometem crime hediondo. Mas não vai melhorar nada.	1 2
Eles não vão estudar nem trabalhar internamente e ainda vão ter mulherzinha nos fins de semana, etc., etc. O que se pode esperar?	3 4
(O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise Explicação/ Posição: linhas 1-2 Suporte: linhas 3-4	

Carta 179	
Atacado e varejo	1

Ao que tudo indica, o polêmico tema da diminuição da maioria penal ocupará as pautas parlamentares das próximas semanas, sob o impacto emocional de acontecimentos recentes, e não como parte de um debate construtivo e progressivo, capaz de convergir para uma solução o mais consensual possível. Claramente, as forças da sociedade estão divididas em dois grupos. Um deles é contra a redução, no qual se encontram representantes do governo federal, artistas e intelectuais que advogam o ponto de vista do longo prazo, do atacado, sustentando que a diminuição não resolverá os problemas da criminalidade que estão a atormentar a população. Assim, defendem a posição segundo a qual deve ser dada preferência a um cumprimento mais rigoroso dos axiomas básicos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de modo a efetivar a reintegração do jovem criminoso, além de ressaltarem a necessidade óbvia de ser-lhes oferecida uma rede de educação mais eficiente, com regimes integrais e cursos profissionalizantes, por exemplo, que dificultem a atração para o caminho do crime. Já o outro grupo, favorável à redução, clama pela adoção de medidas emergenciais e pela votação de questões imediatas, do varejo, que entrem em vigor o mais rapidamente possível. Considerando que o quadro é gravemente urgente, e que ambas as abordagens são necessariamente simultâneas, seria de todo sensato que o tópico fosse debatido com uma visão ampla, sem polarizações políticas radicais e irracionais que em nada contribuirão para baixar o nível de angústia da sociedade no que toca a esse grave problema. (O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18
Análise A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 180	
Neurônios Nesta questão da redução da maioria penal, o governo federal fará proposta para o aumento da pena dos adultos que cooptam menores para o crime. Vamos parar de brincadeira. Por que não fazem isso hoje? E depois tem outro ponto: é fácil descobrir qual o adulto que coopta menores para o crime? A julgar pela ridícula proposta do governo, acredito que seja. Se é fácil, por que já não estão sendo presos? Não dá para acreditar numa proposta dessas. Tem alguém com neurônios nesse governo? (O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	1 2 3 4 5 6 7 8
Análise Explicação: linhas 2-3 Suporte: linhas 4-6 Posição: linha 7 Desfecho: linha 8	

Carta 181	
GREVES EM SÃO PAULO Sem alternativa Enquanto o prefeito Fernando Haddad alardeia seu projeto de ciclovias como se fosse a solução mágica para a mobilidade urbana, a greve que afetou quatro linhas de trens da CPTM expôs bem a fragilidade do transporte público na cidade de São Paulo. Milhares de trabalhadores não conseguiram chegar ao seu destino por absoluta e absurda falta de alternativa. O episódio mostra que não são obras bonitas para inglês ver que resolverão a saga do infeliz trabalhador.	1 2 3 4 5 6 7 8

(O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 3-6 Posição/ Desfecho: linhas 7-8	

Carta 182	
Nos transportes	1
Os trabalhadores que são prejudicados pela ação de irresponsáveis que decretam greves nos meios de transporte, na maioria das vezes por motivos políticos, impedindo que as pessoas se locomovam e cumpram seus compromissos de toda ordem – comparecer ao local de trabalho, ao consultório médico, ao hospital, à escola, etc., etc. –, ao extravasarem sua revolta, em vez de depredar o patrimônio público, deveriam fazê-lo é nas sedes dos sindicatos causadores de todo o transtorno para a população.	2 3 4 5 6 7
(O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-7	

Carta 183	
Professores incompetentes	1
A Apeoesp conseguiu o recorde de mais longa greve do professorado paulista.	2
E quem é o mais prejudicado? Claro que é o aluno: além de ficar mais defasado, fica também sem a merenda.	3 4
Finda a greve será elaborado um calendário de reposição de aulas, que serão aos sábados, com frequência mínima ou zero. O professor comparece, registra o ponto e a aula é considerada dada.	5 6
Essa é a “pátria educadora” da Dilma, apoiada pelos professores incompetentes ligados à Apeoesp.	7
(O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	
Explicação: linha 2 Posição: linhas 3-4 Explicação: linhas 5-6 Desfecho: linha 7	

Carta 184	
Mestres da pancadaria	1
Triste realidade. Sem questionar a justeza das reivindicações por melhores salários e condições de trabalho, pois justas são, testemunhar cenas de selvageria daqueles em quem depositamos, entre outras instâncias, as esperanças e perspectivas de um futuro melhor para a Nação, pegando-se à pancada nas ruas?!	2 3 4 5
Lembra briga de gangues ou de torcidas organizadas. Com que ânimo eles voltarão ao trabalho? Sim, pois um dia, até a próxima greve ideológica, eles voltarão. Como encararão seus alunos?	6 7
(O Estado de S. Paulo, 05/06/2015)	
Análise	

Posição: linhas 2-5
Suporte: linhas 6-7

Carta 185	
TRÁFICO DE DROGAS	1
Cocaína das Farc no Brasil	2
A surrada teoria do “não sei” ou “não posso” é invocada pelo governo federal diante da invasão do território nacional por cocaína e outros tóxicos. Não haveria como vigiar nossas imensas fronteiras, alega-se. Era plenamente possível, porém, vigiar os pedaços fronteiros utilizados pelo crime organizado brasileiro para fazer penetrar no Brasil cocaína das Farc, via Suriname e outros pontos previsíveis.	3 4 5 6 7
Comete crime de responsabilidade por omissão o governante quando o ato criminoso era previsível e evitável. Esse tipo de severidade jurídica, contudo, não se compatibiliza com a tibieza das instituições jurídicas brasileiras e com nosso proverbial “jeitinho”, que se aplica à conservação do poder.	8 9 10 11
(O Estado de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Suporte: linhas 3-7 Explicação/ Posição: linhas 8-11	

Carta 186	
PREFEITURA LULOPETISTA	1
Fernando Raddar	2
Após transformar a cidade num caos com as suas ciclovias, o prefeito resolveu incrementar a indústria de multas espalhando radares por todo lado. Fui multado em abril, no feriado de Tiradentes, após ser fotografado por um radar que fica na Avenida Moreira Guimarães, altura do número 850, que se localiza a cerca de 30 metros de uma borracharia onde fui obrigado a entrar para consertar um furo no pneu, sob a justificativa de ser faixa exclusiva de ônibus. Acontece que não há como entrar na borracharia sem passar pelo tal radar.	3 4 5 6 7 8
Imagino quantas pessoas já foram multadas nesse local.	9
O prefeito deveria preocupar-se com os reais problemas da cidade, em vez de querer tirar dinheiro do cidadão a qualquer custo.	10 11
(O Estado de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 3-8 Suporte: linha 9 Posição: linhas 10-11	

Carta 187	
Projeto de zoneamento	1
Finalmente o PL do zoneamento chegou à Câmara Municipal. O debate agora se desenvolve em outro patamar, político, e não mais técnico. Depois de 50 audiências, os técnicos da Prefeitura esfregam as mãos com a satisfação do dever cumprido. Cumprido, sim, mas por que a satisfação?	2 3

O modelo foi preconcebido e imposto desde o princípio e, num simulacro de democracia, só permitiu alguns ajustes sem conseguir mexer no fundamental. E, no entanto, saiu errado. Para sair certo teria de ter apresentado, levando em conta o adensamento em toda cidade, estudos de viabilidade mostrando, no tempo, os custos de concretização sem levar ao colapso das redes de infraestrutura envolvidas. Para sair certo teria de ter nascido organicamente, a partir de consultas à população desde o início, e não <i>a posteriori</i> . Para sair certo teria de ter sido feito com verdadeiro espírito democrático, de baixo para cima, por meio dos planos de bairro.	4 5 6 7 8 9 10 11
(O Estado de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 188	
Prefeito contra o verde	1
Preocupante e lamentável a visão que o prefeito que nos foi apresentado pelo ex-presidente Lula tem do uso e ocupação do solo. Conforme reportagem publicada no Estadão , Fernando Haddad declarou que discutir a flexibilização do comércio nos Jardins é tratar de apenas 0,1% das vias da cidade, que tem 17 mil km de vias.	2 3 4 5
Em respeito à sua inteligência e cultura, eu acredito que o prefeito está sofismando para defender um projeto que, se tem aspectos positivos, também tem muitos absurdos que vão deteriorar ainda mais uma cidade já muito maltratada e deteriorada.	6 7 8
Na realidade, o prefeito até agora não demonstrou o mínimo interesse pelas condições do clima em nossa capital, que tem um ar tão poluído principalmente pelos congestionamentos e pelos veículos movidos a derivados do petróleo. Tanto que pouco utilizou a verba de que dispõe do governo federal para a recuperação dos nossos mananciais. Aparentemente, ele ignora que 4.600 paulistanos morrem por ano só por causa da poluição do ar, motivo pelo qual ele não tem nenhum programa para melhorar essa situação. No caso do projeto de lei que altera o uso e a ocupação do solo, não se trata de 0,1% das vias da cidade, mas sim da degradação da vegetação da cidade. A Organização Mundial da Saúde preconiza que nos centros urbanos o mínimo de área verde por habitante deve ser de 12 m², mas nossa cidade conta apenas com 2,5 m². Além dos parques e praças públicas, é nos bairros residenciais que se concentram as árvores que restam na cidade. E serão menos ainda no futuro se o prefeito conseguir aprovar o absurdo que existe em seu projeto, ou seja, a Prefeitura poder utilizar as áreas verdes, incluídas as dos mananciais, para a instalação de equipamentos públicos, como creches, escolas e hospitais. Enquanto as grandes metrópoles do mundo estão procurando recuperar suas matas e seus cursos d'água, nosso prefeito caminha no sentido contrário.	9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22
Ele me faz lembrar o naturalista Saint-Hilaire, o francês que ainda no século 19 veio ao Brasil e, em seus estudos, sacou a frase “ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”. No caso, ou a Câmara Municipal segura o prefeito ou ele acaba com a cidade.	23 24 25
(O Estado de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-5 Posição: linhas 6-8 Suporte: linhas 9-22 Desfecho: linhas 23-25	

Carta 189	
Discriminação	1
A declaração do prefeito Fernando Haddad de que discutir a flexibilização do comércio nos Jardins é tratar de apenas 0,1%, enquanto ele “representa toda a população”, é tão clara quanto francamente	2 3

discriminatória.	4
O prefeito de São Paulo ainda não entendeu que ele não foi eleito para governar exclusivamente para aqueles que o elegeram, mas para todos os cidadãos, inclusive o 0,1% de munícipes que ele desdenha. Aliás, a palavra “flexibilização”, definitivamente, não faz parte do vocabulário desse prefeito.	5 6 7
(O Estado de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-7	

Carta 190	
Comércio nos Jardins	1
O sr. Fernando Haddad argumentou que os Jardins representam 0,1% da população paulistana e que a sua obrigação é pensar os 100% da cidade. Pois ele, primeiro, deveria buscar expandir esse 0,1%, pela qualidade de vida que possui, para outros bairros. Segundo, por que a prioridade ao comércio?	2 3 4
No planejamento urbano, o dirigente municipal tem por prioridade o bem-estar da população, e não a expansão comercial. Ademais, o Estatuto da Cidade prega que o poder público deve ouvir a população sobre a cidade que ela quer, e não impor a cidade que os técnicos municipais idealizam. Aliás, nessa situação, difícil afastar a percepção da influência do poder econômico. Já é tempo de esse alcaide ouvir mais quem vive <i>na cidade</i> e menos os que vivem <i>da cidade</i> . Tal como em São Paulo, essa situação também se verifica em minha cidade. Estamos voltando ao período feudal, substituindo a realza por investidores imobiliários e corporações comerciais.	5 6 7 8 9 10 11
Lamentável.	12
(O Estado de S. Paulo, 06/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-11 Desfecho: linha 12	

Carta 191	
LULOPETISMO	1
Contrabando de haitianos	2
Ouvi o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, dizer no rádio que pretende evitar o tráfico de haitianos feito por coiotes aumentando o número de vistos legalmente concedidos na Embaixada do Brasil no Haiti, já na casa de cem por mês. Que ingenuidade!	3 4 5
Será que ele imagina que os coiotes vão arrefecer seu rentável “labor”? Por outro lado, seria de bom alvitre informá-lo de que nossa fajuta taxa de desemprego aumenta mês a mês. E já temos haitianos em quantidade vagando pelas ruas de São Paulo. Que pretendem esses petistas? Conceder Bolsa Família aos haitianos à custa dos nossos escorchantes impostos? Arregimentar mais um exército de defensores de seus desmandos, que estão devastando a nossa Pátria?	6 7 8 9 10
(O Estado de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 3-5 Suporte: linhas 6-10	

Carta 192	
Aumento da Selic	1
Qual a lógica de o Banco Central mais uma vez prejudicar a indústria, o comércio, a pessoa física, etc., com novo aumento da taxa Selic (se a questão é restrição ao crédito, há mecanismos substitutos) para conter o avanço da inflação, quando o carro-chefe dos picos inflacionários se deve em grande parte aos preços administrados pelo governo, ajudado pela cultura inflacionária inserida no contexto econômico? Assim, sobe a taxa Selic, sobe a taxa da inflação, e neste sobe-sobe vicioso o pretenso desenvolvimento ensaiado pelos ajustes econômicos fica estagnado.	2 3 4 5 6 7
Quando teremos, enfim, medidas eficazes?	8
A propósito, parece que achamos um substituto para o petróleo, agora só se fala de Fifa e CBF. Será que pouco a pouco o assunto vai para a gaveta?	9 10
(O Estado de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-7	
Interpelação (indireta): linha 8	
Desfecho: linhas 9-10	

Carta 193	
Não foi falta de aviso	1
Juros de 13,7% ao ano (Selic), inflação em 8%, desemprego de 8%, dívida pública, 7,47% – se esses relâmpagos não fizerem despencar a tempestade perfeita, hipótese há tempos lembrada ao governo brasileiro, existe algum ponto fora da curva que os levará a alto-mar e de lá retornarão como um devastador tsunami.	2 3 4 5
(O Estado de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-5	

Carta 194	
Esfolando o povo	1
O ministro Joaquim Levy diz que o Brasil cresceu, amadureceu. Mas se esqueceu de dizer que o País apodreceu e o povo brasileiro é que vai comer toda essa meleca.	2 3
Desse jeito é fácil – e a imprensa ainda acha que o ajuste fiscal é necessário.	4
Qualquer cidadão consciente cortaria os gastos de sua casa e teria resolvido seus problemas. Não seria preciso um ministro que está tentando resolver os problemas do País simplesmente esfolando toda uma nação.	5 6 7
Assim até eu.	8
(O Estado de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3	
Posição: linha 4	
Suporte: linhas 5-7	

Desfecho: linha 8

Carta 195	
Guerra de preços	1
Uma coisa o ministro Joaquim Levy adotou, e muito bem, do seu antecessor Guido Mantega: as promessas de um próximo trimestre com inflação e preços para o consumidor em desaceleração.	2 3
Enquanto o governo aplica o garrote vil no trabalhador, um campo de batalha surge à margem do Palácio do Planalto entre as redes de supermercados e fornecedores, tendo estes manifestado a intenção de aumentar seus preços em até 15%. A queda nas vendas se acentua. O primeiro trimestre teve o pior resultado desde setembro de 2005. Os supermercados estão sentindo a queda no movimento e apelam para que as indústrias não apliquem o aumento programado, tendo em vista que somente este ano até abril a energia subiu 38,12%. Mesmo o consumidor fazendo a opção por marcas de qualidade inferior, a quantidade também está sendo reduzida. A estagnação da economia é evidente com a inflação rebelde, o ganho salarial em queda e o pior de todos os fantasmas que atormentam as famílias: o desemprego.	4 5 6 7 8 9 10 11 12
Renato Janine, da Educação, contratou um astrólogo. Joaquim Levy, da Fazenda, deve buscar Merlin na Távola Redonda.	13
(O Estado de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Explicação/ Suporte: linhas 4-12	
Desfecho: linha 13	

Carta 196	
De heranças	1
Os brasileiros, descontentes com a recuperação da economia, com mais empregos, melhores salários, menos inflação, etc., após os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso decidiram votar no PT, acreditando no discurso demagógico do Lula.	2 3 4
E agora estão recebendo uma bela herança: estão trocando refeições em restaurantes pelas caseiras e a carne bovina por frango e legumes, estão cortando gastos com estética, lavanderia e faxinas. Está sobrando até para os animais de estimação, que terão de comer ração mais barata e não terão mais banhos em pet shop.	5 6 7 8
Enfim, os brasileiros trocaram a herança “maldita” de FHC pela herança “maravilhosa” da dupla Lula & Dilma.	9 10
Parabéns aos eleitores do PT, pois ajudaram a afundar o Brasil e vão colher o que plantaram.	11
(O Estado de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-4	
Suporte: linhas 5-8	
Posição: linhas 9-10	
Desfecho: linha 11	

Carta 197

Plantar e colher

1

O título de um editorial do Estado me chamou a atenção: <i>PT colhe o que plantou</i> (3/6, A3).	2
Plantou o quê? Colheu o quê? O PT nunca plantou nem colheu nada, é muito trabalhoso.	3
Sempre teve uma existência parasitária, de sanguessuga, verme, erva daninha. Surgiu dos sindicatos, seus membros, que não trabalham, ganham salários, têm estabilidade no emprego e vivem do recolhimento obrigatório das “contribuições” dos que trabalham. Ao chegar ao poder, duplicou os ministérios para acomodar suas infinitas ventosas. Exauriu o que de bom foi conquistado em governos anteriores. Sugou e continua sugando no mensalão, na Petrobrás, nas estatais e seus fundos de pensão, no FGTS (patrimônio dos trabalhadores que pagam aos sindicatos), no Banco do Brasil, na Caixa, no BNDES – onde o vampirismo é protegido por sigilo.	4 5 6 7 8 9 10
Os petistas nunca plantaram nem colheram. Vivem se alimentando dos elementos que ajudam a decompor.	11 12
(O Estado de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação: linha 2	
Posição: linha 3	
Suporte: linhas 4-10	
Desfecho: linhas 11-12	

Carta 198	
GREVE DA APEOESP	1
Movimento político	2
Lendo o editorial <i>Aula de bagunça</i> (5/6), sobre o movimento político petista contra o governador Geraldo Alckmin, que acertadamente não negocia com esses sindicalistas irresponsáveis que causam prejuízo aos alunos da rede pública, sugiro-lhe explicar, via rádio e TV, para melhor entendimento do público, as reivindicações impossíveis, 75% de aumento salarial; que a categoria já recebeu reajuste acumulado de 45% nos últimos quatro anos, aumento real de 21% – 26% acima do piso nacional; e que o dissídio é só julho, para abrir discussão.	3 4 5 6 7 8
Com essa explicação do governador, apesar de a opinião pública em geral não estar apoiando esses bagunceiros, trará melhor entendimento desse inconsequente movimento de extremistas.	9 10
(O Estado de S. Paulo, 07/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 3-8	
Suporte: linhas 9-10	

Carta 199	
BOAS NOVAS	1
Pasteur na USP	2
Acredito que a classe média e a população brasileira em geral devam regozijar-se com a notícia no Estadão de que o Instituto Pasteur e a Fundação Oswaldo Cruz terão uma unidade na Universidade de São Paulo. Finalmente teremos chance de sair de uma situação de desperdício e amadorismo na questão de produção de imunobiológicos, que até hoje resistiu à lógica dos meios científicos e tecnológicos estratégicos aplicados à defesa da sociedade contra doenças infectocontagiosas, causando grande insegurança à população. Parabéns aos seus idealizadores.	3 4 5 6 7 8
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	

Análise

A carta parece não seguir a regra geral identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 200

CORRUPÇÃO**Fifagate**

A corrupção na Fifa era feita com tal desenvoltura e descaramento que até recibos e acordos obscenos foram documentados!

Tá fácil de desmascarar esse pessoal, chamem o Snowden!

(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)

1

2

3

4

5

Análise

Explicação/ Posição: linhas 3-4

Desfecho: linha 5

Carta 201

CBF

Sabem quando a CBF vai ter solução?

Há dois vice-presidentes que reivindicam o cargo de Marco Polo Del Nero. O primeiro é um tal de Delfim Peixoto, cujo filho, que é assessor de qualquer coisa na entidade, foi preso por tráfico de drogas. O segundo dispensa maiores comentários: seu nome é Fernando Sarney.

(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)

1

2

3

4

5

Análise

Posição: linha 2

Suporte/ Explicação: linhas 3-5

Carta 202

LEGISLATIVO X EXECUTIVO**Restabelecer o equilíbrio**

Nada mais adequado do que o Congresso Nacional tratar de ajustar o equilíbrio de forças entre a União e os Estados e municípios. Certamente um dos grandes problemas de nosso país é a excessiva concentração de poder na União. Os aumentos de contribuições de uso exclusivo do governo federal e a transferência de obrigações sem a correspondente dotação de recursos têm reduzido drasticamente as disponibilidades de Estados e municípios. Sem falar que a origem dos escândalos de corrupção e os notórios erros de gestão de empresas públicas têm ligação direta com a indicação de dirigentes sem perfil ou conhecimento da área, valendo-se apenas de barganha com os partidos da base governista. Será extremamente útil para o País essa iniciativa do Congresso de discutir e alterar tais questões.

(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

Análise

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 203

Destino mais apropriado	1
Muito melhor os recursos irem para Estados e municípios que pra Cuba, Venezuela, Angola, República Dominicana e Equador.	2 3
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	

Carta 204	
Estatais sob controle	1
A iniciativa de aprimorar a fiscalização das estatais – independentemente das ligações partidárias de seus idealizadores – é louvável e está muito bem recebida pela sociedade brasileira.	2 3
No fim das contas, quem investe nessas empresas? Quem espera o retorno? Somos nós. É assim que a democracia avança, com fiscalização e independência. O Legislativo está fazendo a sua parte, com a Lei de Responsabilidade das Estatais. Torcemos para que o governo federal não dê pitaco de desentendido.	4 5 6 7
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-3 Suporte: linhas 4-7	

Carta 205	
Agências reguladoras	1
Sabemos que as agências reguladoras são um braço do Executivo que, infelizmente, é de uso de troca. E o que querem Renan Calheiros e Eduardo Cunha é um quinhão dessas agências.	2 3
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	

Carta 206	
MARQUETAGEM	1
Efeito contrário	2
É de dar náusea em corvo ver repetidas vezes a peça publicitária (talvez imaginada pelo inefável dr. João Santana) com a foto solerte de dona Dilma Rousseff andando de bicicleta mascarada de esportista, com macacão, luvas, capacete, óculos escuros. Evidentemente, essa peça quer vender a imagem de uma mulher forte, saudável, decidida, em plena luz do dia e fora dos muros do palácio, onde, carrancuda e mal-humorada, andava encastelada com medo do povo. O que se salva nisso tudo é o fato de o repórter ter flagrado a presidente da República justo quando passava diante de um "lava jato" (6/6, A1). O pano de fundo para a peça publicitária não poderia ser melhor. Parabéns, pois, ao repórter pelo subtexto.	3 4 5 6 7 8 9 10
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 207	
Ver dona Dilma passeando de bicicleta, preocupada com dieta e boa forma, como se estivéssemos no melhor dos mundos e ela não tivesse nada que ver com a crise que assola o Brasil, é outra bofetada no rosto dos brasileiros que lutam para manter o emprego e pagar suas contas e os impostos.	1 2 3
Acho que seus marqueteiros deveriam mudar de tática, essa remete demais a Versalhes e ao baile da Ilha Fiscal.	4 5
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 1-3	
Desfecho: linhas 4-5	

Carta 208	
Dilma agora resolveu andar de bicicleta? Ótimo!	1
Assim não fica no gabinete despachando e afundando mais e mais o Brasil.	2
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
Posição: linha 1	
Desfecho: linha 2	

Carta 209	
Parabéns à sra. presidente pelos resultados apresentados em sua dieta. Pena que os da Nação não sejam iguais, muito ao contrário. A propósito, não sei se a sra. presidente tem noção de que essa bike que está usando custa, nos EUA, US\$ 3 mil. Ela sabe o que acontece se saímos com uma dessas em nossas ruas? Se voltarmos vivos, voltamos a pé.	1 2 3 4
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 210	
Dona Dilma Rousseff, que acredita ser presidente do Brasil, poderia aprimorar seus ímpetos esportistas e ir pedalar na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio.	1 2
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 211	
Quero vê-la andar de bicicleta é em São Paulo, nas ciclo faixas para fantasmas do <i>Malddad Radar</i> , já que para vivos não há demanda. Se ela não é fantasma, vai levar tomatada.	1 2
(O Estado de S. Paulo, 08/06/2015)	

Análise

Carta 212

LULOPETISMO	1
-------------	---

Judas?	2
---------------	---

Essa pedaladora é realmente uma fanfarrona! Depois de, como nunca antes na História deste país, destruírem tudo o que estava aí, começando pela Lei de Responsabilidade Fiscal, pelas agências reguladoras, pela PeTrobás[sic], etc. precisavam de alguém para pôr ordem na casa. Convidaram a única pessoa séria no atual (des)governo e ainda a pedaladora vem a público dizer que Joaquim Levy não pode ser tratado como “judas”?! Ora, judas é seu mentor, seu marqueteiro e todos os demais petralhas envolvidos numa reeleição, para dizer o mínimo, desastrosa e para lá de mentirosa! Essa senhora deveria olhar para o próprio umbigo e para o umbigo do seu criador, pois a criatura fez desandar a maionese. E se Deus e o povo brasileiro assim o quiserem, pela última vez, apesar de restarem ainda três anos. Oremos!	3 4 5 6 7 8 9 10 11
--	---

(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)

Análise

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 213

Acertou a presidente Dilma Rousseff: o ministro Levy não deveria ser malhado por “fazer o diabo” para aumentar a arrecadação, numa época de economia estagnada, desemprego, inflação e juros altos, pois sabemos que a responsabilidade por essa situação desastrosa é dela. Como também é dela a tarefa de estabelecer uma política séria para melhorar esse quadro, eliminando as raízes da ineficiência e da corrupção no seu governo.	1 2 3 4 5
---	-----------------------

Ou a “política” vai parar, para variar, em arrumar mais dinheiro para o governo continuar a farra? (O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)	6
--	---

Análise

Explicação/ Posição: linhas 1-5 Desfecho: linha 6
--

Carta 214

A “presidenta competente” diz ser injusto e errado tratar o ministro Joaquim Levy como “judas”.	1
---	---

E não é que ela está certíssima?	2
----------------------------------	---

Afinal, o ministro só está fazendo o que lhe foi mandado. Judas é quem prometeu e cantou loas a um país imaginário para se reeleger, denegriu os opositores e, após a eleição, mandou aplicar as medidas atribuídas aos adversários!	3 4 5
--	-------------

E lá vai ela feliz e “contenta”, acompanhada por segurança e personal trainer, montada em sua bike!	6
---	---

(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)

Análise

Explicação: linha 1 Posição: linha 2 Suporte: linhas 3-5
--

Desfecho: linha 6

Carta 215	
De injustiças	1
Presidente Dilma Rousseff, injusto é tratar todo o povo trabalhador brasileiro como burro de carga para pagar, com sacrifícios, os anos de incompetência do seu partido.	2 3
O resto é resto!	4
(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Desfecho: linha 4	

Carta 216	
Inflação descontrolada	1
Cebola a R\$8 e Dilma a pedalar. Mesmo sem descascar, dá vontade de chorar.	2
(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 217	
Pedaladas	1
Irônico ver a presidente pedalando livre, leve e solta após as pedaladas que seu governo cometeu. Ou seria uma mensagem subliminar? Será?	2 3
(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 218	
Passeios matinais	1
Essa jogada de marketing é velha conhecida dos brasileiros, geralmente utilizada por governantes beirando o impeachment, na tentativa ensandecida de mudar o foco, desviar atenções.	2 3
Exemplo: o corredor matinal que saía, meio aloprado, da Casa da Dinda, mandando recados desenhados nas camisetas, seguido por seguranças e jornalistas.	4 5
O Brasil, como hoje, desgovernado, seguia à deriva...	6
(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Suporte: linhas 4-5	

Desfecho: linha 6

Carta 219	
-----------	--

Maria Antonieta	1
------------------------	---

“Se não há pães, que comam bolos.” Dieta para emagrecer num país onde metade da população passa fome e tem de aguardar às vezes até anos por uma cirurgia?! E ainda cantarolando, porque deve ser muito bom ter à disposição um chefe de cozinha para cuidar da dieta, com direito apersonaltrainer, passeios ciclísticos, etc... Que tal essa senhora alongar os seus passeios até a periferia de Brasília, para acordar do seu sonho e, quem sabe, começar a pensar menos em seu peso corporal e mais no peso de sua consciência?	2 3 4 5 6 7
--	----------------------------

(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)

Análise

A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.

Carta 220	
-----------	--

TUCANOS SE BICAM	1
-------------------------	---

Criadores de caso	2
--------------------------	---

Apesar de apartidária, sempre votei no PSDB aqui, em São Paulo. Mas fiquei horrorizada com essa disputa pelo poder, indecente e doentia, encenada pelo deputado Bruno Covas e pelo suplente de senador José Aníbal (5/6, A7).	3 4 5
--	-------------

É a segunda vez que ouço o nome desses dois criando caso dentro do partido, o que contribui para espalhar o lema “o PSDB dividido sempre será vencido”.	6 7
--	--------

Nas eleições de 2016 não votarei de jeito nenhum se um desses dois que contribuem tanto para a desunião do partido por acaso for candidato.	8 9
--	--------

(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)

Análise

Explicação: linhas 3-5

Suporte: linhas 6-7

Posição: linhas 8-9

Carta 221	
-----------	--

EDUCAÇÃO	1
-----------------	---

Terceiro Mundo	2
-----------------------	---

O artigo <i>Pobre educação pobre</i> (<i>Aliás</i>, 7/6), de José de Souza Martins, professor emérito da FFCL da USP, remete a uma questão fundamental relacionada ao desenvolvimento do País.	3 4
---	--------

O desprezo que sempre acompanhou a história do ensino é a marca registrada de país do Terceiro Mundo.	5 6
--	--------

O docente é tratado como funcionário de terceira classe, destinado a sobreviver com sua modesta remuneração. Após sua licenciatura, o professor deveria ter a possibilidade de prosseguir sua formação em cursos de aperfeiçoamento, pós-graduação e especialização em temas de seu interesse e do desenvolvimento da Nação.	7 8 9 10
---	-------------------

É de lamentar que o que seriam justas reivindicações se tenha transformado em deploráveis cenas de primarismo mental que a mídia tem divulgado.	11 12
--	----------

(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 3-4 Posição: linhas 5-6 Suporte: linhas 7-10 Desfecho: linhas 11-12	

Carta 222	
Formação e salários Como diz o Estadão (7/6, A19), o professor precisa aprender a ensinar. Há boas iniciativas nesse sentido, algumas delas mencionadas na reportagem, bem como outras, com destaque para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), da Capes. Para o seu êxito, contudo, a experiência internacional ensina que é necessário valorizar o profissional do ensino com salários compatíveis com a relevância social e econômica de sua atuação. Só isso garante, de fato, uma alta qualidade de ensino. Há empenho federal, estadual e municipal para tal?	1 2 3 4 5 6 7 8
(O Estado de S. Paulo, 09/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 2-4 Posição: linhas 5-7 Desfecho: linha 8	

Carta 223	
LULOPETISMO Notícia requeentada A então candidata Dilma Rousseff liberou R\$50 bilhões para as estradas no início de 2010, verba do PAC 1 ou 2. O que aconteceu? Se liberou a verba, o gato comeu, pois apenas apararam o matagal que cobria as placas nas estradas federais. Se não liberou, jogou para a torcida e todo mundo engoliu. Até hoje vivemos de promessas e centenas de bilhões são “liberados”, mas nunca chegam a lugar algum. Quanto hospitais, por exemplo, o governo federal construiu nos últimos 12 anos? Não fez nada nem fará, só vai inaugurar as placas, feitas de plástico dourado, bem barato, e convidar alguns companheiros para administrarem o dinheiro que o gato gatuno vai comer. É o jeito PT de administrar, como o prefeito Fernando Haddad, que consegue a cada dia deixar mais caótico o trânsito na cidade, enquanto os postos de saúde estão caindo aos pedaços. Os R\$198 bilhões do novo pacote anunciado são o valor total, bruto. Tirando a comissão de 10%, os 3% dos partidos e o superfaturamento, não sobra quase nada. Mas não há mal que dure para sempre, 2016 e 2018 chegam rápido.	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15
(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise Explicação: linhas 3-4 Posição: linhas 5-7 Suporte: linhas 8-14	

Desfecho: linha 15

Carta 224

Mais Privatização

Durante sua campanha em 2010, Dilma acusou o tucanato de, com as privatizações com dinheiro do BNDES, entregar o patrimônio nacional aos estrangeiros. E mais uma vez fez exatamente o que se espera de um petista, sapateando sobre as próprias palavras e privatizando três aeroportos com dinheiro do BNDES e a participação de conglomerados financeiros estrangeiros, ou seja, ainda no primeiro mandato entregou o patrimônio brasileiro aos estrangeiros com 80% de financiamento nacional! E ontem, com todo o estardalhaço pomposo e vazio de conteúdo típico dos petistas, rodeada por seus acólitos, lançou a nova etapa de logística portuária, cujo pacote de estímulo à infraestrutura, que também inclui aeroportos, rodovias e ferrovias, prevê cerca de R\$200 milhões em investimentos.

Então, como sempre, o PT se utiliza de uma novilíngua de fazer inveja a George Orwell, como também a FHC, para camuflar sua incompetência e sua canastrice: quando é o PSDB que privatiza, é “privataria”, mas quando é o PT, é “concessão”.

O que fica cada vez mais claro é que, da mesma forma que seu antecessor, não se pode levar a falastrona dona Dilma a sério.

Imaginemos se ela tivesse de cumprir a promessa que fez a empresários franceses em 2012 de que iria construir quase 900 aeroportos regionais até 31/12/2014, fim de seu primeiro mandato.

Pela lógica, parece que a “condutora” do País nem sabe o que é logística.

(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)

Análise

Suporte 1: linhas 2-9

Posição 1: linhas 10-12

Posição 2: linhas 13-14

Suporte 2: linhas 15-16

Desfecho: linha 17

Carta 225

Agenda positiva

Palavras do sr. Rui Falcão, presidente nacional do PT: “Agora é tempo de parar de falar em ajuste e falar de investimento, emprego e distribuição de renda”.

Onde? Em Cuba?

(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)

Análise

Explicação: linhas 2-3

Desfecho: linha 4

Carta 226

Infraestrutura

Quando se trata de investimento, o que Dilma tem de entender é que não se põe dinheiro bom em negócio ruim. E o lulopetismo transformou o Brasil num negócio péssimo!

(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 227	
Safári	1
O (des)governo irresponsável do PT (o Partido dos Traidores) transformou a economia brasileira numa espécie de savana africana.	2 3
Os herbívoros (pequenos empresários e trabalhadores) são devorados pelos carnívoros (governo e políticos). E as carcaças (espólio) são consumidas por hienas e urubus (bancos e financeiras).	4 5
Muito triste.	6
(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3 Suporte: linhas 4-5 Desfecho: linha 6	

Carta 228	
Aos leões	1
Chega às raias da ingenuidade a frase de José Dirceu: “Estamos no mesmo saco, eu, o Lula, a Dilma”.	2
Qualquer indivíduo dotado de um mínimo de perspicácia percebe que Lula está pouco se “lixando” para seus companheiros, correligionários e puxa-sacos, jogando-os aos leões para salvar a própria pele.	3 4 5
Até agora tem conseguido.	6
(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linha 2 Suporte: linhas 3-5 Desfecho: linha 6	

Carta 229	
Mágoa	1
Passados dez anos da eclosão do mensalão, José Dirceu não esconde a mágoa que tem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da presidente Dilma Rousseff. “De que serve toda a covardia que o Lula e a Dilma fizeram na Ação Penal 470 e estão repetindo na Lava Jato? Agora estamos todos no mesmo saco, eu, o Lula, a Dilma”, desabafou Dirceu, segundo relatos colhidos pela reportagem do Estadão .	2 3 4 5 6
O ex-ministro da Casa Civil demorou uma década para revelar o que todos sabemos desde que Roberto Jefferson falou claro e deu nome aos bois.	7 8

(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-6 Desfecho: linhas 7-8	

Carta 230	
Mesmo saco	1
Se apertarem mais um pouco, com certeza o ex-ministro condenado José Dirceu conta tudo o que sabe a respeito daqueles que nunca souberam nada...	2 3
(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	

Carta 231	
Lava Jato	1
Em mais um capítulo dessa novela, a presidente Dilma afirmou à TV francesa que lutará até o fim para provar que nada tem que ver com a corrupção na Petrobrás. Mas, se bem me lembro, foi a mesma desculpa/discurso do sr. <i>Lulla</i> há dez anos, quando estourou o caso do mensalão.	2 3 4
Se não houver “forças ocultas” interferindo no processo, em breve a verdade virá à tona.	5
(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-4 Desfecho: linha 5	

Carta 232	
Ainda sobre ciclofaixas	1
Mais uma inútil ciclofaixa pronta. Agora na importantíssima Rua Abagiba, na Vila Vera, que toda São Paulo conhece.	2 3
Mas o que não é novidade para mim são os pequenos postes que devem, talvez, servir de proteção aos pernalongos ciclistas que frequentam a rua à noite contra os motoristas maldosos.	4 5
Curioso, fui examinar os tais postes de perto e eles não passam de canudos plásticos e sem tampa! Parece que o nosso operoso e previdente alcaide, pensando em facilitar a reprodução dos pernalongos ciclistas preparou um bom criadouro para suas pequeninas e frágeis larvas, pois na primeira chuva os postes vão encher-se de água. Ou será que o alcaide já tem uma equipe preparada para esvaziar os postes depois de cada chuva?	6 7 8 9 10
É esperar para ver...	11
(O Estado de S. Paulo, 10/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-3 Posição: linhas 4-5 Suporte: linhas 6-10	

Desfecho: linha 11

Carta 233	
LULOPETISMO	1
Doações (!)	2
Após deixar a Presidência, Lula recebeu da Camargo Corrêa, por intermédio do instituto que leva seu nome e de empresa de sua propriedade, R\$4,5 milhões – US\$1,5 milhão –, sendo R\$1,5 milhões para pagamento de palestras.	3 4 5
Está aí a comprovação de que Lula é integrante da “zelite” e gosta dela, usando-a só e simplesmente para atacar quantos estejam contra seu populismo enganador e prejudicial à Nação.	6 7
Ressalte-se que a Camargo Corrêa integra a liderança das empresas que figuram na Lava Jato, estando, portanto, comprovada a conexão entre o lulopetismo e o propinoduto criado na Petrobrás e em outras estatais.	8 9 10
Parece que sua tática de ignorar tudo e nada saber não funciona mais, com as novas revelações.	11
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 3-5	
Posição: linhas 6-7	
Suporte: linhas 8-10	
Desfecho: linha 11	

Carta 234	
Falcatruas x blindagem	1
O que leva – e espera em troca – uma empresa a doar R\$3 milhões (!) a um instituto que nem se sabe para que existe? Como podemos acreditar em seriedade do ex-presidente, que sempre está fora de todas investigações? Até onde veremos detalhes tão expressivos de falcatruas e ele continuar blindado?	2 3 4 5
São de arrepiar essas ações nefastas que paulatinamente vão sendo descobertas e acobertadas por seu principal artífice!	6 7
Até quando seremos tratados como idiotas?	8
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Suporte: linhas 2-5	
Posição: linhas 6-7	
Desfecho: linha 8	

Carta 235	
Dinheiro em pencas	1
Cheira mal essa história de o Instituto Lula ter recebido somente da Camargo Corrêa, sem mais nem menos, R\$3 milhões e sua empresa de negócios, R\$1,5 milhão, alegadamente por quatro palestras, certamente as mais caras do mundo.	2 3 4
Embora a população de brasileiros esclarecidos e de boa vontade ainda esteja no início de seu	5

processo de desconfiarças em relação ao ex-presidente, seria de bom alvitre que ele viesse a público pôr a contabilidade de suas entidades à disposição.	6 7
Piada? Também acho, mas esse apelo faria sentido para quem nada deve.	8
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 2-4	
Posição: linhas 5-7	
Desfecho: linha 8	

Carta 236	
Guinada ética	1
Que diferença fará para nós, brasileiros, se nesse 5º Congresso do PT (ou convescote com recursos públicos) o partido, como propõe, der uma guinada à esquerda, se a prática da corrupção está literalmente no sangue da cúpula petista?	2 3 4
Surpreendente seria se o partido de Lula encampasse a firme decisão de uma guinada a favor da ética.	5
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	
Desfecho: linha 5	

Carta 237	
Velha nova bandeira	1
Na oposição o PT sempre teve como bandeira tributar grandes fortunas.	2
Os 13 anos no poder – desfrutando, primeiro, as fortunas dos outros e hoje, as próprias – fizeram seus líderes mais destacados mudar de ideia e até abafar essa intenção do resto do partido. E como aconteceu e acontece em todo país comunista, a militância e os correligionários acataram os caciques. Afinal, são sempre paus-mandados. Agora, para ter alguma motivação, vieram com essa bandeira novamente. Só que poderão atingir também os caciques e terão de explicar ainda de onde ganharam tanto.	3 4 5 6 7 8
Conclusão: não vai passar de mais um blefe a desaparecer depois da convenção.	9
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação: linha 2	
Suporte: linhas 3-8	
Posição: linha 9	

Carta 238	
Tributar o andar de cima	1
Para o deputado Paulo Teixeira (PT-SP), é preciso tributar o andar de cima. Concorro.	2
Para começar e dar bom exemplo, tributemos a cobertura tríplice, com elevador privativo,	3

construída pela Bancoop no Guarujá, cujo proprietário, quando presidente, assinou decreto isentando as aposentadorias de “perseguidos políticos”, legislando vergonhosamente em causa própria. Depois vamos tributar, na pessoa física, as palestras (tráfico de influência) para empreiteiras.	4 5 6
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linha 2	
Suporte: linhas 3-6	

Carta 239	
O petismo pretende assaltar as grandes fortunas e heranças. Assim, diz, fará a classe alta (?) pagar por enriquecer à custa dos desfavorecidos. Mas qual será o critério da tributação?	1 2
Valerá usar dirigentes do PT como parâmetro ou isso é só para meter a mão no bolso da classe média?	3
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 1-2	
Desfecho: linha 3	

Carta 240	
Grandes tolices	1
Mais uma vez o imposto sobre grandes fortunas volta às manchetes.	2
Há alguns argumentos de peso contrários à adoção desse imposto. É fácil enumerar alguns. Em primeiro lugar, poucos são os países que o adotam. Se é um mecanismo tão bom, seríamos nós um entre os poucos a identificar essa solução maravilhosa? Em segundo lugar, em muitos casos há “grandes fortunas” constituídas basicamente por propriedades, já taxadas por impostos como IPTU, IPTR e congêneres, além de os recursos que possibilitaram a aquisição desses bens já terem sido “mordidos” pelo Leão. Os detentores de grandes patrimônios imobiliários não estariam aptos a pagar o imposto sem se desfazer de casas, terrenos, obras de arte, etc. Finalmente, as realmente grandes fortunas líquidas conseguirão se esquivar por meio do efeito Depardieu, ou seja, sairiam do País. E são justamente essas, cujo espírito animal de seus proprietários se quer despertar, grandes geradoras de empregos. Simples assim. Já circularam números absurdos quanto ao potencial arrecadatório desse imposto, alguns deles da ordem de grandeza do nosso PIB.	3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
Deixando de lado a conotação populista por trás dessa pregação, seria interessante que os defensores de tal medida, no próximo congresso nacional do PT avaliassem de maneira objetiva seu real potencial e possíveis inconvenientes.	14 15 16
Nem se diga que advogar contra esse imposto é uma atitude anti-petista, uma vez que o autor do projeto é o insuspeito (?) FHC.	17 18
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação: linha 2	
Suporte: linhas 3-13	
Posição: linhas 14-16	
Desfecho: linhas 17-18	

Carta 241	
TUCANOS SE BICAM	1
Fogueira das vaidades	2
A propósito da manifestação da leitora sra. Carolina L. Alves de Almeida (9/6), quero acrescentar que, tão logo o “poste” <i>Maldadd</i> foi declarado eleito, mandei e-mail para o PSDB (que, é claro, nunca me respondeu) pedindo que comesçassem a trabalhar numa candidatura para alijar esse <i>lullopetismo</i> da Prefeitura de nossa querida São Paulo, que vem sendo maltratada e desfigurada de todas a [sic] formas por esse que está aí. E o que faz o PSDB?	3 4 5 6 7
Seus afiliados ficam brigando (puro ego), daqui a pouco vem nova eleição e corremos o risco de esse PeTralha continuar a demolir nossa cidade!	8 9
(O Estado de S. Paulo, 11/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 3-7	
Suporte: linhas 8-9	

Carta 242	
BIOGRAFIAS	1
Sem censura	2
Aplausos, de pé, para o Supremo Tribunal Federal (STF) pela decisão histórica e unânime a favor da história de ilustres brasileiros.	3 4
Viva a liberdade de expressão e informação! Cala a boca e censura, nunca mais!	5
(O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 3-4	
Desfecho: linha 5	

Carta 243	
Cala-boca já morreu	1
A expressão “cala-boca já morreu”, utilizada pela ministra Cármen Lúcia na sessão do STF que derrubou por unanimidade a censura a biografias, certamente reflete o crescente estado de espírito da maioria dos brasileiros contra a intocabilidade de mitos.	2 3 4
Estamos esperando o quê, para adotarmos a mesma atitude no apoio pleno ao movimento “Fora Dilma”?	5 6
(O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	
Análise	
Explicação/ Posição: linhas 2-4	
Interpelação (indireta): linhas 5-6	

Carta 244	
MAIORIDADE PENAL	1
Esquerda festiva	2
Desocupados da UNE e da Ubes invadiram área do Congresso Nacional para protestar contra o	3

projeto de redução da maioria. Esses marmanjos, que nada fazem na vida, vivendo de verbas públicas, se intitulam defensores dos pobres e oprimidos sem terem recebido procuração para tal – os congressistas ao menos foram eleitos pelo povo.	4 5 6
Aliás, essa é uma atitude costumeira da esquerda festiva, que adora pregar como se dona da verdade absoluta fosse, não permitindo nenhuma opinião diversa.	7 8
Fiquemos atentos, pois certo ParTido também adoraria impor seu caminho sem contestação.	9
(O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	
Análise	
Explicação: linhas 3-6	
Posição: linhas 7-8	
Desfecho: linha 9	

Carta 245	
Tumultos seletivos	1
Quem são os jovens que tumultuaram a votação da redução da maioria penal? Não me lembro de tê-los visto em outras votações no Congresso, como, por exemplo, na dos projetos do governo Dilma que retiram do trabalhador direitos conquistados a duras penas. Pergunto: esses jovens, que provocaram ao máximo os seguranças da “casa do povo” (como os próprios “estudantes” gritavam), são infratores ou apenas estão a mando de alguém que defende o indefensável? Qual o real interesse em que tudo permaneça como está, com jovens praticando crimes brutais? O exército de aliciados para combater com violência os desejos dos cidadãos de bem está cada vez maior e se os parlamentares forem votar com medo da reação desse pessoal treinado, nosso país vai virar uma feira livre onde vende mais quem grita mais. Os governos nada fazem para tirar os jovens das drogas e, conseqüentemente, dos injustificáveis crimes brutais; então, como Pilatos, lavam as mãos e transferem para a sociedade um problema criado por eles próprios com a falta de estrutura para educar, de trabalho, de esperança num futuro melhor, jogando, assim, cada vez mais jovens na marginalidade. A Bolsa Família, que os pais desses delinquentes recebem, é só um paliativo que já começa a trazer os resultados desastrosos antevistos pelos cidadãos de bom senso. Esse programa não está impedindo os jovens de entrar no mundo do crime, ao contrário. Assim, ou mudam a política dos programas sociais sem eficácia ou mudamos nós, cidadãos, enquanto dá tempo, para um país bem longe desta nossa terra destruída. Chega de pagar altos impostos sem retorno para compensar os nossos bolsos sempre tão vazios.	2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19
(O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	
Análise	
A carta parece não seguir a regra geral de estruturação identificada nas cartas de leitores atuais.	

Carta 246	
Vontade popular	1
O deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) está certíssimo ao afirmar que o problema da diminuição da maioria penal é da sociedade, e não do governo.	2 3
É dever do governo – e dos legisladores – governar de acordo com a vontade popular. E 90% da sociedade está pedindo essa mudança agora. Porém um governo com 10% de aprovação quer impedi-la.	4 5 6
Srs. deputados, não protelem mais essa importante decisão. Votem corajosamente.	7
O povo vai agradecer.	8

(O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	
Análise Explicação/ Posição: linhas 2-3 Suporte: linhas 4-6 Interpelação (direta): linha 7 Desfecho: linha 8	

Carta 247	
Do contra Sugiro que os indivíduos contrários à redução da maioridade penal de 18 para 16 anos adotem os quatro marginais, todos menores de 18, responsáveis pela morte da jovem estuprada no Piauí. (O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	1 2 3
Análise Posição: linhas 2-3	

Carta 248	
Sensatez Partindo do pressuposto de que a maioridade penal é cláusula pétrea, a emenda constitucional sobre esse tema não deve passar no Congresso Nacional, sob pena de se cometer um erro de difícil reparação. Das cinco propostas em discussão atualmente, a mais sensata é a do senador Aloysio Nunes (PSDB-SP) (O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	1 2 3 4 5 6
Análise Explicação/ Posição: linhas 2-4 Suporte: linhas 5-6	

Carta 249	
LULOPETISMO Bolivarianos Um antigo ditado espanhol reza: “ <i>Dios los crea y ellos se juntan</i> ”. Lembrei a expressão ao ver a foto no Estadão de ontem de Lula confraternizando com Diosdado Cabello, indiciado nos EUA por associação com os cartéis mexicanos de droga. Nada surpreendente partindo do PT, que já apoiou, e apoia, Ahmadinejad, ditaduras africanas, Farc, MST e até mostrou uma ponta de simpatia pelo Estado Islâmico. (O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	1 2 3 4 5 6 7
Análise Explicação: linhas 3-5 Posição: linhas 6-7	

Carta 250

Novas privatizações	1
Eu acredito neste programa de R\$198 bilhões como acreditei no PAC 1 e no PAC 2 e como acredito em mula sem cabeça, saci-pererê e contos de fadas.	2 3
O problema é sair do papel...	4
(O Estado de S. Paulo, 12/06/2015)	
Análise	
Posição: linhas 2-3	
Desfecho: linha 4	